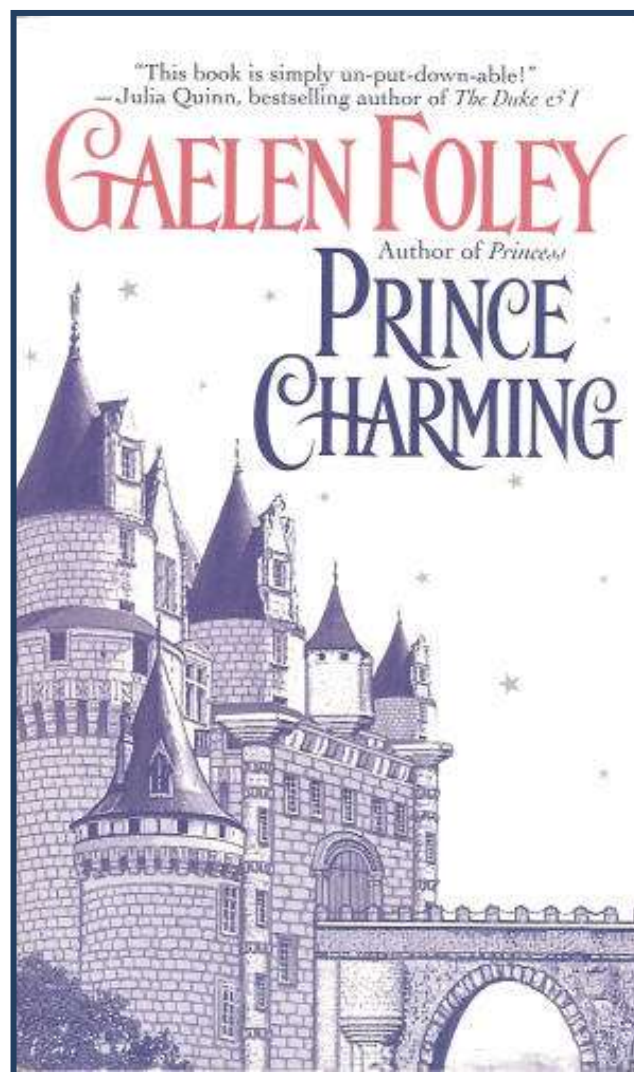




Galen Foley
Príncipes do Mar 03 -
O Príncipe Azul





Resumo

O Cavaleiro Mascarado é um misterioso bandoleiro adorado pelo povo, que rouba os ricos para ajudar aos pobres. Uma noite assalta por engano a carruagem de Raffaele Dei Fiore, o príncipe herdeiro da ilha de Ascensão, famoso por seus caprichos sexuais e outros prazeres.

O assalto é abortado e Rafe descobre que atrás da máscara se esconde uma dama de extrema beleza, cuja atitude desafiante despertará nele seus mais profundos sentimentos.

Daniela Chiaramonte, uma jovem tenaz e valente, comprometida com seu povo, converte-se sem querer no novo capricho do príncipe, que se oferece para salvá-la da força se aceitar casar com ele. Com este perverso plano, o príncipe quer aproveitar-se de sua popularidade para ganhar a confiança do povo. Mas ao entrar na vida do palácio, Daniela descobre um complô contra a família real que porá em xeque não só o futuro de Ascensão, mas também seu próprio coração.

Revisão inicial: Edith

Revisão Final: Sol Moura

Visto Final: Drica

Colaboração: Heloisa

Projeto Revisoras Traduções

Capítulo 1

Ascensão, 1816

O maior amante de todos os tempos estava ali outra vez, seduzindo sem problemas a inocente Zerlina. Enquanto o famoso dueto de Mozart, *Là ci darem la mano*¹, enchia o suntuoso teatro, tenor e soprano se amavam com a elegante calidez de suas vozes.

Ninguém prestava atenção. A cintilação dos óculos e um murmúrio constante na sala indicavam que a atenção da audiência não estava no cenário, mas no primeiro e melhor camarote, à direita do cenário e bem em cima da orquestra. Profusamente adornado de cupidos e laços de estuque, o camarote estava sempre reservado para realeza.

Ele estava apoiado no corrimão esculpido de mármore, com a metade do corpo na sombra, imóvel, o rosto inexpressivo bronzeado pelo sol. A luz do cenário se refletia no anel com forma de selo que levava no dedo e brincava com os ângulos patricios de seu rosto. Um laço recolhia sua longa cabeleira loira escura.

A audiência manteve a respiração ao vê-lo mover-se pela primeira vez desde o início da obra. Lentamente, meteu a mão no bolso de seu extravagante colete, pegou uma bala de hortelã de uma caixinha de metal e levou a boca.

As mulheres observaram como chupava o caramelo e coraram, agitando seus leques.

"Isto é tão aborrecido — pensou, com os olhos em branco — tão aborrecido".

Os favoritos de seu cortejo rodeavam-no sentados no camarote, sombrios, jovens senhores metidos e soberbamente vestidos. Atrás de seu ar de estudada vadiagem se ocultavam olhos duros e ameaçadores. Com pouco, a fumaça do ópio se aferrava a suas ricas vestimentas. Alguém se distanciava um pouco do rebanho, mas em geral, tudo era permitido.

— Alteza? Sussurrou alguém a sua direita.

Sem retirar o olhar aborrecido de sua bela amante que se encontrava sobre o cenário, o príncipe herdeiro Raffaele Giancarlo Ettore Dei Fiore agitou sua mão com joias, e rejeitou a garrafa que lhe foi oferecida. Não estava com humor para álcool, afligido de um cinismo que até o próprio Dante teria reprovado.

Nem o inferno, com todo seu fogo e enxofre, poderia ser pior que esta espécie de limbo no qual seus dias estavam suspensos em uma eterna espera.

Nascer sendo filho de um grande homem era difícil; mas mais difícil ainda era herdar de um que além de grande, era imortal. Não é que desejasse sob nenhum conceito a morte de seu pai, mas nas vésperas de seu trigésimo aniversário, o sentimento de condenação o embrutecia.

O tempo escapava de suas mãos e não conduzia a nenhum lugar. Acaso tinha mudado sua vida nos últimos, digamos, doze anos? Perguntava-se enquanto a canção de Dom Giovanni ressoava na parte de trás de seu cérebro. Seguia tendo os mesmos amigos de quando tinha dezoito anos, jogava os mesmos jogos, adoecia entre um luxo no qual não achava sentido, prisioneiro de sua posição.

Incapaz de ter as rédeas de seu próprio destino era uma mera marionete de seu pai, nada mais. Algo que tivesse a ver com sua existência, devia ser debatido, votado, e aprovado pela Corte, pelos jornais, e o maldito Senado completo... Senhor, estava farto de tudo isso! Sentia-se mais como um prisioneiro que como um príncipe; um adolescente grande, em lugar de um homem.

Já nem sequer pedia a seu pai que atribuísse a ele tarefas mais de acordo com sua educação e posição. Era inútil. O velho tirano se negava a compartilhar qualquer onça de seu poder com ele.

¹ La Ci Darem La Mano, faz parte de Don Giovanni, uma ópera em dois atos da autoria de Wolfgang Amadeus Mozart, com libreto de Lorenzo Da Ponte. Estreou em Praga, a 29 de outubro de 1787.

Então para que se preocupar? Aceitou dormir todos esses anos em sua caixa de cristal, rodeado de uma espécie de parede encantada de espinheiros. Que despertassem quando chegasse o momento de começar sua vida.

Depois de uma eternidade mais ou menos, Dom Giovanni foi expulso ao inferno e a ópera terminou. O Príncipe e seus seguidores deixaram o camarote enquanto o público seguia aplaudindo.

Com o olhar para frente, caminhou ladeado por seus amigos até o vestibulo de alabastro, fingindo não ver às pessoas que se alinhavam para vê-lo, sorridentes, todas boas pessoas ansiosas para pegar um bocado, como a matrona que tratava de detê-lo e cujo rosto lhe era vagamente familiar.

—Alteza — disse efusivamente, inclinando-se até que o nariz chegou ao chão — que maravilha vê-lo aqui esta noite! Meu marido e eu nos sentiríamos muito honrados se aceitasse vir a nossa festa e conhecer nossas três formosas filhas...

—Sinto muito senhora, obrigado e boa noite — murmurou com acrimônia sem deixar de caminhar. *"Deus me salve das sogras"*. Um jornalista abriu caminho entre as pessoas.

—Alteza, é verdade ganhou cinquenta mil libras em uma aposta a semana passada rompendo um eixo de sua carruagem na corrida?

—Tirem-no daqui — murmurou ao amigo de infância Adriano Dei Tadzio. Nesse momento, um desses "condes de algo" cortou seu caminho com uma elegante reverência.

—Alteza, que excelente atuação a da senhorita Sinclair! Rogo-lhe que me desculpe, mas tenho aqui algumas pessoas que adorariam conhecê-lo...

Grunhiu e deixou de lado o calvo. Depois, nem ele nem sua comitiva pararam até chegar à parte de trás do cenário.

Com leve arrogância e o queixo erguido, Rafe entrou no camarim das atrizes e imediatamente começou a sentir-se mais relaxado. Havia mulheres meio vestidas por todos os lados, uma visão que sem dúvida podia acalmar os ânimos de qualquer homem, por mais enfadado que estivesse. Mulheres. Só o quente e doce aroma de sua carne o fazia respirar. Com um meio sorriso no rosto olhou lentamente a seu redor, avaliando a amostra que ali havia.

—Olhem! Ele veio!

Um coro estridente de vozes femininas retumbou no aposento. Correram para ele de todos os ângulos, dando gritos de prazer.

—Raaaaaafefe!

Uma multidão de meninas gritando se equilibrou sobre ele. Todas queriam falar ao mesmo tempo, e o empurraram para cadeira para que se sentasse. Três delas se sentaram em seus joelhos, rindo e acariciando o peito, e duas rodearam seu pescoço com os braços, cobrindo o rosto de beijos.

—Ah — suspirou, sorrindo pela primeira vez em toda noite, enquanto caía preguiçosamente sobre a cadeira e dormitava agradavelmente sob a suave, cheirosa e encantadora massa de membros, seios e cachos. —Adoro o teatro.

Ouvia-as rir e logo começou a sentir como pegavam nos bolsos de seu colete e casaco, como crianças em busca de caramelos. Ah, bom. Estava claro que as acostumou mal, depois do punhado de joias que lhes tinha dado na última vez, no transcurso de uma bebedeira monumental.

Macios lábios roçaram levemente sua boca, como em uma carícia. Depois de um breve momento de raciocínio, começou a devolver o beijo, disposto a desfazer-se do aborrecimento. Todas as carícias pareciam ser permitidas sempre e quando respondesse um a um a seus beijos. Nesse momento entrou Chloe, e a diversão acabou para todas.

Rafe observou a diva inglesa que rebojava para ele em seu vestido prateado.

Tinha um corpo perfeito e um sorriso luminoso. Este era seu último brinquedo. Sua relação durava quatro meses, um recorde para Rafe. Não sabia muito bem como dizer que começava a ficar aborrecido, então esperava que ela sozinha acabasse por se dar conta.

Chloe ficou com raiva ao ver suas companheiras em cima de seu protetor soberano. Tirando o xale de penas que tinha nos ombros, abriu caminho entre as mulheres e rodeou o pescoço de Rafe. Ele levantou os olhos, impenitente, e sorriu a contragosto. Chloe devolveu o olhar com desaprovação, mas sem se atrever a reprovar nada.

Em vez disso, sacudiu o xale enrolado em seu pescoço. —Querido, que vanguardista!

—Ai, fica tão bem! Exclamou uma das garotas, colocando as penas rosa em seus ombros como se fosse um cachecol.

—Tudo fica bem nele — suspirou outra. Rafe olhou com aborrecimento à moça, perguntando-se se tinha sido alguma vez tão jovem e fácil de impressionar como ela.

—Olhe isto, príncipe Rafe! Disse uma ruiva, metida, levantando-se de seu regaço. Atrevida, afastou a roupa interior que cobria o lado esquerdo de suas formosas e arredondadas nádegas.

O príncipe não pôde senão levantar as sobrancelhas de admiração ao ver um "R" tatuado ali. Com a ponta do dedo traçou a inicial roçando levemente a curva suave de sua pele.

—Que doce, minha preciosa menina! Como disse que se chamava?

—Saíam daqui, pequenas trapaceiras, ou direi ao diretor que as despeçam! Bruscamente, Chloe afugentou todas.

Rafe riu entre dentes, divertido pelo ciúme de sua amante, mas não disse nada às garotas que saíam com rostos tristes. Sorrindo para si, viu como seus amigos as interceptavam, flertando com a carteira na mão.

—Que garotas tão encantadoras! Olhou à altiva loira com um brilho nos olhos. —Para não falar de você, madame Bruxa. Ela se inclinou para ele agarrando os lados do xale de penas para atraí-lo.

—Assim é — sussurrou, seus sensuais olhos fixos nele — e você, meu demônio, vem comigo. Devo castigá-lo por dormir em minha ária. Não pense que não vi.

—Estava acordado... mas, pode me castigar se isso a agrada — murmurou suavemente enquanto se erguia, junto a ela. Sem deixar de rir, Chloe o espetou com o chamativo objeto, prometendo prazeres futuros. Ele fingiu não se dar conta da profunda adoração que viu em seus olhos, afastando o olhar em direção a seus companheiros. —Vejo-os por volta das duas no clube — disse, dirigindo-se à porta enquanto Chloe retirava o xale de seus ombros.

—Ciao — disse Adriano, com uma sacudida de franja.

—Que se divirta — balbuciou Niccolo com uma careta.

Nesse momento, Rafe ouviu alguém que o chamava do corredor.

—Alteza! Alteza! Senhor!

Um mensageiro real se precipitava para o camarim. Imediatamente, todos os músculos de seu corpo se retesaram.

Uma mensagem do Rei.

Enquanto o mensageiro se aproximava, Rafe inspirou fundo e deixou sair o ar lentamente, recordando-se que não era um homem capaz de perder os nervos facilmente.

Seu pai era o impulsivo da família; ele se orgulhava de manter a compostura friamente em todas as situações. Levantou as sobrancelhas, na espera de ver qual o motivo do enviado do palácio.

—Como está meu bom pai esta noite? Perguntou com um tom amável não isento de ironia. O mensageiro se inclinou desculpando-se.

—Sua Majestade o reclama, Alteza.

Rafe olhou-o fixamente um momento, com seu ligeiro e plástico sorriso no lugar adequado, seus olhos verde mármore enfurecidos.

—Diga que irei vê-lo amanhã ao meio dia. Depois do café da manhã.

—Perdão, Alteza. O homem engoliu saliva, inclinando-se de novo. —O Rei insiste em que vá.

—É uma emergência?

—Não, não sei, senhor — gaguejou. —Sua Majestade enviou a carruagem...

—Tenho minha própria carruagem — disse Rafe entre dentes, sabendo que seu pai tinha mandado a carruagem real para pressioná-lo, porque certamente teria ouvido sobre sua louca corrida na madrugada da quarta-feira, quando conduziu bêbado através do campo.

Sem dúvida, seu pai chamava-o para repreendê-lo outra vez com alguma de suas reprimendas, recordando seus deveres como futuro Rei, explicando que as muitas responsabilidades de seu cargo seriam insuportáveis porque não era mais que um sonhador, que iriam o comer vivo e etc., etc..

Não estava com humor para ouvir isso outra vez.

Enquanto isso, seus amigos, sua amante e seus encantados devotos presenciavam a conversa com aspecto preocupado, como se esperassem que fosse explodir de um momento a outro.

Compreendeu que só tinha uma opção, a de sempre. Podia montar uma cena e salvar seu orgulho ou, como sempre, engolir a humilhação de ser uma marionete e acudir cada vez que seu pai estalava os dedos.

Com voz aveludada e sorriso angélico, escolheu sua resposta:

—Estarei encantado de obedecer a Sua Majestade agora, mas pode estar seguro de que pegarei minha própria carruagem.

O mensageiro balançou como se seu próprio alívio o tivesse golpeado.

—Como sua Alteza desejar. E se afastou de Rafe ainda balançando.

Rafe se voltou para sua amante e ergueu a mão para beijá-la com galanteria. Sua cabeça estava a quilômetros de distância dali, cheia dos mais furiosos pensamentos.

—Sinto muito, coração.

—Está bem, querido — tranquilizou-o, acariciando o braço e olhando-o fixamente nos olhos.

—Desde que amanhã possa te dar meu presente de aniversário.

—Morro de vontade por saber o que é — murmurou com um sorriso de cumplicidade.

Continuando, afastou-se só, sem deixar de sacudir a cabeça ao pensar na pouca consideração que tinha seu pai, embora a mesma rotina indicava que nada podia surpreendê-lo.

Já fora, pôde ver como se afastava a reluzente carruagem que o Rei enviara para insultá-lo. Em frente ao teatro, esperava o recém-estreado e caro veículo de mogno que o fabricante de carruagens mais famoso da cidade proporcionou enquanto arrumava o eixo de sua própria carruagem.

O artesão se saiu mui bem com esse generoso gesto, pensou cinicamente Rafe, porque agora esse modelo estava vendendo como rosquinhas. Era estranho ver como o mundo, que o desprezava por seus costumes selvagens, imitava depois cada um de seus caprichos, o que o convertia no melhor criador das tendências de moda. Embora não pudesse alardear de ter a consciência tranquila, ao menos ninguém podia reprovar seu bom gosto.

As pessoas continuavam formando redemoinhos na entrada do esplêndido teatro, enquanto os mais atrasados acabavam de sair. Os vendedores aproveitavam para oferecer coloridos sorvetes. A grande Ópera de Belfort estava sendo renovada, assim a alta sociedade mudou para este teatro menor, situado em um pitoresco povoado costeiro na parte baixa da colina. Os cafés da praia estavam fazendo furor.

Rafe caminhou em direção à carruagem, respirando o ar salgado e aromático de sua terra e parou para contemplar a colina, essa massa imensa de ilha italiana que sua família governava há mais de setecentos anos.

Sob a lua, a localidade portuária parecia estreita e alongada, como capturada entre a alta ladeira da montanha e o mar. As luzes se espalhavam aqui e ali ao longo da parte direita do cais, iluminando as robustas palmeiras que eram balançadas pelo vento. Rafe virou para lá, com a brisa acariciando suas faces recém-barbeadas, e ficou olhando as adelfas que cresciam junto às rochas que davam à praia.

Observou também a fileira de pequenas lojas com letreiros pintados que pendiam de suas fachadas. Os balcões de grades davam ao porto e à praia de pedras.

As portas estavam cobertas de espessas cascatas de jasmins brancos, cujo perfume embriagador suavizava um pouco o aroma de peixe que vinha da parte do porto.

Ascensão sussurrou para si, como se pronunciasse o nome de sua amante. Mais formosa ainda que a ilha de Capri, ela era sua herança sagrada. Por Ascensão, estava disposto a viver em uma jaula e suportar todas as humilhações de seu pai. Fosse como fosse aguentaria, sabendo que antes ou depois ele teria que morrer. A única coisa que freava seu desespero era a promessa de que um dia ele seria o governador dessa pérola do Mediterrâneo. O único desejo que ainda não tinha podido satisfazer era o de ser um bom Rei para seu povo.

Todos pensavam que seria um desastre, sabia. Mas algum dia demonstraria o contrário. Algum dia.

Suspirando, subiu na carruagem. Um cavaliço se apressou a fechar a porta. Acomodou-se preguiçosamente no interior e o veículo emprestado partiu, deixando para trás com rapidez o pequeno povoado pesqueiro e entrando pelo Caminho do Rei, que subia pela colina até a capital, Belfort.

De repente, recordou que se esqueceu de dizer a seus guardas reais que partia. *"Bom, imaginação e me alcançarão logo"*. Não necessitava deles de qualquer forma.

Ir sempre rodeado de seis bestas uniformizadas não fazia senão recordar que até que tomasse o poder, não era nada mais que um mimado e glorioso prisioneiro.

Na escuridão da carruagem, apoiou o cotovelo na borda da janela e deixou repousar a face sobre sua mão. Seu olhar escapou pensativo para paisagem. A luz da lua mostrava um reinado de prata e anil que passava ante seus olhos como fazia sua vida.

Ao diabo com os aniversários, pensou. Quando fosse Rei, os proibiria.

O Caminho do Rei era uma fita azul sob a lua. Dos arbustos, alguns olhos observavam em tenso silêncio o caminho, perguntando se sua noite de vigília teria acabado. Um pouco antes, vira passar a dourada carruagem do Rei. Agora, um elegante, e, reluzente veículo negro, de mogno se precipitava no caminho acima puxado por quatro cavalos baixos.

— Parece promissor — sussurrou Mateo, justo quando seu irmão menor fazia o ulular do mocho para avisar da distância.

O Cavaleiro Mascarado assentiu e advertiu a outros para que se preparassem.

Às escondidas, entraram com seus cavalos na proteção das árvores até ocupar suas posições, no montículo que remontava o caminho. E ali esperaram...

A carruagem tropeçou num buraco do caminho e ricocheteou violentamente sobre seus recém-estreados raios. Rafe fez uma careta de desgosto e tomou ar para gritar ao condutor que tivesse cuidado. A última coisa que queria era ter que comprar a maldita carruagem, quando de repente, ouviu gritos no exterior.

Um cavalo relinchou assustado e a carruagem diminuiu a marcha. O som de um tiro transpassou a noite.

Rafe entreabriu os olhos na penumbra. Instintivamente alerta, aproximou-se da janela para ver o que acontecia no exterior, sentindo a desconfiança das sombras que pairavam sobre ele.

"Vá, estou perdido. O Cavaleiro Mascarado. Sua expressão se transformou em uma careta diabólica. Por fim nos conhecemos".

Viu que o superavam em número, mas segundo seus informes, nenhuma de suas maldades esteve acompanhada de sangue, pelo que se sentia mais intrigado que alarmado. Entretanto, sua segurança era um assunto de prioridade nacional. Agachando-se para abrir o compartimento que havia sob o assento, pegou com cuidado o par de pistolas que guardava ali, prontas e carregadas. Guardou uma em seu colete e empunhou a outra com um sorriso: *"Pequeno e impudico bastardo, prepare-se para uma surpresa"*.

Nem sequer os guardas de seu pai puderam agarrar o Mascarado e seu bando. As histórias de Ascensão elogiavam o jovem bandido, cuja identidade era um mistério e que, aparentemente, roubava certamente os ricos para dar aos pobres.

Rafe pensava que o moço tinha bastante classe. Mesmo assim, não tinha nenhuma graça que este misterioso Robin Hood estivesse aí fora querendo roubá-lo, embora isto pudesse ridicularizar seu nome. Já tinha suficientes problemas com a opinião pública que desaprovava seus ocasionais, embora certos, excessos selvagens. Sua gente não podia entender que essas pequenas diabruras eram seu único recurso para não ficar louco.

Estava certo de que meia dúzia de seus guardas devia estar a caminho, assim seu rosto se iluminou com uma expressão de audácia. Levantou a arma e pôs a outra mão no trinco da porta, preparado para enfrentar seu assaltante.

Enquanto isso, no caminho, o Cavaleiro Mascarado gritava ao cocheiro:

—Alto! Alto!

Escarranchado em um cavalo de longas patas, cuja cor se via escurecida pelo pó acumulado em sua pelagem, o Cavaleiro Mascarado se precipitava a galope, com a mão negra estendida para agarrar as rédeas dos cavalos da carruagem. O cocheiro levava uma pistola, mas o Cavaleiro a ignorou. Este tipo de homem nunca usava armas. No momento em que acabava de pensar isto, a porta da carruagem abriu de um golpe e uma grande figura masculina apareceu por ela com uma pistola no alto.

—Saia! Disse uma voz autoritária.

O Cavaleiro Mascarado ignorou a recomendação agachando-se junto ao pescoço do cavalo, tentando uma vez mais pegar o arnês de couro...

Um rugido estrepitoso atravessou o ar acompanhado de uma labareda.

O Cavaleiro Mascarado deixou escapar um gemido e seu corpo cambaleou sobre o pescoço da montaria.

—Voltem! Gritou Mateo, horrorizado.

O cavalo castrado se afastou dos cavalos da carruagem com um relincho, desconcertado pelo aroma de sangue que caía de seu negro pelame.

—Voltem! Voltem! Gritou Alvi aos outros.

—Não pensem em voltar! Não se preocupem comigo! Agarrem o butim! O Cavaleiro Mascarado repreendeu-o com uma voz juvenil, tratando de tomar o controle de seu cavalo.

Mas o cavalo saiu acelerado.

—Sooo! Para, besta miserável! Uma longa lista de adjetivos, nunca aprendidos com as freiras, saíram dos lábios da senhorita Daniela Chiamonte, até que seu cavalo parou violentamente.

Foi então que sentiu como se o fogo estivesse abrasando seu ombro e seu braço.

"Atingiram-me!" Pensou, tão assombrada como dolorida. Não podia acreditar.

Era a primeira vez que a feriam em todos seus ataques.

Sentiu um fio de sangue quente que caía pelo braço enquanto seu cavalo, ainda assustado, precipitava-se por um aterro que entrava no bosque. Com o coração acelerado, tratou de acalmar o animal fazendo-o dar voltas sobre si mesmo.

Quando por fim parou para tomar ar, reprimiu sua vontade de castigar o animal por ter perdido assim os nervos, e se concentrou na ferida de seu braço direito. Sangrava e doía como o demônio. Sentiu-se desvanecer ao ver o horror de sua carne rasgada, mas quando apalpou com cuidado a zona da ferida, respirou aliviada ao comprovar que era limpa.

—Esse idiota atirou em mim — ofegou assombrada. Depois dirigiu seu olhar ao caminho e comprovou que os irmãos Gabbiano, seus homens, como ela os chamava, tinham detido a carruagem e apagado suas luzes, utilizando só a luz da lua para trabalhar.

Tinham obrigado ao condutor a sentar-se no chão e Alvi mantinha-o sob controle a ponta de espada. Ao vê-lo suplicar clemência, a mascarada grunhiu com desprezo.

Acaso os tomava por vis assassinos? Todo mundo sabia que o Cavaleiro Mascarado e seu bando nunca mataram ninguém. Alguma vez tiveram que dar uma lição a algum espertinho atando-o nu a uma árvore, mas nunca derramaram sangue.

"É preferível que nos peguem antes de mudar de política", pensou ao ver Mateo e Rocco em seus cavalos. Os irmãos mantinham sobcontrole o elegante passageiro ante a porta da carruagem, com as espadas no alto. Mesmo a essa distância, seu prisioneiro parecia bastante capaz de cuidar de si mesmo.

Felizmente, seus homens o tinham desarmado, descobriu. Tinha as mãos no alto e as duas pistolas descansavam no chão poeirento do caminho. Seus companheiros não atacariam um homem desarmado; mesmo assim, Mateo era bastante impulsivo, capaz de saltar ao menor insulto. Quanto a Rocco, nem sequer era consciente de sua força. Os dois eram tão protetores com ela como de sua própria irmã. Mas ela não queria que ninguém saísse ferido.

Dani secou a testa com o antebraço e ajustou a máscara negra que cobria o rosto e o cabelo, assegurando-se de que sua identidade se mantinha oculta depois da disparada do cavalo. Satisfeita, incitou o cavalo guiando-o com mão firme para que voltasse para o caminho, com vontade de conhecer o pavão que tinham assaltado desta vez e de que poderiam beneficiar-se.

Tomara fosse suficiente para pagar o incremento abusivo de impostos feito em sua região e alimentar com o resto aos que se ficaram sem nada pela prolongada seca.

Enquanto conduzia o cavalo para o trio de homens, tirou com rapidez seu leve florete. Mateo e Rocco se afastaram criando um espaço entre eles.

—Está bem? Era Mateo, o mais velho de seus amigos de infância, que perguntava.

Não pôde evitar sentir-se intimidada ao ver sua pose alta e poderosa, mas imediatamente se esforçou em ocultar seus medos avançando com decisão e coragem para onde ele estava.

—Encontro-me... perfeitamente bem — grunhiu, incitando o cavalo para que se aproximasse do prisioneiro. Deteve-se para deslizar com elegância a ponta do florete sob a mandíbula apertada do prisioneiro. —E bem, o que temos aqui? Zombou em voz alta, utilizando a ponta da espada para obrigá-lo a levantar o queixo.

Estava muito escuro para ver bem, mas a luz prateada da lua refletia o dourado de algumas mechas de seu cabelo, que parecia ser longo e loiro, recolhido em um rabo de cavalo. Seu nariz parecia imperioso, e sua boca, dura e faminta. Com a cabeça alta, seus olhos entreabertos brilhavam na escuridão, fixos nela. Estava muito escuro para poder ver sua cor.

—Atirou em mim — reprovou-o, inclinando-se para ele do cavalo. Sabia que não devia deixá-lo ver seu temor. —É uma sorte que só tenha me arranhado o braço.

—Se tivesse querido matar você, o teria feito — disse em um murmúrio suave e perigoso que sentiu como a seda na pele.

—Ah, desculpas! Não é mais que um pobre atirador — desafiou-o. —Nem sequer dói.

—E você, moço, não é mais que um pobre mentiroso.

Dani se endireitou na sela, considerando o que havia dito. Este era dos bons, admitiu. Ao percorrer com a vista a grandeza de seu físico atlético, deu-se conta de que o admirava mais do que era prudente. Seu prisioneiro media mais de um metro e noventa e parecia ser feito de puro músculo. Então, por que não opunha mais resistência? Certamente, tinha três armas apontando para ele, mas mesmo assim havia um brilho de traição em seus olhos que a fez perguntar-se se não estaria tramando algo.

Perguntou-se quem deles seria, quem dos inúteis lacaios do príncipe Raffaele, O Libertino. Certamente o recordaria se o tivesse visto antes. Um sexto sentido dizia que o melhor era sair dali, mas precisava do dinheiro e estava, sinceramente, bastante intrigada para abandonar o assalto, que, além disso, estava indo às mil maravilhas.

Mateo tinha delegado seu irmão a tarefa de vigiar o condutor a ponta de espada. O prisioneiro seguiu com olhos duros e brilhantes como diamantes os movimentos de Alvi, que

entrava na carruagem com um saco vazio. Aproveitando que seu prisioneiro estava concentrado em Alvi, Dani olhou-o com uma mescla de atração e desdém.

Ah, como desprezava estes tipos arrogantes e despreocupados, metidos em seus elegantes trajes de festa, impecáveis com suas calças creme e seus sapatos negros brilhantes! Só o fraque verde escuro que usava devia custar o mesmo que seus impostos dos últimos seis meses. Observou suas bem cuidadas mãos, que ele abaixou como se tivesse decidido que ela não era nenhuma ameaça.

—Seu anel — ordenou. —Dê-me isso. Ameaçou-o com o punho à altura de seu quadril.

—Não — grunhiu ele.

—Por que não? É seu anel de casamento? Perguntou sarcástica. A maneira em que seus olhos se entrecerraram na escuridão deu a entender que tiraria seu coração com a mão se tivesse oportunidade.

—Lamentará sua audácia, menino — disse, uma suave, profunda e perigosa voz. Tinha um tom de autoridade. —Não tem nem ideia de com quem está falando.

Vá, não estava tomando as coisas muito fáceis. Dani sorriu sob a máscara ao ver seu aborrecimento e roçou com elegância a face com a ponta do florete.

—Cale-se, franguinho.

—Sua juventude não poderá salvá-lo da força.

—Para isso terão que me agarrar primeiro.

—Muito valente. Seu pai deveria te dar uns açoites.

—Meu pai está morto.

—Então serei eu quem dará os açoites um dia, prometo isso.

Como resposta, aproximou ainda mais o fio da espada debaixo de seu queixo, forçando-o a erguer sua orgulhosa cabeça para não sentir a espetada da afiada arma. Sua senhoria apertou sua formosa mandíbula.

—Não parece entender a posição em que se encontra — disse ela com doçura.

Mantendo o olhar, sorriu friamente.

—O agarrarei e o prenderei — respondeu com um tom de desprezo.

Sob a máscara, Dani não pôde evitar ficar branca. Estava tratando de deixá-la nervosa!

—Quero esse anel tão brilhante que tem, milorde. Dê-me isso agora mesmo!

—Terá que me matar antes, menino. Seu sorriso era branco e desafiante.

Estava louco? Aí em pé, sob a luz azul da lua e as negras sombras, parecia imponente e poderoso, quando nem sequer tinha levantado um dedo para detê-los.

Talvez não soubesse como lutar, disse a si, ansiosa. Estes tipos ricos nunca sujavam as mãos. Mas bastou um olhar para ver que suas clássicas e esbeltas proporções não deixavam lugar a dúvidas de que era justamente o contrário.

Algo ia mal.

—Não estará perdendo a coragem, não é, menino? Desafiou-o em voz baixa.

—Cale-se! Ordenou, titubeando e sentindo como perdia gradualmente o controle da situação sobre o prisioneiro. Era absurdo! Os homens de finas maneiras nunca a intimidaram.

Rocco, seu manso gigante, olhou-a preocupado.

—Carregue os pôneis — ordenou, sem saber por que, de mau humor. Estava claro que seu prisioneiro estava rindo dela e tinha compreendido que não ia matá-lo embora Deus sabia que o merecia mais que ninguém. O braço doía como se estivesse queimando viva. Baixou a cabeça para jogar uma olhada ao interior da carruagem e desejou que Alvi terminasse logo. —Como vão as coisas aí dentro?

—É rico! Gritou Alvi, tirando um saco cheio. —Muito rico! Dê-me outro saco!

Enquanto, Mateo se apressava a pegar outro saco da sela de seu cavalo. Dani viu que o prisioneiro não afastava a vista do caminho.

—Espera alguém? Perguntou.

Lentamente, negou com a cabeça e Dani se surpreendeu olhando ensimesmada a comissura de sua boca, onde se desenhou um meio sorriso cheio de perversidade.

De repente, uma voz aguda se ergueu na noite ao longe.

— Rápido! O benjamim dos Gabbiano, Gianni, corria para eles agitando os braços. — Soldados! Venham! Rápido!

Com um gemido, Dani olhou fixamente ao prisioneiro. Ele devolveu o olhar com frieza, satisfeito consigo mesmo.

—Bastardo — sussurrou. —Esteve nos entretendo todo este tempo!

—Vamos, vamos! Mateo gritava aos outros.

Gianni seguia gritando.

—Terá que ir! Estarão aqui em uns segundos!

Dani inspecionou o caminho outra vez. Sabia que seu cavalo era o mais rápido. Todos seus instintos femininos diziam que devia agarrar o pequeno na sela com ela antes que chegassem os soldados. O menino não deveria ter vindo. Com apenas dez anos... a culpa era sua. Tinham proibido dezenas de vezes que os seguisse, mas Gianni não os escutava, e finalmente ela tinha concordado e atribuíra a ele a tarefa mais segura, a de vigiar.

—Ao diabo com você, pavão — murmurou, abandonando seu prisioneiro. Puxou as rédeas do cavalo para afastar-se dali enquanto Rocco montava em seu lento, mas resistente cavalo. Alvi e Mateo agarraram cada um uma das bolsas cheias de moedas e as carregaram em seus pôneis.

O pequeno corria desesperado para eles. Mas ao dar a volta, Dani viu pela extremidade do olho que o homem se agachava para agarrar a pistola do chão e rodando sobre seu ombro apontava com ela em Mateo.

—Mateo! Fez virar seu cavalo para jogar-se sobre o prisioneiro. A pistola caiu e o disparo foi para o ar.

O prisioneiro ficou em pé com uma assombrosa agilidade para um homem de sua estatura. Agarrou Dani e tratou de tirá-la do cavalo. Ela esperneava e golpeava com força e Mateo conduziu seu pônei até eles para ajudá-la.

Olhou-o com fúria.

—Posso cuidar de mim! Pegue seus irmãos!

Mateo hesitou.

O som dos soldados aproximando-se era cada vez maior.

—Vá! — gritou, enquanto dava um pontapé no peito do prisioneiro. O homem cambaleou para trás, tratando de proteger as costelas com uma maldição.

Ao vê-lo, Mateo deu meia volta e correu em busca de seu irmão pequeno.

Sua senhoria lutou contra ela no momento em que Mateo desaparecia galopando.

Enquanto ela e o prisioneiro tratavam de medir suas forças, o cavalo empinou com um relincho de medo. Ela puxou as rédeas, tratando de manter o equilíbrio, mas sentiu que perdia progressivamente a batalha ante a superioridade física do homem.

Só era questão de tempo que ele a atirasse ao chão. Ao fazê-lo, sua montaria escapou agradecida de ver-se por fim livre de seu cavaleiro.

Não pôde evitar um grito abafado de fúria ao ver-se em pé no caminho, imobilizada por seu forte apertão. Seus olhos eram como tochas e a segurava com força pelo braço. Era inclusive mais alto do que tinha pensado ao vê-lo do cavalo. A resistência tinha soltado algumas mechas de seu rabo de cavalo. Parecia feroz e imenso, um bárbaro com roupas elegantes.

—Pequena escória! gritou-lhe no rosto.

—Deixe que vá! Tratou de lutar, mas ele a segurou ainda com mais força e ao puxar seu braço ferido gritou de dor. —Argh! Merda!

Sacudiu-a.

—Te peguei! Entende?

Ela se afastou e golpeou-lhe o rosto com todas suas forças, livrando-se de suas garras e correndo para o aterro. Ele a seguiu a curta distância.

O coração pulsava com força ao deslizar pelo pó e escorregar com as folhas secas. Desesperada olhou o caminho, e viu que Mateo agarrara Gianni e o levava na garupa em direção a casa.

Mas seu alívio durou pouco, porque nesse momento o prisioneiro a alcançou na parte alta do aterro abraçando-a com força pelos quadris.

Esmagou-a com seu corpo e os dois rodaram pelo chão. O prisioneiro prendeu sua garganta com o antebraço.

"*Odeio os homens*", pensou, fechando os olhos com desprezo.

— Não se mova — grunhiu, apertando forte. Seu corpo parecia feito de aço comparado com o dela.

Dani descansou durante segundo e meio e depois fez o oposto, dando pontapés e retorcendo-se como se disso dependesse sua vida, cravando seus dedos enluvados de negro no chão.

— Deixe que vá!

— Deixa de se retorcer! Não poderá escapar, maldição! Renda-se!

Esquivando-se dos golpes do menino, Rafe tratou de imobilizar seu magro corpo com o peso do dele, contente de que a luta livre fosse um dos esportes que melhor dominasse em sua adolescência. Nunca pensaria que fosse servi-lhe. O menino esperneava e se revolia tentando se soltar.

— Renda-se! Ordenou com os dentes apertados.

— Vá para o inferno! A voz do jovem era cada vez mais aguda, insegura pelo medo.

Resfolegando pelo cansaço, deixou recair ainda com mais contundência seu corpo musculoso sobre o moço, com a esperança de que assim se mantivesse quieto.

— Não se mova! — Lançou um olhar por cima de seu ombro em direção ao caminho, constatando que seus homens estavam por perto. — Aqui!

Quando ele se moveu, o pequeno bandido conseguiu de alguma forma cair pesadamente sobre suas costas, embora o braço de Rafe seguisse imobilizando-o.

— Disse que o enforcariam — grunhiu Rafe.

— Não, disse que me agarrariam e me encarcerariam...

Rafe pegou no voo um punho ameaçador.

— Fica quieto, pelo amor de Deus!

De repente, o menino ficou imóvel, sem fôlego, ao ver o selo que levava no dedo.

— É...! O menino abafou um grito.

Franzindo o cenho em direção a seus homens, Rafe baixou o olhar e entreabriu os olhos, satisfeito.

— Ah, criança. Por fim vai entendendo, não?

Sob a máscara, seus olhos se mantiveram fixos nele, aterrados.

A risada de Rafe soou profunda e prepotente, depois se deteve abruptamente. "*Que demônios?*" Enrugou o sobrecenho ao perceber um aroma que seu instinto reconhecia, mas que sua cabeça se negava a aceitar.

— Como se chama, esgoto imundo? Perguntou em tom imperial, erguendo a mão para agarrar o cordão da máscara do menino.

Como um raio, o pequeno bandido se esquivou. Rafe deveria haver previsto. Esse demônio sujo e cheio de sangue lhe deu uma joelhada no meio de suas pernas, direto contra a joia da coroa. Ficou sem fôlego e durante um momento e pensou que não voltaria a respirar. O menino afastou-o golpeando-o no ombro e rodou de flanco até livrar-se de uma mão debilitada pela dor.

Ainda cego de dor, Rafe reuniu as forças que ficavam para gritar com fúria "Atrás dele!", enquanto o menino desaparecia na escuridão.

Capítulo 2

Dani não parou de correr, embora pudesse ouvir o eco profundo do rugido de seu perseguidor pisando em seus calcanhares. Correu o mais rápido que pôde pelo pequeno atalho utilizado pelos cervos, afastando o matagal de sarças e ramos que cortavam o caminho e saltando troncos caídos; aterrorizada. O som dos cascos indicava que os soldados a seguiam de perto. Podia vê-los através das árvores.

"O atalho", pensou, e correu entrando ainda mais no bosque, enquanto os soldados seguiam a caça na direção que Mateo e os outros tinham tomado.

Encontrou seu cavalo pastando em um campo de milho a meio caminho da casa. O coração pulsava com força e as mãos tremiam de medo quando subiu o castrado e galopou todo caminho até a oxidada porta da propriedade, por onde seguiu o caminho da casa ladeado de altos álamos.

Atrás do estábulo, estava o cubo de água para lavar o suor do animal. Ainda não havia sinais de Mateo e outros. *"Por favor, Senhor. Sei que não são muito, mas, são tudo o que tenho"*. Os Gabbiano tinham sido como irmãos para ela desde que era uma criança de nove anos com quem as demais meninas não queriam brincar por suas maneiras masculinas.

Deixou descansar seu cavalo, quente, mas, limpo, e correu para casa. Maria veio correndo para ela.

—Tenha o esconderijo preparado, os moços chegarão em um momento! Ordenou Dani. O esconderijo era uma falsa parede construída em um canto da adega, sob a velha vila. —Ah, e prepara algo para comer — acrescentou. —Logo teremos companhia.

A experiência a tinha ensinado que os soldados acreditariam em tudo o que ela dissesse se fingisse ser uma mulherzinha trabalhadora e enchesse suas barrigas de comida e as taças de vinho. Isto a salvou várias vezes antes, embora sua despesa não tivesse muito para compartilhar.

Correu escada acima para seu quarto, onde poderia voltar a transformar-se na gentil e empobrecida dama da casa. A suas costas, Maria gritou emocionada.

—Senhorita! Está ferida!

—Não se preocupe agora com isso! Não há tempo! Dani se apressou para chegar ao quarto. Fechou as cortinas em um segundo para proteger-se do ar noturno e depois retirou a máscara negra.

Uma cascata de cachos castanhos caiu por seus ombros. Com mãos trêmulas, tirou a camisa e utilizou uma quantidade generosa de água para lavar a ferida.

Felizmente, tinha deixado de sangrar. A visão da ferida por arma de fogo a aterrorizou, mas não tanto como saber a quem tinha roubado, a quem tinha visto!

Aterrava saber o que poderia acontecer se os homens do príncipe Raffaele os encontrassem.

Com este pensamento, tirou as calças e limpou com rapidez a sujeira da pele, deleitando-se com a calidez do pano depois das calamidades passadas. Vestiu uma combinação e um vestido simples de linho e algodão bege. Calçou umas luvinhas e com mãos trêmulas recolheu o cabelo em um nó apressado. Desceu as escadas com a mesma rapidez e pôs um avental, alisando-o um pouco enquanto se reunia com Maria na entrada.

—Ainda não chegaram?

Maria negou com a cabeça, preocupada.

"Não podem ter se deixado prender".

—Estarão aqui em uns minutos. Estou certa disso. Vou ver o avô.

Tratando de acalmar-se, Dani pôs as mãos à altura do estômago, embora seu coração continuasse intranquilo por seus amigos. Respirou fundo e caminhou para o dormitório de seu avô. Dormia e Maria tinha deixado a vela acesa porque sabia que se seu avô despertasse no meio da escuridão, começaria a gritar assustado. Seu avô, o grande duque do Chiaramonte, que havia uma vez dirigido com dignidade um exército, necessitava agora dos cuidados de uma criança.

Olhando-o da porta, Dani observou seu perfil aristocrático, o nariz bicudo e proeminente, um muito distinto bigode e uma fronte nobre, embora cheia de rugas. Fechou a porta com cuidado depois de entrar e, aproximando-se, ajoelhou-se junto a sua cama. Pegou as mãos entre as suas e deixou a cabeça cair sobre o nó que formavam, tentando ser valente, mas seu braço doía muito e tinha o pressentimento de que a noite não ia terminar bem.

"O príncipe Raffaele..."

"Esplêndido, o anjo caído". O Rei e a rainha tinham produzido um deus dourado de impecável beleza, com um sorriso tão doce como um céu do verão... e um coração cheio de vícios e perversidades. Rafe o Libertino, chamavam-no. Era conhecido por ser um sedutor: extravagante, eloquente e libertino.

Depois de ter assaltado os nobres mais inúteis que o rodeavam, Dani sabia tudo sobre o libertino real e seus amigos.

Os jornais diziam que era aficionado à bebida e se referiam a ele simplesmente como R. Gostava do jogo e dilapidava sua fortuna em coisas formosas, mas inúteis, como quadros e valiosas peças de arte que colecionava no cofre do palácio que mandara construir nos subúrbios da cidade. Lutava em duelos. Era mal falado.

Flertava tanto com virgens como com solteironas, utilizando seu encanto com todas as mulheres por igual, deixando claro que não queria que nenhuma o levasse a sério. Ria muito alto e fazia brincadeiras com todo mundo. Saía para navegar em seu maldito navio ao redor da ilha, fosse manhã ou tarde, dando gritos de alegria e deixando-se ver com o peito descoberto como se fosse um selvagem. Frequentava as casas de má reputação e atormentava os vigilantes noturnos quando chegava ao palácio cambaleando as altas horas da madrugada.

E apesar de todos seus defeitos, não havia uma só mulher no reino que não tivesse sonhado em ser sua princesa durante um dia. Inclusive Dani tinha sonhado acordada, deitada em sua cama, os dias que seguiram a um encontro fortuito que teve com ele na cidade, quando foi com Maria comprar grão para o inverno. Do que gostava? Perguntava-se. O que de verdade gostava? O que o fazia tão louco? Atrás de uma barreira de guardas, o viu sair de uma loja de luxo com uma linda loira coberta de diamantes. O príncipe tinha a cabeça baixa enquanto escutava com atenção o que dizia e ria suavemente de suas palavras.

Enquanto reuniam os poucos penes que levavam, Maria e ela permaneceram em pé na calçada, tão perto que quase puderam tocar suas deliciosas roupas quando passaram como seres celestiais e desapareceram na carruagem que esperava no meio da rua, bloqueando o tráfego.

Dani franziu o cenho ao recordar a ansiedade em seu peito e a certeza de que se apaixonara por ele tão somente em vê-lo. Agora, era mais fácil recordar que era um homem que só pensava em si mesmo e em seus prazeres. A dor de seu braço, da qual ele era responsável, bastava para fazer desaparecer qualquer fantasia. Neste mundo de homens infiéis, uma mulher inteligente só podia depender de si mesma.

Um grito do exterior a trouxe de suas lembranças.

"Por fim! Graças a Deus que estão bem". Dani saltou do lado de seu avô e se precipitou para a janela. O que viu fez que lhe gelasse o sangue.

Mateo, Alvi, Rocco e o pequeno Gianni tinham conseguido chegar a sua propriedade e estavam ali, sobre a grama descuidada do jardim. Justo no momento em que Dani olhava pela janela um grupo de soldados conseguia alcançá-los e cercá-los, obrigando-os a desmontar de suas selas.

Um soldado pôs o cano da pistola na têmpora de Alvi. Outro golpeou o pequeno Gianni até fazê-lo cair ao chão. Dani sabia que Matteo, o muito beligerante, não se renderia e lutaria até conseguir que o matassem.

Afastando-se da janela, precipitou-se para porta. No corredor encontrou com Maria, mas seguiu escada abaixo sem parar. Abriu a porta da entrada, furiosa, e entrou na noite. Mas ao vê-los, seu coração lhe disse que era muito tarde.

Mateo e os outros foram presos pelos soldados do príncipe. Inclusive pegaram o menino.

Dani tremia de raiva. Descendente de uma linhagem tão antiga e digna e quase tão régia como a do próprio príncipe, manteve-se ereta um momento, apertando e soltando os punhos, sentindo como o sangue dos duques e generais que houve em sua família circulava por suas veias.

Investiu contra eles com um grito de guerra.

—Deixe-os ir!

"*Vencido por um moço insignificante!*", pensou Rafe. Tinha vontade de estrangular alguém.

—Maldito selvagem — murmurava enquanto ficava de pé, depois de poucos segundos. — Isso foi um golpe baixo! Agarrá-lo-ei, pequena sanguessuga!

Ninguém ria de Raffaele Dei Fiore sem receber seu castigo. Sacudiu as folhas e os ramos secos grudados a sua roupa e comprovou com desgosto os buracos em suas calças, à altura dos joelhos. Depois deslizou com agilidade pelo aterro, com a terra seca ruindo sob seus sapatos, que deixaram de parecer limpos.

—Alteza, está bem? Gritaram os dois guardas que ficaram para ajudá-lo.

—Estou perfeitamente bem — replicou, tratando de ignorar o fato de que tinha perdido uma boa parte de seu aprumo real. A grandes passadas se aproximou de um cavalo branco do qual um dos soldados acabava de desmontar. —Quero que os agarrem! Entendem-me? Disse furioso. — Quero-os presos antes da alvorada e não me importa se tiver que fazê-lo eu mesmo! Você! Ordenou ao primeiro homem. —Levo seu cavalo. Ajude o condutor e nos siga com a carruagem. Por aí. Assinalou para o caminho.

—Sim, Alteza — disse assustado o homem. O outro subiu ao cavalo e galopou com Rafe para unir-se ao grupo de perseguição.

—Deixe-os ir, digo-lhes! Gritou Dani, obstruindo o passo dos cavalos dos soldados e expondo-se a seus coices. —Fora de minha terra! Esteve a ponto de ser pisoteada quando se interpôs entre eles.

Um dos soldados a pegou pela cintura antes que pudesse alcançar seus amigos.

—Não tão rápido, senhorita!

—O que significa isto? Perguntou, desfazendo-se dele.

—Nem pense nisso, senhora! Estes homens são perigosos!

—Não seja absurdo! Este é o ferreiro do povoado e os outros são seus irmãos. Está claro que isto é um engano!

—Não é um engano, senhora. Estes homens são assaltantes de estradas, e os agarramos com as mãos na massa.

—Isso é impossível! Disse exasperada. Um homem de olhos cinza se aproximou dela, com o cenho franzido. Pela insígnia de sua jaqueta, viu que era o capitão da guarda Real, um dos soldados mais duros do reino. "*Que Deus nos ajude*", pensou.

—Sabe você a razão pela qual estes homens cavalgaram até sua casa, senhora? Perguntou com receio.

—Temos um atalho que passa por aqui! Grunhiu Mateo. O capitão olhou-o com ceticismo e depois a olhou de novo.

—E como devo me dirigir a você, senhora? Ela levantou o queixo.

—Eu sou a senhorita Daniela Chiaramonte, neta do duque de Chiaramonte, e, você transpassou nossa propriedade!

Alguns dos soldados trocaram olhares de assombro ao ouvir o nome. Dani percebeu orgulhosa.

—Volte para sua casa e mantenha-se fora disto, senhorita — a advertiu Mateo com os dentes apertados.

—Tem razão, senhorita. Será melhor que volte para dentro — disse o capitão de olhos cinza. —Estes homens são criminosos perigosos e o príncipe Raffaele em pessoa me ordenou que os prendesse.

—Mas estou certa de que não quererá prender o menino também! Gritou angustiada, apontando para Gianni. Olhou o moço e viu como tremia o queixo enquanto os escutava discutir. O moço se aproximou tudo o que pôde de Mateo.

O homem olhava Gianni, ponderando a decisão, quando Maria saiu da casa com uma lanterna na mão. A pequena, e, corpulenta, governanta segurava a luz no alto e enfrentou o grande homem com um olhar beligerante. Deslizou a mão ao redor da cintura de Dani, para reconfortá-la, embora Dani sabia que o que tentava era afastá-la dali.

O capitão fez uma reverência.

—Senhora.

—O que está acontecendo aqui? Perguntou Maria. Os soldados estavam algemando nesse momento Mateo, Alvi e Rocco. —Não queremos nenhum problema com ninguém!

Justo então, ouviram uma voz que vinha do caminho, da porta ferrugenta. Dani olhou para ali e viu que dois homens mais cavalgavam até onde eles estavam. A alma veio aos pés ao ver o cavaleiro de grandes ombros cavalgando em um enorme cavalo branco. Vinha diretamente para elas.

Era como se tivesse ficado grudada ao chão que pisava, incapaz de mover um só músculo.

—Santa Maria — disse a velha mulher em um suspiro. —É esse quem eu acredito que é?

O príncipe Raffaele fez seu cavalo passar do galope a um vigoroso trote. Depois, em uma demonstração de maestria equestre, deteve-o em meio de uma nuvem de pó, interpondo-se entre seus homens e as duas mulheres. Fingiu que ela e Maria não existiam. Seu poderoso olhar se concentrou no grupo de homens, provavelmente ocupado em contá-los, e depois observou a linha de árvores, segurando as rédeas com força entre suas mãos. Com um sinal imperceptível para os homens, incitou o animal a uma caminhada nervosa. Baixou o queixo para olhar os irmãos Gabbiano, enquanto fazia seu cavalo caminhar ao longo da fila que formavam.

—Onde está ele? Perguntou com um tom ácido.

Dani fechou os olhos, sabendo no mais profundo de seu ser que não era um homem que iria deter-se até conseguir o que quisesse.

—Estou esperando — disse em um tom tão amável que era inquietante.

Os moços permaneceram em silêncio. Dani piscou. Procuravam por ela. Sabia que eles não revelariam nunca sua identidade, por mais que os pressionassem.

Saber isto aumentava ainda mais sua lealdade para eles. Seu corpo pedia a gritos entregar-se e receber assim o castigo que merecia. Mas sem saber por que lutou contra esta necessidade, sabendo que se ela se entregasse, perderiam sua única esperança de serem resgatados.

Porque isso é o que faria: resgatá-los, pensou com determinação. Ela os meteu nisto e por seu sangue, que seria ela quem os tiraria também.

—Onde está ele? De repente o príncipe saltou assustando inclusive o seu cavalo. Felizmente sua destreza com o animal dava pouca margem para empinar.

—Foi-se — respondeu com orgulho Mateo.

Dani baixou os olhos em direção à entrada da propriedade e viu aparecer a carruagem do príncipe pelo caminho. Avançava com um ruído estrepitoso, enquanto sua Alteza seguia tratando de surrupiar algo de Mateo.

—Foi para onde? Perguntou o príncipe.

—Como vou saber? Disse Mateo com um grunhido.

O príncipe levantou seu chicote ameaçando Mateo por sua insolência, mas não o golpeou, baixando a mão com uma expressão tosca. Em vez disso, olhou seus homens com cumplicidade e uma expressão de fria autoridade.

—Vocês dois: ponham estes homens na carruagem e levem-nos ao cárcere de Belfort.

—A este também, Alteza? Perguntou o capitão, agarrando Gianni por um braço.

—A todos — disse impaciente. —Ainda fica um em liberdade. O líder. Um moço de uns dezoito anos. Segue a pé e tem no braço direito uma ferida de pistola. Sem dúvida, estará ainda

escondido no bosque, onde acharão certamente meu ouro também. Já veem, estes ladrões são suficientemente preparados para não levar o butim com eles. Por certo, cavalheiros — disse a seus homens — se qualquer um de vocês fica com parte desse ouro, sofrerão o mesmo castigo que estes bandidos. Podem ir.

Os homens olharam uns aos outros desconcertados.

—Vão, maldição, antes que escape!

Dani e Maria deram um pulo, abraçando-se uma à outra. Dani tremia de medo. Maria a olhou de esguelha, aterrorizada, porque viu sua ferida no braço.

Não é que Maria não conhecesse suas atividades ilegais, mas...

—Excelência, por favor, diga a minha mãe o que aconteceu — disse Mateo enquanto seus irmãos eram introduzidos na carruagem que tinham roubado só uns momentos antes. A fúria inundava seus olhos negros. Era estranho ouvir dirigir-se a ela por seu título. Mas o momento o requeria.

—Não se preocupe — respondeu, fazendo-se passar pela senhora da casa.

Seu rosto se contraiu de dor ao vê-lo desaparecer na carruagem com seus irmãos. —Tudo isto foi um engano e estou certa de que se solucionará pela manhã!

—Quem é você? Perguntou de repente o príncipe, notando-a pela primeira vez. Arrogante como Lúcifer, desceu seu nobre nariz em direção a Dani, de sua posição privilegiada em cima do cavalo.

O braço de Maria se esticou ao redor de sua cintura, como se tratasse de obrigá-la a medir suas palavras. Mas suas maneiras altivas e orgulhosas eram bastante ofensivas, e picava a língua com uma resposta mordaz. Além disso, deu-se conta de que suas posições mudaram bastante deploravelmente desde a última vez que se viram. Levantou o queixo.

—Sou a senhora desta casa. Devo também perguntar quem é você, já que está invadindo minha propriedade.

—Não sabe quem sou eu? Disse com aparente assombro.

—Conhecemo-nos?

Seus olhos se entrecerraram. Olhou-a como se tratasse de um inseto: um olhar altivo que foi desde suas simples botas de cano longo até seu avental e seu desafiante rosto.

Queria rir de sua arrogância. Mas em lugar disso, cruzou os braços e levantou ambas as sobancelhas, olhando-o com espontânea surpresa, embora seu coração pulsasse de medo e aborrecimento. Era tudo o que podia fazer para não se encolher por seu vergonhoso e grosseiro escrutínio.

Sem dúvida, ele estava acostumado a mulheres de seda e cetim, mulheres que nunca se atreveriam a contrariar um deus dourado. Ela podia ir coberta de farrapos, mas podia reconhecer um descarado em apenas vê-lo. Não o chamavam Rafe o Libertino à toa.

Irritado ele a olhou, com o cenho franzido, e então seus olhos se moveram à entrada da extensa, mas decadente vila que se erguia atrás dela, e de cujo telhado caíam ramos descuidados de jasmim brancos. Em cima da porta, o brasão da família estava representado.

—A quem tenho o prazer de me dirigir? Perguntou com receio. Fez descansar o chicote em cima do pescoço do animal.

Durante um segundo, não estava certa de querer dizer seu nome, pelos crimes cometidos.

Ele se impacientou.

—Há algum membro da família na casa?

Ela ficou pálida, com a vista levantada para ele. Queria morrer. Esse formoso deus pensava que era uma criada.

De repente, a porta se abriu com uma batida atrás delas. Maria se encomendou aos Santos e o coração de Dani se encolheu ao ver seu avô arrastando-se até eles com sua camisola e seu gorro de dormir, vela na mão. Só usava uma de suas sapatilhas.

—Já vou, senhorita — murmurou a velha mulher, deixando-a ali, com o olhar fixo no príncipe Raffaele, desafiando o infame e egoísta patife que zombasse de seu avô.

Em vez disso, o príncipe se limitou a estudar o velho duque com curiosidade.

Então, Dani ficou gelada ao escutar a voz áspera de seu avô que flutuava da entrada da casa.

—Alphonse? Deus bendito, meu Rei, é você? Gritou o avô.

Dani viu que uma expressão inefável aparecia nos finos traços do príncipe. Olhou-o com receio, e ao dar meia volta, viu que seu avô corria cambaleando para eles. A vela que levava na mão caiu na erva seca e começou a arder. Maria gritou e apagou rapidamente o fogo enquanto Dani tratava de segurar o ancião. Raffaele desmontou com rapidez e elegância, bem a tempo para interceptar o homem que tinha conseguido burlar Dani.

—Com cuidado, velho amigo — disse o príncipe com amabilidade.

Dani olhou fixamente ao par, desejando que a terra a engolisse ao ver seu avô agarrar o príncipe pelos ombros com lágrimas nos olhos.

—Alphonse! É você! Está igualzinho a última vez, meu querido amigo! Não mudou! Como se mantém tão jovem? Ah! Deve ser o sangue real que corre por suas veias — disse com sincera ingenuidade, afundando seus dedos ossudos nos musculosos braços do príncipe. —Entre para tomar algo e falaremos dos velhos dias na escola, quando éramos crianças... Ah, aqueles tempos!

—Vovô, confunde-se — repreendeu-o Dani, sofrendo pela dignidade de seu avô. Pôs a mão em seu magro braço. —Este é o príncipe Raffaele, neto do Rei Alphonse. Venha, agora voltemos para dentro. Vai ficar com frio...

—Não se preocupe — murmurou o príncipe Raffaele. E respondeu com olhos tranquilos e firmes ao olhar alegre e frenético do idoso cavalheiro. —O rei Alphonse era meu avô, senhor. E você deve ser seu grande amigo o coronel Bartolomeo Chiaramonte.

Depois que seu engano o tivesse afundado ainda mais em seus desgastados ombros, as palavras do príncipe devolveram o brilho a seus olhos, com uma alegria que parecia dizer: *"Sim, ainda não me esqueceram. Ainda importo!"*.

O ancião assentiu com a cabeça, a ponta de seu gorro dançando ao compasso.

—Servi na Santa Fosca a esse grande homem e ah, fomos muito felizes então — disse com uma voz afogada pela emoção.

Com gravidade e ternura, o príncipe pôs seu braço ao redor dos frágeis ombros do avô e virou-o suavemente em direção à vila.

—Possivelmente você possa me falar de meu avô enquanto voltamos para casa, coronel. Eu nunca o conheci...

Dani olhava-os, com um inexplicável nó na garganta ao ver que seu avô obedecia com alegria.

Era a última coisa no mundo que teria esperado, e foi então que soube, tão certa, quanto estava ali nesse instante, que Raffaele Dei Fiore era na realidade um príncipe.

Enquanto escutava com atenção as histórias entusiasmadas de seu avô, ele a olhou furtivamente por cima do ombro do ancião, com um arrogante e meio sorriso que parecia dizer: *"Pensei que não sabia quem era"*.

Dani entreabriu os olhos e seguiu a uma distância prudencial.

O príncipe ficou com eles quase uma hora.

Durante todo esse tempo, Dani não se atreveu a transpassar a porta do salão onde ele se sentava junto a seu avô. Dourado, magnífico, como o arcanjo visitante.

Da mesma maneira que havia falhado em reconhecer sua verdadeira identidade na estrada, também se deu conta, ao vê-lo agora à luz da lareira, que subestimou sua beleza.

Tinha-a conduzido com total cavalheirismo ao interior da casa, algo que a aterrava, e inclusive havia segurado a porta para ela, antes de seguir o avô pela entrada até o salão. Ela não necessitava que nenhum homem a protegesse, mas de todos os modos agradeceu a deferência, tão ruborizada que acreditou que ia morrer ali mesmo.

Havia roçado nele ao passar, erguendo os olhos para ele com receio. Foi então que se deu conta de que os jornais tinham razão: suas pestanas eram grandes e douradas e seus olhos sutis e quentes, de cor verde, escura, pintados com bolinhas douradas, como quando a luz do sol entra em um bosque fechado de pinheiros.

A luz do modesto candelabro dava um halo de luminosidade a sua espessa cabeleira, e ao olhá-lo, seu rosto cinzelado parecia tão formoso que tirava o fôlego. A beleza clássica de seu rosto superava com acréscimo a que imaginou em sonhos. Era um rosto incandescente, com a ferocidade e a beleza ardente de um anjo caído na terra: o príncipe dos anjos, alguém que não pertencia ao mundo dos homens.

Ao vê-la passar, seu olhar mostrou um interesse profundo e mais sensual. Baixou o queixo ligeiramente, a expressão intensa, embora serena.

Desconcertava-a se sentir tão delicada, feminina e pequena a seu lado. Assustava-a saber-se tão inocente ao lado de alguém tão mundano, tão refinado.

Cheirava a brandy e o pó da estrada se mesclava com uma suave essência de colônia limpa e sem dúvida cara. E ela havia sentido o calor que irradiava de seu férreo e atlético corpo.

Sem dizer uma palavra, tinha fechado a porta atrás dela, e depois se reuniu com seu avô, caminhando pela entrada com uns passos senhoriais que pareciam reclamar cada palmo do chão que pisava. Seus movimentos eram os de um espadachim seguro de sua vitória.

Para seu desconcerto, seu coração não deixou de pulsar fortemente depois.

Sua presença poderosa parecia encher a casa, envolvia-a como o canto de uma sereia e a punha irremediavelmente nervosa. Nem sequer podia pensar em uma maneira de resgatar seus amigos do cárcere. Tudo que sabia é que teria que ir à ruidosa e grande cidade, uma perspectiva das mais desalentadoras. Por isso, deixou para mais tarde a estratégia e se concentrou em espiar seu avô e o príncipe.

Podia ouvi-los por detrás da porta do salão. O príncipe ria abertamente com as histórias que contava o velho duque das travessuras no colégio. Ao que parecia, o rei Alphonse tinha sido tão cafajeste em sua juventude como seu neto. Ele se mostrava muito paciente com os rodeios que dava o avô, pensou Dani, sacudindo a cabeça ao escutá-lo. Nunca teria acreditado que um cafajeste tão famoso pudesse ter bom coração. Sentia-se quase culpada por tê-lo roubado.

Quando Maria passou junto a ela para levar o vinho, Dani se escondeu ainda mais no canto atrás da porta, para que os homens não pudessem vê-la quando a mulher a abrisse. Felizmente, a governanta havia conseguido pôr o roupão em seu avô, assim agora ele parecia um pouco menos ridículo.

— Senhorita, está sendo mal educada. Trata-se do príncipe herdeiro — disse em voz baixa Maria, franzindo o cenho.

— Por mim é como se fosse o próprio são Pedro. Não penso me aproximar dele! Sussurrou ela, fazendo um sinal à criada para que a deixasse sozinha. Maria lançou um olhar de sofrimento ao céu e entrou empurrando com o quadril a porta para que se abrisse.

Dani se encolheu junto à parede, com o pulso acelerado e a ferida do braço palpitando. Disse a si mesma que a razão pela qual estava ali era por temor a que ele suspeitasse a verdade, mas, embora esta desculpa fosse boa, sabia que essa não era a verdadeira razão. A verdade era que ele era encantador e fascinante e ela se sentia pobre e pouco sofisticada, e desesperadamente tímida. Sabia que ele se sentava com seu avô por compaixão, e seu orgulho não suportaria se ele decidisse ter piedade dela também.

Não obstante, tampouco podia controlar por mais tempo sua curiosidade. Avançando silenciosamente, guardando sempre a precaução de um gato faminto em um beco, aventurou-se a entrar no salão, desconcertada por um tumulto de sentimentos que iam da culpa até a preocupação, a excitação e o rancor.

— E aqui está minha neta, Alteza — disse o duque com um enorme sorriso — Daniela.

O príncipe Raffaele se levantou e se inclinou ligeiramente em uma reverência.

—Senhorita.

Sentindo-se de repente o centro de atenção, conseguiu responder à saudação.

—Alteza, por favor, sente-se.

Ele concordou educadamente. Recolheu as abas de seu fraque e se sentou, cruzando as pernas em uma pose de espontânea e masculina elegância. Dani teve que se esforçar para afastar o olhar. Em silêncio, aproximou-se do tamborete e se sentou nele, com o coração batendo a cem por hora.

Seu avô olhou primeiro para ela e depois o príncipe, com uma cintilação em seus cansados olhos.

—O que pensa dela, Rafe?

—Avô! Ofegou Dani.

O príncipe piscou. Seu sobressalto desapareceu.

—Bom, temo que não saiba nada dela.

—Então, deixa que diga algumas coisas a respeito de minha Daniela, já que ela é muito tímida para dizer algo.

—Avô! Estava certa que cairia da cadeira e morreria ali mesmo aterrorizada.

Os olhos do príncipe dançaram a luz da vela enquanto a olhava, divertido e peralta. Se fosse um pouco menos atraente, possivelmente ela poderia sentir-se um pouco menos incômoda.

—Adiante — disse.

—Daniela está cuidando de mim desde que tinha nove anos, depois que as monjas a expulsaram do quarto colégio ao qual a mandamos.

—Só era o terceiro avô. Estou segura de que sua Alteza não está interessado nisto!

—Não, por favor. Sou todo ouvido — disse, verdadeiramente divertido de vê-la tão incômoda.

—Daniela recebeu uma educação mais própria a de um menino, entende? Por isso é que não é tão aborrecida de tratar como outras de seu sexo. Enquanto as outras meninas aprendiam a costurar, ela aprendia a mesclar pólvora. Ensinei-a muito bem — acrescentou com orgulho.

—Depois que vovô se retirou da Artilharia, fez-se encarregado dos fogos em algumas das festas locais — explicou Dani apressadamente, antes que começasse a suspeitar que estivesse envolvida em algo relacionado com as armas de fogo.

—Ah, minha Daniela podia montar seu pônei escarranchada, sentada para trás com apenas dez anos! Seguiu contando o avô.

—Surpreendente — exclamou o príncipe com suavidade.

Dani deixou a cabeça cair, com as faces ardendo de vergonha.

—Não a estarei envergonhando, não é, querida? perguntou o avô, levantando suas grossas sobrancelhas brancas. —Perdoe-me, possivelmente me excedi.

—Isso acredito — disse, lançando a seu avô um olhar reprovador.

Ele a olhou com um amplo sorriso de infantil inocência.

Então, deu-se conta de que o príncipe a olhava fixamente com uma estranha e divertida expressão. Cobria languidamente sua boca com a mão, o cotovelo apoiado no braço da cadeira. O coração de Dani deu um salto ao ver a nuvem de sensualidade que cobria seus olhos. Retirou o olhar, corando uma vez mais.

—Bom — disse o deus de repente — deveria ir. Meu pai me espera.

Dani deixou escapar um lento suspiro de alívio quando sua Alteza se levantou e se inclinou para estreitar a mão do duque em sinal de despedida.

Ela ficou em pé e caminhou com pernas trêmulas para a porta, onde esperou para acompanhar seu ilustre convidado como merecia.

Só Deus sabia quanto desejava que o homem se fosse.

Rafe estava considerando seduzi-la.

Não sabia muito bem o que fazer com a neta do velho Chiaramonte, mas o teria ajudado muito saber por que a senhorita Daniela parecia determinada a tratá-lo como se ela fosse muito boa para ele. Teria o ajudado também se alguém pudesse dizer por que achava seu frio desinteresse um atrativo tão potente.

Desde o momento em que havia levantado o queixo, como se merecesse todo seu desprezo, esta descarada chamou sua atenção. Supunha que não podia tomar como amante à neta virginal de um duque, mas que demônios! As regras existiam para serem desobedecidas.

Amanhã era seu aniversário e decidiu tê-la como presente. Além disso, por que não? Era evidente que sua situação econômica era difícil. Talvez com umas suaves palavras e a persuasão conveniente, seria possível seduzi-la e chegar a um acordo conveniente para os dois.

O único problema era que a garota mal o olhou, muito menos lhe dirigiu a palavra. Tinha o pressentimento de que sua reputação o precedia e, por estranho que parecesse, seu silêncio acusador doía. Certamente era estranho, tendo em conta que até agora sempre rira das diatribes do primeiro-ministro contra seu caráter caprichoso, sem que estas importassem o mínimo.

Seguiu-a até a entrada com passo relaxado, escolhendo as palavras que podia dizer a esta garota do campo para tirá-la do virtuosismo e conduzi-la a sua guarida de perdição.

Não esperava uma conquista fácil, circunstância que seduzia ainda mais. A senhorita Daniela, como pode comprovar depois de sua nervosa atuação aí fora, era uma dessas mulheres tocadas pela inteligência e o aprumo indestrutível da feminilidade, capaz de fazer um homem sentir-se como um verdadeiro inepto só em olhá-lo. Ela era pouco convencional, mal intencionada e espontânea. Se por acaso isto fosse pouco, era ruiva, e sua experiência dizia que as ruivas, sempre, eram sinônimo de problemas.

Mas para sua desgraça, ele morria pelos problemas.

Estava claro, e isso o divertia, que não conseguiu impressioná-la absolutamente. Mesmo assim, ao olhar a seu redor, não pode evitar ver o estado lamentável no qual se achava a vila, a falta de criados, a frágil saúde do velho homem, as pobres roupas que cobriam o corpo da jovem, quando essa pele tenra, como as flores, deveria ser envolta em seda. Como correspondia a sua nobre linhagem. Além de sua vontade por levá-la à cama, havia nele uma necessidade profunda de ajudar estas pessoas.

Haveria a possibilidade de casá-la com um de seus nobres e bem acomodados amigos. Embora isso teria que esperar que ele tivesse tido bastante dela. No momento, não podia resistir imaginá-la em uns braços que não fossem os seus.

A senhorita Daniela permanecia severa e silenciosa enquanto o conduzia à porta principal da vila. Suas pequenas e castigadas mãos repousavam em seu regaço.

Era um crime ver as condições nas quais se achava esta pobre gente, pensou.

Teria dado a eles um batalhão de criados, para que ela não tivesse que voltar a levantar um dedo em sua vida.

"Pólvora, né?", pensou divertido. Ela mesma era como uma pequena mecha de pólvora.

Tinha curiosidade sobre suas ginásticas equestres e não podia evitar perguntar-se, com a mente quente que o caracterizava, se sua agilidade poderia utilizar-se em outras arenas onde ele, pelo contrário, poderia alardear ter certa experiência. Tentou adivinhar quais seriam seus pensamentos nesse momento, mas as longas pestanas canela cobriam seus olhos.

Na realidade não sabia por que a desejava. Um capricho, possivelmente. Um capricho passageiro. O simples e egoísta impulso de um cafajeste de temporada. Chloe era dez vezes mais formosa e sofisticada, uma cortesã com talento à altura de sua posição. Mas, claro, Chloe dançava na palma de sua mão. O que tinha isso de divertido?

A moça devia ser muito jovem, pensou, enquanto olhava furtivamente a sua presa. Tinha o ar de um menino em crescimento, uma cabeça redonda apoiada em um corpo esbelto. Tinha uma altura agradável, a parte mais alta de sua cabeça chegava quatro centímetros debaixo de seu ombro.

Quanto mais a olhava, mais intrigado se sentia. Tinha maçãs do rosto proeminentes e angulosas e uma boca pequena e delicada, como o casulo de uma rosa.

Seu queixo era firme e fresco, e teria gostado de beliscá-la para ver se assim podia arrancar um sorriso. Seu nariz era pequeno e arrebitado. Quanto a seus olhos, Rafe gostaria que o olhasse ao menos uma vez para poder ver sua cor.

Como ela tinha escolhido sentar-se no lugar mais afastado do salão, ele só pode vislumbrar a expressão brilhante desses olhos grandes e inteligentes, cheios de uma forte vontade e autoridade inata... cheios também, de uma intensidade tão inocente que fazia com que seu peito se encolhesse de maneira estranha.

Ah! Ia ser um osso duro de roer. Seria maravilhoso poder sentir uma criatura tão selvagem e pura debaixo dele. Domesticá-la. Ela era das duras, né? Pensou enquanto saíam pela porta e entravam na escuridão da noite. De alguma forma soube que ela era quem mantinha essa casa em pé. Era horrível que uma moça tão jovem tivesse que trabalhar tão duro pensou entristecido, e ao mesmo tempo admirando-a por isso até mais se possível.

—Obrigada por ter sido tão amável com meu avô — disse em voz baixa Daniela Chiamonte.

Ele se voltou para olhá-la: uma jovem aqui, em meio do nada, sem ninguém que a protegesse e com um criminoso espreitando pelos arredores. Ou seja, se a família tinha sequer para comer. Certamente, ela estava com pouca comida.

De repente, viu tudo claramente. Seduziria-a, e ao diabo com todo o resto. Ao menos, como amante dela, estaria protegida e bem alimentada.

—Amanhã é meu aniversário — disse de repente, golpeando suavemente com o chicote os joelhos.

Ela olhou-o estranhando.

—Ah, felicitações antecipadas, Alteza!

— Não, não — disse impaciente — sabe? Meus amigos darão uma festa em meu palacete para ocasião. Eu gostaria que viesse.

Ela levantou os olhos com rapidez.

—Eu?

Mas Rafe se negou a responder, olhando fixamente seus olhos e tratando de ver o brilho que produzia neles a tocha que tinha pendurado a criada na porta.

"Água-marinha".

É claro; ficou perdido nesses olhos grandes, e, inocentes, de extraordinária cor azul água. Recordavam às baías secretas onde costumava ir nadar quando menino. Chegava ali e ficava adormecido sobre as rochas, com o sol dourando sua pele e a música da água embalando seus ouvidos. Era o melhor lugar para escapar da pressão de seu destino e essa busca desesperada por agradar seu pai.

Ao olhar nesses olhos cristalinos e doces, sentiu-se pela primeira vez contente de celebrar seu aniversário. Porque teria a oportunidade de voltar a vê-la.

—Sim, deve vir — disse com um sorriso muito determinado. —Não se preocupe com os detalhes práticos. Enviarei uma carruagem para você. Será minha convidada de honra.

—O que?

O príncipe queria procurar uma forma delicada de explicar que queria ajudá-la, mas decidiu que era muito orgulhosa para aceitar. Era preferível tomar as coisas com calma e fazê-la ver suas intenções pouco a pouco. Honrou-a com um de seus mais encantadores sorrisos.

—Eu gostaria muito de poder conhecê-la melhor, senhorita Daniela — disse. —Dança?

—Não.

—Não — repetiu ele. Maldição! Não havia precisamente desmaiado ante a perspectiva de dançar com ele.

Mordendo o lábio, pensativo, olhou-a fixamente. Queria tocá-la, possivelmente uma ligeira carícia na face... Mas pensou melhor.

—Gosta de música?

—Um pouco.

—E sobre os jardins de lazer? Gosta?

Ela franziu o cenho e olhou-o com receio, sacudindo ligeiramente a cabeça.

—Não vi nenhum.

Inclinou-se para ela e baixou a voz até que só foi um sussurro.

—E os caramelos? Tirou uma pequena caixa de latão de seu bolso e a abriu, colocando duas balas de hortelã em sua palma. —Eu sou um guloso. Levantou a mão e esperou que ela pegasse um. —É meu único vício.

—Só esse? Ela perguntou cética, movendo os olhos dos caramelos até seu rosto, sem saber se podia acreditar nele.

Ele riu.

—Vamos, pegue um. Não estão envenenados. Observou-a quando por fim pegou um e o colocou com desconfiança em sua boca. —Você, senhorita Daniela — disse — virá a minha festa de aniversário e juntos poderemos nos dar bem, sem o menor dos recatos, de desfrutar dos melhores bolos de chocolate, do melhor champagne e de uns deliciosos pasteizinhos rosa chamados peitos de Vênus, e que meu cozinheiro faz — beijou os dedos — *alla perfezione*.

—Obrigada — disse, com o caramelo em uma face — mas asseguro que não posso...

—Não fale com a boca cheia — reprimiu-a, interrompendo seu protesto. —E o que aconteceria se eu insistisse?

Essa inocente confusão em seus olhos se intensificou. Parecia aflita.

Olhou-o fixamente com uma expressão muito séria, chupando diligentemente o mentolado.

Para satisfação do príncipe, obedeceu-o e não tratou de falar até que terminou de comê-lo.

Deus, como a desejava. Um desejo trêmulo e selvagem desceu em cascata por seu corpo.

—Agradeço o convite e imagino que você diz isto unicamente porque se compadece de mim neste lugar desmantelado, acompanhada unicamente por um velho embora agradável coronel louco. Daniela olhou em direção a casa. —Mas asseguro, príncipe Raffaele, que não posso ir a sua festa. Hesitou. —Se de verdade quer me ajudar, ocupe-se de que o menino, Gianni, não passe a noite no cárcere.

Ele moveu a cabeça com um sorriso suplicante que tinha funcionado com as mulheres desde que engatinhava.

—Se fizer isto por você, virá ao baile?

—De verdade, não entendo como poderia...

—Cristo! Não se fala mais disso, então. Dedicou-lhe o mais encantador de seus sorrisos. — Enviarei uma carruagem para você amanhã às seis. Isso dará tempo suficiente para vestir-se. Uma senhora amiga minha enviará um vestido adequado para ocasião e me atreveria a dizer que posso fazer chegar um colar de opalas de fogo que combinarão à perfeição com seus traços. Confie em mim, tenho olho para estas coisas. Até amanhã de noite então, senhorita. Levantou sua mão e a beijou nos dedos.

Ela, entretanto, olhava-o com severidade. Sem fazer caso, o príncipe soltou a mão e começou a retirar-se. Com um sorriso de vitória nos lábios começou a descer as escadas dando pequenos saltos em direção a seu cavalo, assobiando *Là ci darem la mano*.

—Senhor, disse que não.

Ele parou. Virou-se, um pouco surpreso, mas encantado com sua resistência de donzela. Ninguém queria conquistas fáceis. Fazendo descansar o chicote sobre um de seus ombros, perguntou:

—Senhorita Daniela, está segura de que não quer conceder-se um pouco de diversão nesta vida?

Ela cruzou os braços e levantou o queixo.

—Com todo meu respeito, Alteza, meus amigos acabam de ser presos. Não é um bom momento.

—Para começar, não deveria relacionar-se com criminosos, querida — disse com condescendência. Depois sorriu. —Nosso trato está selado. Tirarei o menino do cárcere e me ocuparei de que o coloquem em um lugar seguro e, em troca, você dançará comigo amanhã... e provará um de meus deliciosos pasteizinhos rosa do chef. Insisto nisto.

Ela pôs as mãos na cintura, com a testa franzida, e disse em tom beligerante.

—Disse que não irei, senhor. Acaso está surdo?

Decididamente, adorava discutir com ela. Pôs uma mão na orelha a modo de aparelho de surdez.

—Como diz?

—Como pode sua Alteza me pedir que seja tão egoísta para pensar em superfinos entretenimentos enquanto meus amigos podem ser mandados à força amanhã?

Nesse momento, Rafe se deu conta de duas coisas; absorto como estava de ouvir música e amar. Em primeiro lugar, a moça não havia ainda compreendido a verdadeira natureza de sua proposta; e em segundo lugar, sua resposta não era uma estupidez porque, deu-se conta agora, ela estava apaixonada por esse impetuoso e feroz jovem que acabava de prender.

Em conclusão, ela não estava interessada.

Dar-se conta disto foi como um jarro de água fria para o calor de seu entusiasmo. Mal podia acreditar.

—Vá isto é interessante — disse, sem deixar de olhá-la, com um punho levantado a altura do quadril.

Recordou então o maior dos rebeldes bandoleiros que tinha enviado ao cárcere fazia mais de uma hora. Era um homem alto, um menino de granja robusto, de uns vinte e quatro anos, que havia dito chamar-se Mateo Gabbiano. Ia vestido com roupas de trabalho, um colete marrom e um lenço vermelho atado ao pescoço. Mateo Gabbiano tinha esse tipo de beleza rústica, o cabelo encaracolado negro e esses grandes olhos castanhos que faziam derreter as mulheres de coração bondoso.

Ahá! Agora essa indiferença da senhorita Daniela desde o começo tinha algum sentido.

Raffaele estava acostumado a ser adorado pelas mulheres. Não tinha muita experiência em recusas deste tipo, assim não estava acostumado a tolerar tal coisa.

Sua opinião sobre ela desabou.

Seu rosto se tornou sóbrio. Como podia esta jovem incauta dar seu coração, e talvez também seus favores, a um criminoso? Pensou com um bufo aristocrático de desdém.

Talvez a solidão neste lugar afastado... mas, acaso não tinha esta mulher respeito por sua posição? Como diabos podia escolher esse camponês ao invés... dele?

—Está bem, senhorita — disse com fria prepotência. —Verei o que posso fazer pelo menino. Que você passe bem.

Deu meia volta e completou os poucos degraus que ficavam para sair do portal, caminhando muito direito para o cavalo branco. Seu melhor sentido dizia que o bandoleiro tinha se deslocado até sua propriedade e que é possível que ela estivesse também envolta em seus crimes. Se fosse assim, ele preferia não saber.

Uns poucos passos mais à frente, Rafe se deteve e se voltou bruscamente.

Ela seguia ali, com seu magro corpo siluetado pela luz da tocha.

—Por que fingiu não saber quem eu sou? Perguntou.

—Para fazê-lo baixar um pouco a crista, respondeu. —Por que passou, mais de, uma hora com um ancião senil quando estava tão determinado a agarrar um fugitivo?

—Porque, senhorita — disse com destreza — há vezes nas quais um ato de ternura supera um de justiça.

Ela ficou em silêncio um momento, sem afastar o olhar dele.

—Estou agradecida por ter querido me ajudar — disse. —Mas ao invés disso, sou eu que vou ajudá-lo.

—Me ajudar? Perguntou com sarcasmo. —Duvido.

—Dê uma olhada nos livros do coletor de impostos desta região, Alteza, e poderá achar o verdadeiro criminoso.

Ele entreabriu os olhos.

—O que quer dizer, senhora?

—Saberá em breve.

Golpeou a palma da mão com o chicote.

—Não existe corrupção sob o mandato de meu pai. Ao menos não se o rei Lazar Dei Fiore pode evitá-lo.

—Diga ao conde Bulbati.

—Quem é esse?

—O homem que sobe meus impostos cada vez que me nego a me casar com ele.

O assunto chamou sua atenção como se tivesse sido cutucado com um sabre. Tomou mentalmente nota disso e afastou a acusação de malversação para concentrar-se nela.

—Por que o recusa? Não poderia um matrimônio conveniente aliviar um pouco sua situação aqui?

—Talvez. Mas, em primeiro lugar, o conde Bulbati é um corrupto e um porco ambicioso; e em segundo lugar, nunca vou casar-me. Com ninguém. Nunca.

—Por que, pelo amor de Deus? Perguntou emocionado, como se não tivesse pronunciado ele mesmo essas mesmas palavras centenas de vezes.

Ela levantou a cabeça, com a luz das estrelas iluminando seu cabelo.

—Porque eu sou livre. Fez um gesto para a vila. —Nossa casa pode necessitar de alguma reforma, mas é minha casa. E todas estas terras... acrescentou e, estendendo a mão, mostrou a paisagem. —Embora estejam sedentas pela seca e a semente não crescer muito, ao menos são minhas terras. Todas elas me pertencerão até o dia em que morrer. Quantas mulheres podem sentir-se tão afortunadas?

Ele olhou a seu redor, perplexo de que pudesse sentir-se tão afortunada quando ele tinha duvidado de que tivesse comido o suficiente nos últimos dias ou inclusive nas últimas semanas.

—Para mim não é mais que muito trabalho e algumas dores de cabeça.

—Eu não preciso dar explicações a ninguém, a não ser a mim mesma —replicou. —Por que deveria me converter em propriedade legal de uma pessoa que não é melhor que eu, e com toda segurança, inferior a mim em quase todos os sentidos? Seus finos ombros se elevaram, como se não conhecesse a resposta. —Não espero que você; nem ninguém me entenda. Simplesmente, é uma decisão que tomei.

—Uma decisão que você tomou — repetiu, sentindo-se desorientado com as palavras da moça. Não estava seguro de que chegaria muito longe com essas opiniões, mas ao menos parecia ter o controle de sua vida, que era muito mais do que podia dizer de si mesmo.

Esse pensamento incomodou-o.

Ao ouvir cavalos aproximando-se, olhou a seu redor e viu seus homens que saíam do bosque e se aproximavam de onde ele estava. Viu que traziam seu ouro, mas não havia nem rastro do Cavaleiro Mascarado. Com o cenho franzido olhou Daniela Chiaramonte por cima do ombro. A moça esperava no alto da escadaria, fazendo repousar suas mãos em sua extremamente fina cintura.

Tinha pensado deixar dois soldados fazendo guarda na casa, como medida de amparo para ela e sua família. Entretanto, mudou de ideia ao dar-se conta de que o Cavaleiro Mascarado não podia ser nenhuma ameaça para ela se era tão próxima dos membros de seu bando, especialmente a um deles. O pensamento o enojava.

—Se tiver terminado de me instruir, senhorita Daniela, o Rei espera minha chegada.

—Adeus, príncipe — disse com educação. —E... feliz aniversário.

Estava rindo dele esta pequena criança? Olhou-a com dureza, com a sensação de que em sua voz houve um ligeiro tom de sarcasmo. E mesmo assim, apesar dele mesmo, tudo o que queria era partir sobre ela e cobrir com seus lábios esse sorriso presunçoso. Mas, não, não o faria. Seguiria andando até seu cavalo e cavalgaria longe, muito longe dela. Ele era bom esquecendo às mulheres; e decidiu tirar imediatamente de sua mente essa descarada ruiva.

Embora tarde, recordou que já havia sofrido as consequências de querer ajudar a mulheres em apuros faz anos.

Ao montar no cavalo e apressá-lo para que ficasse em movimento, sua cabeça apagou para sempre a imagem da excêntrica Daniela Chiaramonte.

O próprio Dom Giovanni teria se surpreendido.

Capítulo 3

O mundo parecia um lugar insuportável, depois de seu encontro com a problemática ruiva e seu desprezo em favor de um camponês. Rafe fez o resto da viagem sem nenhum outro contratempo, embora estivesse em todo momento alerta ao atravessar os subúrbios mais empobrecidos da capital de Ascensão.

Conforme foram aproximando-se do centro da cosmopolita cidade italiana, proliferavam os lampiões de ferro forjado que iluminavam as ruas pavimentadas. As pessoas tinham saído de suas casas para desfrutar do ar fresco da noite. As ruas de Belfort buliam com a risada e as conversas provenientes dos cafés e das tavernas pelas quais foram passando. Como era seu dever, o príncipe saudava todos com a mão do alto de seu robusto cavalo.

A trote, o animal tossiu debaixo dele com a brisa cálida que trazia partículas de pó em suspensão. Ao bater no pescoço úmido do animal, uma nuvem de pó subiu de sua pele. Rafe fez uma careta, ao sentir em sua garganta o pó da fina argila.

O pó envolvia tudo. Não em vão levavam quatro meses de dura seca. Inclusive os mal-me-querer dos suportes de vasos pendurados nas fachadas estavam murchos.

As elegantes fontes de todos os lugares tinham sido fechadas para economizar água.

"Parece que isto piora, em vez de melhorar", pensou com preocupação. Era quase julho e logo o siroco chegaria deslizando do coração do deserto do Sahara.

Como todo ano, cruzaria o norte da África, expandiria pelas límpidas águas do Mediterrâneo e cairia pesadamente por todo o sul da Europa. Durante estas duas ou três semanas, seria como se o próprio inferno desabasse sobre a ilha.

Ao virar uma esquina, Rafe pôde vislumbrar ao longe a formosa cúpula de bronze que se erguia sobre os tetos da cidade, brilhante à luz das estrelas. Entretanto, não se dirigiria agora a seu palácio de recreio. Tinha sido requerido no palácio real.

Conduziu a passo o garanhão branco até chegar a grande praça central pavimentada da cidade. Nesse ponto, a catedral e o palácio real se encontravam como dois bailarinos majestosos em um minueto. Interpondo-se entre eles se erguia a famosa fonte de bronze, dedicada aos reis anteriores do Fiore. As pombas se refugiavam entre os cantos da gloriosa escultura.

Rafe desceu da sela e foi rapidamente escoltado pelo guarda real ao interior do palácio. Olhando a hora no relógio de bolso, acelerou o passo ao cruzar a porta.

No imponente salão da entrada, foi recebido por Falconi, o velho mordomo do palácio a quem tanto havia atormentado quando pequeno. Rafe devolveu a saudação dando uma palmada em suas frágeis costas, tão forte que esteve a ponto de fazê-lo cair. Depois, apressou-o para que o acompanhasse:

—Onde está meu velho pai, Falconi?

—Na câmara do Conselho, senhor. Temo que a reunião esteja terminando.

—Reunião?! Exclamou, sem deixar de caminhar. —Que reunião? Diabos! Ninguém me disse nada de uma maldita reunião!

— Enfim, boa sorte, senhor.

Rafe o despediu agradecendo e atravessou, a toda pressa, a entrada de mármore até o bloco administrativo do palácio. Diabos! Havia tornado a fazê-lo. Ao chegar ante a porta fechada da câmara privada do Conselho do Rei, deteve-se, tratando de tranquilizar-se. Depois, abriu a porta com contundência, tentando que sua entrada fosse digna do melhor representante da boêmia.

—Cavalheiros! Saudou-os, passeando tranquilamente pela peça com um ar de indiferença.

—Deus bendito, o gabinete completo! Estamos em guerra? Perguntou com uma careta, dando um empurrão à porta para fechá-la.

—Sua Alteza — resmungaram os engomados pares.

—Olá, pai.

O rei Lazar lia um documento situado na cabeceira da longa mesa.

Ao ouvir sua saudação, levantou a cabeça e olhou seu filho por cima dos óculos quadrados que caíam de seu pertinaz nariz romano.

O rei Lazar Dei Fiore era um homem imponente, de feições duras, e, maxilar quadrado. Tinha o cabelo muito curto, grisalho, e a pele bronzeada pelo sol. Franziu o cenho ao ver Rafe, seus olhos escuros e penetrantes fixos nele com a intensidade que tanto o caracterizava.

Rafe pegou este olhar, perguntando-se quão grande teria sido sua incompetência esta vez.

Desde menino, havia estudado com o mínimo detalhe as expressões de seu pai, não só para aprender dele como enfrentar os homens, algo que seu pai dominava à perfeição, mas também porque sua infância se caracterizou por um esforço contínuo de responder às expectativas de seu genitor. Finalmente, acabou aceitando com filosofia que nunca seria suficiente aos olhos de seu pai. Nunca conseguiria que se esquecesse da Derrota.

—É uma honra que tenha decidido unir-se a nós, Alteza — observou o Rei, voltando a inspecionar o documento que tinha nas mãos — e não, não estamos em guerra. Sinto negar esse entretenimento.

—Está bem assim — disse Rafe. Deixou-se cair preguiçosamente em sua cadeira aos pés da mesa, pendendo seu braço com desinteresse no espaldar. —Sou um amante, não um lutador.

O almirante da Armada, com as faces, coradas, limpou a garganta para reprimir uma gargalhada. Era possivelmente o único dos ali presentes que entendia e apreciava Rafe, ou ao menos, o único que não se sentia ofendido por seu comportamento.

Não se podia dizer o mesmo do formidável par situado do outro lado da mesa, o bispo Justiniano Vasari, e, o primeiro-ministro, Arturo Dei Sansevero.

Os dois mereciam um estudo por seus contrastes: o bispo era gordo e redondo, achatado como um buldogue vestido de rendas; ladrador, mas pouco mordedor. Seu rosto era redondo e corado. Umas mechas de cabelo branco saíam sem nenhum controle por debaixo de seu roquete arroxado. Estava tão seguro de que era Deus quem ditava suas opiniões em qualquer assunto, como de que tivesse sido abençoado com jardins sempre formosos em seu palácio. Sobre tudo, era conhecido por seus sermões cheios de impetuosa eloquência, e quando falava contra o vício e a libertinagem, todo mundo sabia a quem estava se referindo.

Em resumo, o bispo via o príncipe herdeiro como o filho pródigo esbanjador que abusava da bondade e beatitude de seu pai, o rei Lazar. Felizmente, havia um segundo filho, o querubim doce e obediente de dez anos, o príncipe Lorenzo, que desempenhava o papel do Abel frente a seu irmão Caim, segundo a cosmologia do bispo.

Para ele era irrelevante a opinião de sua babá, que assegurava que o pequeno era também um cafajeste em potencial. O bispo Justinian foi designado pelo Rei como guardião legal do príncipe Lorenzo e tinha outorgado o título de regente, o que significava que se Deus castigasse alguma vez

Rafe por seus bacanaís e corridas de rua sob os efeitos do álcool, o bispo poderia governar em nome de Leo até sua maioridade.

Por razões que Rafe não podia compreender, os habitantes de Ascensão amavam a seu orgulhoso e pomposo bispo.

O primeiro-ministro era o mais firme opositor do bispo Justinian, embora também o fosse de Rafe. Limpo, rápido, ordenado e discreto. Dom Arturo era um cortesão consumado. Sua aguda, e, penetrante mente era como a de uma barracuda silenciosa de dentes afiados. Por fortuna, sua senhoria era dotado de uma inquebrável lealdade por Ascensão. De estatura miúda, dom Arturo tinha os olhos castanhos e uma boca fina e enxuta que só suavizava quando via os filhos de sua irmã, seus sobrinhos.

Ele não tinha filhos, porque sua mulher morreu há vinte anos e não voltou a casar-se. Seu trabalho — Ascensão — era sua vida.

Se Rafe se arrependesse de suas maldades, o grandiloquente bispo teria matado ele mesmo um cordeiro para celebrar. O primeiro-ministro, entretanto, tinha razões mais pessoais para odiá-lo.

Enquanto isso, ao lado de Rafe se sentava seu parente florentino, o duque, Orlando di Cambio, que passou com discrição as notas que esteve tomando.

"*Grazie, primo*". Rafe jogou uma olhada à página, sentindo-se como se estivesse sendo castigado pelo gesto de seu primo. Ele sabia que a maior parte do gabinete preferiria ver Orlando tomando o trono que ele, se isso fosse possível.

Com o selo dos Fiore em seu bonito perfil, Orlando, cinco anos mais velho que Rafe, parecia mais seu irmão que um primo longínquo. Os dois eram altos, de ombros largos, atraentes e arrogantes, conscientes de sua superioridade inata. Mas se Rafe tinha o cabelo loiro escuro e os olhos avelã, Orlando era moreno e de olhos verde claro.

Orlando era um dos solitários; vestido sempre de negro. Em Florença, obteve êxito como comerciante de navios. Depois havia mudado à terra de seus ancestrais e servia agora Ascensão como ministro das Finanças. Ganhou a confiança do gabinete e do próprio Rei por sua predisposição e maneiras sóbrias e confiáveis. Sobretudo, era muito querido pelo primeiro-ministro. Há alguns meses, Orlando foi incluído nas reuniões de alto nível como a que lhes ocupava agora, já que por suas veias circulava, embora pouco, sangue real.

—Suas habituais tardanças são um reflexo de que é orgulhoso príncipe Raffaele — murmurou o bispo, parando em cada um dos "erres".

—Bom, peço desculpas pelo atraso — disse a todos enquanto olhava as notas de Orlando. Levantou os olhos inocentemente, odiando-se por precisar pedir desculpas, embora desta vez fosse boa. —Por casualidade fui abordado por uns salteadores no caminho.

Surpresos o bispo e alguns dos outros conselheiros abriram a boca. Dom Arturo entreabriu os olhos.

O Rei arqueou uma sobrancelha em direção a Rafe, que devolveu o gesto com um sorriso.

—Está ferido? Perguntou Orlando, com preocupação.

—Não houve feridos. Todos os ladrões menos um estão sob custódia. Meus homens estão procurando o último fugitivo ainda.

—Bem — assentiu o Rei.

—Atacar um membro da família real! Disse Orlando, que voltou a sentar-se em sua cadeira com um olhar de desgosto. —Eu gostaria de vê-los todos na força.

—Não sabiam a quem estavam atacando, suponho. Vinha em uma carruagem que não era minha... Enfim, o que importa! Murmurou Rafe, evitando o sorriso irônico de seu pai em relação à corrida e ao eixo quebrado.

Orlando sacudiu a cabeça com pesar junto aos outros.

O Rei pigarreou.

—Bem, Raffaele, a razão pela qual o fizemos vir aqui é porque decidi tirar umas férias. Vou amanhã.

Os olhos de Rafe se abriram pela surpresa, ao mesmo tempo em que deixava cair o braço pelo espaldar da cadeira.

Seu pai não tivera um descanso em trinta anos de governo.

—Agora que esse horrível corso foi encarcerado de novo, e esperemos que desta vez seja para muito tempo, decidi levar sua mãe a Espanha durante alguns meses, e poder ver assim nossos netos. Faço-o príncipe regente em minha ausência, Rafe. O que tem que dizer a isto? Rafe estava emocionado.

Olhou fixamente a seu pai e seu pai olhou para ele, com olhos penetrantes que pareciam desafiá-lo. Pareceu ver também uma expressão divertida na profundidade de seus olhos escuros e sagazes.

—Está preparado?

—Sim, senhor! Apressou-se a responder, com ardor. Seu coração começou a acelerar-se.

Seu pai levantou uma mão, tratando de deter tanta euforia.

—Entretanto, tenho uma condição. Rafe molhou os lábios.

—O que é.

O rei Lazar fez um gesto em direção a Orlando. Seu primo se levantou da cadeira e foi ao grande aparador da parede, de onde voltou com uma grande bandeja de madeira para Rafe. Um sorriso de picardia apareceu na dura boca do Rei ao ver Rafe inspecionar a bandeja.

Nela, estendiam-se cinco pequenas imagens de mulheres e uma pilha de papéis oficiais. Enrugando o sobrecenho, interrogou seu pai com o olhar.

—É hora de que escolha uma mulher, Rafe. Olhou-o horrorizado.

—Vamos, escolha uma — disse o Rei, fazendo um gesto em direção à bandeja.

—Agora? Exclamou, desesperado.

—Por que não? Quanto tempo mais pensa seguir adiando? Esperamos, por três anos, que você mesmo tomasse a decisão. Tem a obrigação de nos dar um herdeiro, sabe, não?

—Sim, mas...

—Se quer provar o trono, filho, terá que escolher uma destas jovens como esposa e assinar o contrato matrimonial que está aí.

—Contrato matrimonial! Gritou, afastando a mão do maço de papéis. —Quer dizer que se assinar isto, estou casado?

—Com efeito. Não entende? Não poderíamos fazê-lo de uma forma menos dolorosa para você.

Rafe ficou olhando a folha como se houvesse uma mão severa sobre a bandeja.

O Rei fez soar os dedos, olhando-o com preocupação.

—Raffaele, seu compromisso de assumir as responsabilidades matrimoniais que correspondem é a única maneira que tenho de me assegurar de que posso confiar Ascensão em minha ausência. Afastou-se na cadeira e olhou a seu pai.

—Deve estar brincando. Lazar se limitou a esperar.

Rafe atravessou seu velho pai com o olhar, que por sua vez o olhou com uma mescla de rancor e desdém. Ninguém estava disposto a dar uma mão, observou. Olhou para Orlando, mas seu primo se dedicava a estudar as fotos das mulheres. Rafe não podia suportar olhá-las.

—Pai, seja razoável. Não posso simplesmente escolher qualquer uma sabendo que vou ter que ver seu rosto durante o resto de minha vida. Nem sequer sei quem são estas mulheres!

—Tem trinta anos, Rafe. Teve tempo de sobra para cortejar as mulheres adequadas, mas em vez disso, preferiu perder o tempo seduzindo atrizes. Por esse motivo, tivemos que facilitar a escolha nós mesmos. O Rei fez ranger os dedos, fazendo descansar os cotovelos sobre a mesa. — Escolhe, e depois, assina. Senão, terei que deixar a dom Arturo no comando, e você poderá continuar brincando. Mas — acrescentou com um tom duro — se escolher isso, serei obrigado a

reconsiderar seriamente sua sucessão ao trono. Lorenzo é ainda suficientemente jovem para ser educado para a coroa.

Rafe não podia acreditar no que ouvia. Tinha se formado um nó seco no estômago e a fúria corria por suas veias.

O que podia fazer? Teria que obedecer... Como sempre. Com a cabeça baixa, olhou as imagens. A raiva ia cegando lentamente seus olhos, assim lhe custava ver os rostos sorridentes e estúpidos das possíveis noivas que elegeram para ele. Uma marionete. Um prisioneiro.

Então recordou Daniela Chiaramonte, uma mulher, apenas uma menina, ali em pé com a fronte tão altiva quanto satisfeita, proprietária de seu próprio destino... e se sentiu humilhado.

"Não", pensou desesperado. Durante anos aceitara a dominação de seu pai. Suas críticas e suas exigências impossíveis. A intimidação por um lado e a superproteção pelo outro, o que tinha terminado por minar sua cambaleante autoestima. Mas isto era passar dos limites.

— Isto — disse, com um tom muito tranquilo — é intolerável.

— Como diz? Perguntou o Rei para intimidá-lo, com as duas sobrancelhas levantadas.

Rafe levantou com parcimônia a vista das fotos, os olhos enfurecidos. De repente, ficou em pé, atirando atrás sua cadeira.

Os ministros abafaram um grito. Orlando arqueou uma sobrancelha e o bispo entreabriu os olhos. Sem dizer uma palavra, Rafe deu meia volta e caminhou com decisão para porta.

— Rafe! Que demônios faz?

— Liberto-me de você, senhor! Gritou, dando a volta. Estou farto que controle minha vida! Dê a coroa a Lorenzo. Não a quero se devo pagar com minha alma por ela.

Uma vez dito isto, saiu do aposento, tremendo de medo. Caminhou pelo vestíbulo, tirando as luvas com mãos trêmulas e olhou para frente, com a vista nublada pela raiva. Não podia acreditar no que acabava de fazer. Mas ao diabo, fora ensinado desde pequeno a comportar-se como um Rei e agora queriam que aceitasse ordens como um laçao. Tinha chegado ao limite.

Que o Rei o deserdasse, se quisesse. Já não importava. Tinha feito o melhor possível e nunca foi suficiente para ele. Desta vez seu pai tinha ido muito longe.

— Raffaele! Ouviu a voz de seu pai, chamando-o irado.

Seu corpo ficou tenso. Deteve-se um momento, sem querer, mas estava habituado a comportar-se como um cão bem treinado para caça, como um spaniel real idiotizado.

Era desesperador, porque sabia que se não continuasse caminhando agora, perderia a única oportunidade que tinha de ser livre.

E mesmo assim, a única coisa que o mantinha ancorado era seu amor por Ascensão. Esse amor o amarrou ao chão, uma amante cruel que o forçava uma vez mais a humilhar-se.

Certamente era estranho que seu pai o seguisse depois de tê-lo desafiado tão descaradamente frente ao gabinete. Seu orgulho o impedia de voltar-se, mas ficou onde estava, com as mãos em ambos os lados e as luvas seguras em uma mão.

— Rafe, maldição — murmurou o Rei zangado enquanto caminhava para ele.

Rafe se voltou com uma expressão amarga e enfrentou seu pai olhando-o nos olhos.

Lazar tirou os óculos e olhou-o com intensidade.

— Escolheu o pior momento para se rebelar, menino.

— Não sou — replicou — nenhum menino.

— Acha que não sei por que isto é tão difícil para você?

— Porque desta vez está me obrigando a tomar a decisão mais importante de minha vida me pegando pelo pescoço? Porque me considera tão idiota que nem sequer acredita que possa escolher uma boa esposa por mim mesmo?

O Rei sacudia a cabeça com impaciência.

— Não, não. Nós dois sabemos que a razão para que recuse se comprometer é porque ainda está magoado pelo que essa mulher fez quando tinha dezenove anos. Como se chamava? Julia?

Rafe ficou gelado, olhando desconfortável seu pai. Olhava-o com intensidade e astúcia.

—Já é hora de que supere isto, Rafe. Já se passaram dez anos.

Ele afastou o olhar.

A Derrota.

Algumas pessoas tinham que aprender da maneira mais difícil. Ele, jovem herdeiro e estúpido, foi uma destas pessoas quando tentou salvar sua dama em apuros. Que objetivo tão fácil devia ser, com seus generosos bolsos e seu inocente coração.

Aqueles dias tinham passado.

—Deveria ter deixado que a perseguíssemos, Rafe. Segundo a lei, deveria ter sido enforcada. Deveria ter deixado que eu me encarregasse do assunto.

—Não necessito que lute minhas batalhas por mim, pai — disse lacônico, pesaroso pela lembrança.

Um cavalheiro jovem de sua nobreza, tão seguro de si mesmo, nem sequer tinha desconfiado ao ouvir os rumores de que sua formosa amante, muito mais velha que ele, era uma *femme fatale* que se deitara com todos os homens do reino e simplesmente o estava usando. Não importava. Estava certo de que se desse tudo, acabaria por conseguir que o amasse pelo que era, e não por sua posição, seu físico ou seu dinheiro. Tinha cuidado de Julia depois de encontrá-la casualmente maltratada por algum de seus amantes. Pagara suas dívidas e tinha reabilitado seu orgulho, e por todos seus carinhosos cuidados, o que tinha recebido?

Seduziu-o, tirou sua virgindade e depois o roubou enquanto dormia. Procurando em sua escrivaninha, roubou uns mapas secretos que ele estava preparando para seu pai, mapas que logo vendeu aos franceses e que logo eles utilizaram para invadir Ascensão.

A Casa dos Fiore esteve a ponto de perder Ascensão para Napoleão, e tudo porque o herdeiro não pode, aparentemente, controlar seu desejo adolescente por uma mulher inapropriada.

Nenhum homem do Governo o levou a sério depois, nem seu pai, nem ninguém, e muito menos os membros do gabinete.

—Essa rameira seduziu-o, aproveitou-se de sua juventude...

—Não quero discutir isso, pai — cortou, afastando os olhos. —Foi minha culpa. Confiei na mulher errada.

—E agora não quer confiar em nenhuma delas. Rafe, Rafe. Lazar suspirou. —Necessita de um herdeiro, Rafe.

—Por quê? Perguntou. —Por que essa pressa, de repente?

—Estou doente — disse seu pai.

—O que? Respirou, virando-se para ele.

Lazar olhou-o, e depois, lentamente, baixou os olhos.

—Por isso é que vou a Espanha ver Darius, Serafina e as crianças. Não sei quanto tempo resta de vida. Ainda ficam forças para fazer a viagem.

—Do que está falando, pai? Exclamou. —Não parece doente!

—Fale em voz baixa — disse o Rei, percorrendo a estadia com o olhar. —Ninguém sabe exceto o médico chefe, dom Arturo, e agora você. Quero manter isto em segredo durante o maior tempo possível.

Rafe olhou-o boquiaberto um momento, sem acreditar no que ouvia.

—A mãe sabe?

—Não, Por Deus, não — sussurrou, armando-se de coragem. —Não quero que se preocupe mais tempo de que for preciso.

—Qual é o problema? Sabe o doutor do que se trata?

Ele encolheu os ombros.

—Uma enfermidade de estômago. Certamente um câncer.

—Meu Deus — disse Rafe, atônito. Então sobreveio o aborrecimento. —Como é possível? Nunca esteve doente, nem um dia de sua vida! Tem certeza de que é isso?

—Totalmente certo. Rafe, o que quero é deixar a casa em ordem. Não é momento agora para me dar às costas.

Rafe olhou-o desconcertado. Agora que sabia o que estava acontecendo, pôde ver os sinais de stress no rosto de seu pai. O rosto desgastado de Lazar parecia tenso na zona das maçãs do rosto e suas olheiras eram consideráveis, como se levasse tempo sem dormir.

Não podia acreditar. Seu pai sempre parecera tão invulnerável e imortal como um deus.

—Tem dores?

Lazar deu de ombros.

—Estou bem se não como.

Ele sacudiu a cabeça.

—Pai, por que não me disse isto em primeiro lugar, em vez de me pôr entre a cruz e espada dessa maneira? Sinto muitíssimo ter perdido a calma aí dentro...

—Não queria que soubesse. Vai ter muitas dores de cabeça quando for o responsável por meio milhão de pessoas. Pôs uma mão firme no ombro de Rafe e deu um apertão. —Talvez o método que utilizei esta noite, com você, seja um pouco despótico, Rafe, mas quero que se case. Não só pela obrigação para com o reino e a família, mas sim por seu próprio bem-estar. Eu também fiz muitas tolices, mas, Deus sabe, eu não gosto de ver o que está acontecendo a você.

Rafe não disse nada.

—Quererá a alguém que de verdade se ocupe de você quando chegarem os problemas... e chegarão. Honestamente digo isso, nunca poderia suportar isto tanto tempo se não tivesse sido por sua mãe.

Rafe afastou o olhar da intensidade que viu na de seu pai e fingiu olhar ao chão, engolindo forte para fazer passar o nó que sentia na garganta. Temia pôr-se a chorar como um menino ali mesmo. E ele ia ser Rei?

—Sim, senhor — balbuciou. Agora que entendia a situação, não podia de maneira nenhuma negar os desejos de seu pai. Não tinha coração para fazê-lo. Casaria-se, embora fazê-lo seria como assinar sua sentença de morte. —Farei o que me pede, embora tema que não haja outra como ela, senhor.

Seu pai sorriu abertamente. Não perdia a coragem, nem sequer sabendo que ia morrer. Rafe se sentiu sobressaltado. O Rei deu um tapinha carinhoso nas costas.

—Nisso tem razão. Venha, vamos. Temos ainda que concretizar alguns detalhes administrativos.

Lazar rodeou com o braço seu filho pelos ombros, fazendo-o entrar na Câmara do Conselho, embora a cabeça ainda desse voltas.

—O fará bem, filho. Deixei tudo falado com dom Arturo para que o ajude...

Se algum dia pudesse chegar a ser metade homem do que era seu pai, consideraria que teve êxito na vida, pensou, ainda emocionado com a notícia.

Não obstante, e sem saber por que, sua cabeça se negava a aceitar a ideia de que seu pai estivesse morrendo.

Possivelmente por isso sua cabeça ficou imediatamente a procurar outras explicações, incluídas algumas bastante sinistras. Mas claro, os médicos deviam ter revisado se fosse veneno.

Se tivessem encontrado alguma substância venenosa, seu pai não teria aceitado o diagnóstico de câncer de estômago. Além disso, quem quereria envenenar o grande e célebre rei Lazar Dei Fiore, também conhecido como Rocha de Ascensão? Sua Majestade era amado e respeitado por todos.

Uma coisa estava clara: Rafe faria uma visita aos médicos da família real para pedir informação a respeito. Decidiu mandar seu próprio cozinheiro para que os acompanhasse na travessia, porque sabia que podia confiar nele plenamente. Substituiria também as provisões do navio antes de partir.

Por sorte, sabia que se seu pai estivesse realmente em perigo, não havia lugar mais seguro para ele que sob o teto de Darius, na Espanha. O feroz e atraente marido de sua irmã foi sempre o guardião da família real, o único homem que soube expulsar os invasores franceses das costas de Ascensão, naquele desgraçado dia, dez anos atrás.

De fato, por muito grande que fosse a ameaça, sempre foram mais fortes quando a família se manteve unida. Um pensamento que deveria ter em mente quando escolhesse sua esposa.

Desta vez, Rafe tomou assento na cabeceira da mesa, com uma expressão de gravidade e agitação. Dirigiu-se aos membros do gabinete para murmurar uma breve desculpa por seu comportamento.

Lazar pigarreou.

—Meu filho e eu chegamos a um acordo. Sua Alteza aceitou escolher uma destas jovens, que nós propusemos, quando eu voltar de minha viagem. As bodas terão lugar então. Não acredito que seja necessário tomar uma decisão agora. Depois de tudo, não queremos que a precipitação faça que logo possa arrepender-se de sua decisão. Neste momento, o príncipe tem muitas outras questões para ocupar-se, assim estou seguro de que todos estarão de acordo comigo.

Os presentes moveram a cabeça, assentindo em silêncio.

Rafe encontrou com o olhar duro, embora esperançoso, de seu pai.

Tinha chegado o momento, o momento de provar que todos se equivocaram com ele. Baixou os olhos em direção às notas que havia passado seu primo, com o coração encolhido. Leu-as por cima, sentindo-se como o aluno que tem que responder a uma pergunta do professor. Assustado ante a ideia de responder mal. Tomou ar e levantou o queixo.

—Muito bem, senhores — disse com um tom de nervosismo na voz — por onde querem que comecemos?

Dom Arturo dirigiu a ele um olhar penetrante e mordaz.

—Por onde quer você que comecemos, Alteza? Rafe olhou-o sem saber o que dizer durante uns segundos. Nestes primeiros segundos de plena autoridade monárquica se sentiu como se subisse em um cavalo de corrida e não soubesse muito bem como controlá-lo. Era desconcertante, vertiginoso, intoxicante. Mas, os anos de estudo, contínuo sobre centenas, de temas diferentes o prepararam para este momento, e o período de aprendizagem tinha terminado.

Quando voltou a falar, sua voz foi firme, autoritária:

—Comecemos com esse assunto da seca. Qual é o estado das reservas de água da cidade? E me deem uma estimativa de quão rápido poderíamos construir mais canais para administrar água às plantações de trigo.

O ministro da Agricultura levantou a mão e se ofereceu para responder.

Rafe escutou-o com atenção, tratando de recuperar o equilíbrio. Pela extremidade do olho viu que seu pai baixava a cabeça e sorria satisfeito.

Capítulo 4

Dani despertou com a luz da manhã que atravessava suavemente a musselina do dossel de sua cama, que fazia às vezes de mosquiteiro. A luz enfocava os tons esvaídos do velho mobiliário. As paredes do dormitório apareciam revestidas de um monótono estuque. Enrugou o nariz ao sentir a dor ardente de seu braço e voltou a fechar os olhos ao recordar a má noite que tinha passado. Depois da visita do príncipe, Dani teve que cavalgar até a vila para comunicar à viúva dos Gabbiano o que ocorreu a seus filhos. Sem dúvida, foi uma das coisas mais duras que Dani tivera de fazer. Entre o temor pelos moços, a dor de seu braço e a lembrança da conversa mantida com o príncipe Raffaele, mal pôde pregar os olhos. E a jornada ia exigir dela todas suas energias.

Durante o dia fazia os preparativos necessários e já de noite, o Cavaleiro Mascarado cavalgaria de novo para resgatar seus amigos.

Sabia que a senhora Gabbiano chegaria logo para acompanhá-la a cidade. Por isso se levantou com um grande bocejo, os olhos aquosos pelo cansaço, e se obrigou a sair da cama. Necessitava de um café, pensou, embora soubesse que devia primeiro dar uma olhada na ferida do braço, pendurou o robe por cima da camisola e desceu as escadas, abençoando mentalmente Maria ao cheirar o aroma de café que vinha da cozinha.

Uma boa xícara de café forte era tudo o que pedia à vida. Sentou-se na mesa, onde uma pequena xícara fumegante a esperava em uma bandeja, no fresco ar da manhã.

A janela da cozinha estava aberta e uma brisa delicada e fresca entrava no cômodo. Trazia o distante aroma do mar e o aroma intenso da hortelã silvestre que crescia entre as ervas do jardim. Não pôde evitar pensar nele ao perceber o sabor mentolado do ambiente: esse cafajeste guloso, com sua cabeleira dourada que pareciam feitas de xarope de caramelo.

Enrugou o sobrecenho levemente e tomou outro gole de café. Oxalá não houvesse dito nada sobre sua filosofia de uma vida independente. Com certeza agora pensava que era uma excêntrica. Mesmo assim, havia sido importante poder tirar esse olhar de piedade que viu em seus olhos, embora fosse apenas para substituí-lo por um de incompreensão machista.

Seus pensamentos derivaram até o convite que fez para ir ao baile. Viu-se obrigada a recusar, pois sabia que estaria muito ocupada tratando de tirar seus amigos do cárcere. Ontem à noite, seus olhares e sua ternura para com seu avô a impediram de suspeitar algo, mas agora, à luz do dia, tanta insistência de sua parte para que assistisse a seu aniversário era estranha.

Enviar uma carruagem para que a levasse? Não mencionou nada de acompanhante. De verdade sugeriu que enviaria uma de suas elegantes mulheres para que a vestisse? Pelo amor de Deus! Com sua reputação, qualquer um duvidaria sobre a verdadeira natureza de tanta generosidade.

Mas logo qualificou essas suspeitas de ridículas. Ele estava acostumado às flores mais formosas da alta sociedade, aos diamantes da melhor qualidade. Um homem como ele não queria a uma ruiva inadaptada como ela, graças a Deus. Esse eloquente demônio com rosto de anjo e verdes olhos não devia ter nenhum problema para seduzir qualquer mulher que se propusesse.

Nesse momento, a porta da cozinha que dava à parte traseira da casa se abriu e seu avô entrou por ela. Dani olhou-o, surpreendida de achá-lo em pé tão cedo.

— Bom dia, querida! Disse alegre.

Sorriu, contente de ver que tinha um dia lúcido, ao menos de momento.

— Como se sente, avô?

— Maravilhosamente bem querida maravilhosamente bem! Disse, o rosto iluminado por um sorriso e sua voz grave mais forte do que o normal. — Passeando um pouco para respirar o ar fresco da manhã e pensando no príncipe Raffaele. Que homem tão incrível, não é, Dani?

Cética o olhou, mas decidiu não contradizê-lo. Parecia feliz, e se o príncipe Raffaele era o responsável pelo sorriso no rosto de seu avô, não seria ela que destruiria suas ilusões. Tinham tão poucas visitas esses dias!

— Por que não deixa que a corteje? Brincou.

— Avô!

Ele riu, dando tapinhas em sua cabeça.

— E por que não? Você não gosta porque não é um homem a quem possa manipular como faz com o resto de nós. Mas isso não significa que não vá cuidar bem de você.

— Posso cuidar de mim mesma, como muito bem sabe — enviou um olhar de recriminação enquanto tomava um gole de café — e estou segura de que não manipulo ninguém.

Ele riu e saiu por onde tinha entrado.

Quando se foi, Dani levou sua xícara de café ao dormitório e o terminou enquanto se vestia para a incursão na cidade. Escolheu seu melhor vestido, um recatado vestido de dia estampado de algodão branco. Mas suas mangas curtas não cobriam a atadura do braço, assim teve que escolher um de mangas longas, lamentando-se pelo calor que passaria. Deste modo, colocou um vestido de manga longa bastante velho que simulava a seda azul. No cabelo, Maria ajudou a fazer uma trança e a colocou em cima da cabeça, em forma de coroa. Feito isto, só faltava pôr as luvas e o gorro para sair de casa.

Gastou alguns minutos para guardar em um grande saco o equipamento que necessitaria de noite para resgatar a seus amigos, e foi justo então que ouviu chegar a calesa da senhora Gabbiano. Com rapidez, Dani revisou uma vez mais o conteúdo do saco. Entre suas calças de montar negras e sua camisa, colocou as três bombas de barro que tinha preparado a noite anterior, e as colocou entre a roupa para protegê-las assim dos golpes. Eram tão grandes como seu punho. Junto a elas colocou uma pederneira para acendê-las, um grande cilindro de corda de pita, seu estoque envolvido em trapos velhos e as botas de montar com esporas incluídas. Por último, colocou a máscara de cetim negro no saco, e o fechou.

Colocando o chapéu, aproximou-se do espelho de parede para amarrar bem os laços sob o queixo. Depois pôs as luvas. Pronta, carregou o saco no ombro e desceu as escadas. Saudou a robusta granjeira, a senhora Gabbiano, que acabava de entrar. Maria acompanhou-as ao exterior da casa. As duas mulheres mais velhas trocaram murmúrios de preocupação enquanto Dani colocava o saco na carruagem da senhora Gabbiano. Depois, selou seu cavalo e o enganchou pela rédea em sua parte traseira.

O braço tinha começado a doer de novo com o esforço. Subiu à carruagem e se sentou ao lado da condutora, a corpulenta viúva de véu negro. Sentiu-se um pouco enjoada pela dor.

— O amigo de Mateo, Paolo, terá seu bote preparado e esperando para nos recolher, aos moços e a mim e nos levar ao continente esta noite — balbuciou a senhora Gabbiano enquanto punha a carruagem em marcha.

Dani assentiu, dolorida ao pensar que ela devia ir com eles, assim como o pequeno Gianni, e Mateo, que tinha sido sempre seu melhor amigo. Preferiu dissimular sua tristeza.

— Tenho os explosivos preparados. Desde que os guardas não se oponham a que entre com você para visitá-los, não haverá problema para que possa levar. Sairão em um momento.

— Espero que seja assim, senhorita — murmurou a mulher enquanto golpeava com as rédeas o cavalo cinza malhado. Dani guardou silêncio. Sabia que a senhora Gabbiano a culpava pela detenção de seus filhos embora nunca o dissesse.

Conduziam para o norte, pelo Caminho do Rei que levava a cidade, quando viram ao longe, um cavalo que vinha, em direção contrária.

Dani estremeceu ao reconhecer o corpo sebo do conde Bulbati que se sobressaía de ambos os lados do animal. O pobre cavalo tratava de manter o trote sob o peso do homem. Bulbati parecia ridículo, como sempre, com sua camisa de babados.

— Paramos? Perguntou a senhora Gabbiano em voz baixa.

—Segue conduzindo. Com sorte, pode ser que tenha pressa e não tenha tempo para conversar.

—Mas me parece que vinha vê-la — grunhiu ela.

—Senhorita Daniela! Que casualidade, minha querida vizinha! O afetado conde cambaleou perigosamente em sua montaria quando fez parar o cavalo.

—Bom dia, senhor. Como pode ver, tenho alguma pressa...

—Cavalgarei então a seu lado, senhorita; quero me assegurar de que está protegida! Para fazer certas suas palavras, o conde desviou a cabeça do cavalo, amaldiçoando e obrigando o animal a caminhar junto à carruagem. Limpou com a mão o suor gorduroso que caía de seu rosto. Tinha uns olhos pequenos e castanhos, com uma expressão perspicaz e mesquinha. Seus lábios eram gomosos e Dani era incapaz de olhá-lo porque sempre os lambia quando ela estava por perto, como se estivesse saboreando um manjar.

—Protegida? Perguntou ela, tratando heroicamente de manter o tom de aborrecimento em sua voz e seu olhar.

— Senhorita Daniela, ouvi que os soldados revistaram ontem à noite sua propriedade e que por fim, esses vis bandidos que nos atemorizaram estes últimos seis meses foram presos! deteve-se, olhando à senhora Gabbiano com desdém. —Ah, você é a mãe desse grupo de lobos. Minha senhora, certamente não fez algo bem quando criou esses seus filhos. Seus roubos envergonharam todo o condado!

"E sobre seus roubos, porco corrupto?", esteve a ponto de replicar Dani, mas se deteve a tempo, sabendo que se o provocava, a única coisa que ia conseguir era fazer com que sua vida fosse mais miserável.

—Ao contrário, senhor — disse com um tom sarcástico —, bandidos ou não, esses moços, cuja culpa tem ainda que ser provada no julgamento; honraram nosso condado. Todo mundo sabe que só roubavam aos ricos e repartiam seu butim entre os pobres.

—Se você fosse uma das ricas, senhorita, me atrevo a dizer que não os acharia nem metade cavalheirescos. —Ouvi que o líder segue solto. Pergunto-me quem será realmente esse cavaleiro Mascarado.

Dani estremeceu. Houve vezes no passado no qual havia sentido que o conde Bulbati sabia de suas correrias e que só estava jogando com ela, levando-a a uma espécie de beco sem saída até tê-la justo onde ele queria.

—Bom — disse com crueldade — é você muito amável por querer me proteger, mas tanto meu avô como eu estamos bem...

—Ouvi que o príncipe Raffaele esteve ali — interrompeu, olhando-a com lascívia, como se quisesse desafiá-la.

Olhou-o com frieza, cheia de ódio. Podia sentir a sórdida indireta em suas palavras.

—Assim é. Sua Alteza dirigia o destacamento.

Bulbati se inclinou para ela, enquanto o pobre cavalo que montava resistia ante semelhante peso.

—Acaso esse cafajeste fez alguma insinuação indecente, senhorita?

Dani olhou friamente para o caminho.

—Certamente que não, e o recordo que está falando do futuro rei de Ascensão — disse, e recordou que essa circunstância não a deteve na hora de golpear Rafe, o Libertino, aonde de verdade doía.

Bulbati parecia satisfeito com sua resposta. Endireitou-se de novo em sua sela com um olhar presunçoso.

—Na realidade, querida, trago notícias da cidade que vão surpreendê-la.

—Ah, sim?

—Ah, sim; bastante, na realidade.

Ela esperou, mas ele queria desfrutar com seu segredo.

—Não tem curiosidade? Espetou-a, olhando-a com um lampejo ansioso nos lábios.

Ela afastou os olhos, enojada.

—Quais são essas notícias, senhor? Perguntou irritada.

—Está bem, o direi. Esta manhã, sem prévio aviso, Sua Majestade saiu em uma viagem de prazer com a Rainha e o pequeno príncipe Lorenzo. O cafajeste foi nomeado príncipe regente em sua ausência!

Ela se voltou para olhá-lo, sentindo-se como se uma mula desse um coice em sua barriga.

—Tem certeza disso? Perguntou, sem poder conter-se. Ele arrumou as penas.

—Ninguém fala de outra coisa na ilha!

Dani e a senhora Gabbiano trocaram um olhar de desespero. A mudança de poder da Coroa às mãos do príncipe Raffaele não seria uma vantagem para os moços.

Então, Dani notou uma luz de cobiça nos olhos do conde, e quase podia ver as moedas de ouro dançando em suas pupilas. Olhava ao horizonte, sem dúvida lambendo-se com a ideia de que um bufão ocupasse agora o trono, já que desta forma todos os Bulbati do reino poderiam fazer o que quisessem, sem que ninguém pudesse castigá-los.

Sem o rei Lazar no trono, Ascensão mergulharia no caos.

—Onde disse que ia, senhorita? Perguntou Bulbati, saindo de seu ensimesmamento.

—Não disse — replicou com bastante insolência. Acaso devia conhecer esse homem cada detalhe do que fazia? Não estavam longe do caminho que levava aos domínios do conde.

—Ah, bom, Deus me livre de parecer curioso — disse, com uma suave recriminação. — Quem sou eu para fazê-lo, a não ser um bom cristão da vizinhança que está preocupado por sua segurança?

—Vou à cidade — grunhiu ela.

—Mas para que? Choraminguou. —Você odeia a cidade, querida.

Olhou-o.

—Caridade. Vou visitar os pobres. Gostaria de me acompanhar?

Seus pequenos e repugnantes olhos se abriram. Puxou da corrente seu relógio de bolso.

—Ai, Deus, mas olhe que horas são! Teria que estar de volta em casa. É quase a hora do almoço. Possivelmente a próxima vez, querida. Ah, aqui está minha casa. Tem certeza que não gostaria de unir-se a mim para repor forças?

—Obrigada, senhor. Mas temos pressa. Pode, comer sozinho todos esses bolos que tanto gosta.

—Ah, claro, claro! Seus olhos se acenderam com desdém. Despediram-se acenando, rindo entre si enquanto ele entrava penosamente pelo caminho que levava a sua casa. A senhora Gabbiano moveu a cabeça, tocou ao cavalo e retomaram o passo.

Logo o calor do meio-dia se tornou sufocante, sob um céu azul clamoroso. A senhora Gabbiano sacudiu as rédeas, advertindo com veemência aos pedestres que se afastassem do caminho enquanto fazia circular a grande carruagem pelas buliçosas ruas de Belfort. Dani queria que a carruagem parasse já de estralar. Tinha medo das bombas, porque justo antes de entrar na cidade, detiveram-se um momento e ela as amarrou com uma correia à coxa.

Era a única maneira que encontrou para introduzi-las no cárcere. As bombas de argila continham pólvora suficiente para fazer um buraco de mais de metro e meio na parede da cela dos moços.

Frente a elas, a praça parecia mais abarrotada do que o normal. A roupa pendurava ao sol em cima de suas cabeças, balançando-se com o vento que penetrava pelas estreitas ruas pavimentadas.

Justo ao chegar à praça, os sinos da catedral começaram a dobrar para missa de tarde. Além do repicar dos sinos, Dani pôde distinguir um som de golpes. Em meio da praça, alguns homens construía uma forca. O frio subiu pelas costas, apesar do mormaço.

A praça estava cheia de curiosos que murmuravam e discutiam sobre as últimas notícias: a captura do bando do Cavaleiro Mascarado e a ascensão ao trono do príncipe Raffaele. Respirava-se um ambiente tenso. Os anciões se agrupavam aqui e lá, fumando e murmurando, seus rostos bronzeados pelo sol cobertos por chapéus de abas longas.

As mulheres foram entrando na missa, e as crianças brincavam de correr, gritando entre a multidão, e jogando com uns paus como se tivessem em um torneio de espada. Formou-se uma longa fila para as rações de água, a lei permitia três garrações ao dia para cada casa, e os soldados vigiavam que a ração se cumprisse.

Os vendedores ambulantes vendiam, em seus postos, pimentas vermelhas, abobrinhas, laranjas, damascos e uvas. Uma anciã vendia flores que levava em uma cesta atada ao lombo de um burro. As carruagens retumbavam pelas quatro ruas que levavam a praça, com um som de arnês discordantes que se confundia com o rítmico ruído de fundo dos martelos golpeando as pranchas que formariam a força para seus amigos, — e se a pegassem — também para ela.

A senhora Gabbiano e ela se olharam preocupadas e seguiram até o estábulo da cidade, no qual trabalhava a cunhada da mulher. Deixaram ali a carreta e o cavalo de Dani. Dani afundou o saco que continha seu traje sob uma pilha de feno que havia em um dos departamentos. Depois, ela e a viúva se agarraram pelo braço e caminharam resolutas para o cárcere. Enquanto caminhavam entre a multidão, chegava aos ouvidos comentários de que o Cavaleiro Mascarado viria com toda segurança resgatar seus amigos. Outros juravam que esperariam no lugar para poder ver em carne e osso os famosos bandidos.

Dani não podia evitar tremer ao ouvir essas amostras de confiança do povo e tratou de evitá-las, concentrando-se na missão que tinha em mãos.

Ao cruzar por uma das ruas, tão ruidosa como as demais, uma carruagem enorme passou tão perto que esteve a ponto de fazê-las cair. Dani saltou para trás e se afastou do caminho, puxando pelo braço a senhora Gabbiano. A seu passo capengante, Dani pôde ver que levava uma boa variedade de estranhas e coloridas máscaras de disfarces. A carruagem tinha a direção do misterioso palacete de lazer do príncipe. As máscaras eram provavelmente parte da festa de aniversário que daria, pensou.

O baile seria sem dúvida o mais selvagem que a ilha jamais viu, considerando que o pai de Raffaele cedeu o país inteiro como presente de aniversário.

As duas mulheres rodearam o lugar por uma das laterais e subiram os degraus proibidos da entrada do calabouço de Belfort. Identificaram-se aos soldados da entrada e conseguiram que as deixassem entrar no escuro hall, onde rogaram ao guardião que lhes deixasse fazer uma visita.

A senhora Gabbiano falou com eles, enquanto Dani esperava atrás, com a cabeça baixa, esforçou-se em parecer tímida e recatada, sabendo muito bem, entretanto, que as bombas permaneciam seguras presas a sua perna. O coração pulsava a toda velocidade, e a emoção quase a embriagava. Não podia acreditar no que estava fazendo: entrar na boca do lobo enquanto dúzias de soldados estavam aí fora procurando o Cavaleiro Mascarado.

—Está bem, está bem. Não quero ouvir mais choramangações. Pode passar para ver — grunhiu um dos ásperezos guardiões por fim, afastando com a mão uma mosca que revoava perto. Depois as conduziu por um corredor escuro, úmido e frio. Ao final do mesmo, abriu-se uma pesada porta que tinha uma janelinha de grades. —Dez minutos — voltou a grunhir, fechando a porta atrás dele com um golpe.

Dani ficou de lado enquanto a senhora Gabbiano abraçava seus filhos com lágrimas nos olhos, um por um. Os óculos do pobre Alvi estavam quebrados, e o grandalhão, e, bonachão Rocco era o mais ferido gravemente. Pensou que deviam ter batido nele, porque os homens menores sempre tratavam de medir-se com Rocco e fazê-lo brigar, embora ele raramente perdesse a calma. Mateo, pelo contrário, parecia tão aceso que mal podia falar. De fato, todos eles guardavam um estranho silêncio.

—Mas onde está meu Gianni? a senhora Gabbiano perguntou de repente. —Onde está minha criança? Quero vê-lo.

Os maiores afastaram o olhar.

—O que ocorre aqui? Onde está Gianni? Diga-me o que está se acontecendo! Gritou a mulher, seu instinto maternal dizia que algo ia mal. —O que fizeram a meu pequeno?

Então Dani e a senhora Gabbiano escutaram emocionadas e em silêncio o que Mateo lhes disse:

—Ontem à noite, um homem veio para levá-lo.

—Quem era? Respirou Dani.

—Não sei seu nome. Nunca o tinha visto antes. Era jovem e o guardião o chamou "senhor". Disse-nos que vinha da parte do príncipe. Acredito que era um dos amigos do príncipe Raffaele.

—Liberaram Gianni? Chorou.

Mateo a olhou.

—Não. O homem deixou bem claro que se não disséssemos a identidade do Cavaleiro Mascarado, nunca voltaríamos a ver Gianni de novo.

Ao ouvir isto, Dani sentiu que sua alma era rasgada. A cela parecia encolher, como se a engolissem. Ficou ali, gelada, enquanto a senhora Gabbiano, sempre tão tranquila, perdia os nervos e gritava que a deixassem ver seu filho.

Dani apenas a ouvia, insensível pela comoção. Tinha cometido o engano de não prever este desastre.

Era ela quem tinha pedido ao príncipe Raffaele que ajudasse o menino. Nunca imaginaria que pudesse separar Gianni dos outros e utilizá-lo como isca para conseguir a identidade do Cavaleiro Mascarado. Era mais esperto do que tinha imaginado. E mais perverso.

Dani se dirigiu a Mateo.

—Aonde o levaram?

—Não estou certo — disse seu amigo, muito sério. —Ali, acredito. Assinalou pela janela.

Sua vista seguiu a linha do dedo. Como se estivesse em transe, caminhou até a janela da cela e olhou para fora, enquanto os moços tratavam de acalmar sua mãe.

Da janela, pôde ver a força na praça e aos ferozes soldados patrulhando entre a multidão. E sobre as árvores, viu as torres em forma de agulhas açucaradas do palácio do príncipe.

Ao longe, chegou o som dos prantos da senhora Gabbiano e as palavras de consolo de seus filhos. Sem dizer uma palavra, Daniela ficou firme como aço.

"Raffaele Dei Fiore — pensou — isto é guerra".

Saiu da linha de visão da janela e pediu aos moços que olhassem para outro lado. Levantou com rapidez a prega das anáguas à altura de um de seus joelhos e tirou as bombas e a pederneira. Depois deixou a saia cair de novo. Levou à parte Mateo, deixando que outros seguissem reconfortando a sua mãe.

—Utilize isto à meia-noite — ordenou com um murmúrio cheio de determinação. — Coloque-as no batente da janela e quando ouvir que os sinos tocam doze horas, acenda os pavios. Ponha a mesa de lado para que possam esconder-se atrás e se protegerem da detonação. A corda os ajudará a descer pela parede. Tentarei distrair os guardas e sua mãe estará esperando com a carruagem. Conduzirão até a costa, onde Paolo os esperará com um bote de pesca para levá-los ao continente. Dei a sua mãe ouro para que os ajude em seu caminho para Nápoles, onde se encontrarão com seus parentes.

—E meu irmão? Perguntou enquanto se apressava a esconder o que recebera sob o catre que havia no chão. —Não podemos escapar sem ele.

—Eu tirei Gianni daqui — disse com tranquilidade, mas com firmeza, olhando em direção ao longínquo palácio.

—Não, nem pensar! Sussurrou Mateo, zangado, aproximando-se dela. —Nem sequer deveria estar aqui, Dani! É a você a quem procuram!

—Posso fazê-lo. Não se virou para olhá-lo. Não queria que ele visse seu medo. —Eu os coloquei nisto e eu os tirei.

Ele começava a proibir que se arriscasse mais, instruindo-a como sempre fazia, como um irmão maior, mas Dani não o escutava. Ela só pensava em seu inimigo.

Na outra noite, havia se sentido como peixe na água quando achou o príncipe Raffaele no Caminho Real.

Esta noite não ia ser tão fácil: devia entrar no mundo dele, um mundo de brilhantina e pecado.

Daniela decidiu ir ao baile.

As sombras do entardecer se desenhavam no chão da pequena galeria. Orlando tratava de ouvir a conversa que tinha lugar no aposento contíguo, em pé, em um silêncio sobrenatural, apoiando as costas na parede.

—Como disse, Alteza — dizia o médico real, claramente aborrecido com a situação — estudei Sua Majestade fazendo-o ingerir durante três dias diferentes venenos, e embora pensasse que os sintomas fossem parecidos, não pudemos achar nenhum rastro de veneno nem na comida nem na bebida do Rei.

—E como sei que posso confiar em você? Como posso saber que, se meu pai está sendo vítima de seus inimigos, você não faz parte do complô? Perguntou o príncipe com severidade.

—Está sugerindo uma conspiração, Alteza? Perguntou o velho doutor desconcertado. —Está me acusando?

Orlando aguçou o ouvido, muito interessado na resposta, mas Rafe demorou a responder.

—Isso; veremos. Vou levar estes arquivos para que os examine algum de meus médicos.

—Como quiser, Alteza. Em qualquer caso, fiz tudo o que pude por Sua Majestade. Se conhecesse alguma outra forma de ajudá-lo...!

—Há alguém mais que tenha trabalhado neste caso?

—Só o doutor Bianco.

—Onde posso achá-lo?

—Bom, senhor, morreu faz três meses.

Retesaram-se os músculos de Orlando com o silêncio que se seguiu.

—Como? Perguntou Rafe.

—Enquanto dormia Alteza. Há alguns anos tinha problemas de coração.

—Onde estão suas notas sobre a situação de meu pai? Levarei isso também.

—Certamente, senhor. Irei buscá-las. Tem toda minha colaboração...

Orlando se afastou da parede enquanto o homem se inclinava com respeito. Voltou-se e deixou em silêncio o corredor, desaparecendo antes que o príncipe deixasse o estúdio do médico.

"Maldito seja".

Depois de anos de preparação, de tantos dissabores, Orlando não havia podido antecipar este giro dos acontecimentos. Não devia ter acontecido deste modo. Tudo se foi ao inferno em umas horas.

Tinha que achar Cristoforo antes que Rafe o fizesse. Era tudo o que sabia. Havia pouco tempo para desfazer-se das provas.

Felizmente, eliminou os arquivos do doutor Bianco depois de enviar o velho intrumetido à tumba. Mesmo assim, Rafe estava na pista correta. Não demoraria muito em descobrir tudo, e Orlando tinha ao menos que estar a um passo na frente dele.

Orlando saudou com amabilidade um par de mulheres que se dirigiam pelo corredor central do palácio à entrada principal. Depois, pediu a um atento criado que selasse seu cavalo e o trouxesse. Esperou pensativo, enquanto acendia um cigarro.

Sua posição poderia ser pior, supôs, e exalou uma baforada de fumaça com o sol esquentando o rosto. O Rei não estava morto, mas ao menos Sua Majestade e seu modesto

querubim Lorenzo estavam fora de jogo. O que fazia que só ficasse Raffaele, que era precisamente o que menos o preocupava. O jogo estava longe de terminar. Além disso, ele poderia adaptar-se. *Como teria sobrevivido se não o fizesse ao pesadelo que foi sua vida?*

Quando viu que seu negro cavalo era trazido do estábulo, apagou o charuto em uma urna cheia de areia posta ao pé da escadaria para esse propósito e subiu no cavalo. Lançou ao cavaleiro uma moeda e saiu dali, cavalcando pela parte mais sofisticada da cidade, construída com casas pastel. Não demorou muito em trocar de bairro, e entrar em um muito mais sórdido. Antes de desmontar, olhou para trás para assegurar-se de que ninguém o seguiu. Estava junto a uma taverna imunda que albergava um bordel no piso de cima. Deu instruções ao menino da porta para que cuidasse bem de seu cavalo, e depois entrou lentamente naquela pocilga, preparado para tirar sua faca se fosse necessário.

A taverna estava às escuras e cheirava a suor humano e tabaco, vinho azedo e ferrugem. Dirigiu-se diretamente ao balcão, fazendo um gesto ao garçom.

—Carmen está trabalhando?

O homem olhou-o, sem deixar de secar os copos, notando sua fina indumentária. Orlando não se alterou e sustentou o olhar com frieza. Finalmente, o homem fez um gesto indicando as estreitas escadas de madeira.

—Quarto seis, senhor.

—Obrigado. Orlando pôs uma moeda no balcão e caminhou para as escadas, lançando uma olhada aos homens com aspecto de valentões que se sentavam na escuridão.

Silenciosos, embalavam suas jarras de cerveja e vinho barato. Ao chegar ao quarto seis, Orlando ficou escutando um momento do lado de fora, entreabrindo os olhos com impaciência ao ouvir o jovem casal abraçando-se com frenesi.

Bateu na porta com vigor, utilizando o punho enluvado de negro.

—Cristoforo — disse em voz baixa, embora autoritária. O ruído do interior cessou. Depois, ouviu alguns sussurros preocupados. Agarrou o pomo da porta e tentou abrir. —Se vista, rápido.

Os sussurros se fizeram mais frenéticos.

—Tenho que ir, não gosta que o façam esperar.

—Mas Cristoforo!

—Tenho que fazer o que me diz, Carmen!

—Por quê?

—Acaso acha que poderia te pagar só com meu salário?

—Deixa que vá, Carmen, ou racharei seu bonito cangote — disse Orlando, com um tom sedoso. Não cabia nenhuma dúvida de que a jovem de cabelo negro valia cada sétimo do que custava.

—Por favor, meu senhor! Disse o jovem cozinheiro, preocupado pelo pranto que sua ameaça provocou na garota. —Já saio! Saio agora mesmo!

Orlando exalou um suspiro de impaciência e começou a caminhar sobre o imundo tapete vermelho que cobria o chão do corredor, pisando-o com suas botas negras.

Sorriu com arrogância ao escutar o chiado dos quartos situados em ambos os lados do corredor. Pouco depois, o jovem e enxuto cozinheiro Cristoforo saiu do aposento número seis.

Orlando deu uma olhada à encantadora Carmen, com a pele cor azeitona, que esperava nua atrás de Cristoforo. Com pouco mais de dezessete anos, tinha um corpo ágil e uns lábios vermelhos, e podia dizer a primeira vista que o jovem não tinha proporcionado prazer nenhuma só vez. Orlando dedicou a ela um olhar ardente cheio de promessas. Ela respondeu com o cenho franzido e fechou a porta em seu rosto.

Sorrindo, Orlando se voltou para Cristoforo, um jovem gorducho de estranho cabelo vermelho. Suas faces estavam coloridas, nada estranho tendo em conta o lugar no qual Orlando o tinha encontrado.

—Sinto interrompê-lo. É seu dia livre, não? Perguntou Orlando com amabilidade.

—Sim, senhor — murmurou o moço.

—Então, suponho que não sabe o que ocorreu esta manhã.

—Ocorreu? Não, senhor.

Orlando olhou-o fixamente por um momento, tentando a afundar a faca no estômago do rapaz ali mesmo. Em vez disso, o pegou pela nuca e o levou até as escadas, caminhando com ele sem soltá-lo um momento, implacável.

—Sua Majestade foi à Espanha de férias, menino. Eu gostaria de indicar que não está entre sua tripulação. Isto me desgosta, Cris.

O moço subiu as sobancelhas, assombrado.

—Não sabia, senhor! Não sabia! Ai, Deus, senhor! Não avisaram? Como vamos A...?

—Cale-se — grunhiu.

O rosto de Cristoforo, cheio de sardas, corou. Orlando se deu conta de que o moço sabia o perigo que supunha contrariá-lo ou falhar.

—Não, Sua Majestade não nos avisou de seus planos. Mais tranquilo, Orlando sacudiu uma penugem de sua manga negra. —Felizmente, encontrei uma alternativa.

—Graças a Deus! Suspirou com alívio o moço. —Não é minha culpa, senhor, eu não fiz nada, eu só não...

—Desça as escadas antes que o atire por elas — interrompeu em voz baixa.

O moço engoliu saliva e obedeceu imediatamente. Ao final, voltou-se e olhou para Orlando.

—Senhor, não... Não vai fazer mal a Carmen, não é? Orlando sorriu.

—Isso depende de você, Cris. Está preparado para me ajudar? Acha que poderá evitar outra gafe?

—Sim... Sim, meu senhor — assentiu com voz rouca.

—Bem. Então, comecemos por ensaiar o que vai dizer ao primeiro-ministro, como o príncipe Raffaele esteve te pagando para envenenar o rei Lazar.

Capítulo 5

Uma fileira de tochas acesas iluminava o longo caminho que levava até o palácio. A calesa puxada por dois cavalos brancos em que Dani se encontrava, uniu-se à fila de carruagens que esperavam a vez de deixar seus passageiros na entrada esculpida de mármore rosado do palácio de Raffaele. Os lábios de Dani se abriam em múltiplos gestos de admiração ao ver a majestuosidade dos perus reais e dos cervos albinos que pastavam nos jardins. Com os olhos abertos, levantou a cabeça para ver as agulhas de estilo árabe e a cúpula de bronze e ouro que contrastava com o azul índigo do céu.

Como se tivesse saído das mil e uma noites, parecia um castelo mágico todo coberto de caramelo, pensou assombrada. A essa distância já podia ouvir a orquestra, cuja música penetrava pelas janelas ogivais, e o ambiente de excitação que se respirava no ar.

Havia um grupo de malabaristas e histriões saltando na erva com seus gorros de três pontas. A noite a envolvia como veludo azul sob um manto de estrelas de diamante e o mar trazia um ar fresco que relaxava seu rosto depois do calor de todo dia.

Olhou em todas as direções com ansiedade, sem poder evitar sentir-se emocionada como uma menina em seu primeiro baile. Era difícil manter a serenidade que necessitava a missão dessa noite.

Um pouco antes, nesse dia, depois de deixar o cárcere, cavalgou de volta a casa para conseguir o veículo adequado com o qual ir ao baile. O problema havia sido resolvido "tomar emprestada" a luxuosa carruagem do conde Bulbati e dois de seus cavalos. Seu vizinho nunca saía de noite, assim tinha a esperança de que não chegasse a notar a ausência. Depois, voltou para casa para escolher o vestido que usaria à noite: o único que tinha e que podia passar como traje de noite.

Seu pequeno corpo ia coberto de seda azul em tons claros. De sua cintura caía uma sobre saia bordada com flores rosa, aberta na parte dianteira por debaixo do joelho, que deixava ver debaixo anáguas brancas. Estava certa de que seu vestido estava um pouco fora de moda, mas era bastante elegante para um baile e, além disso, suas longas mangas serviam muito bem para cobrir a ferida do braço, e as anáguas eram suficientemente longas para esconder as roupas de ação que usava sob o vestido, incluídas as esporas.

Assim que tirasse Gianni do palácio do príncipe, teria que se trocar rapidamente e distrair os guardas da praça da cidade para afastá-los do cárcere.

Desta forma, Mateo e outros poderiam escapar dali. Precisaria desfazer-se do vestido, vestir sua camisa negra, seu colete e sua máscara, e cavalgar.

No momento, viu que alguns dos convidados estavam disfarçados, alegrou-se de ter trazido uma máscara de seda azul combinando com o vestido. Ajudaria-a a se misturar com a multidão e passar despercebida. Sabia que o único que podia arruinar seus planos era o príncipe Raffaele se a visse e se lembrasse dela.

Ao olhar a seu redor, afastou logo esse pensamento. Havia muitas pessoas, e a maioria das mulheres era tão espantosas e chamativas que estava certa de que ninguém se fixaria nela. Por fim, chegou à vez dela de entrar. Um impávido mordomo a convidou a entrar com uma das sobancelhas levantadas.

Passou por um esquadrão de criados movendo-se de um lado a outro para fazer-se com os chapéus dos cavalheiros e indicar às mulheres o caminho para o toucador.

Ela se limitou a passá-los em silêncio, com um sentimento de urgência nas veias.

Sem dar-se conta de que não respirava, caminhou lentamente, passo a passo, pelo palácio do príncipe Raffaele.

Embragada pela música e os maravilhosos aromas de comida e perfume, sentia-se como em uma nuvem. Olhou tudo, com os olhos bem abertos pela admiração.

Tudo era tão bonito! Era como um sonho.

Os candelabros pareciam montanhas de gelo delicadamente esculpido. O chão era de mármore negro e branco, como um grande tabuleiro de xadrez.

As paredes estavam cobertas de seda vermelha bordada com botões dourados. Do teto caía uma chuva lenta de confetes coloridos e quando levantou o olhar, viu duas garotas em um trapézio, com seus esbeltos corpos cobertos por um vaporoso tecido de seda. Balançavam-se lentamente sobre as pessoas, diante e atrás, rindo e atirando confete.

Dani se viu rodeada por mulheres que saudavam umas as outras com alegria e elegância, mas ela permanecia sozinha. Levantou a cabeça e olhou mais e mais acima, além da chuva de confetes e das garotas no balanço. A sala de baile estava exatamente debaixo da famosa e alta cúpula, que tantas vezes viu à distância. Do chão até o ápice, devia haver uns trinta metros de altura, pensou com assombro. Vislumbrou com fascinação os afrescos pintados na longínqua abóbada e quase gritou ao ver a representação de uma orgia bucólica, onde as ninfas nuas se emparelhavam com atléticos sátiros e promíscuos deuses.

Desconcertada pela obscenidade das imagens — era o tipo de arte que esperaria de um homem como ele — desviou o olhar as laterais da abóbada.

Junto à borda dourada de sua base, obscurecido pelas sombras, pôde mal perceber uma estreita galeria, uma espécie de passadiço de onde podia observar à multidão. Viu uma figura solitária ali em pé, apartada e altiva, completamente imóvel.

Pressentiu, sem nem sequer vê-lo, de quem podia tratar-se.

As pernas tremeram ao sentir o perigo que subjazia neste lugar coberto de purpurina. Seus sentidos vibraram ao unísono ao ver a escura figura do príncipe ali acima, mas se esforçou em voltar para que era seu propósito.

—Chloe Sinclair! Não parece divina?

—Olhe esse vestido! Deve custar uma fortuna!

—O orgulho dos cenários londrinos!

—Ouvi que se conheceram em Veneza quando ele fazia seu grande tur.

A mulher que falava no final da fila de recepção era uma criatura radiante e caramelada, uma pérola rosada no coração do palácio mágico de Raffaele.

Dani estava ensimesmada com a beleza de Chloe Sinclair, quando caiu na conta de que era a amante do príncipe — sua concubina, uma qualquer, em definitivo — e que ela, da grande família dos Chiaramonte, estava a ponto de ser apresentada a essa mulher, como se uma rainha tivesse que se apresentar a esta criatura que tinha saído de não se sabia que esgoto londrino.

Dani olhou ao redor com repugnância, procurando uma forma de afastar-se, mas a curiosidade a manteve na fila. Ela nunca conheceu antes uma mulher da rua.

Chloe Sinclair parecia estar entre os vinte e cinco e trinta anos. A delicadeza de seu rosto era perfeita, seu cabelo do brilho das moedas de ouro. Tinha os olhos azuis como o céu, e uma formosa marca bem debaixo da comissura da boca. A brancura de sua pele era realçada por um vestido de seda branco, mas suas curvas desenhadas de forma espetacular por um decote excessivamente baixo, não deixavam lugar a dúvidas porque atraía Rafe. Era vergonhosamente claro.

Dani sentiu a necessidade de tirar o xale dos ombros e cobrir com ele os grandes seios de Chloe Sinclair.

Ao olhar a seu redor, deu-se conta de que embora muita gente se sentisse impressionada pela beleza glamorosa e a fama da senhorita Sinclair, outros pareciam tão desgostados como a própria Dani.

Na realidade, no que estava pensando Sua Majestade para apresentar uma mulher assim como anfitriã? Só Deus sabia quantos representantes das melhores famílias ofenderia com este gesto infantil tão inapropriado.

Quando chegou sua vez, Chloe Sinclair a saudou em um italiano salpicado de acento inglês. A opinião que Dani tinha de Raffaele caiu ainda mais quando viu o brilho de narcisismo que

emanava dos olhos da atriz. Parecia bêbada de vaidade, desfrutando penosamente em sua posição como anfitriã do príncipe. Era mais do que Dani podia suportar, pelo que decidiu não responder a sua saudação. A senhorita Sinclair se sentiu instantaneamente ofendida pela falta de entusiasmo por ela.

Sua boca carnuda se enrugou, mas Dani afastou o olhar e seguiu caminhando com desprezo.

Decidiu não perder mais tempo em tanta curiosidade acidentada sobre as intimidades do príncipe. Em algum lugar desse recinto de perversão, um menino a esperava para ser resgatado.

Começou a caminhar sem um rumo muito fixo por entre a multidão até chegar a um dos extremos do salão de baile. Inclusive uma absurda fonte da que fluía jorros de vinho através de canaletas com forma de boca de peixe prateados. Rodeou diferentes grupos de convidados que conversavam entre si, as mulheres vestidas com trajes esplêndidos de todas as cores do arco íris, apesar de que a maioria dos homens se vestia de negro. Aqueles mais atrevidos se vestiram com a mais estranha indumentária, como se fosse carnaval.

Em seu afã por achar o caminho, Dani esquivou-se dos mordomos que levavam bandejas carregadas de copos de vinho e um maravilhoso sortido de canapés: pequenas tortinhas de peixe-espada defumado coberto da polpa laranja dos ouriços de mar, queijos doces, caracóis, caviar e puleiros rosas, como o coral, marinhados de limão.

Havia frutas: figos e damascos confeitados, pêssegos em vinho, galhos de laranja, cobertos de açúcar, lustradas e adornadas com a hortelã doce que crescia de forma silvestre em Ascensão.

Um mordomo se deteve para oferecer um vasilho de licor adocicado elaborado com amora, mas não se atreveu a aceitar. Sentia-se tentada a provar todas essas delicadezas exóticas que passavam por seus olhos, mas a periculosidade de sua missão tinha fechado seu estômago.

Passou perto de um dos jovens nobres que rodeavam Raffaele. Tinha empurrado uma mulher contra uma coluna e sorria enquanto lhe dava de comer uma ostra em sua concha, acariciando seu pescoço enquanto ela levantava a cabeça para tragar com os olhos fechados.

Um calafrio de sensualidade deslizou pelas veias de Dani ao ver os amantes, mas rápido baixou o olhar e apertou o passo, enquanto ouvia à mulher murmurar que as ostras eram afrodisíacas.

Visivelmente envergonhada, roubou olhares de culpa nos outros jovens do círculo mais próximo a Raffaele. Mantinham-se a pouca distância, belos e ansiosos, como aves de rapina. Observavam à multidão com aborrecimento. Dani não pôde evitar fixar-se em um deles, o antissocial Adriano Dei Tadzio, cuja escura e sedutora beleza levou a maioria das mulheres à ignomínia.

Fez uma careta ao recordar a noite em que o roubou. Se não fosse tão arrogante, talvez não houvesse sentido a necessidade de humilhá-lo.

Mais adiante reconheceu o loiro e magro visconde Elan Berelli, que era possivelmente o único deles a quem podia considerar como decente. Tinha o nariz grande e um porte ligeiramente curvado. Sua cabeça jogada para frente dava a ele o ar de uma águia ratoeira. Diziam que estava se preparando para ser o próximo primeiro-ministro.

Nesse momento, o som de uma risada profunda e envolvente a não mais de dois metros de distância fez que ficasse petrificada onde estava.

Ao olhar devagar por cima do ombro, viu Raffaele que se sobressaía como um colosso dourado entre uma multidão de mulheres e homens que o olhavam, como ensimesmados, pendentes de cada uma de suas palavras.

Dani olhou-o também, incapaz de afastar os olhos dele. Ao vê-lo, um redemoinho de emoções golpeou seu peito, como uma rede de pesca que está sendo puxada para fora do mar. Aí estava, pensou com uma estranha angústia que sua valentia não podia mascarar. Era um deus que desceu para desfrutar com a adulação de seus súditos. Apolo, possivelmente.

"O solteiro mais desejado do mundo".

Seus olhos se detiveram em seu cabelo dourado pelo sol, em sua pele bronzeada, o branco fulgor de seu sorriso malicioso, a força e a vitalidade na expressão de seu rosto esculpido de uma vontade indomável, mas moderada pela amabilidade de seus olhos e a fortaleza de seu inato esnobismo. Suas sobrancelhas eram castanhas claras e sua boca era deliciosamente sensual. Em qualquer outro homem a cor azul safira de sua capa seria tachada de dandismo, mas nele era esplêndida.

A extravagância de seu longo cabelo e sua pele brilhante era suavizada pela discrição de seu lenço e a profunda inteligência que inspiravam seus olhos, amarelo esverdeados, como o topázio.

Dani recuperou a respiração e afastou o olhar, com sua magnífica imagem já cinzelada em sua cabeça.

Amaldiçoou a si mesma por admirar um cafajeste tão descarado, embora devesse admitir que o príncipe Raffaele superava os outros homens da sala por algo mais que por sua indecente conduta. Era algo intangível. Podia sentir o domínio que exercia sobre ela de uma forma tão real quanto estava ali em pé. E o que era ainda pior, não era imune a ele.

Ignorando esta atração tão repentina, tratou de seguir caminhando e esforçando-se em sua busca.

Não necessitava suas amostras indecentes de amizade, piedade ou generosidade. Nem dele, nem de nenhum outro homem. Ela podia cuidar de si mesma. Sempre o fez. Chegou à borda do salão de baile e escapou por um dos salões contíguos. Achou-se em um escuro e vazio corredor. Dando uma olhada ao longe, viu que ao final dele havia uma escada de mármore. Os degraus ziguezagueavam em três lances até chegar ao piso superior. Uma vez acima, foi aproximando-se de cada uma das portas que havia em ambos os lados do corredor, sussurrando o nome de Gianni tão alto como acreditou conveniente. Apressou-se a descer ao seguinte piso e repetiu o processo, detendo-se em todas as portas.

Não ajudava muito que a metade dos corredores estivesse decorada com pinturas de jogos visuais na parte do fundo. Mais de uma vez, caminhou diretamente para uma parede, pensando, por culpa das pinturas tridimensionais, que o corredor continuava, ou que estava entrando em outro aposento.

Sem dúvida, o príncipe teria rido ao vê-la comportar-se de uma maneira tão desajeitada e estúpida.

Quando esgotou todas as possibilidades nessa seção sem resultado, voltou para as escadas e experimentou outra ala do palácio, repetindo o processo.

Uma vez mais, não achou nem rastro do menino.

Quando revistou o segundo piso da outra ala sem resultado, suas esperanças começaram a fraquejar. Possivelmente Raffaele levou Gianni a outro edifício. Mesmo assim, percorreu com decisão o corredor, pronunciando seu nome um pouco mais alto.

De repente, na parte mais afastada do corredor, escutou um débil som, o uivo de um mocho, o sinal que Gianni costumava utilizar. Contendo o fôlego, achou rapidamente o aposento em que o encerraram.

— Senhorita Dan, é você? Estou aqui! A porta está fechada, Dan!

— Gianni! Espera um momento, o tirarei daí!

Com toda rapidez, tirou um grampo do penteado e se agachou, concentrada na fechadura. Depois colocou a máscara na frente para poder ver melhor na penumbra em que se achava o corredor. Com cuidado, introduziu o grampo no olho da fechadura, frustrada pelo tempo que demorava abri-la. Forçar fechaduras não era seu forte. Por fim, ouviu como a engrenagem cedia. Abriu a porta e entrou como um torvelinho.

— Gianni! — correu para ele, segurando os magros braços para examinar o menino com um olhar preocupado. — Está bem? Feriram-no?

De repente, parou. O menino tinha um aspecto limpo e impecável, vestido com uma bermuda, uma pequena jaqueta e um pequeno lenço amarrado ao pescoço. Seu cabelo foi orvalhado de azeite e penteado de lado.

—Deus bendito, Gianni, o que te fizeram? Exclamou. —Está limpo!

—Sim! Disse ele zangado. —Essa criada louca me colocou na banheira e me pôs estas roupas de menino rico!

—Tire os sapatos! Disse de repente. —Temos que tirá-lo daqui.

—Menos mal, porque estava me aborrecendo muito. O menino se sentou no tapete e começou a tirar os sapatos.

Dani inspecionou o aposento, maravilhada de que o menino estivesse agora em melhores condições do que a última vez que o vira.

—Não o colocaram em um mau lugar, né?

—Sabe o que, Dan? A velha me disse que é neste aposento onde fica o príncipe Lorenzo quando visita seu irmão.

—De verdade? Perguntou, olhando a seu redor.

—Sim, tem dez anos, como eu. Eu gostaria de ser um príncipe. Como vamos escapar daqui, senhorita Dan?

Era surpreendente que Raffaele tivesse colocado Gianni no dormitório de seu irmão, pensou ensimesmada. A pergunta do menino a fez voltar para a realidade.

—Com isto. Puxou os lençóis da cama pequena e os atou formando uma espécie de corda. Depois foi fazendo nós nela, suficientemente distantes para servir de apoio aos pequenos pés do menino. Quando ficou satisfeita com o resultado, aproximou-se da janela dupla e a abriu amplamente. Ao ver que a longitude dos lençóis não era suficiente para alcançar o chão, puxou as cortinas de damasco e as uniu ao conjunto. Depois, atou firmemente a corda ao redor do poste da cama e lançou toda a longitude do tecido pela janela.

—Sua escada, senhor — disse com cerimônia, tentando fazer da fuga um jogo e afastar assim os medos do menino. Embora Gianni não tivesse medo absolutamente.

O menino deu uma olhada para baixo e depois a olhou excitado.

—Tenho que descer por isso?

—Acha que pode se agarrar forte e descer sozinho?

—Claro que sim! Subi em árvores muito mais altas que isto.

Dani não duvidava. Mesmo assim, olhou a altura que havia com preocupação, ficou de cócoras e olhou Gianni nos olhos, segurando-o pelos ombros.

—Desça devagar. A corda o levará até o teto do terraço, mas terá que descer depois pela pérgula cheia de rosas antes de chegar ao chão. Não tenha medo e, por favor, Gianni, agarre-se tão forte quanto puder.

Ele a olhou com um ar de impotência.

—Por que me trata sempre como se fosse um bebê?

Ela fez que não tinha ouvido.

—Ponha os pés nos nós. Quando chegar embaixo, corra até aqueles arbustos; vê? indicou.

—Quando chegar aos arbustos vire à direita... Qual é sua mão direita?

Ele levantou a mão direita.

—Bem. Siga pelos arbustos. Corra tão rápido quanto puder e quando chegar a uma porta de madeira, saia por ela. Sua mãe estará esperando do outro lado com a carreta. Assim poderá escapar. Entendeu tudo?

Ele assentiu com a cabeça.

Dani enrugou ainda mais o sobrecenho e o abraçou.

—Tenha muito cuidado, Gianni.

Ele fez uma careta.

—Não tenho medo! Ágil como um pequeno macaco, saltou o batente da janela e pegou os lençóis. —Sabe uma coisa, senhorita Dan? Ele não é tão mau.

—Quem?

—Rafe.

—Rafe! Exclamou. —Está falando do príncipe herdeiro! Rafe?

—Disse-me que podia chamá-lo assim.

—Ah, sim? Respondeu ela ausentemente. —Falou com ele?

—Claro. Veio aqui depois do almoço e juntos tomamos leite com bolachas. Ensinou-me um bom truque de cartas. Fez-me todo tipo de perguntas.

—Sobre o Cavaleiro Mascarado? Perguntou ela preocupada.

—Algumas — disse. —Eu disse que não sabia quem era o Cavaleiro Mascarado. Depois, sabe o que? Começou a me perguntar pelo Mateo... E por você. O menino riu. —Acredita que Mateo está apaixonado por você. Morria de vontade de saber coisas de você, senhorita Dan.

Olhou-o com o cenho franzido.

—Já é suficiente. Vamos, saia daqui. Não temos a noite toda e sua mãe está esperando lá embaixo. Quando for meia-noite, seus irmãos vão escapar do cárcere. Têm que estar todos preparados para fugir.

Seus pequenos dedos alcançaram o primeiro nó.

—O que você vai fazer?

Olhou-o por cima do ombro, tentada a voltar para o baile e resolver o problema dos impostos de uma vez por todas. Percebera que havia uma grande fortuna em joias pendendo dos pescoços e dedos dos ali presentes. Como os soldados de Raffaele haviam recuperado o ouro que roubaram na noite anterior, ela ainda não tinha forma de pagar a última mensalidade ao conde Bulbati. Era a melhor oportunidade que podia esperar. Era certo que ela era uma salteadora de caminhos, e não uma trombadinha. Entretanto, os convidados estariam muito bêbados para saber sequer que os estavam roubando. Além disso, quando os irmãos Gabbiano fossem para Nápoles, não haveria mais roubos noturnos. Sabia que não poderia confrontar os perigos da clandestinidade sozinha.

—Só quero ir perguntar onde foi o Rei — disse, incapaz de dizer ao menino que ia roubar de novo, e seguir sendo um mau exemplo para ele. —Não demorarei muito.

O menino assentiu com seriedade.

—Agora, vamos. Estarei aqui vigiando. Dani segurou a parte dos lençóis que caía pelo batente e tremeu ao ver o menino descer por ela, um nó atrás de outro. Deteve-se mais ou menos a metade do caminho. Viu-o olhar para a grama e depois estirar o pescoço para onde ela estava.

—O que ocorre?

—Há perus reais aí embaixo? Perguntou com um sussurro.

Ela olhou para baixo.

—Sim.

—É certo que os perus picam nos pés das pessoas que não usam sapatos?

—Não, Gianni. Pelo amor de Deus, quem te disse isso?

—Rafe!

—Bom, pois ele é um grande mentiroso. Continua, está quase fora.

Pouco depois, o menino chegou ao terraço, desceu pelas trepadeiras e alcançou a grama. Atirou rapidamente seus novos sapatos, para que ele os agarrasse e os pusesse. Gianni parou só um momento para despedir-se dela com a mão e cruzou pela grama até os arbustos como havia dito. Da janela, Dani seguiu seus progressos com preocupação.

Finalmente, o menino alcançou uma clareira e depois desapareceu definitivamente de sua vista. Dani esperou uns poucos minutos até estar segura de que tudo estava bem e depois pegou a escada de nós e a colocou no quarto.

Quando sua missão terminou, tranquilizou-se respirando com profundidade, arrumou o penteado e abraçou com as mãos o estômago antes de voltar para o baile.

Entre as sombras, com as mãos em cima do corrimão, Rafe tinha voltado para a estreita galeria da lateral da abóbada. Enquanto observava seus convidados, perguntou-se vagamente como a presença de tantas pessoas não servia para fazer desaparecer nele esse sentimento de solidão e impaciência.

Fazer uma festa em uma noite como esta não estava bem.

Tomou outro gole longo e ignorou os indicadores de seu corpo que diziam que tinha bebido muito.

Passaram-se vinte e quatro horas desde que se convertera no homem mais poderoso de Ascensão, mas ainda não sentia que houvesse mudado nada em seu interior, continuava sentindo essa amargura, apesar de sempre ter acreditado que desapareceria quando pudesse alcançar seu destino. Ele era agora a suprema autoridade do reino e, entretanto, aí estava, sendo a estrela convidada de outra de suas horríveis festas, como se nada tivesse mudado.

Possivelmente as coisas nunca poderiam ser de outro modo para ele, pensou, apavorado pelo pensamento. Provavelmente estava condenado a morrer de aborrecimento e tédio. Tinha provado o prazer em todas suas formas... Alguma vez seria suficiente?

Ao olhar a multidão das alturas, distinguiu sua amante rodeada do cortejo de admiradores junto à mesa do ponche. Seus amigos passeavam tranquilamente entre as pessoas, com os olhos e os ouvidos abertos, se por acaso achavam qualquer indício de conspiração contra o Rei.

Não encontrou nenhuma prova de envenenamento nos arquivos dos médicos, mas mesmo assim, Rafe ordenou esvaziar as despensas reais e tinha experimentado nos gatos todos os mantimentos do laboratório universitário. Estava certo de que os animais cresceriam gordos e felizes, sem atrever-se a imaginar que alguém queria envenenar o grande rei Lazar. Sem dúvida, não eram senão seus medos provocados pela visão de muitas óperas góticas, mas era melhor ter certeza que lamentar mais tarde.

Deixou escapar outro profundo suspiro. Sua expressão era distante enquanto olhava a alegre multidão. Não podia se sentir parte dela.

Provavelmente seu pai tinha razão. Como quase sempre, maldito fosse. Possivelmente não era o poder, que o faria ser feliz, mas ter uma vida mais estável como marido e como pai. Em honra à verdade, pensou, a perspectiva parecia muito aborrecida.

Fazia todo o possível para se encantar por uma das cinco jovens que eles elegeram como possíveis esposas para ele, mas todas elas pareciam igualmente indesejáveis.

A primeira era muito formosa — com um brilho especulativo em seus olhos escuros que o fez sentir desconfiança. A segunda era uma intelectual, e havia inclusive publicado alguns ensaios sobre a conduta virtuosa, mas esta era a última coisa que necessitava, alguém que eliminasse todas suas faltas de caráter, uma enfermeira da moral como esposa. Não obrigado, pensou.

A terceira era virtuosa, uma jovem casta conhecida por sua piedade, a que terminaria sem dúvida por manchar. A quarta parecia doente e frágil. O parto, sem dúvida, a mataria. E a última era uma roliça princesa da Baviera, de faces coloridas, com um olhar alegre que atraía Rafe, mas seus amigos tinham assegurado que a crueldade da corte e as intrigas palacianas terminariam destruindo a garota. E sabia que tinham razão.

Franziu o nariz. Na realidade, não importava muito a quem escolhesse, porque de algum modo sempre pensou que quando se casasse seria por...

"Que idiota é", disse-se a si mesmo, proibindo-se terminar esse pensamento. Estava claro que era hora de beber mais champanha.

Estava a ponto de ir pegar mais bebida quando se fixou em uma chamativa jovem que se movia entre a multidão com cuidado; sigilosa como um pequeno gato alaranjado.

Deteve-se, olhando-a de longe com um repentino palpitar no coração.

"É essa minha ruiva?"

Dando-se conta de que não podia ser outra a não ser a garota da pólvora que podia cavalgar de costas, cravou os cotovelos no corrimão e começou a sorrir. *"Assim que a pequena descarada veio, depois de tudo"*.

"Ah, sabia que a tinha visto me olhando", pensou divertido. Bom, tratava-se de uma característica muito feminina essa de mudar de opinião.

Rafe olhou a jovem Daniela com uma apreciação muito masculina. Sua esbelta figura coberta de azul claro, e uma máscara azul escura cobria seu rosto. Não servia para esconder sua identidade ante seus olhos. Havia algo único e extraordinário nela que fazia que a reconhecesse em meio de uma multidão dez vezes maior.

Seu cabelo recolhido brilhava com uma tonalidade castanha à luz das velas.

Com seu estilo provinciano, era adorável fora de tanto glamour e decadência. O príncipe sacudiu a cabeça, sentindo um estranho impulso de carinho por ela. Observou às pessoas que a rodeavam, e viu que não havia trazido nem escolta nem acompanhante. Agradado, levantou uma sobrancelha. Possivelmente pegou a indireta depois de tudo.

De uma coisa estava certo: estava em um terreno desconhecido para ela. Nesse momento viu Niccolo, um de seus amigos menos escrupuloso, apresentando-se.

Em um momento, a senhorita Daniela foi encurralada junto a uma coluna próxima, vítima do flerte mais descarado.

Rafe observou ao casal uns minutos, com uma expressão consternada, e depois sorriu ao ver da sombra de seu esconderijo que ela conseguia desfazer-se das atenções de Niccolo e seguir seu caminho.

Decidiu que era melhor atraí-la a seus braços antes que algum outro se jogasse sobre ela. Deus sabia que se algum dos ali presentes se jogaria sobre ela, não seria outro senão ele. Na realidade, era justamente o que necessitava nesse momento para animar-se.

Chamou Adriano e Tomás, que o esperavam sentados no aposento contíguo, fumando e discutindo sobre corridas de cavalos. Aproximaram-se imediatamente de onde ele estava. E ele lhes indicou algo na multidão.

—Veem a ruiva vestida de azul que está perto da palmeira?

—Quem é? Perguntou Adriano.

—Seu nome não lhes concerne — repreendeu com um meio sorriso, sem deixar de olhar para Daniela.

—Bonita — remarcou Tomás, apoiando os cotovelos no corrimão enquanto a olhava.

—Quero-a — murmurou Rafe. —Tragam-na para mim.

Tomás o olhou, perplexo, sem saber muito bem se estava brincando ou se o falava sério.

—Tem certeza? Parece muito, muito jovem. As coisas mudaram agora que é regente Rafe. Não pode simplesmente... sua voz se quebrou.

Rafe manteve um frio silêncio de recriminação, sem intenção de dar explicações e sem afastar nem um momento o olhar da jovem. Viu-a mover-se com graça entre a multidão. O cuidado com que olhava furtivamente aos outros enquanto deslizava entre as pessoas o fez sorrir. O que estava fazendo essa garota?

Ah, ele sempre teve fraqueza pelos gatos de rua.

—Sim, Alteza — disse Tomás, ao fim, com um tom surpreso que escondeu com uma ligeira inclinação. —Onde quer que a levemos?

—A meu dormitório — acrescentou Rafe com uma voz apenas audível.

—Como quiser. Vamos — murmurou Tomás a Adriano.

Rafe molhou os lábios com expectativa. Lutaria ou fugiria... Ou talvez gritasse? *"Um jogo muito bom, muito bom"*.

Seus amigos se afastaram só uns passos quando Adriano voltou bruscamente para ele.

—E o que acontece com Chloe? Replicou, com seu habitual ar atormentado.

Rafe seguia olhando à moça.

—O que acontece com ela?

—Ela se importa, Rafe!

Por um momento, não se moveu. Depois, limitou-se a olhar Adriano, sentindo com pena o grande abismo que existia agora entre ele e seus amigos mais próximos.

Era certo, havia se sentido frequentemente só entre eles, possivelmente por causa de sua posição ou talvez porque muitos deles não tinham visão de sua vida mais à frente do que o prazer do momento. Mas mesmo assim, havia sempre requerido sua presença. Agora, por muito que desse postos de importância para servir a Ascensão, sabia que nunca poderiam entender a carga, o peso da responsabilidade que descansava unicamente em seus ombros. Começava só a vislumbrar toda a enormidade de sua vida. Não se sentia com ânimo para admitir ante Adriano ou qualquer outro que seu novo papel assustava-o como o diabo.

—Estou esperando — limitou-se a dizer, com frieza.

Adriano se virou, aborrecido.

—Já nem sequer conheço-o.

Enquanto se afastavam, Rafe se sentiu mais só nesse momento do que o esteve em toda sua vida. Não se moveu de seu lugar no corrimão, mas seu olhar se perdeu na profundidade de sua alma, sentindo uma grande amargura no peito e perguntando-se se era esta a recompensa que tanto havia esperando.

Dani acabava de sair do toucador das mulheres, onde conseguiu roubar um colar de esmeraldas de uma mulher que estava tão bêbada que ficou adormecida em cima de um divã. Pôs o colar no bolso e se dirigiu para saída, com o coração acelerado. Justo nesse instante dois dos amigos do príncipe fecharam seu caminho.

Ela conteve a respiração, ao ver que se mantinham frente a ela.

Não conhecia o de cabelo castanho, que sorria desconfortável, mas o outro era o semideus com aspecto de corvo, Adriano Di Tadzio.

Seu olhar era arrogante.

—É esta? Perguntou a seu amigo.

—Boa noite, senhorita — disse o de cabelo castanho com uma educada inclinação, embora seu sorriso fosse a de um frívolo envergonhado.

—Venha conosco — grunhiu Di Tadzio, agarrando-a pela cintura.

O horror a invadiu. "*Meu Deus, descubram-me*".

Antes que pudesse reagir, pegaram cada um por um cotovelo e começaram a guiá-la para a borda da pista de baile.

—O que é tudo isto? Gritou chateada, embora culpada.

—Já o verá. Quando tratou de liberar seu braço, Adriano se limitou a apertar os dedos.

Ela tratou de resistir, com o coração pulsando com força e os cabelos da nuca arrepiados pelo medo. As pessoas começaram a olhá-la, porque estavam virtualmente levando-a no ar.

—Por favor, não faça uma cena, senhorita — disse o homem de cabelo castanho, como se desculando. —Não conseguiria senão nos envergonhar a todos.

Tratou de controlar-se.

—Estou presa? Perguntou com forçada tranquilidade.

Eles olharam um ao outro e sorriram.

—Estou? Gritou.

—Digamos simplesmente que há alguém que quer conhecê-la melhor — grunhiu Adriano.

—Sobe as escadas, vamos!

—Tranquelize-se, Di Tadzio! Só é uma menina — disse o outro, preocupado.

Sentindo nele um possível aliado, Dani parou ante a escada e olhou o de cabelo castanho com uma expressão suplicante.

—Por favor, me deixe ir. Não causarei nenhum problema...

Adriano puxou seu braço ferido.

—Vamos, pequena rameira.

Ela abafou um grito.

—Como se atreve! Está-me fazendo mal!

—Di Tadzio, não há necessidade de ser bruto com ela!

Adriano ignorou o outro homem e a olhou com lascívia.

—Bruto? Espera que ponha as mãos em cima. Então verá o que é ser bruto. Já sabe que ele é uma besta com suas mulheres.

—Quem? Gritou Dani, horrorizada.

—Deixa-a em paz, Di Tadzio! Disse o outro preocupado. —Não faça conta, senhorita. Tem muito gênio e só tenta assustá-la. Ninguém vai te fazer mal.

O olhar de Adriano se moveu rapidamente e com desprezo sobre ela.

—Isto, em vez de Chloe Sinclair.

Dani não disse nada, mas sentiu frio de medo. Apontou mentalmente tudo o que os rodeava e o caminho que seguiam através dos suntuosos corredores. Fossem quais fossem seus planos para ela, estava determinada a escapar. Os dois homens a levaram ao terceiro piso, onde Adriano abriu uma porta, olhando-a com uma careta enquanto o homem de cabelo castanho fazia um gesto para que entrasse.

—Por favor, esperem! Digam o que está se passando! Ela tentou escapar, correndo para porta antes que eles a fechassem. —Não fiz nada de mau! Não me deixem aqui!

Adriano riu com apatia, mas o homem do cabelo castanho sacudiu a cabeça e a fez voltar para o aposento.

—Não se preocupe, senhorita. Será recompensada.

—O que quer dizer?

Mas com um olhar de remorso, fechou a porta em seu nariz. Abatida, ouviu como fechavam a porta do lado de fora. Grudou a orelha à porta e ouviu-os discutir enquanto se afastavam. Seu coração se encolheu. Voltou-se lentamente, apoiando-se sobre a porta para inspecionar a cela em que a tinham metido. Estava sozinha.

Em comparação com a luz brilhante do salão de baile, esta estadia estava escura, iluminada apenas por uma vela. Pôde ver um sofá, uma pequena mesa e um armário.

Era uma espécie de sala de estar, pensou. O aposento estava absolutamente em silêncio. Só se ouvia a música da orquestra que penetrava, levemente, pelo chão.

Olhando a seu redor, viu uma porta e instantaneamente pensou se poderia escapar por ela. Correu para ela batendo nos móveis na escuridão, mas ao chegar a ela se deteve, com os olhos bem abertos.

A cálida luz de uma vela mostrou no outro aposento uma enorme cama com altos postes esculpidos e uma cabeceira barroca encravada de espelhos. Os lençóis rosa cetim tinham sido dobrados em um dos lados, como em um convite. Na mesinha, esperava uma garrafa de vinho aberta e duas taças.

—Olá.

Dani esteve a ponto de gritar. Deu um passo atrás, com o olhar fixo na escuridão do grande dormitório.

A figura de um homem sentado em uma poltrona, em um canto escuro do aposento. Ao olhá-lo com os olhos bem abertos, levantou-se e caminhou lentamente para ela, mas antes que visse seu rosto à luz da vela, reconheceu essa presença incandescente, essa voz profunda e envolvente.

Ela ficou ali quieta, como hipnotizada, enquanto o príncipe Raffaele emergia da escuridão, principesco, dourado e imenso, como um anjo poderoso caindo sobre ela das sombras.

Tinha a vista fixa nela. A luz das velas contornava seu rosto anguloso em um jogo de sombra e luz, e alcançava as profundidades de seu cabelo dourado. Algumas faíscas douradas brilhavam em seus olhos de mármore verde, e embora o contorno de seu rosto fosse austero, sua boca estava

carregada de voluptuosidade. Olhou-o, paralisada, enquanto ele se aproximava lentamente, com as mãos nos bolsos. Seus movimentos eram despreocupados, quase preguiçosos, avançava cruzando o aposento até ela, até que se achou encurralada contra o batente da porta.

Aproximou-se, em toda sua altura, apenas alguns centímetros de distância. Sua beleza e sua envergadura a humilhavam, sua aura de fortaleza física era esmagadora.

Baixou a cabeça, respirando profundamente e com rapidez. Nervosa, confundida, não se atrevia a levantar os olhos para ele. Todo seu corpo ardia, para depois esfriar e esquentar a seguir ante o escrutínio a que ele a submetia.

Teria averiguado quem era o Cavaleiro Mascarado? Se Gianni tivesse sucumbido e revelado sua identidade, estava certa de que o menino teria dito.

O que podia fazer? Confessar? Suplicar clemência? Humilhar-se ante ele? Isso nunca! Prometeu-se, procurando a coragem suficiente para ao menos levantar a cabeça e enfrentar seu olhar, embora isto a fizesse tremer dos pés a cabeça. Decidiu manter a boca fechada até estar segura de que foi descoberta.

—Me alegre de que decidisse vir, Daniela. Estava-me aborrecendo muito em meu aniversário.

O príncipe Raffaele deslizou a mão direita fora de seu bolso e percorreu com o dedo a borda de sua máscara azul, em uma carícia suave que terminou na ponte de seu nariz. Seu dedo prosseguiu o percurso por seus lábios, sua face e desceu pela linha de seu pescoço.

—Sabe — murmurou — o que quero como presente de aniversário?

—Não é suficiente para você um país inteiro? Sussurrou ela, tremendo ao contato de suas carícias.

Ele sorriu ligeiramente, com um brilho satírico nos olhos. Ela afastou o olhar, nervosa, e envergonhada, com o coração pulsando a mil por hora. Era esta sua maneira de castigá-la pelos crimes que cometeu? Era impossível saber o que estava pensando, o que tentava, o que sabia, mas o feitiço de sua potência a fazia tremer.

—Tenho algo que confessar — sussurrou. —Estou um pouco bêbado, temo, e não sei se posso ser responsável por meus atos.

—Pelo amor de Deus! Pálida, tentou afastar-se dele, mas só pôde esmagar suas costas contra o batente da porta. Seu corpo grande e esbelto bloqueava a saída.

Ele a olhou com um meio sorriso intimidatório.

—Dito isto, posso beijá-la? Entenda-me, a verdade é que eu... Morro por beijá-la, Daniela.

—Senhor! Alteza!

—É uma ordem real, senhorita. Sou seu soberano, não? perguntou suavemente.

Ela baixou a cabeça, com o coração na mão, suas faces tintas de vergonha.

—Eu não sou desse tipo de garotas.

—Poderá fazer uma exceção comigo, não, meu amor?

—Não. Ela ergueu de novo o queixo e olhou-o fixamente, zangada e assustada.

Ele sorriu enigmaticamente, com os olhos cheios de calculada inteligência, capa detrás capa de complexidade. Levantando a mão trêmula, levou-a aos lábios com total segurança em si mesmo. Deteve-se, sorrindo levemente enquanto a olhava.

—O que quero para meu aniversário... O que realmente preciso — desfrutou de uma pausa — é uma nova e preciosa amante. Deve ter o cabelo vermelho, e, incríveis olhos água-marinha, e deve saber como fazer pólvora. Conhece alguém que responda a essa descrição?

—Você é louco! Exalou.

—Querida — sussurrou ele — ainda não comecei a envergonhá-la. Com isto, desceu sua cabeça e a beijou na mão. Não nos dedos, mas na junção de seu polegar.

Dani gemeu ao sentir a ponta de sua língua lamber suavemente o contorno de seu punho. Retirou a mão com rapidez e olhou-o com a boca aberta pela surpresa.

Ele se limitou a sorrir com tranquilidade, com uma faísca perigosa nos olhos.

—Gostaria de tomar um gole antes de começar? O vinho teve tempo de respirar e me parece que o necessita. Virou-se e caminhou para a mesinha de noite onde estava a garrafa.

Dani estava paralisada como uma estátua de jardim.

Ao olhar a largura de suas costas e a esbelteza de sua cintura, sentiu que ia enjoar.

Estava brincando com ela. Estava certa. Ele sabia que era o Cavaleiro Mascarado e só estava brincando cruelmente com ela, o jogo do gato e o rato. Era isso, não?

Ouviu o som do vinho ao cair em uma taça e depois em outra.

—O gato comeu sua língua, querida? Bom, não importa. Não a trouxe aqui para que me conversar, não é? Piscou com cumplicidade ao mesmo tempo em que entregava a taça. —Venha, beba.

Se fosse Lúcifer oferecendo um copo de sangue humano, não teria mais medo de que agora. De repente, achou sua voz.

—O que significa tudo isto?

Ele riu suavemente e se sentou na cama, desfazendo o nó do lenço.

—Querida, você é muito jovem, não é? Quantos anos tem Daniela?

—Vinte e um.

—Aparenta dezesseis. Dezoito, quando muito.

Com o coração pulsando fortemente, olhou os lençóis abertos, o vinho, e depois, olhou para ele: um consumado libertino. Piscou sem poder acreditar. Podia ser verdade? O objetivo era ela? Tinha visto-a ali, naquela galeria estreita, esquadrinhando entre a multidão. Era isso o que estava fazendo ali, escolher a sua presa?

Quase deixou escapar uma gargalhada, incapaz de acreditar. Com todas essas formosas mulheres que havia no baile e elegeu justo ela? Devia estar bêbado.

Mas maldito seja, era suficientemente atraente para tentá-la.

Como se tivesse lido a mente, deu um meio sorriso de compreensão, fazendo passar a borda da taça por seus lábios, até terminar bebendo um gole.

Olhou-o, fascinada com a forma como bebia o líquido, com o pomo subindo e descendo no lugar antes oculto ao haver-se solto o lenço. Sua garganta era dourada, como o era a pequena parte de seu peito que mostrava o decote aberto de sua camisa.

Baixou o copo e o afastou de seus lábios, lambendo lentamente enquanto seu olhar se movia sedutor para ela. Ela se afastou fracamente contra o batente da porta, perplexa por uma estranha e desconcertante sensação no estômago. O aposento estava muito quente, tão quente que era difícil pensar.

Tudo no que pôde pensar foi em que, ao menos, não estava presa.

Ainda.

Ele dobrou um dedo para ela, chamando-a suavemente com um murmúrio aveludado.

—Estou esperando, gatinha ruiva. Venha aqui e me deixe te acariciar.

Seu convite a fez sair de seu ensimesmamento, como em uma pequena chamada de atenção.

—Meu Deus! Vou embora daqui — murmurou. Dando meia volta, partiu para o outro aposento, sentindo passos atrás dos seus.

—Não se pode atravessar portas fechadas, temo — ele disse com uma careta de malícia. — Vamos, grite o quanto quiser. Ninguém virá ajudá-la.

Dani golpeou a porta.

—Que alguém me tire daqui! Ajudem-me! Quero sair daqui! Gritou, golpeando a porta tão forte como podia. De repente recordou seu grampo, o que usou para liberar Gianni. Tirou-a do penteado, mas estava tão nervosa que suas mãos tremiam muito para conseguir colocá-la na fechadura.

No outro aposento, podia ouvir sua risada.

—O que ocorre, Daniela? Perguntou. —Era aquele camponês que queria? Minha querida menina, por que suspirar por ele quando pode ter a mim como protetor? Acaso não tem nenhum respeito por sua posição? Vai me ofender.

Ela parou e deu as costas à porta, olhando sobre seu ombro. Acaso tinha que insultar Mateo também? Era demais.

Deixando a forquilha no olho da fechadura, voltou para dar seu castigo.

—Que boa opinião tem de você, Alteza! Se por acaso serve de algo, Mateo é meu amigo e eu nunca quis nem precisei de um protetor. Que ideia tão desagradável! Se por acaso não sabe, sou bastante capaz de cuidar de mim mesma, e me acredite — gritou porque não podia suportá-lo — você não é nenhum prêmio! Mais ainda, não pode sair por aí seduzindo às pessoas quando te agradar!

—Certamente que posso — disse com o olhar perdido, fazendo virar a taça de vinho em sua mão.

—Mas por que teve que escolher a mim? Gritou.

Ele mostrou um amplo sorriso e assentiu.

—Sim, é uma grande honra, verdade?

—Uma honra que eu preferiria que concedesse a outra!

Ele começou a desabotoar a jaqueta, rindo dela enquanto sacudia a cabeça.

—Ah, caracolzinho, quantas virgens acha que há por aqui?

—Caracolzinho!

—É só uma expressão.

—Tenho um nome!

—Estou certo de que assim é. Venha beber seu vinho. Sentir-se-á mais alegre se o fizer. Faz muito tempo que não durmo com uma virgem — zombou em voz alta. —Grande presente. Pensava que ia ter que comprar uma.

—Comprar uma? Ah é desprezível!

Olhou-a com uma expressão de seriedade, não obstante, havia um brilho em seus olhos que fez perguntar-se se não estava rindo dela.

—Não vai fazer que isto seja difícil, não é? Perguntou. —Odiaria ter que amarrá-la. Embora, bom — abriu uma das gavetas da mesinha — acredito que deve haver por aqui um laço de veludo...

Dani entreabriu de repente os olhos ao ver que tirava uma chave de prata da gaveta e a colocava na mesinha junto à garrafa de vinho. Ahá, não era tão esperto depois de tudo, se deixava à chave em um lugar onde ela pudesse vê-la. Caracolzinho, né?

Raffaele fechou a gaveta.

—Bem, não está aqui. Devo tê-lo usado com alguma outra.

—Vá — replicou, dando-se conta de que estava tão bêbado que se esqueceu de colocar a chave de volta na gaveta. Agora, tudo o que tinha que fazer era agarrá-la.

Alcançá-la ia deixá-la perigosamente perto dele, mas dada a dificuldade que teve com o grampo, a chave era sua única esperança.

Com as mãos atrás das costas, balançou-se com despreocupação para a mesinha. Em silêncio, ele observou seus movimentos. Não parecia absolutamente tão idiota como queria fazer acreditar, embora se limitasse a bater em sua musculosa coxa.

—Por que não vem aqui e se senta em meu regaço? Tentou-a com doçura.

Suas faces coraram.

—Por quê?

Sua voz era débil, malvada.

—Vou te contar uma historinha para dormir.

—Não é hora de ir dormir, príncipe Raffaele — disse com um sorriso de desacordo.

—Maravilhoso — murmurou, olhando. —Acredito que é a primeira vez que me sorri. O seu olhar tinha mudado, e sua cor se tornou de um verde escuro.

Quando a chamou de novo, sua voz foi aveludada, e também irresistível.

—Vamos, Daniela, venha aqui. Faremos tudo muito devagar. Prometo. Será maravilhoso.

Olhou-o por debaixo das pestanas, quase tentada.

—Eu não sei...

—Um beijo — sussurrou, descobriu, ao ver seus olhos, que o olhar de paquera havia desaparecido. Ele se inclinou para frente na borda da cama onde estava sentado com os cotovelos sobre os joelhos e os dedos entrelaçados sem deixar de olhá-la. —É linda, realmente.

—E você é um descarado mentiroso. Foi muito perverso de sua parte me trazer aqui acima. Com o coração acelerado, passou com sigilo os dedos pela superfície cheia de pó da mesinha, enquanto se aproximava perigosamente dele.

—Sei. Mas queria estar a sós com você. Seu olhar era intenso. —Não me acredita. Por que não?

Um passo mais e a mesinha estava junto a seu quadril, e a chave suficientemente perto para agarrá-la.

—Bom, há a senhorita Sinclair — indicou.

Ele deixou a cabeça cair com um gemido de aborrecimento.

—Sempre há senhoritas Sinclair.

—Ama-a?

—Isso não seria muito inteligente — disse peremptório.

—Você não me quer, disse estou certa. Eu não sou nada especial. Deixe que eu vá embora, sim? Por favor, poderia ter qualquer outra em seus braços...

Ele levantou a cabeça, a olhou um momento com um brilho distante e sombrio nos olhos.

—Move-se que dá gosto vê-la, Daniela — murmurou. —Tem tanta graça como o vento do mar, e tão assustadiça como uma pomba, não é?

Ela se deteve, olhando-o, bruscamente aterrorizada, embora não de uma maneira física.

—Está bem — sussurrou. Levantou-se, sem deixar nunca de olhá-la. O coração ia sair do peito. Tinha a chave a seu alcance, mas estava tão paralisada como um cervo diante de seu caçador. Ele se aproximou, tocou o ombro e a atraiu para ele. Rodeou-a meigamente com os braços e a abraçou, roçando a face suavemente contra seu cabelo. Ela fechou os olhos, emocionada pelo reconhecimento, pelo sentimento de tê-lo ao lado em carne e osso, exatamente como tinha sonhado milhares de vezes.

Abriu a mão sobre a lã suave de sua lapela, quase sem atrever-se a tocá-lo, enquanto sua mente se retorcia assombrada. *"Está me abraçando, o príncipe Raffaele está me abraçando"*. Sem dúvida se tratava de um sonho. Despertaria amanhã e se encontraria outra vez sozinha, mas por hora se deixou levar por essa força cálida de seus braços rodeando-a, o aroma embriagador de sua colônia.

Escutou o suave som de um suspiro sobre ela, enquanto ele a embalava em seus braços, e se maravilhou do natural, do bem que se sentia sendo rodeada dessa forma.

Sentia suas mãos cálidas e grandes que a acariciavam lentamente, por toda a longitude das costas, até a cintura. Depois, fez descer o queixo com os dedos.

O coração batia no peito. Seus olhos eram enormes. Todo seu mundo se voltou quando Raffaele a olhou.

—Eu gostaria muito de beijá-la — ele disse em voz baixa.

Seus olhos se encheram de angústia. Tentou sacudir a cabeça em sinal de negação, mas ele só dizia que sim, com um sorriso terno e delicioso que a enchia de confiança.

Desesperada, olhou-o, perdida. Raffaele fechou os olhos, desceu a cabeça e a beijou.

A carícia de seus lábios foi tão suave como o batimento de asas de borboleta. Sua boca se sentia cálida e sedosa em contato com a sua. Daniela permaneceu com os olhos fechados e deixou escapar um suspiro do fundo de sua alma. Sentia a curva de seus lábios em um sorriso contra sua boca. O som era trêmulo.

Ele se afastou um pouco.

—Não foi tão mal, não é? sussurrou.

Ela fez um som de angústia com a garganta, negando-se a abrir os olhos, desprezando-o pelo desejo que um só beijo dele tinha despertado nela. Depois, ele a atraiu ainda mais forte entre seus braços, deslizando um braço por sua cintura para estreitá-la com firmeza junto a seu corpo. A beijou na fronte, como se fosse uma menina e depois beijou suas sobrancelhas, os olhos, a face e uma orelha. Ela cambaleou como enjoada contra ele, com o peito trêmulo. Ele a tranquilizou com seus braços, abraçando-a com tanta delicadeza como se fosse feita de porcelana chinesa. Inclinando a cabeça, Rafe começou a beijar a curva de seu pescoço, acariciando sua garganta suavemente com a mão que ficava livre.

Era a sensação mais embriagadora e deliciosa que jamais experimentou. Seus lábios roçavam sua pele como se fossem de fino cetim, seu fôlego quente fazia cócegas por detrás das orelhas. Ela devolveu o abraço, incapaz de resistir, fechando os olhos enquanto o atraía para ela. Tocou seu longo e dourado cabelo, acariciando com lentidão sua cabeleira aveludada em toda sua longitude. Rafe acariciava suas costas com suas grandes mãos, e depois os braços, e os quadris. Sua pele ardia, impossivelmente sensível. Ela se sentia como o ar, perdida em uma nuvem de felicidade, e tremia. Suas carícias se faziam cada vez mais ardentes e intensas.

Quando ele a atraiu ainda mais contra seu corpo, um calafrio de prazer a transpassou ao sentir a completa união de seus corpos, de cima abaixo. Podia ouvir tanto seus suspiros trêmulos como os grunhidos ansiosos dele. Ele a apertou pelas nádegas, estreitando-a contra ele. Ela gritou suavemente, uma única nota de confusão, desejo e necessidade.

—Ai, Deus, é tão doce! Ofegou, beijando-a do pescoço até a boca.

Sentiu-a tremer quando pegou o rosto entre suas mãos e beijou sua boca várias vezes, abrindo os lábios de prazer. Confundida, rendeu-se à novidade, e então ele pôde mostrar o que era de verdade beijar. Inclinou sua boca sobre a dela e sentiu como as línguas se fundiam, virando, dançando. A surpresa estalou nas veias, e o prazer... Raffaele a tinha completamente dominada com seus beijos profundos e lentos. Tudo o que podia fazer era ficar onde estava e pendurar-se nele.

Rendeu-se a ele, mas em algum lugar recôndito de sua mente, a última gota de prudência a repreendeu horrorizada pelo que estava fazendo. Como podia deixar-se vencer desta forma? Tratou de afastar o rosto, mas ele a atraiu para ele pondo seus suaves e ao mesmo tempo autoritários dedos no queixo.

—Não tenha medo, querida — disse com um suspiro, sorrindo, com uma respiração profunda. —É melhor se me devolver o beijo, sabe?

—Não quero — mentiu, quase sem fôlego.

—Ah, não?

—Não!

Sua risada brotou brincalhona.

—Olhe para mim, Daniela.

Ela dirigiu lentamente o olhar para ele, e os abriu sem poder remediar. Encontrou os olhos dele nos dela, e um sorriso terno e gentil. Embora seus lábios estivessem turvos e molhados pelos beijos, seus olhos eram como um mar esverdeado, agitado pela tormenta do desejo.

—O que? Murmurou ela, quase zangada.

—Ninguém a beijou antes? Sua pergunta não soou, absolutamente, impertinente.

Ela baixou a cabeça, vermelha como uma pimenta. Era ainda pior que ele tivesse averiguado. Começou a tremer em seus braços, com a cabeça baixa. Nunca se sentiu tão vulnerável. Mas ele pegou o queixo, fazendo-a levantar o rosto, com uma expressão melancólica nos olhos.

—Que criatura tão maravilhosa e inocente é.

Acariciou o queixo com os dedos, sem deixar nunca de olhá-la. Depois, guardou lentamente as mãos nos bolsos, como se quisesse obrigar-se a não voltar a tocá-la. Deu um passo para trás, como se estivesse incomodado, e baixou a cabeça.

—Talvez você gostasse simplesmente... de dar um passeio comigo. Posso mostrar os jardins. São lindos à luz da lua. Poderíamos falar...

Sua voz se quebrou ao ver que o olhava surpreendida.

—Ah, não importa — disse em voz baixa. —Que desastre! Sinto muito. Sinto muitíssimo o que ocorreu, senhorita Daniela. Você é uma senhorita, mas senti que... não sei. Sinto muito. Vá, por favor, será melhor que se vá. Pegue a chave da mesa. A coloquei aí para você.

—Pretendia que escapasse?

—Pelo amor de Deus, não sei o que pretendia. Fechou os olhos um momento e, quando os abriu de novo mostraram uma completa solidão, seu ligeiro sorriso marcado pela miséria. —Vá — sussurrou. —Este poço de almas perdidas não é lugar para você.

Mas ela não partiu embora tivesse a oportunidade.

—Possivelmente não seja tampouco um bom lugar para você — disse com carinho.

Ele procurou seu olhar sem um indício de arrogância, e guardou silêncio um momento.

—Possivelmente não tenho outro lugar aonde ir.

Ela sentiu que seu imprudente coração tomava a dianteira. Aguentando a respiração ao dar-se conta de sua própria estupidez, deu um passo para diante e pôs a mão no peito.

Ele a observou, com a mandíbula apertada, como se fosse afastar dela. Depois, ouviu sua respiração carregada de desejo enquanto rodeava o pescoço com os dedos. O atraiu para ela e beijou seus lábios durante um bom momento.

Ele deslizou seus braços ao redor da cintura dela e a abraçou, devolvendo os beijos com ardente desejo; desejo que se converteu em alguns segundos em uma furiosa chama de paixão. Rodeou-o com os braços, provando-o uma e outra vez em glorioso abandono. Enredou suas mãos entre seu cabelo, acariciando seu bem barbeado rosto. Sua resposta era tão surpreendente, que mal se deu conta de que ele a levava para a enorme cama.

Sempre da forma mais terna, levou-a até a beira e a sentou nela. O corpo de Daniela tremia com as novas sensações, recém descobertas. Ele ficou de joelhos ante ela, sem deixar de beijá-la. Lentamente, seus beijos passaram de seu pescoço a seu peito. Sua mão capturou um de seus seios e seus beijos desceram um pouco mais. Ela inclinou a cabeça para trás, em êxtase, atraindo-o para ela enquanto seu quente fôlego penetrava o vestido, moldando a suave seda sobre sua pele firme e sensível. Ele a mordeu ligeiramente através do tecido. Suspirando seu nome, ela se arqueou contra ele, deixando que seu corpo deslizasse um pouco mais perto de sua virilha.

—Desejo-a, Daniela, desejo-a — sussurrou. Suas mãos hábeis e elegantes acariciaram o peito e a garganta, e ela nem sequer se deu conta de que desabotoava o vestido até que ele começou a descer a manga pelo ombro direito, beijando o espaço vazio de seu pescoço.

Um calafrio de terror a fez ficar em guarda, recordando a atadura de seu braço.

Era muito tarde.

Ele já havia baixado a manga e a tinha visto. Franzia o cenho ao ver a ferida.

—Daniela, o que aconteceu com seu braço...? Sua voz se quebrou.

Olhou-a fixamente, com o coração na garganta.

Enrugou o sobrecenho, levantou os olhos para os dela e depois ficou paralisado, com uma expressão de entendimento.

Dani sentiu um calafrio, ao notar a fúria que flutuava em seus olhos verde escuros.

—Você? sussurrou como se faltasse a voz.

Tudo parecia mover-se com lentidão. Ela se retirou de seu abraço, levantou-se da cama e correu, colocando a manga no ombro de novo. Mal havia dado dois passos, quando ele pegou seu vestido por trás.

—Volte aqui! rugiu, ficando em pé.

Ela gritou, mas ele a segurou pelo vestido até romper a manga. Olhou-o por cima do ombro, frenética, e viu como ele observava a ferida de bala, prova que a identificava sem dúvida nenhuma como o Cavaleiro Mascarado.

— Você! Maldição! bradou. — Não é possível!

— Deixe-me ir! gritou.

Quando a alcançou, bateu, mas ele conseguiu agarrar o punho dela e o retorceu, pondo o braço atrás das costas. Seu apertão não doeu, mas foi implacável.

Ela se retorceu.

— Solte-me, bruto!

— O que está fazendo aqui? perguntou furioso. — Como se atreve a vir aqui?

O relógio em pé da sala de estar começou a dar a meia-noite com suas badaladas engoladas. Na refrega que mantinham os dois, pararam de repente ao escutar um enorme estrondo na distância. A explosão retumbou nas venezianas e sacudiu os quadros das paredes.

"Mateo e os outros tinham empreendido a fuga!", pensou com pesar, e ela não tinha conseguido distrair os guardas porque tinha estado muito ocupada beijando!

— Disse que me deixe ir!

Encarando-o levantou o joelho e golpeou com força entre as pernas.

O príncipe uivou de dor.

— Merece bem um castigo, seu vagabundo! gritou, enquanto ele se dobrava prostrado no chão.

Com um grito entre confuso e furioso, Raffaele tentou segurá-la pela prega da saia, mas ela se desfez dele. Agarrando a chave de cima da mesa, escapou justo no momento em que o relógio dava a última badalada.

Capítulo 6

Dani correu com a velocidade que dá o instinto de sobrevivência.

Esquivando-se dos convidados fantasiados que se interpunham em seu caminho, desceu a escadaria de mármore de dois em dois degraus, correndo pelos corredores do palácio como se o próprio diabo a perseguisse. Passou voando por onde estavam os malabaristas e bufões do jardim até chegar ao caminho.

Os guardas da porta não a pararam. Estava exausta, mas tirou forças de fraqueza para seguir adiante, correndo o quilômetro que havia até chegar à cidade, e uma vez ali até a praça.

Uma multidão revolta a rodeou. Com o peito palpitante, deteve-se ali, com o vestido rasgado, sem poder acreditar no que via.

O ruído das bombas que tinha preparado para Mateo tinha alterado também à multidão, por si inquieta pela repentina partida do Rei. As pessoas que se reuniram junto ao cadafalso essa manhã, tinham entendido a explosão como um pontapé inicial, o que fez que se lançassem rugindo contra os soldados que patrulhavam a praça. Dani se voltou e viu um buraco de mais de metro e meio em um dos muros do cárcere. Ainda fumegava. Na outra direção, tinha começado outro fogo alimentado pelos longos meses de seca. As pessoas viaavam os soldados, como se tivessem deixado de temer a suas baionetas. Alguns começaram a saquear as vitrines das lojas, enquanto outro grupo de histéricos tentava derrubar as forcas que tinham montado os homens do príncipe nas primeiras horas do dia.

—Detenham! Detenham! Gritou Dani com fúria, mas ninguém parecia escutá-la. Afastou-se com a mão o cabelo que caía pelo rosto e angustiada olhou a seu redor.

A qualquer momento, existia o perigo de que algum dos camponeses dissesse ou fizesse algo inoportuno, de maneira que os soldados convertessem o motim em um grande banho de sangue. Se por acaso isto fosse pouco, existia o risco de que os fogos se estendessem e acabassem queimando a toda esta multidão. A única coisa que desejava era que ao menos Mateo e outros tivessem escapado, segundo o plano, e estivessem logo a salvo, no bote, rumo à península italiana.

Dani continuou gritando às pessoas que a rodeavam, tentando acalmá-las, mas logo se fez evidente que só o Cavaleiro Mascarado poderia dirigir com autoridade à multidão e restaurar a calma. Abrindo caminho entre a multidão, conseguiu chegar até o estábulo de aluguel no qual havia deixado sua roupa e montaria. Desfez-se rapidamente de seu rasgado vestido azul e se vestiu de negro escondida atrás do cavalo. Depois de montar nele, engoliu saliva e colocou a máscara de cetim negro, sabendo que no momento no qual aparecesse como Cavaleiro Mascarado seria preso. Mas não tinha outra opção. Já tinha causado muitos problemas a noite anterior e tinha que evitar que a violência se descontrolasse.

Alguns minutos mais tarde, o Cavaleiro Mascarado entrava cavalgando no lugar por um dos lados e abria caminho entre a multidão.

—Olhem! Começaram a gritar as pessoas.

O cavalo de Dani empinou, mas ela conseguiu manter-se na sela, gritando com voz masculina:

—Acalmem-se! Não há nada que temer. Voltem para suas casas! Apressou seu cavalo para que entrasse entre as pessoas. A tensão parecia ir remetendo e viu com alívio que sua aparição tinha sortido efeito. —Não fiquem aí no meio! Vão ajudar aos soldados a apagar o fogo! Ordenou zangada.

As pessoas retrocediam e se afastavam ao vê-la, tocando seu cavalo quando passava ao lado, como se fosse dar boa sorte. Entretanto, os soldados também a viram e se aproximavam dela perigosamente. Sabia que seu tempo acabava.

—Escutem! Voltem com suas famílias! Repetia sem cessar. —Comportem-se da maneira como o rei Lazar teria querido!

—O príncipe afastou-o do trono! Gritou alguém.

—Quem disse isso? Perguntou. —Tem provas? O homem ficou calado, limitando-se a olhar asperamente a Dani e à multidão.

—Não acredito. Volte para casa e deixe de dizer essas mentiras. Dani seguiu cavalgando. Perto das forcas recém-construídas, e encontrou-se com um pequeno grupo de camponeses que tentavam jogá-las abaixo. —Podem prendê-los por destruir o que é propriedade do Governo — advertiu-os.

—De que lado está? Gritou um deles. Antes que pudesse responder, escutou uma voz familiar.

—Dani!

Ela se virou e viu sob a máscara Mateo caminhando entre a multidão. *"Diabos, não! Por que continua ele aqui?"*

Olhando temerosa em todas as direções, viu mais soldados que se aproximavam a cavalo, embora ainda a bastante distância. Quando viessem por ela, Mateo voltaria a ser capturado.

Sem hesitar duas vezes, incitou seu cavalo em direção a seu amigo e uma vez junto dele, replicou com fúria.

—Que demônios está fazendo aqui ainda?

—Esperando-a! Vamos, a carruagem está junto a um dos lados da praça! Gritou, com seus olhos castanhos acesos e seus cachos escuros despenteados.

—Maldito seja, Mateo! Desceu do cavalo. —Isso não era o que tínhamos planejado! Sabe que não posso deixar meu avô! Agora monta neste cavalo e foge!

—Acaso acha que seu avô quer ver como fica e a enforcam? Não penso te deixar aqui para que a matem. Vem a Nápoles conosco. Agarrou-a pelo pulso e começou puxá-la.

—Afastede-se de mim! Gritou ela, desfazendo-se de seu apertão. —Vá, agora! Sua família precisa de você! Eu me encarregarei de despistar os soldados, mas vá! Vá, por favor. Eles estão chegando...

De repente, acabou o tempo. Os soldados, do príncipe Raffaele, os alcançaram.

Dani puxou seu florete com um grito e ficou diante de Mateo.

—Deixem que se vá! É a mim que querem! Os soldados se negaram. Mateo saiu do segundo plano no qual ela tinha tentado protegê-lo e no minuto no qual deu o primeiro murro, todo o inferno caiu sobre eles. Os cidadãos de Ascensão, zangados e já nervosos, jogaram-se sobre os soldados do príncipe.

Mateo se defendia como podia, embora logo chegou o grande Rocco para cobrir suas costas. Dani se achou em meio da refrega, sacudida como uma claraboia no meio de uma tormenta marinha, golpeada pela multidão e indefesa ante a fúria dos homens que a rodeavam. Sua espada não servia nas distâncias curtas. Daniela desistiu, recorrendo aos socos, chutes, e, cotoveladas, esquivando-se como podia dos selvagens golpes que choviam por todos os lados.

Repentinamente, algo golpeou seu rosto, cegando-a. Cambaleou, tropeçou e caiu sobre o pavimento quase sem respiração.

Por um momento, ficou ali deitada ofegando como um peixe no meio da areia, depois gemeu quando os soldados chegaram e a levantaram do chão, algemando-a junto aos outros.

Em quinze minutos, Mateo, Alvi e Rocco Gabbiano estavam uma vez mais no cárcere.

Desta vez, Dani estava com eles.

O baile continuava. Os assistentes estavam muito ocupados divertindo-se para saber que fora, a multidão estava se rebelando na praça principal, a alguns quilômetros de distância.

Rafe foi posto a par do que ocorria, e esperava as notícias com ansiedade. Em pé, no corredor que dominava o salão de baile, bebeu um gole de uísque. Estava zangado e nervoso pelas brigas do exterior, com a cabeça cheia de perguntas a respeito dessa insuportável ruína.

Quem era e como demônios o tinha feito? Como tinha burlado seus guardas? O pequeno granjeiro, Gianni, escapou, é claro. Por que havia ela entrado no palácio, arriscando o pescoço para libertá-lo? Quais eram seus planos? Havia ela planejado a revolta?

Impaciente por saber algo dela, saiu do pequeno balcão e entrou na sala, onde seus amigos pediam seu sangue. A maioria deles fora roubado pelo Cavaleiro Mascarado. A notícia de que a foragida fosse uma jovem mulher humilhava-os até o ponto de fazê-los perder a compostura. Foram humilhados e queriam vingança. Escutá-los tirava Raffaele do sério.

—Quero ver como morre na forca! Disse Niccolo, apesar de ter estado flertando com ela só umas horas antes, um fato que com segurança fazia intensificar sua raiva.

—Esperemos que a agarrem desta vez! Disse Adriano. —E quando o fizerem, espero que não esteja pensando em salvar essa putinha, Rafe. É uma ameaça!

—Ela é uma maravilha — disse ele em voz baixa. Outros não puderam ouvir, tão encetados estavam em sua própria chuva de vaidade. O beijo mais puro que jamais tinha recebido.

Também ardia seu orgulho, mas Rafe não sabia o que pensar. Daniela Chiaramonte era um mistério que precisava resolver o quanto antes possível. Enfurecia-o, confundia-o, desconcertava-o... e entretanto, tinha conseguido que sentisse respeito por ela, já que a garota demonstrou um temperamento que raramente encontrou em outros, fossem homens ou mulheres. *"E pensando bem, até esta noite em que ele a tinha beijado, ninguém o tinha feito antes..."*

Ela devia pensar que ele era o mais estúpido de todos, seguindo-a como um cão, pensou com raiva. Sem dúvida, devia estar rindo dele. Não permitiria!

Tinha que pôr essa mulherzinha em seu lugar.

—Quem é, Rafe? Perguntou o jovem visconde Elan Berelli, o mais prudente e sensível de seus amigos.

"Meu justo castigo", pensou com estranha preocupação.

—Uma Chiaramonte. Seu nome é Daniela.

Elan enrugou o sobrecenho e colocou os óculos na parte alta da ponte de seu nariz.

—Chiaramonte? Não houve um marquês do Chiaramonte que arruinou sua vida bebendo e jogando a fortuna quando éramos crianças?

—Pergunto-me se seria esse seu pai — disse Rafe com uma careta.

Justo então, alguém bateu na porta.

Tomás foi abrir.

Um tenente da guarda real o saudou, quase sem fôlego por sua corrida.

—Alteza, os fogos estão controlados e a revolta foi controlada. Agarramos todos eles.

Rafe se dirigiu para ele com entusiasmo.

—A todos?

—O pequeno nos escapou.

—E o Cavaleiro Mascarado?

—Sob custódia, senhor.

Sons de satisfação encheram a sala, como se o cavalo favorito dos senhores acabasse de ganhar a corrida. Rafe olhou seus amigos com desconforto, aborrecido, ao ouvir que o tom de seus comentários era cada vez mais selvagem.

—Vamos beneficiar com isso! Bramou Federico como um cão de caça.

—Acalme-se — ordenou Raffaele com secura. Depois se voltou para o tenente. —Felicite seus homens. Esqueça o menino, ele não tem importância.

—Interrogamos os prisioneiros, Alteza?

—Deixe isso comigo. Diga a seus homens que não quero que ninguém abuse destes prisioneiros... e encerre o Cavaleiro Mascarado em uma cela individual para passar a noite.

—Rafe! Sussurrou Adriano. —Não deveria dar um tratamento especial!

Ele se dirigiu para seu amigo, baixando a voz.

—Devo deixar que passe a noite compartilhando o beliche com os valentões do reino? Por Deus bendito, é virgem ainda.

—Virgem? Vamos desfrutar dela então! Gritou Niccolo com uma risada de bêbado, golpeando a coxa de forma provocadora.

Rafe olhou-o, depois olhou os outros e sentiu como se fosse a primeira vez que os visse. Pensou nos inocentes olhos água-marinha de Daniela. Quanto mais alto gritavam pedindo seu sangue, mais urgente era seu desejo de protegê-la. Este sentimento ia dominando-o, especialmente agora que Elan tinha recordado o pequeno escândalo acontecido faz uns doze anos, o que suspeitou arruinou o pai de Daniela... e a fortuna da família.

Estava muito zangado com a garota, mas não importava o que tivesse feito a ele e a seus amigos, ela era jovem e valente, e formosa... e o tom de suas vozes era horrível.

—Ensinar-lhe-emos uma lição que não esquecerá nunca!

—Não a tocarão — disse Rafe com tom tranquilo, olhando-os nos olhos.

Alguns deixaram de rir de repente. Outros se olharam surpreendidos por sua cortante recriminação.

Com receio, voltou-se para o tenente.

—Leve o Cavaleiro Mascarado à sala de interrogatórios amanhã às sete horas, mas assegure-se antes que deixou essa parte do cárcere intacta — acrescentou com secura.

—Só parte do muro oeste está danificada, Alteza. Os pedreiros o inspecionaram e dizem que pode ser reparado facilmente.

—Bem, isso me alegra. Essas são as ordens.

—Sim, senhor! O homem se endireitou, saudando.

Rafe assentiu a sua saudação de despedida, afastando de sua mente a preocupação de deixar Daniela nas mãos dos ásperos e perigosos carcereiros. Mas corria o risco de delatar-se se a tratava com muitos olhares. Além disso, tendo-a entre barrotes de noite, poderia estar seguro de que não escaparia de novo, e de que seus pervertidos amigos não poderiam pegá-la. Tinha a esperança de que uma vez passado o efeito do álcool, seus ânimos voltariam a ser mais civilizados.

Quanto à senhorita Daniela, sua pequena amiga teria que passar uma longa noite na escuridão de uma cela, o que lhe permitiria refletir sobre seu destino. Possivelmente pela manhã se mostrasse mais displicente com ele.

Levantou o olhar e encontrou Adriano sacudindo a cabeça com desgosto para ele.

—Não posso acreditar que fique do lado dela e não do nosso.

—Ainda não estou do lado de ninguém. Será o tribunal que decidirá.

—Conheço-o. Encontrará uma maneira de fazer que se livre da força, porque não pode resistir à beleza de uma mulher. Não se deixe enganar por suas mentiras. É uma criminosa, Rafe! É uma ladra! Já passamos por isso, recorda?

—Cuidado com suas palavras — grunhiu, sem querer admitir que Adriano tivesse acertado o ponto nevrálgico de suas preocupações. Seria muito fácil para uma jovem tão inocente e doce, com essa vulnerabilidade na boca, aproveitar-se dele... e, entretanto, era precisamente o fato de não poder predizer qual seria seu próximo movimento, nem poder controlá-la, o que mais o excitava.

—Não vê como está começando a manipulá-lo? Se ajudar essa descarada, estará em suas mãos para que possa fazer o que quiser. Precisamente como Julia...

—Não pronuncie esse nome diante de mim — advertiu com fúria, cortando Adriano no momento no qual a porta se abria e dom Arturo irrompia no aposento seguido de outros conselheiros.

—Ah, pelo amor de Deus — murmurou Rafe para si. —O que estão fazendo aqui estas harpias?

—Há fogo e uma revolta na cidade esta noite, Alteza! Anunciou o primeiro-ministro, enquanto se dirigia para ele como se estivesse totalmente preparado para lutar contra ele. — Pensamos que deveria sabê-lo... se não estiver muito ocupado com seu próprio divertimento!

—Os fogos já foram controlados e a revolta foi também dissolvida — disse Rafe com calculada paciência, evitando o insulto com diplomacia. —Voltem para suas casas.

—Certamente que não! Exclamou como se tivesse sido ele o ofendido. —Sua Alteza não leva mais de umas poucas horas no poder e não tem experiência em crise políticas. O gabinete tomará conta de tudo a partir de agora. Sua Majestade não esperaria menos de nós. Vá e siga desfrutando de sua festa, afinal de contas, é seu aniversário — acrescentou em voz baixa, olhando aos outros nobres.

Eles pigarrearam com compreensão.

—Senhor, vai perdoar a vida a essa bandida, mesmo que nos roubou tudo e o repartiu por aí! Choramingou Adriano, encomendando-se ao primeiro-ministro. —Não pode fazer que volte a razão?

Dom Arturo olhou Raffaele com sagacidade.

—Sim, ouvi que o Cavaleiro Mascarado foi capturado. E diz que é uma mulher?

—Uma Chiaramonte — respondeu Raffaele com ternura. —Nenhum de vós pode ver que tudo o que fez foi em benefício de outros? Eu vi sua casa, seus vestidos. Não gastou nem um centavo nela, e estou certo de que vocês podem muito bem viver sem esse ouro.

—A lei não faz distinções por motivos ou circunstâncias, Alteza — disse dom Arturo, saboreando suas triunfantes palavras e olhando-o com esses olhos que pareciam indicar que utilizaria qualquer desculpa para enfrentar Raffaele, agora que o Rei não estava. —É seu dever, como estou seguro de que já sabe, enforcar essa criminoso.

—Sei qual é meu dever — disse em voz baixa, com todo o estoicismo de que era capaz. Também sabia que os assessores de seu pai estavam esperando que cometesse o mínimo engano para tomarem o poder antes que ele herdasse o trono de seu pai.

Nesse momento, Orlando se uniu ao grupo, entrando no aposento com um gesto de saudação grave aos homens e dirigindo a Rafe um olhar de interrogação. Orlando era da família: a presença ao menos devolveria às pessoas sem dúvida algo da confiança em Raffaele.

—Cavalheiros — disse, levantando o queixo — fiquem tranquilos de que quando tiver ouvido todos os fatos, decidirei o destino da senhorita Daniela. Até então, não estou disposto a deixar que as massas a linchem. Mas vocês têm que acalmar-se — acrescentou preocupado.

—Nos acalmar, enquanto a justiça está sendo entorpecida?

—Isso é um exagero.

—Não acredito! O primeiro-ministro se esticou tentando parecer mais alto. —Se voltar a se interpor no cumprimento da lei uma vez mais, Alteza, não conte comigo como aliado! Rafe interiorizou estas palavras e guardou silêncio um momento, com o olhar fixo no chão.

—Dom Arturo, está me desiludindo. Levantou seus olhos e dirigiu um olhar sóbrio ao rosto do primeiro-ministro. —Pensei que seria capaz de esquecer seus problemas pessoais comigo pelo bem de Ascensão, mas vejo que ainda me culpa da morte de seu sobrinho. Sei que ele foi como um filho para você, mas eu não tive nada que ver com sua morte. Um silêncio triste inundou o aposento. Mesmo os selvagens amigos de Rafe pareciam emocionados. Giorgio dei Sansevero havia sido amigo de todos eles e era difícil mencionar seu nome.

Todo mundo olhava fixamente Raffaele. Dom Arturo tremeu de ira.

—Você estava lá. Podia tê-lo salvado, mas não o fez, e para mim é como se o matasse a sangue frio. Sabia tão bem como todos que o duelo estava proibido, mas não o deteve. Não, em vez disso, foi sua segunda testemunha — disse amargamente.

—Ele era meu amigo. Não podia me negar a seu pedido.

—Ele poderia continuar vivo hoje se tivesse cumprido com seu dever. Só era um moço. O homem perdeu a compostura.

—Assim como eu.

—Podia tê-lo detido. Ele o admirava, como todos outros!

—Tratei de detê-lo. Giorgio queria sangue e eu não podia dizer como viver sua vida.

—Os duelos estão proibidos! Gritou ele angustiado. —Não fez caso da lei então, e parece que vai ignorar agora também! Quem terá que morrer agora para que se divirta?

—Como se atreve? Bradou Rafe, dando um passo para ele.

—Cavalheiros, cavalheiros — irrompeu Orlando com educação, interpondo-se entre os dois. Olhou Rafe com dureza e depois se voltou para dom Arturo. —Nos comportemos como homens civilizados.

A interrupção do duque diluiu um pouco a tensão que pairava no ambiente. Olhou a seu redor, para onde estavam os outros.

—Meu querido dom Arturo, Sua Majestade deixou o príncipe Raffaele a cargo de Ascensão por uma razão. Certamente que Sua Majestade conhece seu dever. Isto é inquestionável. Por dever, por lealdade, por seu próprio orgulho, na realidade, não me cabe nenhuma dúvida de que meu primo servirá à justiça. Quando esta mulher for condenada a morte, as pessoas saberão que podem confiar nele tanto como no próprio Rei Lazar.

Rafe olhou-o desconcertado.

—Está surdo? As pessoas amam o Cavaleiro Mascarado. Se pendurar à garota, eles me odiarão ainda mais.

Orlando pareceu desconcertado, mas então sorriu com paciência. Rafe sentiu como a ira o dominava ao ver os ares de superioridade que fazia seu primo. Rafe sentia simpatia por Orlando, mas agradável ou não, nunca poderia chegar a confiar nele totalmente.

—Se não a pendurar, Rafe, quem vai respeitar sua autoridade? Perguntou Orlando não sem certo julgamento. —Na verdade não vejo que tenha outra opção.

—É claro que tenho outra opção — disse com ímpeto. —Sou o príncipe regente, não? Um fato que todos parecem dispostos a esquecer. Com um olhar de desgosto, afastou-se deles, sem saber muito bem o que pensar.

"Enforcar Daniela?", pensou, como se o pensamento o matasse. Romperia antes algum vaso heleno ou queimaria Mona Lisa. Como podia destruir alguém tão jovem, muito melhor e mais bondosa que ele? Tinha querido envolver a doce pele de seda e seu corpo de beijos, e agora devia mandá-la à forca. Só de pensar nisso o atormentava. Ele era a autoridade judicial suprema de Ascensão em ausência de seu pai e só ele tinha o poder de salvá-la. Mesmo assim, eles tinham razão.

Quem respeitaria sua autoridade se a deixasse escapar?

Não conseguiria senão continuar sendo um bufão aos olhos do mundo, enganado uma vez mais por uma mulher. Além disso, que precedente criaria para os futuros criminosos se a perdoasse? "*Ah, gatinha ruiva, que grande problema me colocou agora*".

—Saíam — murmurou. Necessitava tempo a sós para pensar. —Todos vocês.

—Alteza... começou dom Arturo.

—Maldição, me obedçam — grunhiu em voz baixa furioso. Teve o suficiente. Voltou-se para enfrentá-los e repreendeu-os. —Saíam de minha casa, todos! Ao ouvir seu grunhido, saíram correndo para a porta, como se houvesse um leão solto na sala. —Elan, desça e diga a essa condenada orquestra que recolha os instrumentos. Tire toda essa gente daqui! A festa terminou. Terminou. Ouviram-me, imprestáveis e folgazões camponeses? Gritou a seus amigos. —A festa terminou!

Rafe ficou em pé, com o peito trêmulo.

Foram-se e ele ficou só.

Passou os dedos pela franja do cabelo, notando que tremiam ligeiramente por nervosismo e, para ser sincero, também por medo. Sentia de forma deplorável que o peso que recaía agora sobre seus ombros era grande. Revoltas. Incêndios. Secas. Cortesãos que se uniam contra ele, amigos que se convertiam de repente em estranhos bárbaros... ou foram sempre assim e ele tinha sido muito superficial para dar-se conta?

Abatido, desiludido, por aqueles a quem conhecia, incluindo ele mesmo, caminhou para a vitrine das bebidas e se serviu de um pequeno copo de uísque. Deu um gole e sentiu o calor que queimava todo o caminho do esôfago até o estômago. Limpou a boca com o reverso da mão e seu olhar recaiu depois na bandeja com as fotografias das cinco princesas. Seus amigos zombaram dele toda à noite sobre isso.

Olhou fixamente esses rostos que não diziam nada.

Daniela Chiaramonte devia ser pendurada. Sem dúvida.

Já havia sentido antes essa masculina e estúpida necessidade de salvar garotas em apuros. Simplesmente a ignoraria, decidiu, porque sabia que não devia confiar em seu instinto de cavalheirismo. Daniela não era do tipo de mulher que alguém queria salvar. Certamente afastaria a mão se ele a tocasse. Não. Deixaria que fosse à força, como deveria ter deixado que Julia fosse à prisão por suas dívidas no passado. Ela o tinha procurado. Adriano tinha razão, as duas eram ladras.

De repente, dando um grunhido de dor jogou no chão a bandeja com as fotografias. As molduras se romperam. Levantou o olhar de seus dispersos e ausentes sorrisos e olhou a si mesmo no elegante espelho que tinha frente a ele.

"Não preciso responder ante ninguém — havia dito, selvagem e livre, com a luz das estrelas iluminando seu cabelo. É simplesmente o que eu escolhi".

Rafe deixou cair o queixo até quase o peito. Agora, também ele devia fazer sua escolha.

Dani se encolheu na escuridão, sobre uma cama cheia de traças, no chão, com os joelhos junto ao peito. Depois de um momento de intranquilidade, conseguiu conciliar o sono com a fronte apoiada nos joelhos. Despertou ao ouvir um golpe metálico na porta de ferro da cela.

Estava imersa em um sonho onde a água dançava na fonte de Raffaele, aquela que tinha visto em frente a seu palacete. Em seu sonho, arrastava-se, de gatinhas, para poder chegar até ela, sem consegui-lo nunca. Impotente olhava essa cascata de água cristalina que caía da fonte, tão formosa... Mas não estava ao seu alcance, a corrente que tinha no tornozelo o impedia de chegar até ela, quando tudo o que desejava era inundar sua boca e suas mãos na água para aplacar essa sede tão espantosa.

O sonho acabou com o despertar, mas a sede se manteve.

Levantou-se quando os guardas começaram a abrir o ferrolho da porta. Apressou-se a colocar a máscara negra para que ninguém visse o medo escrito em seu rosto.

Quando a porta se abriu, cobriu os olhos com o braço, ofuscada pela luz do sol. Cega, sentiu mãos grandes que a pegavam pelo braço e desacorrentavam os tornozelos. Depois, empurraram-na para a saída da cela.

—Onde me levam? Perguntou. Tinha a garganta seca e espessa.

—Cale-se. O guarda a empurrou para que caminhasse diante dele pelo úmido e frio corredor de pedra.

Ela o fez cambaleando para luz, com as correntes tilintando. Os soldados e outros guardas se materializaram na penumbra. Enjoada e débil, distinguiu um corredor com franjas de luz que se desenhavam no chão de pedra, e seis homens uniformizados que a conduziam a algum lugar desconhecido, com a luz do sol iluminando suas baionetas.

Ouvia as botas dos soldados golpeando o pavimento, mas o som de seus passos enérgicos e contundentes não podia esconder os cânticos e os clamores da multidão na distância. Escutou, sabendo que essas vozes tinham algo que ver com ela, mas sem poder distinguir o que diziam.

—Entre o prisioneiro.

Os guardas da torre desceram seu cerimonioso machado de guerra, ficaram a um lado e abriram a enorme porta onde se achava o longo corredor do cárcere.

Os guardas colocaram Dani em um aposento lúgubre e carregado. Tropeçou, caindo ao chão de joelhos com uma maldição de dor. Sem tirar a máscara, inspecionou o lugar no qual se encontrava.

Parecia ser um aposento para interrogatórios ou uma sala de audiências de algum tipo. Estava custodiada por uma linha de soldados da guarda real, armados convenientemente e colocados a cada dez passos por todo o perímetro.

Havia altas janelas e uma grande lareira vazia. Apoiado na parede mais longa, um trono de madeira encima de um estrado de pedra e, sobre ele, a figura imóvel de um homem.

Sentiu os cabelos da nunca arrepiarem. Conhecia-o. A luz preguiçosa da janela caía sobre ele, assim só a imensa silhueta do príncipe se via de forma clara na escuridão do aposento. Com os cotovelos apoiados nos braços do trono, batia no rosto ritmicamente com os dedos, refletindo. Não precisava mover-se nem pensar para fazer notar sua imperial presença. Uma aura de autoridade o rodeava, evidente e eloquente na amplitude de seus ombros e em seu maxilar quadrado perfilado pelo sol. Seu olhar pesava fisicamente e em sua quietude, era tão perigoso como um feroz leão nas sombras, movendo preguiçosamente a cauda, silencioso, na expectativa.

O medo correu renovado por suas veias. Podia muito bem imaginar quão zangado devia estar com ela. Tinha algo que ver com o orgulho masculino, do que ele não carecia precisamente, e ela tinha sacudido sua... realeza.

Conforme foram se acostumando os olhos à penumbra, pôde ver que o príncipe se vestia completamente de negro. Depois do refinamento da noite anterior, a severidade de agora parecia de alguma forma acrescentar seu poder de sedução. Sua camisa de mangas caídas deixava entrever a grandiosidade de seus braços e seus ombros, enquanto o colete se ajustava perfeitamente a seu duro peito, moldando sua esbelta cintura. Usava calças negras de montar de couro, que além de parecer da melhor qualidade, davam a impressão de serem cômodas e flexíveis. Cobria os pés com umas elegantes e brilhantes botas Wellington.

Observava-a com um olhar frio e cinza.

O príncipe com um gesto impaciente da mão, grande e refinada, através do raio de luz que penetrava pela janela, pediu aos guardas que a aproximassem, e levou uma vez mais os dedos a sua sedutora boca.

O curtido guarda deu um passo adiante para cumprir a ordem e depois a pegou para que ficasse em pé. Começou a empurrá-la com energia. Mas quando quis tocar seu peito, seu grunhido de surpresa foi substituído por um grito de dor, enquanto, de forma reflexa, levantava as mãos algemadas e as balançava para ele.

— Não ponha as mãos em mim!

Não sabia de onde vinha tanta força.

Se por acaso não tivesse ficado claro, golpeou o guarda no rosto e depois virou e se impulsionou com um salto para golpear com força o peito.

Quando outro dos guardas se aproximou o suficiente, levantou o joelho e golpeou com ele entre as pernas.

O soldado caiu, mas só um segundo depois tinha a ponta da baioneta, de outro, cravada no pescoço. Ficou paralisada, com o queixo bem alto e a respiração entrecortada.

Então, do alto do trono ouviu uma risada baixa acompanhada de um suave, mas insolente aplauso.

— Não ria de mim! Gritou, sendo ferida no pescoço com a ponta que a ameaçava.

Ao falar, sua voz profunda retumbou com gentileza, embora não sem certo sarcasmo.

— Tire a máscara.

Nervoso, e, impaciente, Rafe observou como o guarda a rodeava. Atrás do tecido negro, seus ferozes e faiscantes olhos inspecionavam o homem.

O homem se aproximou dela com cautela. A garota proferiu uma maldição quando por fim a máscara foi retirada. De repente, uma cascata castanha de cabelo ondulado caía livremente sobre seus ombros, dourado sob a tênue luz da estadia.

O homem ficou boquiaberto e ela se limitou a rugir, como uma gata selvagem, até fazê-lo retroceder.

Os outros guardas abriram um corredor ante ela para que passasse, respondendo de forma instintiva a seu inato e inconfundível ar de autoridade. Quando ao fim pareceu satisfeita com a distância, a senhorita Daniela dirigiu seu olhar frio e cortante a Rafe.

Ele continuava sentado, imóvel com o cotovelo apoiado no braço do assento, com os dedos escurecendo preguiçosamente sua boca e o coração silenciosamente alterado.

Só um olhar tinha bastado para desejá-la ali mesmo, com tanta necessidade como experimentada na noite anterior quando a encontrou entre a multidão. O mesmo desejo que sentiu na primeira noite que a conheceu naquele desolado salão.

Ela... despertava seus sentidos, sua mente, seu adormecido coração. Sua beleza tirava sua respiração como se a água gelada de um arroio da montanha o salpicasse, tão fria como dolorosa, e ao mesmo tempo, tão estimulante, cristalina e pura.

Joana d'Arc veio a sua memória, com suas mãos entrelaçadas no regaço, com esse irresistível queixo altivo e essa bolinha de fuligem na face. Tinha uma aura de orgulho que a rodeava como a luz da manhã. A camisa folgada negra e o colete que levava escondiam suas virginais curvas, mas as calças seguiam surpreendentemente cada linha de suas pernas e se ajustavam a seus gloriosos quadris. Era esbelta e bem torneada como uma potra.

Quando Rafe voltou a olhá-la, achou uma Daniela desafiante, em pé com uma pose fria e descarada, longe de parecer intimidada, ou, impressionada. E ele, que sabia tudo o que tinha que saber sobre mulheres seguia sem ter ideia do que ia fazer com esta, que parecia apenas mais velha que uma menina. Sua beleza não era tão evidente como a de outras mulheres às quais ele estava acostumado. Se estivesse falando de rosas, ela seria um orgulhoso e silvestre lírio listrado.

As demais brilhavam como pó de diamantes ao lado dela, que era a pura simplicidade de uma opala perfeita. Havia muito mais que beleza em Daniela: uma vida tumultuosa e um espírito ardente.

Seu pai tinha razão, pensou Rafe com um sorriso ligeiramente reflexivo ao olhá-la. Necessitaria de alguém em quem confiar a seu lado, e não podia imaginar um aliado mais incondicional e intrépido que o valente Cavaleiro Mascarado.

Passara a noite em claro tentando achar uma saída para seus dois angustiantes destinos, e por fim o encontrou.

Mudaria sua vida embora tivesse para isso que protagonizar um último escândalo, e cumpriria as expectativas de seu pai antes de sua morte. Maravilharia Ascensão com sua brilhante liderança e daria um herdeiro à Coroa. Sua selvagem beleza acendera nele a faísca que necessitava para arder. Se por acaso isto fosse pouco, romperia com a dominação que exercia seu pai sobre sua vida e conseguiria tomar o controle de seu destino. Ali em pé, desafiando-o com uns olhos água-marinha, estava sua declaração de liberdade.

Era ela. É claro, seria fatal fazer ver quão importante era em seus planos. Quando as mulheres intuía uma porta, tratavam de abri-la ao máximo, como ele sabia muito bem. Tinha que proceder com precaução sabia o que diria para conseguir o que queria e ao mesmo tempo, mantê-la sob controle, porque estava claro que esta mulher que o olhava era das problemáticas.

Ah tinha tomado uma decisão sobre Daniela Chiaramonte. E enquanto olhava a sua futura esposa, teve a intuição, no mais profundo de sua alma de vagabundo, que era ele quem se entregaria.

Capítulo 7

Dani fez o que pôde por manter o queixo alto e os ombros para trás, em uma pose desafiante, mas não podia evitar tremer, temendo mais a Raffaele que todo o esquadrão de soldados juntos. Com um gesto quase aborrecido da mão, fez que seus homens se retirassem. No momento, achavam-se a sós, olhando um ao outro em um silêncio hostil.

O terno amor da noite anterior se desvaneceu nos olhos deste tirano remoto e meditativo. Seu rosto anguloso e duro parecia esculpido em granito.

—Estou muito descontente, Daniela. Muito descontente!

—Venha, me enforque! Não me importa! Gritou desesperada, nervosa e na defensiva. — Não tenho medo!

—Enforcá-la? Perguntou suavemente. —Pensemos um momento, querida. Enforcá-la seria uma sentença muito leve pelos... inconvenientes que me causou. Levantou-se do trono e desceu com naturalidade os três degraus do estrado, aproximando-se dela.

Caminhou e passou junto a ela até uma mesa longa e retangular que havia no centro do aposento e moveu uma das cadeiras de vime, fazendo um gesto.

—Sente-se.

Ela manteve o olhar fixo nele ao aproximar-se e sentar-se na cadeira de madeira, bastante agradecida pelo convite, dada sua débil condição.

—As mãos na mesa.

Uma vez mais obedeceu, vermelha de ira pela humilhação. Era terrível ver-se humilhada dessa forma ante um homem a quem queria em segredo provocar o respeito e a admiração. Esse desejo não deixava de atormentá-la, porque nunca conheceu ninguém como ele, tão vibrante e magnético, tão excitante na proximidade.

Ele empurrou a cadeira em que estava sentada com irônico cavalheirismo e depois se inclinou por cima de seu ombro, plantando as mãos na mesa ao redor de seu corpo, cercando-a. Ela podia sentir seu fôlego quente ao lado da orelha. Fechou os olhos e ficou completamente quieta, cercada por sua presença física.

—Perdeu isto no baile — sussurrou, roçando sua face com a ponta de seu nariz ao colocar um pequeno objeto na mesa ante ela.

Surpreendida Dani abriu os olhos ao ver um de seus brincos de prata.

—Deixou-o em meu dormitório — acrescentou sensual.

Incomodada por sua indireta se afastou, com o rosto aceso de raiva, embora ao menos conseguisse controlar sua língua.

Com um sorriso arrogante, como se soubesse perfeitamente o efeito que estava causando nela, endireitou-se e caminhou languidamente rodeando a mesa. Ao chegar do outro lado, tirou uma cadeira, virou-a suavemente e se sentou escarranchado nela. Rodeando o espaldar com os braços, apoiou o queixo no braço e a olhou com sobriedade.

—Conte-me tudo.

—Não posso falar até que me dê água — disse com voz rouca.

Ele enrugou o sobrecenho e a estudou. Então assentiu e se levantou. Caminhou para porta e pediu em voz baixa a um de dos soldados que trouxesse água. Alguns minutos depois voltou com uma jarra e um copo de latão. Verteu a água no copo conforme ia aproximando-se dela. Estendeu a água e ela tomou, trêmula, o copo de sua mão. Com os braços cruzados, o príncipe observou sua maneira ansiosa de beber. Ela parecia estar no paraíso, enchendo de água sua boca, refrescando sua garganta... e então abriu os olhos ao sentir que seu braço era seguro com uma mão firme.

—Bebe devagar, vai passar mal — murmurou, detendo-a de um lado da mesa.

Ela baixou o copo e ficou ensimesmada com os olhos fixos no objeto metálico, evitando assim ter que se encontrar com os dele. Quando levantou os olhos, vacilante, surpreendeu-a ver

que tinha o olhar fixo em seus lábios úmidos. Ela afastou os olhos, emocionada ao recordar seus beijos lentos e profundos da noite anterior. Ah era um homem perverso, e se sentia absurda por não poder deixar de desejá-lo, apesar de saber que ia manda-la à forca.

Com os dois cotovelos apoiados na mesa, Daniela afundou o rosto entre as mãos.

Transcorreu um bom momento de silêncio e nenhum dos dois se moveu, ela sentada na mesa com a cabeça entre as mãos e ele em pé do outro lado, observando-a com impaciência, os braços cruzados à altura de seu enorme peito.

— Por que fez isso?

Ela exalou profundamente e desceu as mãos, vendo a imagem que davam seus dedos ao entrelaçar-se.

— Em minhas terras tenho duzentas almas que dependem de mim para comer, Alteza. Quando a seca chegou e arruinou nossas colheitas, soube que se não conseguisse o dinheiro de algum lugar, eles morreriam de fome. Tentei outras formas. Vendi todas as joias de minha mãe, mas me neguei a vender meu corpo a esse porco do Bulbati, por isso recorri ao Cavaleiro Mascarado. Entretanto — admitiu, engolindo se seu orgulho — nunca foi minha intenção chegar tão longe.

— Foi uma estupidez. Dá-se conta, Daniela, que me vejo obrigado pela lei a enforcá-la?

Ela se endireitou e levantou o queixo.

— Se espera que suplique clemência, está perdendo tempo. Conhecía desde o começo as consequências de meus atos e estou preparada para morrer.

Ele a olhou fixamente.

— Pelo amor de Deus, sempre se comporta dessa maneira?

Ela deu de ombros.

— Minha pequena bandida, sua vida está em minhas mãos e devo recordá-la que também estão as desses camponeses aos quais parece estar tão preocupada.

Seu olhar perdido recuperou de repente o interesse ao ouvir mencionar os irmãos Gabbiano.

— O que vai ocorrer com eles?

Pôs a mão no espaldar da cadeira, do outro lado da mesa.

— Diga-me uma coisa. O mais velho... Mateo. Está apaixonado por você?

— Como? Não! Zombou, ruborizando-se repentinamente.

— Quero a verdade.

Parecia confusa.

— Eu... Não sei. Espero que não.

Ele empurrou a cadeira para fora e se sentou, roçando com os dedos a superfície cheia de marcas da mesa.

— Ontem, o homem estava disposto a morrer na forca antes de revelar a identidade do Cavaleiro Mascarado. Eu mesmo perguntei e mesmo assim continuava insistindo que ele era o Cavaleiro Mascarado. Estava disposto a morrer em seu lugar.

— Bom, eu faria o mesmo por ele, mas não é esse tipo de... vacilou, com uma expressão de incerteza — amor. Os Gabbiano são como irmãos para mim.

Ele se inclinou para frente e perguntou com suspeita.

— Quer dizer que seu nobre Mateo nunca se declarou?

— Por Deus, não! Rechaçaria-o se o fizesse, e ele sabe!

O príncipe tratou de conter um sorriso.

— Então, é fácil supor que você tampouco está apaixonada por ele?

— O amor — declarou — é para os idiotas.

Ele a estudou como hipnotizado.

— Não é um pouco jovem para falar dessa forma, querida?

—Eu não sou sua querida. E mais, não sou nada sua! Replicou, sentindo-se apanhada e morta de calor pela maneira tão ansiosa em que ele a olhava. —Vai me dizer qual é minha sentença ou vai seguir aqui me atormentando? Porque não entendo aonde quer chegar com este tipo de perguntas que não têm nada que ver com o que nos ocupa.

—Certamente que sim, é um assunto de vital importância — deu um sorriso distante. — Perdoe-me; os monarcas devem ser nestes assuntos os mais cuidadosos. Estão muitas coisas em jogo, sabe? As questões de legitimidade são parte de nossa vida real.

—E o que tem tudo isso a ver comigo? Replicou.

—Bom, por exemplo, quando der a luz, terá que fazê-lo diante de algumas pessoas. E outra coisa importante: à noite de nossas núpcias, teremos que dar uma amostra de sua virgindade aos anciões do Conselho...

Dani não esperou para ouvir o resto. Levantou-se como com uma mola da cadeira, embora logo uma dor no estômago causado pela água a fez dobrar-se e sentar-se de novo com um pequeno grito. Agarrando o estômago, encolheu-se em sua cadeira.

Raffaele esteve a seu lado em um instante, ajoelhado e sustentando-a pelo ombro com sua mão grande e firme.

—Calma, respire fundo. Passará. Acariciou-a com ternura, fazendo desaparecer os espasmos. —Que mulher! Suspirou. —É forte, Daniela Chiamonte. Deus sabe que será uma boa Rainha.

—Do que está falando? Pigarreou, com o rosto corado.

—Esqueci de dizer isso: vai casar-se comigo, essa é sua sentença.

Lívida o olhou.

—Deve estar bêbado.

—Sóbrio como um padre.

—Ficou louco? Era quase um grito.

Ele sorriu... de forma encantadora.

—Não me casarei com você! Não!

—Claro que o fará, querida. Vamos, Daniela... aqui me tem, ajoelhado diante de você, prostrado com um joelho no chão por você. Ponho meu reino a seus pés. Seu tom era desenvolto, seus olhos brilhantes. —Parece que consegui por fim deixá-la sem palavras.

Ah era uma brincadeira. Sim, era isso. Agora entendia. Queria o estrangular até que essa careta infantil e matreira desaparecesse de sua magra boca.

—Não tente me enrolar, Raffaele Dei Fiore. Prostrada ainda pelas náuseas, furiosa e desconfiada, ainda segurando o estômago quando o olhou com o cabelo cobrindo o rosto. Não podia acreditar que uma mulher tão pouco atraente neste momento pudesse receber uma proposta de matrimônio do homem mais desejado do século.

—Primeiro atira em mim! Depois me leva a força a seu quarto e tenta me seduzir! Agora, que tipo de jogo perverso está jogando comigo?

—Cale-se, Daniela. Não seja tão desconfiada. Ele retirou uma mecha de seu cabelo, tocando o ombro como se já lhe pertencesse.

Dani começava a sentir-se de verdade aterrada.

—Não está falando sério.

—Certamente que sim.

—Não posso me casar com você! Nem sequer gosto de você!

—Isso não é o que me diziam seus beijos a outra noite — sussurrou com um sorriso satisfeito.

—De verdade acha que sou tão ingênua que não posso ver o que está fazendo? Perguntou, entrecerrando os olhos. —Tenta zombar de mim!

Ele levantou as sobrancelhas.

—Por que faria isso?

—Para se vingar de mim por ter roubado seus estúpidos e superficiais amigos! Sei que vai pendurar-me ou algo pior, assim deixe deste jogo cruel...

—Cale-se — disse com firmeza, agarrando seu rosto com sua luva negra, em um toque tão suave que a fez chorar. Manteve o olhar fixo no dela como se quisesse reconfortá-la e dar confiança. —Isto não é nenhuma brincadeira. Está metida em uma boa confusão. Digamos que me diverte ajudá-la. Naturalmente — acrescentou, e seu toque se converteu em terna carícia — espero que, em troca, você também me ajude.

Olhou-o com a boca aberta, sem acreditar no que ouvia.

—Como?

—Ah, de várias formas — sussurrou, roçando sua face com os dedos. —Tem a linhagem adequada. É, se não me engano, sadia para ter filhos.

—Filhos? Repetiu, empalidecendo. Pelo amor de Deus, estava falando sério. Sua princesa? Sua rainha? Não tinha a menor ideia de como ser rainha. A cabeça dava voltas ao olhá-lo. Certo, ela ostentava o grande nome dos Chiaramonte, mas nunca foi apresentada em sociedade devido à delicada situação econômica de sua família.

—Sinto muito se minha proposta não foi tão romântica como deveria, mas não sou um homem sentimental — disse ele com um ligeiro encolhimento de ombros, baixando a mão. —Além disso, você disse que o amor era para os idiotas, algo que eu compartilho. Disse-me em sua propriedade que não tinha intenção de se casar, mas temo que entregou sua liberdade ao atuar à margem da lei. Entende, Daniela? Simplesmente, eu encontrei a forma de te utilizar.

—Me utilizar? Perguntou fracamente.

Ele assentiu.

—Por sorte, até sendo uma criminoso, nunca foi verdadeiramente violenta. Nós dois sabemos que o povo de Ascensão ama o Cavaleiro Mascarado. É algo assim como uma heroína nacional, enquanto que eu, pelo contrário... bom, a gente do povo não me ama precisamente. Os plebeus são só isso, plebeus, mas eu desejo que minha gente me queira como querem a meu pai. Você, minha senhora, é precisamente o instrumento que necessito para ganhá-los. Isto será o seu dote. O príncipe levantou a máscara negra da mesa e a balançou frente a seus olhos.

Com os olhos arregalados, olhou primeiro à máscara e depois a ele.

—Sua Alteza quer me utilizar... por minha influência perante o povo?

Ele observava sua reação de perto, com um pingo de misteriosa emoção em seus verdes olhos, mas seu tom continuou sendo despreocupado.

—Sim. Isso resume bastante bem.

—Entendo — disse ela, deixando cair os olhos, com a cabeça em total confusão. —Qual seria exatamente meu encargo?

Ele deu de ombros com cinismo.

—Terá que fazer pouco mais que estar a meu lado, saudar a multidão e parecer feliz.

Mas ele tinha falado de filhos. Estudou-o, sem saber o que pensar. Certamente, como príncipe herdeiro, sabia que uma de suas obrigações era ter descendência, e ela, como futura esposa, teria a obrigação de procriar. Sempre teve um medo irracional da maternidade, mas nesse momento, a noção parecia tão impossível, inimaginável e irreal que nem sequer conseguia atemorizá-la.

O que de verdade dava medo era que um patife sem princípios, no qual não se podia confiar, fosse seu marido, e o que era pior, muito pior, que chegasse a apaixonar-se por ele e se convertesse em sua escrava.

—Seja razoável, Daniela — murmurou, vendo a batalha que se travava em seu interior. — Não é momento para orgulho.

Ela segurou a testa com a mão e o olhou desconfiada.

—O que ocorrerá aos irmãos Gabbiano? A única forma de que aceite isto é se deixá-los em liberdade.

—Como? Não seja absurda! — replicou ele, vendo como vinha abaixo toda fachada de segurança. —Não penso deixar que se vão quando nós dois sabemos que são culpados perante a lei! Quer que me converta no bobo de todos?

—Então receio que não há nada do que falar. Todos os crimes que cometeram o fizeram porque eu os mandei. Não pode me salvar e prendê-los pelo resto de suas vidas.

Ele a olhou como se não acreditasse no que ouvia.

—Deus, é uma jovem muito teimosa. Levantou-se de sua posição agachada junto a ela e se afastou movendo a cabeça.

No silêncio que prosseguiu, não pôde fazer outra coisa senão observar Raffaele que amaldiçoava uma e outra vez em voz baixa enquanto caminhava pelo aposento, comendo o espaço com suas longas pernas, terminando cada um de seus passos com um giro limpo de soldado. Era uma sensação estranha e desconfortável, saber que esse homem controlava o destino de suas vidas. Esperava que não acabasse por mandar todos à força, ela incluída, mas a lealdade exigia que se mantivesse fiel e leal a seus amigos da mesma forma que eles foram com ela.

O príncipe a olhava de vez em quando, com uma expressão que podia ser tanto de nervosismo como de hostilidade, ou ambas as coisas ao mesmo tempo. No extremo mais afastado da sala, deteve-se de perfil para ela. Com as mãos nos quadris se voltou e a olhou hesitando.

—Desterro.

Dani absorveu esta palavra.

—Serão livres?

—É mais que generoso — a advertiu. —O desterro, senhorita Daniela. É minha última oferta parou. Tocando os lábios com um de seus dedos enquanto pensava, começou a caminhar para ela. —É claro, tenho algumas condições para você em troca. Agachou-se e plantou ambas as mãos na mesa em frente a ela, provando-a com um olhar intenso. —Em primeiro lugar, deve me dar sua palavra de que deixará esta tua afeição de se fazer de heroína dos pobres. Já se arriscou tolamente muito tempo e não quero ter uma esposa dedicada ao banditismo. Não haverá mais Cavaleiro Mascarado.

Por um momento, Dani não disse nada, a boca tensa. Logo começava a haver ordens, pensou, entre homem e mulher, dono e escrava. Gostaria de pedir em troca uma promessa de fidelidade, mas pensou que era melhor não forçar muito as coisas. Não tinha sentido pedir nenhum voto quando ele pedia um matrimônio de conveniência, desenhado para salvar seu pescoço e ganhar para ele o afeto de seu povo. Supunha que devia ter ideia desde este momento de que Raffaele o Libertino não mudaria nunca. Ele mesmo o havia dito: *"Sempre haverá uma Chloe Sinclair"*.

—E sua segunda condição, senhor? Perguntou, com um tom de ressentimento na voz.

Intensificou seu olhar, perfurando-a, desnudando sua alma.

—Em segundo lugar, se for minha esposa, não deve me mentir nunca. Posso perdoar tudo exceto a mentira. Caia na fragilidade humana, me desiluda, me deixe, me parta o coração, mas nunca, nunca, minta para mim.

Ela sabia muito bem por que Raffaele pedia isso. De repente se sentiu incomodada e estranha ao recordar a velha história de como uma formosa mulher da corte, convertera-se em espiã e tinha seduzido e enganado o príncipe quando era só um inocente moço. O país tinha estado a ponto de entrar em guerra com a França. Todo o reino conhecia a história, possivelmente o mundo inteiro. Agora, a ferocidade de seus olhos a cativou até quase perder o fôlego. Tinha dado tudo o que ela pediu, em troca só de sua honestidade.

Pela primeira vez, perguntou-se se não tinha sido profundamente ferido pela traição dessa mulher. Amou-a? Não cabia nenhuma dúvida de quão humilhado devia haver-se sentido ante um engano tão imenso e conhecido por todos. Pensou nessas infinitas mulheres e no desprezo que na realidade sentia por todas elas, desprezo que escondia sob um muro de galanterias.

—Honestidade, Daniela. Pode cumprir?

—Sim, príncipe Raffaele — disse fracamente, sentindo como seu coração se acelerava, compreendendo que desta vez era seu coração e não sua cabeça quem mandava. —Sim posso.

—Então, estamos de acordo?

Ela engoliu forte.

—Sim, isto mesmo.

—Bem — disse suavemente, como se não importasse. —Enviarei meus criados para que cuidem de você e um médico para que se ocupe dessa ferida.

—Obrigada — replicou, com um ridículo tom de normalidade.

Aproximando-se dela, tirou uma pequena chave do bolso de seu colete e pegou suas mãos para abrir as cadeias. Depois de tira-las as pôs de lado e examinou seus pulsos, passando suavemente seus polegares sobre sua pele pálida e um pouco dolorida.

Rafe levantou os olhos e a olhou fixamente em silêncio.

Por um segundo, segurou esses olhos grandes dela com os seus, parecendo cada vez mais sobressaltado pela importância do que acabavam de decidir. Mas logo afastou essa emoção de seus olhos e soltou suas mãos, virando a cabeça.

—Espere aqui. Voltarei em seguida para levá-la ao palácio.

—Como quiser, senhor — respirou. Era como se o coração fosse explodir pelo gesto de loucura que iriam cometer. Tinha a cabeça confusa. Baixou-a e escutou seus suaves passos que atravessavam o chão de pedra. *"Deus, o que acabo de fazer? Eu não quero me casar e certamente não desejo ser mãe!"*.

"Já é muito tarde".

Houve uma pausa.

—Daniela.

Com uma mão na maçaneta, Raffaele procurou seus olhos do outro lado da sala.

—Eu cuidarei de você — disse. Depois abriu a porta e saiu.

Capítulo 8

Levou-a para casa com ele como se fosse um gatinho abandonado que encontrasse na rua. Não a levou a seu palacete de lazer, mas ao Palazzo Reale.

Dani pensou que o príncipe Raffaele queria formalizar assim sua proposta, mas não estava segura de qual seria a mensagem que Ascensão receberia.

Ao chegar ao imenso e amplo retângulo dourado de tijolo, com seus tetos em mansarda e as janelas elegantemente esculpidas, conduziu-a pela mão através do dourado labirinto de salões de mármore que acomodavam a ala privada do palácio, onde se situavam os aposentos da família real.

No terceiro piso, instalou-a em uma grande suíte, ventilada e decorada com veludo rosa. Tinha uma saleta acondicionada com uma lareira de mármore branco esculpida com cisnes e um balcão exterior com vistas de Belfort.

Deixou-a aos cuidados do velho doutor da corte, para que ele curasse devidamente a ferida do braço. Um batalhão de bem dispostas criadas, com touca e avental, entraram também no aposento à espera de suas ordens. As criadas deram uma olhada com suas roupas negras e começaram imediatamente a preparar o banho. Outras ficaram junto a ela perguntando o que queria para comer, como se temessem que fosse sair voando a menor rajada de vento que houvesse se não a alimentavam logo, segundo as instruções de sua Alteza.

No dia seguinte, Raffaele havia dito que as costureiras reais, muito reputadas por vestir sua irmã, a impressionante princesa Serafina, passariam o dia com ela para fazer o vestido de casamento o mais breve possível. O louco do príncipe queria que as bodas tivessem lugar dentro de três dias! As mesas de costura deviam também começar a trabalhar, conforme havia dito o príncipe, na elaboração do extenso guarda-roupa que necessitaria para sua nova vida de princesa herdeira. Por fim, deixou-a em mãos das criadas, rindo ao ver que ela enfrentava irada o doutor e às criadas que a envenenavam.

Uma vez terminada a tarefa de converter um cavalo de trote em uma princesa, seu braço apareceu coberto de uma atadura limpa, sua pele esfoliada com sabão de rosa e seu cabelo lavado e penteado com bastante violência. Não tinha nada que vestir, exceto a combinação branca que eles deram-lhe e um vestido de seda estampado de caxemira. Ingeriu uma grande quantidade de mantimentos, servida em pratos de reluzente prata.

Entre um prato e outro, avisaram Maria e ao avô o que estava ocorrendo, porque certamente estariam preocupados. A partir desse momento, Dani se sentiu muito melhor, mas por volta das três da tarde, começou a sentir-se exausta ante tanta nova ordem.

Olhando à rua do balcão, mordiscou uma bolacha de chocolate e amêndoas e terminou sua xícara de café açucarado com tanto açúcar como quis, excesso sobre excesso, e depois entrou uma vez mais no aposento e subiu na grande cama, enroscando-se sob os frescos lençóis de linho.

Não sabia se conseguiria conciliar o sono, apesar da fadiga. Essa sensação de borboletas revoando em seu estômago persistia, e não podia deixar de pensar nas bodas e no rito de intimidade que se seguiria... Perderia a virgindade com o príncipe Raffaele. Como seria? Cobrir-lhe-ia o corpo de beijos? Afundou seu rosto acalorado no travesseiro com uma sensação de nervosismo no coração e um formigamento no ventre. Apertou-se ainda mais sob os lençóis porque uma onda de temor parecia ter substituído o desejo. Ela sabia que não era em beijos que tudo terminava.

Doeria? Como poderia achar a força para cumprir com a dolorosa, desagradável e terrível invasão de seu corpo, especialmente quando sabia que o final que a aguardava era a morte no parto, tal como aconteceu a sua mãe? Entretanto, deu sua palavra. Teria que deixar que o fizesse.

O que importava, disse-se, é que tinha conseguido salvar os Gabbiano. Além disso, se ela sobrevivesse ao parto, possivelmente sendo princesa herdeira pudesse fazer coisas boas por Ascensão, por exemplo, expulsar do reino os corruptos, como o porco do Bulbati, principal causa que ela se tornasse uma criminosa. O que diriam o rei Lazar e a rainha Allegra quando conhecessem

a escolha que fez seu filho? Supunha que haveria tempo de cruzar essas pontes mais tarde. No momento, estava esgotada.

Com a vista fixa nos desenhos que a luz fazia no formoso tapete persa, o efeito do sol da tarde e o cansaço de uma noite no torpe calabouço do cárcere contribuíram que fosse ficando pouco a pouco adormecida.

Quando despertou, era de manhã.

Endireitou-se na cama surpreendida, recordando de repente o novo mundo no qual estava. Esfregando os olhos, ficou olhando com assombro a porta quando se abriu e apareceu por ela a cabeça da corpulenta, embora idosa, criada.

—Ah, bom dia, senhorita! Bem a tempo para o café da manhã! Há um presente para você no aposento contíguo. Quer vê-lo agora?

—Para mim?

Um sorriso iluminou o rosto rechonchudo da mulher, que assentiu apressando-a. Dani desceu da enorme cama e caminhou com rapidez até a criada, que mantinha a porta aberta com seu corpo. Com cautela, Dani olhou às escondidas no outro aposento, com um grito de surpresa.

Com os olhos bem abertos, entrou no salão e viu que foi transformado enquanto dormia em um jardim de sonho. Estava cheio de infinitos ramos de flores.

Perambulou pelo aposento, deixando-se intoxicar pelos delicados perfumes florais. Rosas cobertas de punhados de véus de noiva inundavam a saleta: vermelhas, rosadas, alaranjadas e brancas. Havia orquídeas reais de um intenso arroxeadado escuro, camélias de lindas pétalas brancas, redemoinhos de boca de dragão e lilás recatadas, lírios azuis resplandecentes e punhados de margaridas, amarelas e brancas. Em um copo fino e cristalino, uma voluptuosa flor de árvore frutífera, uma misteriosa e estranhamente erótica flor solitária. Ao levantar o cartão colocado delicadamente sobre um dos vasos, um com duas dúzias de rosas mescladas com flores frutíferas do verão em todo seu esplendor, perguntou-se quem tinha podido enviar um presente tão surpreendente. Tudo o que dizia era "R".

— R! Exclamou suavemente, dirigindo um olhar sem respiração para as criadas, enquanto seu rosto ficava tão vermelho como o das rosas.

As mulheres sorriram, olhando umas às outras.

—R — sussurrou de novo para si. Parecia excessivo para um homem que só estava utilizando-a, pensou, e de repente um risinho travesso escapou de seus lábios do mais profundo de seu coração. Arrependida, cobriu a boca com a mão para que não ouvissem esse som infantil e brincalhão.

—Vamos, senhorita. Tem que comer — disse a criada principal. —Está tão magra como um passarinho!

Dani sorriu, sentindo-se uma estúpida, embora feliz de que cuidassem dela.

—Foi verdadeiramente formoso que ele me enviasse flores, não acham?

—Certamente, senhorita. As criadas assentiram, reprimindo um sorriso.

—Pergunto-me por que o fez. Voltou dançando ao dormitório e deixou que a vestisse, disposta a satisfazer todos seus desejos.

Possivelmente estava tratando de chegar a ela com este maravilhoso gesto, pensou satisfeita. Possivelmente havia mais sinceridade em sua oferta de matrimônio do que ela se atrevera a imaginar. Provavelmente pensara que ela não era do tipo de pessoa que poderia mentir. Isso era o que ele queria, não?

Alguém em quem poder confiar.

Ela não seria uma grande beleza, mas, sem dúvida, era leal àqueles a quem amava.

A enérgica mulher uniformizada a devolveu à cama enquanto uma criada mais jovem trazia uma elegante bandeja de prata com o café da manhã. Um segundo depois, a modista entrou e se apresentou, enquanto seus ajudantes e costureiras começaram a preparar tudo para mostrar uma grande variedade de tecidos de todas as cores.

Dani tomou o café da manhã sentada na cama, enquanto a modista sentada em uma cadeira próxima a olhava insistentemente. Enquanto ela terminava de comer, ia recebendo toda classe de recomendações sobre materiais e tecidos, embora sua mente estivesse mais ocupada pensando que roubar Raffaele foi o melhor engano que cometeu em sua vida.

A sessão de costura continuou até o almoço. Até então, Dani teve mais que suficiente de sedas e cetins, musselinas, veludos, rendas e tafetá. Sobretudo, não podia suportar mais as recriminações do fabricante de capas, chateado porque só tinha quarenta e oito horas para confeccionar um vestido de noiva digno para a realeza.

Dani seguia olhando a porta, com a esperança de que "R" viesse visitá-la. Estava certa de que ele saberia muito bem quais eram os objetos que mais convinham a uma mulher e não se importaria de ouvir suas opiniões sobre alguns dos vestidos que as modistas tinham recomendado.

Para sua surpresa e indignação consigo mesma, desejava, e muito a chegada desse descarado mulherengo. Mas nunca apareceu. Começou inclusive a pensar que houvera algum engano. Esquecera-se dela? Voltariam os guardas para colocá-la outra vez no calabouço?

Certamente, tudo era muito bom para ser verdade. Talvez tivesse mudado de ideia, ou melhor, recuperado o juízo. Quando o sol começava a cair no céu da tarde, Dani soube que não poderia sair do aposento. Para que tivesse algo que vestir de seu tamanho, as costureiras haviam trazido o primeiro, dos novos vestidos, uma cor verde claro que surpreendentemente lhe caía como uma luva. Com ele, Dani tentou dar um passeio, mas não chegou mais à frente do saguão porque em seguida os guardas a introduziram com amabilidade de volta a seus floridos aposentos. Com a extremidade do olho, pôde ver no corredor os homens da guarda real vigiando a entrada.

O que não pôde saber bem era se estavam ali para protegê-la ou para assegurar-se de que não escapasse. Entretanto, conforme o dia avançava, seu nervosismo e seu aborrecimento aumentavam, e começou a perguntar se não continuaria sendo a prisioneira do príncipe. Chateada, saiu ao balcão, enrugando o cenho enquanto olhava a cidade distante e o mar. Alguns minutos mais tarde, uma das criadas veio procurá-la. Com um olhar de picardia anunciou que tinha uma visita.

"*Raffaele?*", perguntou-se, sentindo que o coração acelerava. Virou-se e foi correndo do dormitório ao salão, sentindo como o calor subia a suas faces. Percebeu sua combustível presença ressoando na suíte rosa e dourada. Sua voz agradável e profunda chegava do outro aposento. Perguntava às criadas e se assegurava de que todos seus desejos foram satisfeitos. As borboletas de seu estômago voltaram a revoar quando por fim entrou no aposento em que ele estava.

Da entrada, viu-o em pé no outro lado da saleta, inspecionando um dos ramos que tinha enviado. Estava de costas para ela, com as mãos juntas, seu alto e elegante corpo engalanado com uma jaqueta impecável e calças cor bege, de linho. O cabelo loiro escuro estava recolhido em seu habitual rabo de cavalo, que caía lindamente entre seus amplos ombros.

A luz pareceu inundar todo seu ser quando seus olhos voaram para ele. E os dele pareceram desenhar um sorriso ao ouvir que dizia com as mãos na cintura:

—Vá! Disse brincalhona. —Assim é este nosso misterioso senhor R?

Rafe abandonou as rosas e se voltou com uma careta de picardia no semblante. Mas ao ver a incrível jovem que se erguia na entrada do aposento, seus olhos se abriram surpreendidos. Era como se tivessem comido a língua.

Sorrindo como um raio de luz, com as faces ruborizadas e os olhos, água-marinha, mais brilhantes que nunca, sua futura esposa fez uma delicada reverência.

—Obrigada pelas flores, Alteza.

—Pelo amor de Deus! Exclamou, devorando-a com os olhos. —Está maravilhosa.

Mantendo ainda a reverência, levantou seu extasiado olhar para ele. Imediatamente, ele cruzou a saleta para colocar-se junto a ela, levantando-a para que se mantivesse erguida junto a ele.

—É uma criatura maravilhosa, deixe que a veja. Ela enrubesceu ao ver que ele fazia um círculo ao seu redor, absorvendo-a literalmente com o olhar —Ai, ai! Tenho que recompensar Madame por isso.

—Não zombe de mim — disse, com o cenho franzido.

—Claro que não. Seu vestido, seu cabelo... — apalpou com os dedos a fina seda verde claro e acariciou uma de suas mechas frisadas que emolduravam seu rosto com afecção. Então, jogou a cabeça para trás e dando uma palmada começou a rir com força. —É perfeita, Daniela! Absolutamente perfeita. De repente, puxou-a pelas mãos e começou a puxá-la para porta. — Vamos! É hora de separar o joio do trigo. Vais me ajudar a me desfazer dos fardos imprestáveis que me rodeiam!

—O que quer dizer? Perguntou, apressando-se para poder seguir suas longas passadas. — Aonde vamos?

—Quero que conheça meus amigos.

Ela plantou seus bem calçados pés no chão e parou. Rafe se voltou para saber o que acontecia, ainda surpreso de sua transformação. Não sabia muito bem se era o novo vestido e o penteado que assentavam tão bem, ou se tratava da comida e as boas horas de sono. Veio unicamente para comprovar que tudo estava bem, lamentando ter que deixá-la nos aposentos todo dia. Entretanto, agora só queria mostrá-la a outros, pô-la ante suas caras para que vissem que ia casar se com ela, uma decisão que havia custado defender a si mesmo nas últimas trinta e seis horas. Mostrá-la seria suficiente para sossegar suas objeções para sempre.

Daniela Chiaramonte era feita para ele.

Ela seguia ali, plantada, com uma súplica nos olhos.

—Não quero conhecê-los. Vão me odiar!

Ele olhou fixamente o rosa coral de seus lábios.

—Como?

—Roubei — virtualmente a todos eles, Raffaele!

Sem fazer caso de suas palavras, inclinou-se, sobressaltando-a irremediavelmente, e provou esses lábios com um suave beijo.

Ela fechou os olhos, incapaz de reagir ante esse beijo simples e provocador. Então, afastou-se bruscamente e disse com o cenho franzido.

—Não me ouviu?

Sorriu com arrogância, imaginando melhores maneiras de passar à tarde com ela.

—Tudo o que posso ouvir são sons angélicos, querida. Acaso você não os ouve?

Ela entrecerrou os olhos, incapaz de reprimir um sorriso de desespero.

—Escute — sussurrou ele, aproximando-se dela de novo. Rodeando sua cintura, com seu esbelto braço, beijou-a meigamente uma vez mais. —Ouviu-os desta vez?

Como se sonhasse, sua noiva abriu os olhos e os levantou para ele. Levantou também sua mão e acariciou o rosto. —Está completamente louco — disse suavemente.

Com um grunhido espontâneo e agradado, pegou-a para agarrá-la nos braços, dobrando-a pela cintura para colocá-la sobre seu ombro direito. Deu-lhe pequenas palmadas no traseiro e ela balançava os pés como uma menina.

—Vamos, querida! É hora de que conheça a corte. Começou a caminhar a grandes passadas pelo corredor, como se fosse um ladrão carregando seu butim.

—Ponha-me no chão! Ponha-me no chão agora mesmo!

—Perguntou-se alguma vez o que teria acontecido se eu tivesse sido o ladrão e você a princesa? Perguntou, observando com uma careta que ela não estava lutando com verdadeira insistência. Baixou a cabeça e mordeu o quadril através do vestido de seda verde. Depois, a pôs com cuidado no chão, fora do salão, junto à porta do aposento onde tinha deixado seus amigos.

Daniela ria, com o rosto corado por ter estado de barriga para baixo, e ele se sentiu voar pela onda de desejo que o invadia. Mal podia acreditar que fosse poder, sem culpa nem remorso,

levá-la tão logo à cama, desfrutar dela e fazê-la completamente sua... sua mulher. A risada de Daniela se quebrou ao ver o calor no olhar dele. Dando um passo atrás, seus olhos se abriram carregados de incerteza e vergonha. Rafe sorriu fracamente, perguntando se alguém haveria dito alguma vez quão maravilhosa era, porque de verdade parecia desconhecer seu próprio encanto. Ele afastou a paixão de seu olhar antes que ela saísse fugindo.

—Se algum dos que está aí dentro se comportar mal com você, será expulso da corte. Entendido?

—Expulsaria seus amigos por mim? Perguntou com assombro.

Rafe roçou com os dedos a delicada curva de sua face.

—Tenho muitos amigos, mas só uma esposa. Não quero vê-la infeliz sob meu teto, Daniela. Tomarei qualquer insulto contra você, como se fosse um insulto a minha própria pessoa.

—É de verdade muito amável comigo — disse fracamente. Então limpou a garganta e adotou um ar mais profissional —, mas posso cuidar de mim mesma, sabe? Não estou certa de me sentir cômoda se me colocar entre seus amigos e você.

Nesse momento, Rafe estava disposto a matar dragões por ela, mas talvez estivesse sendo muito veemente.

—Minha senhora, vale dizer que você é minha escolha e que eu sou seu senhor. Pense nisso como em uma prova de lealdade por mim.

—Ah — disse, assentindo com seriedade — está bem.

—Pronta?

Arrumou o vestido.

—Suponho. Tratarei de não o envergonhá-lo.

Ele a reconfortou com um sorriso.

—Só tem que ser você mesma. Eu estarei justo a seu lado. Um sentimento protetor o invadia ao abrir a porta para que ela passasse.

Dani se preparou para o que quer que fosse que a esperava e depois entrou com passo régio. Rafe a observou, ansioso, cheio de orgulho ao vê-la entrar no aposento diante dele. Seu passo flutuante e harmonioso fascinava-o. Viu como a saia aderida a suas esbeltas pernas, até tomar assento em uma poltrona colocada no centro do aposento. Com a coluna muito ereta, sentou-se muito afetada, com a cabeça erguida e as mãos colocadas finamente sobre o regaço.

Rafe passeou tranquilamente até onde ela estava e se colocou atrás, em pé, de guarda. Inclinou-se a suas costas em uma pose natural, com os olhos entrecerrados, alerta, observando seus amigos quando se aproximavam dela para apresentar-se e dar os parabéns.

Rafe viu aliviado que Elan gostou dela imediatamente. Seu primo Orlando a tratou com educada reserva, mas o altivo Adriano e o sempre sarcástico Nic foram corteses com ela só porque Rafe estava ali atrás os ameaçando. Daniela não ofereceu sua mão a nenhum deles, isto o agradou. Comportou-se com autoridade e nobreza, falando pouco. Depois de apresentá-la a uns poucos mais, Rafe se sentiu satisfeito.

Pôs a mão em seu braço e a tirou do salão, contente de tê-la só para ele, por fim. Enquanto caminhavam pelo corredor, deu-se conta de que parecia um pouco assustada.

Deus sabia que tinha centenas de assuntos que atender nesses momentos, mas tudo o que parecia importar agora era estar com ela, preferivelmente longe dos olhos inquisidores da corte. Deslizou o braço sobre seus frágeis ombros e a apertou com carinho.

—Foi muito bem.

Desconcertada o olhou. De repente, deixou escapar um suspiro.

—Vamos! Há algo que quero te mostrar. Pegando-a pela mão, levou-a até o vestíbulo, insistindo com seu doce e irresistível sorriso quando protestou.

Uma hora depois, achavam-se navegando em sua resplandecente embarcação de noventa metros de comprimento de navio, sulcando as plácidas ondas que rodeavam o porto. Rafe se sentia livre. Em pé no convés, com as mangas da camisa arregaçadas e seu longo cabelo solto balançado

pela brisa da tarde, sabia-se observado furtivamente por Daniela, que procurava algo de comer na cesta do lanche. Uma das criadas a entregara antes de partir e afastar-se de toda a multidão de criados, pessoal de serviço e demais aduladores que habitavam na corte.

Raffaele contemplava as velas sobre o céu azul violeta, onde umas poucas estrelas começavam a aparecer. Ante eles, o horizonte aparecia dourado e rosa, como o despertar de um querubim. O navio navegava lentamente sobre a água. Quando estiveram a mais de uma milha de distância da ilha, afiançou o leme e subiu ao mastro para descer um pouco as velas e suavizar a marcha.

Daniela comia um pêssago e olhava-o.

Ele sorriu para si enquanto atava a vela maior e baixava a brilhante e limpa coberta. A julgar por sua expressão de assombro, ela não tinha suspeitado que soubesse navegar sem ter que dar ordens a seus ajudantes pensou divertido. Mas, para um prisioneiro de sua posição e reputação, a barca era seu santuário: este era o único lugar onde havia sentido um pouco de liberdade em sua vida. Desfrutava da solidão que o mar oferecia. Tal e como esteve sempre, rodeado de aduladores, a magnitude do oceano era o único que recordava sua própria insignificância e o fazia sentir-se humilde.

Ao sentar-se junto a ela perto da proa, perguntou-se o que diria se dissesse que era a primeira vez que levava uma mulher ao navio.

Daniela ofereceu a ele um pedaço de queijo na ponta da faca. Ele o recusou com um movimento de mão, e depois olhou a seu redor em busca da garrafa de vinho nova que havia trazido do pequeno, mas bem sortido camarote. Quando a encontrou, tratou sem êxito de achar o saca-rolha que devia estar no fundo da cesta. Daniela o passou com um sorriso e ele o pegou de sua mão depois de roubar um beijo.

—Algumas vezes, quando era um menino — disse enquanto colocava o saca-rolha e começava a girá-lo — costumava sonhar que empacotava minhas coisas neste pequeno veleiro e ia daqui para sempre. Que escapava de casa. Queria ser um explorador do Congo e do longínquo Oriente, mas me achava apanhado aqui... felizmente.

Olhou-a pela extremidade do olho, com uma expressão brincalhona.

—Teria morrido certamente de malária ou teria sido comido pelos canibais na selva, um menino rico como eu! Ah, sim?

Ela ria.

—O que?

—Só você poderia ter uma razão para querer fugir de uma vida como esta. Sem dúvida devia ser uma tortura ser adorado por todos... o futuro Rei, nascido com uma colher de prata na boca, o menino dos olhos de sua mãe...

—Vamos, vamos... Não foi nenhum mar de rosas! Protestou, rindo com ela ainda a suas custas. —Tinha minhas provas e minhas tribulações, como todo mundo.

—Como quais? Replicou enquanto ele tirava a cortiça.

—Acontece que sempre me exigiram muito. Obrigaram-me a estudar centenas de matérias relacionadas com os assuntos de Estado desde que fui grande suficiente para andar — anunciou, se justificando.

—Como o que? Ela pegou a cesta e depois se voltou para ele com duas taças. Rafe serviu o vinho.

—Retórica, história, lógica, composição, filosofia, línguas (tanto mortas como vivas), álgebra, finanças, engenharia militar, arquitetura, comportamento, danças de salão...

—Danças de salão!

—Não é conveniente que um príncipe vá por aí pisando nos pés das moças. Terminou de servir e fechou a garrafa com a cortiça. Depois, pôs a garrafa de um lado.

Deu-lhe uma das taças e depois abraçou seus joelhos dobrados, sorrindo.

—Que mais teve que aprender?

—Aprender? Não, nada de aprender, querida... dominar — a corrigiu enquanto tocava ligeiramente sua taça com a dela com um brinde. —Meu pai não teria admitido menos. "Deve ser o mais forte, o mais inteligente, o melhor, Raffaele", dizia meu pai. E ele imitava a voz de seu pai. —A debilidade não me estava permitida.

—Bastante rigoroso — apontou ela enquanto sorvia um gole de vinho.

Observando-a, ele fez o mesmo, perguntando-se que sabor teria seus lábios.

—Por que era seu pai tão estrito?

Rafe baixou a taça.

—Bom, ele acha, como eu, que a única maneira de impor a autoridade é dando exemplo. Se os homens sentem sinais de fraqueza ou inferioridade em seu líder, se jogarão nele como os lobos sobre os bezerros feridos. Deu-se conta de sua careta e sorriu, tratando de manter o tom ligeiro da conversa. —Para saber de tudo, tive todas as ferramentas a minha disposição que me fizessem ser um modelo de ser humano. Como tenho me saído?

—Não estou certa — replicou com uma careta ardilosa que resultou muito atraente.

Sorrindo, perguntou-se se ela se deu conta do quão próximos estavam. Ele se sentava com uma mão para frente e agora o ombro dela descansava no espaço que havia debaixo de seu braço, como se estivesse relaxando sobre ele cada vez mais. Tinha medo de fazer algum movimento que a assustasse e a afastasse dele. Ela cruzou suas deliciosas pernas e flexionou os pés. Estava tirando os sapatos.

—Conte-me mais coisas de como foi crescer sendo o príncipe herdeiro. Foi muito duro?

—Bom, havia as disciplinas acadêmicas como ler, escrever e demais; as aptidões sociais; os esportes, que era o que mais desfrutava; e artísticas, não me sobressaía nessas — acrescentou. — Não tenho nenhum talento artístico ou musical, mas tenho bom gosto, assim meu pai não pôde me culpar por isso.

—Referia a como se sentia. Ele a olhou hesitando durante um momento.

—Estava bem.

Um cacho castanho caía com graça por sua face quando ela moveu a cabeça, sorrindo com ceticismo.

—Não sei. Todo mundo tinha inveja de mim — admitiu, puxando suavemente o cacho como se fosse uma mola. —A primeira lei de sobrevivência que deve aprender em sua nova vida como princesa, Daniela, é que todo mundo na corte tem uma agenda. Como pode fazer muito por eles se os escolher, todos rirão com suas brincadeiras e elogiarão todos seus julgamentos, mas nunca saberá quem é seu verdadeiro amigo. Segurou o queixo com delicadeza e piscou-lhe. —Exceto comigo, claro.

Sorriu afetuosamente. Seus olhos eram tão claros como a água, e parecia tão despreocupada como uma menina. Um sentimento de culpa sobreveio ao dar-se conta de que estava introduzindo-a no perigoso mundo da vida palaciana. Ela não estava preparada, era muito inocente. Teria sem dúvida que cuidar muito bem dela.

Levantou a taça para ela com um sorriso e bebeu, depois ficaram em silêncio por um momento, sentados um ao lado do outro desfrutando da mútua companhia. A brisa da tarde roçava a pele enquanto o sol começava a descer pelo oeste.

Rafe seguia dando voltas ao assunto que ela tinha puxado. De repente, começou a falar, com o olhar fixo nas ondas.

—Imagino que conhece a história de como meus avós paternos foram assassinados quando eram apenas alguns anos mais velhos do que você e que eu agora, não? Meu pai era só um menino então e foi o único que sobreviveu à tragédia.

Ela assentiu com tristeza.

—Uma mancha horrível e trágica na história de Ascensão.

—Sim, é. Bom, pois meu pai sofreu muito durante sua infância no exílio, depois dessas mortes. Essas experiências o endureceram e pensa que é a razão de sua efetividade agora como

Rei. Por isso se preocupa continuamente que minha vida tenha sido tão fácil. "Vão comê-lo vivo, Raffaele", diz-me com carinho.

—Vá, que amável que confie tão pouco em você — disse com ironia.

Ele virou a cabeça para olhá-la, surpreso de que o tivesse entendido tão bem.

—Disso se trata, precisamente — exclamou. —Ele pensa que sou um idiota. Todos pensam.

—Bom — disse — pois não é.

— Não, não sou — replicou ele.

Olhou-o, sorrindo ligeiramente, os dois absortos nesse estranho instante de perfeita compreensão e sintonia. Depois, Daniela baixou os olhos e pareceu hesitar ao dizer.

—Será um grande Rei, Raffaele. Qualquer um pode ver isso.

—Ah! Murmurou, afastando o olhar.

Por um momento ela ficou calada. Depois pôs a mão no ombro e começou a acariciá-lo pouco a pouco, para ver o efeito que isto produzia nele. Ele fechou os olhos, e abaixou a cabeça, deixando-se levar.

Era uma sensação maravilhosa, a de ser acariciado por ela. Não queria que terminasse.

"Confia em mim, Daniela — pensou com desespero. Por favor, só necessito que alguém me queira tal e como sou".

—Sua Majestade deve ser um homem duro e estou certa de que não deve ser fácil ser o objeto de todas suas esperanças no que se refere ao futuro de Ascensão, mas ele é seu pai e estou certa de que o faz por seu bem.

—Vivi na sombra dele toda minha vida — sussurrou. —Nada do que faço parece ser suficiente para ele. Ao menos só uma vez, eu gostaria que me olhasse e me dissesse:

—"Bem feito Rafe". Não deveria me importar o que pense de mim, mas me importa. Cada vez que tento fazer algo, penso no que ocorreu quando era só um juvenzinho estúpido, e estou certo de que conhece também essa história. Todo mundo a conhece.

Daniela apoiou a cabeça em seu ombro, rodeando o pescoço com um braço.

—Todo mundo comete enganos de vez em quando — disse docemente. —Um engano não tem que ser o fim do mundo, Raffaele. Possivelmente seu pai já o perdoou por aquilo e é você quem não pode se perdoar.

—Por que ia fazê-lo? Fui um estúpido. Talvez não mereça governar Ascensão. Acariciou o tenso pescoço dela.

—Amava-a?

—Não sei. Assim acreditava então, mas talvez não, porque não me sentia como agora. Alarmado pela doce sinceridade de sua própria voz, forçou rapidamente um sorriso despreocupado e sedutor, mas ela levantou a mão para tocar os lábios com seus dedos.

—Não faça isso — sussurrou, com o olhar grave e inocente. —Não é necessário comigo. Vou ser sua esposa.

Ele a olhou, dando-se conta de que da mesma maneira como ele a tinha desmascarado, ela acabava nesse momento de despir sua alma. Lentamente, Daniela desceu a mão.

Por um momento foi incapaz de achar sua voz e, de repente, achou-a algo mais rouca do normal.

—Como uma moça provinciana como você pode entender um cafajeste do mundo como eu?

—Não somos tão diferentes, Raffaele. Há algo que quero que saiba. Retirou o cabelo do rosto antes de começar a falar. —Me falou que quão difícil foi para você crescer entre todos esses cortesãos falsos e adúladores, e entendo que não esteja acostumado a confiar nas pessoas que o rodeiam. Tampouco tem por que confiar em mim se não quiser. Não o culparia por isso. Mas você me perdoou a vida, pelo que estou em dívida com você. O certo é que nunca o trairei. Prometo.

Ele a olhou fixamente, pensando na lealdade que tinha impedido que abandonasse seu avô senil quando podia coloca-lo em algum dos asilos do reino.

A mesma lealdade que demonstrou ao entrar em seu palácio de lazer para salvar o menino, Gianni, mesmo com o risco de ser descoberta e presa. A mesma lealdade que professava aos duzentos camponeses que viviam em suas terras, razão pela qual se dedicou ao roubo para poder alimentá-los.

Foi um descobrimento aterrador, dar-se conta de que achava e de que não queria mantê-la afastada. Deu-se conta também de que pela primeira vez desde Julia, uma mulher tinha conseguido descobrir sua alma.

Acariciou sua face com a mão, e ele terminou por esquecer seus remorsos para afundar-se em seus olhos água-marinha.

Era tão simples tão genuína. Sentia-se a salvo. Sabia, podia senti-lo.

De repente, rodeou a cintura com seu braço e a atraiu para ele, fechando os olhos e afundando seu rosto entre seu cabelo. O coração pulsava com força.

Sentiu a repentina necessidade de encher esta mulher com tudo aquilo que tinha querido sempre, encher seu desejo, dar tudo, absolutamente tudo. Então se deu conta de que costumava comprar o afeto das mulheres com coisas materiais, brilhantes ninharias que custavam autênticas fortunas. Porque era isso tudo o que esteve disposto a dar, bagatelas sem nenhum valor para ele.

Daniela merecia algo real, algo que proviesse dele. Afastou-se o suficiente para poder ver de novo seus olhos de jade azul.

A luz dourada do entardecer tinha convertido a cor castanha de seu cabelo em cor siena brilhante, e tornado sua pele de porcelana em um delicado tom pêssego.

Ao saber-se olhada, suas faces coraram e baixou os olhos, envergonhada.

—Confunde-me — disse em um tom tão baixo que mal pôde ouvir.

—Como? Murmurou ele, segurando o queixo para que o olhasse.

—Diz que só me está utilizando para ganhar seu povo, e depois me olha de uma forma...

—De que forma? Como se quisesse beijá-la? Sussurrou, com um sorriso brincalhão. —É que quero te beijar.

Ela parecia não saber o que dizer. Decidida, deu meia volta e se sentou entre suas pernas, com as costas apoiadas em seu peito.

Deu-se conta de que esse acanhamento combinava perfeitamente com sua forma de ser. Rodeou-a com seus braços e colocou o queixo em seu ombro.

—Não sou uma perita em comportamentos, Alteza, mas não acredito que isto seja correto — disse, ficando rígida com o contato com seu corpo.

—Correto? Zombou. —Conhecem-na como a princesa bandida, e eu sigo sendo Raffaele o Libertino. Acredito caracolzinho, que superamos com acréscimo o conceito de "correto".

—Não me chame caracolzinho — se queixou.

—Como a chamam normalmente as pessoas?

—Dani.

Ele sorriu, dando um empurrão.

—Está bem, esse nome serve. É o nome de um pequeno demônio. Você pode me chamar de Rafe se quiser.

—Não quero chamá-lo de Rafe.

—Não?

—É um nome para os cafajestes. Olhou-o por cima do ombro, com uma faísca de ironia nos olhos. —O chamarei de Raffaele, como o anjo.

—Ah, assim é das otimistas? Passou suavemente a mão pelo cabelo dela, dando uma pequena massagem nos ombros e pescoço, até que viu que a tensão desaparecia.

Ela se apertou a seu peito com um suspiro embriagador. —É maravilhoso.

—Deveria saber que sou bastante bom com as mãos. Rodeou suas orelhas e sentiu de novo a tensão ao explorar a curva de seu pescoço com pequenos beliscões, mas conforme seguia massageando seus ombros, seus músculos voltavam a relaxar. —Tem braços lindos — disse,

acariciando-a até chegar aos pulsos. Depois pegou suas mãos e entrelaçou seus dedos com os dela. —Se sente incômoda? Sussurrou, detendo-se. Sentia-se tão cuidadoso com ela como se fosse um mocinho com seu primeiro amor.

—Não — disse ela em voz baixa.

—Bem. Com os dedos ainda entrelaçados aos dela, desceu as mãos e colocou seus braços nas costas, observando a cor cremosa e etérea da pele de seu pescoço.

Seus seios eram pequenos, mas encantadoramente empinados e firmes. Perguntou-se se seria capaz de abrangê-los com sua boca. Gostaria, pensou com um sorriso de prazer. Imobilizou as mãos dela atrás da cintura e desceu as suas para acariciar seus quadris.

—Está anoitecendo — disse ela sem respiração. —Não deveríamos voltar?

—Eu gosto de passar a noite no mar. Não se vê nada, só se escuta o som das ondas e o cheiro do sal, e tem que adivinhar o caminho de volta... Encontrá-lo em meio da escuridão — sussurrou enquanto passava suas mãos lentamente sobre seu estômago até seus seios. —Um homem tem que saber exatamente o que está fazendo.

Ela se arqueou contra o corpo dele com um suave ofegar enquanto cobria os seios com suas mãos. Seus generosos mamilos se endureceram ao sentir as carícias circulares de seus finos dedos.

—Raffaele — gemeu sem respiração, encurvando-se contra ele de uma forma em que parecia estar entregando seus seios com desejo. Ele rodeava o corpo com os braços. —Não... não podemos. Não estamos casados ainda.

—Não há perigo, amor. Deslizou as mãos sob seu estômago e começou a acariciar suas coxas. —Não quero deflorá-la esta noite. Só quero saber o que você gosta.

—Mas eu... eu não sei o que eu gosto. Sua voz se quebrou em um gemido de prazer.

—Bom — sussurrou — então teremos que descobrir.

Dani apoiou a cabeça em seu peito, voltando-se para olhá-lo, procurando sua boca com inocente ardor. Ele tocou os lábios e os abriu com um lânguido movimento de língua, saboreando-a em sua boca. Acariciava o peito com as mãos enquanto se beijavam com lenta e profunda intensidade.

Quando ela introduziu os dedos em sua cabelos solta, Rafe levantou a saia para chegar as suas deliciosas pernas, sem deixar de beijá-la. O coração pulsava com força ao ver o que o deixava fazer sob as intermináveis camadas de musselina e seda. Deu um gemido de prazer ao achar com seus dedos a barra de suas meias brancas, e, atrás delas a calidez de sua inefável pele. Sentiu um repentino calor na virilha e o conhecido endurecimento de seu corpo, mas lutou por conter sua premente necessidade, sabendo que não devia proceder com muita rapidez.

Era tão frágil e pequena! Tão delicada em seus braços! Não se parecia com ninguém que conhecesse, tão diferente das calculistas e endurecidas criaturas da corte. Dani era forte e independente, mas ele sentia uma profunda necessidade de protegê-la tão grande como a que sentia de agradá-la. Era tão inexperiente, que desejava diminuir o nervosismo da noite de bodas mostrando agora parte do prazer que a esperava.

Rafe explorou sua pele sob o vestido, acariciando meigamente seus quadris e seu ventre, devorando a boca ao mesmo tempo. Com suas carícias tratava de acalmar sua reticência, até que já não houve tensão sob suas mãos, só uma calidez que se tornava cada vez mais urgente e frenética.

Com os olhos fechados, Rafe sorriu para si satisfeito de fazê-la feliz. Ela se arqueava e retorcia, suas pernas tensas de virginal frustração, gemendo de impaciência.

Seus quadris se erguiam de desejo quando massageava o ventre com a mão direita. Ele sabia exatamente onde queria que a tocassem e não tinha o menor inconveniente em agradá-la.

Seguiu acariciando-a e achou seu centro úmido, vibrando sob seus dedos em feminino convite. Sentiu que seu autocontrole estava a ponto de ceder. Ficou quieto, protegendo-se de si mesmo, ébrio por seus suspiros de desejo.

—Raffaele, Raffaele... com assombroso heroísmo, conteve-se e beijou o lóbulo de sua orelha.

—Dani. Você gostaria de olhar? Sussurrou com perversa ternura, subindo a saia com a outra mão.

—Não! Não poderia! Ofegou, scandalizada.

—Olhe.

O peito subia e baixava apressado. Um sorriso de desejo curvava sua boca, ao ouvir a impaciência em sua voz. Talvez fosse hora de que a pequena mascarada tivesse uma nova aventura.

—Por que não? É pecaminoso? Sussurrou. —Você não gosta? Quer que pare?

—Raffaele — suplicou, derretendo-se junto a ele.

—Me olhe enquanto a toco — murmurou, enquanto começava a desenhar círculos com a ponta de seus dedos. —Não há nada do que se envergonhar, querida. Pode fazer tudo o que quiser comigo. Eu só quero te agradar. Olhe como te dou prazer. Olhe o bonito que é... seu doce corpo. Adoro acariciá-la. É como uma deusa, Dani, como a Artemis da lua, a guerreira, livre e selvagem. É minha lua, meu amor virgem e selvagem.

—Ah, Raffaele.

Ela se virou e beijou-o ardentemente. Um inexplicável desejo úmido a invadiu ao sentir com os olhos fechados sua pureza, um ardor que desapareceu assim que deixaram de beijar-se. Ele começou a beijar a curva de seu pescoço, comovido pela incerteza da moça ao descer a cabeça e ver seus movimentos. Agarrou seus joelhos dobrados e os colocou de ambos os lados de seu corpo depois se inclinou ligeiramente contra seu corpo.

"Está preparada", pensou com agonia, roçando contra suas costas a dureza de seu corpo. Seria tão fácil deitá-la e tomá-la nesse momento, sobre a cálida e limpa cobertura do navio, a superfície ainda ardendo pelo sol de todo o dia... Mas uma vez mais teve que deixar a tentação a um lado, e jurou demonstrar o respeito que merecia e por isso conter esse momento para noite de núpcias.

—É muito intenso? Perguntou ao tocá-la.

—Perfeito — suspirou, retorcendo-se de prazer. Ele sorriu contra seu pescoço. Com o polegar massageava o centro de seu prazer e introduzia o anular no fluido ardente e rosa que a envolvia. Beijava o lóbulo de sua orelha e se afundava em sua nuca. Ela se rendeu a ele por completo.

Introduziu os dedos por debaixo de suas calças, acariciando as coxas enquanto gemia primeiro de assombro e depois de desejo, repousando a cabeça em seu ombro enquanto ele a tocava. A vitória o embriagava. Apertou-a com força em seus braços antes que os gemidos femininos de prazer terminassem. Girou-a para ver o rosto dela e a segurou em um sentimento impossível de posse. Ela se abraçou ao seu pescoço e se abandonou contra ele, sem forças.

—Ah, Raffaele — sussurrou, com um ligeiro tom de assombro em sua voz. Afundou o rosto em seu pescoço um momento e depois o beijou com doçura. —Acredito... acredito que necessitava disto — confiou enquanto recuperava lentamente o fôlego.

Assombrado, Raffaele começou a rir suavemente e a abraçou com força.

—É uma mulher estranha — sussurrou.

—Digo-o de verdade — protestou com seriedade.

—Sei — disse, sem parar de rir. Umas pequenas lágrimas de nostalgia afogaram seus olhos enquanto afundava um sorriso entre seu cabelo. *"Isto é o que estava perdendo"*.

Plenitude. Satisfação. Pela primeira vez desde que ele recordava se sentiu como se estivesse realmente ali, com ela, e não se limitando a aparentar, a deixar-se levar. Sentia-se como se houvesse devolvido tudo o que Julia tinha roubado: a inocência. Ela suspirou e apoiou a cabeça em seu ombro, fechando os olhos com um pequeno sorriso cheio de inocência. Rafe levantou os olhos para a lua. Sustentou-a com ternura, sua alma gêmea, e nenhum dos dois falou ou se moveu, escutando um a respiração do outro e saboreando a calidez de haverem-se encontrado.

Capítulo 9

Dani se sentia como se estivesse em uma nuvem ao voltar para o Palazzo Real, segurando a mão de Raffaele. Se cruzaram com mordomos ou cortesãs, ela não se deu conta.

Só tinha olhos para Raffaele, a quem comia com os olhos fixos em seu clássico perfil cinzelado, querendo, talvez, assegurar-se de que a coisa, perversa, e, maravilhosa, que havia feito com ele não era motivo de arrependimento.

Ele a conduziu até sua suíte, dando um beijo de boa noite na saleta cheia de flores. Seu perfume a intoxicava como a garrafa de vinho que beberam.

—Eu não gosto de dizer adeus — murmurou, um tanto chateada e reticente a deixá-lo partir.

—Quer que fique com você esta noite? Sussurrou, deslizando as mãos por seu corpo de maneira mais persuasiva.

Um calafrio de desejo percorreu seu corpo. Afastando-se, levantou os olhos para ele com um sorriso.

—Será melhor que não.

Ele protestou como um menino caprichoso.

—Mas eu quero ficar.

—Não insista, querido. Verá-me amanhã — disse brincalhona enquanto acariciava sua face bem barbeada.

—Já é amanhã. São duas e meia.

—Então me verá hoje. Mas mais tarde.

—Ah, muito bem. Mas em vez de deixar que se fosse, pegou-a pela cintura e esfregou a ponta de seu nariz com a dela. —Me ensinará algum dia esse teu truque de montar a cavalo de costas?

—Talvez. Quando o conhecer melhor.

—Eu gosto de como isso soa. Bem, pergunto-me que presentes posso te enviar amanhã. Roubou outro beijo e mordiscou brincalhão seu lábio inferior. —O que você gostaria?

Ela sorriu como se flutuasse, com os olhos fechados, e deixou descansar a cabeça em seu largo peito.

—Não necessito nenhum presente. Não posso pensar em nada. Sou feliz.

—Então, deveria deixar que a fizesse ainda mais feliz. Diga-me o que deseja seu coração.

Ela se afastou um pouco para sorrir.

—Bom, agora que o menciona, se de verdade quer me fazer feliz, direi que o teto de minha casa necessita de alguns acertos.

Ele resmungou.

—Maria poderia necessitar ajuda para cuidar do vovô, e alguns dos camponeses há meses pedem que suas casas sejam arrumadas...

—Não pode pensar alguma vez em si mesma, mulher? Supõe-se que deveria pedir diamantes ou algo parecido. Certamente que me ocuparei desse aborrecido teto, mas vai desbaratar todos meus esforços para consentir?

Rindo, a abraçou de novo.

—É muito bom para ser verdade, Raffaele.

—Sou real — disse com doçura, soprando seu pescoço.

—Então, tenho suficiente. Não desejo nenhuma outra coisa.

—De verdade? Seu sorriso se tornou ligeiramente lascivo na escuridão. Uns dedos, mais longos do que o normal, deslizaram com desfaçatez por entre suas nádegas, segurando-a com força e atraindo-a para ele.

—Não acredito que isso seja de todo certo — indicou com satisfação, enquanto ela protestava e afastava-se dele.

Ele a deteve segurando-a com mais força, sem deixar de acariciá-la. Apanhada em seus braços, escandalizada, mas incapaz de deixar de rir, ruborizou-se ao sentir as mãos impudicas reacenderem o veneno em suas veias.

—Acredito que há algo que deseja com todas suas forças, querida, e acredito saber exatamente como proporcionar isso.

—Saia daqui, cafajeste incorrigível! Estou morrendo de sono.

—Está bem — consentiu. —Mas deixe que seja eu quem a acompanhe à cama.

Com isto, levantou-a nos braços e a levou até o dormitório, beijando-a estrepitosamente antes de deixá-la na cama.

Com os olhos fixos nele, viu como se inclinava e colocava suas grandes mãos na cama, uma a cada lado de seu corpo, cobrindo-a com seus imensos ombros. O cabelo caía e escurecia seu rosto anguloso, ressaltando ainda mais a luminosidade de seus olhos. Era como se Lúcifer viesse em meio de um sonho seduzi-la.

Dani conteve o fôlego, e ela observou como ele percorria seu rosto e seu corpo com um olhar carregado de ansiedade. Então seus olhares se encontraram, e ela pôde ver uma expressão ardente e masculina de desejo em seus olhos, que a fez esconder-se entre os lençóis.

Ele era muito maior que ela, dotado de um poder físico, magnético, e, selvagem.

—Morro por fazer amor contigo — sussurrou, sem afastar seu olhar. —Desejei tê-la debaixo de mim desde o momento em que te vi. Mas — sorriu com ternura, ao dar-se conta de que a estava assustando —, se tiver que ser assim posso esperar, uma só noite, amor. Nenhuma mais. E depois... — traçou apenas a curva de seu rosto — o céu.

Dani tragou com força. Havia se sentido tão perto dele essa tarde que se perguntava se devia dizer o quanto temia ficar grávida, apesar de saber que era seu dever ter um filho. Mas, quando ele a olhou, tão cheio de admiração, não teve forças para revelar sua fraqueza.

O divino e magnífico príncipe Raffaele a considerava valente e forte. Ela não tinha a beleza de Chloe Sinclair; só tinha seu caráter como atrativo, e era suficientemente vaidosa para querer esconder que na realidade era uma covarde.

Raffaele se inclinou para beijá-la na face e depois, sorrindo, retirou os braços e caminhou para porta. Ela se levantou um pouco sobre seus cotovelos e observou-o enquanto se afastava, com um sentimento no qual se mesclaram o temor e o desejo ao vê-lo caminhar orgulhoso e descarado. Percorreu-o com o olhar, apreciando, desde a poderosa amplitude de seus ombros até a esbelta cintura e as escuras nádegas. Dando meia volta na cama, apoiou a face em uma mão e seguiu observando-o.

Ele parou na porta e se voltou para olhá-la. Na escuridão, seu branco sorriso parecia o de um lobo de olhos brilhantes.

—Comeria-a agora mesmo, Daniela. Tem certeza de que não quer que fique?

Dirigiu-lhe um sorriso cheio de sensualidade.

—Boa noite, Raffaele.

—Bom, está bem. Com um longo suspiro cheio de sofrimento, inclinou-se em uma versão irônica de reverência e saiu, fechando a porta com cuidado as suas costas.

Suspirando de alegria, deitou-se de costas com um sorriso na boca, incapaz de recuperar a sensatez, embora soubesse que se encaminhava para uma morte segura.

"É uma desajeitada uma inadaptada e uma excêntrica — dizia seu bom senso, tratando de adverti-la do precipício no qual seus sentimentos estavam caindo. Nunca poderá reter um homem como ele". Mas estava se apaixonando loucamente e se sentia muito bem para renunciar a isso.

Logo ficou adormecida, sonhando com Raffaele... e com o céu.

O menino de ouro tinha provocado um escândalo ao anunciar suas intenções de casar-se com o célebre Cavaleiro Mascarado, e Orlando sabia que devia haver algo mais na cabeça do príncipe que o mero fato de fazer inimigos e, além disso, de forma deliberada. Orlando não sabia o que havia atrás disto, algo que de fato alarmava-o ainda mais, porque sempre tinha tomado Rafe, o Libertino como um bufão.

Nesse dia, o príncipe começou sua guerra habitual com a corte sentando à encantadora Daniela em seus joelhos bem antes que a reunião fiscal começasse.

Manteve-a nesta postura durante toda a sessão, esfregando no rosto deles a mulher que tinha escolhido como esposa, como desafio às ordens de seu pai.

Os ministros se sentiram ofendidos por sua evidente falta de decoro: Rafe respondia com um suave convite a deixar a sala se não gostavam.

Só o rimbombante bispo Justinian o fez, opondo-se firmemente a que se celebrassem as bodas antes que o Rei aprovasse o enlace. Depois, com uma revoadada de abas de seda, deixou a sala em grande estilo.

A senhorita Daniela tremeu ao ouvir a ira sagrada do bispo, sem dar-se conta ainda de como o príncipe a utilizava para impor sua autoridade. A garota se sentia claramente desconfortável, mas Rafe não a deixava partir, segurando-a firmemente embora com carinho em seu colo e sussurrando no ouvido de vez em quando.

Seus grandes olhos de cor azul esverdeado denotavam ainda um tom de inocente incerteza, mas Orlando pôde observar que quanto mais se queixava e argumentava o ancião contra Rafe mais inclinada estava a garota a mudar sua expressão de insegurança por uma de descarado desafio. Ao final, pareceu sentir-se bastante contente de seguir onde estava, sob as ordens de Rafe, como sua pequena aliada.

"A amante e o cavaleiro", pensou, sacudindo a cabeça com desaprovação para si mesmo.

A carícia de Rafe era a única coisa que parecia deter a encantadora e feroz ruiva de jogar-se através da mesa e dar seu castigo ao homem que se atrevia a ameaçar o futuro Rei de Ascensão, negando o respeito e a obediência a que correspondia sua posição. A frente comum, criada por Daniela e Rafe, contra os ministros silenciou o ancião até que por fim conseguiram acalmar os ânimos e trabalhar com apenas alguns quantos grunhidos esporádicos.

Os mais jovens, especialmente Adriano e Nic trocavam olhares de desgosto com Orlando, mas não se atreviam a deixar que Rafe os descobrisse.

Orlando captou o olhar de Adriano e o manteve durante um segundo ou dois, depois o formoso jovem afastou os olhos, com as faces ligeiramente ruborizadas.

Orlando sorriu para si, esperando o momento. Sabia a debilidade do vínculo que havia no círculo de amigos do príncipe. Adriano estava com ciúmes, tinha um caráter volúvel e frágil. Orlando não se surpreendia de que o mais ardente seguidor de Rafe sentisse tanta antipatia pela senhorita Daniela.

A razão aparente de que a garota estivesse na reunião era para que pudesse tomar notas, já que Rafe era incapaz de incomodar-se em fazê-lo ele mesmo. Entretanto, era difícil concentrar-se vendo o príncipe sentado no lugar destacado da mesa com a formosa jovem no colo, como se fosse incapaz de tirar as mãos dela.

Depravado, como um imperador romano em seu trono, assinava o destino de milhões de pessoas com uma mão e, com a outra, acariciava constantemente as costas dela, brincava com seu cabelo ou se inclinava para beijar seu pescoço.

A senhorita Daniela tratava de escutar tudo com uma intensidade e uma clarividência que impressionavam a Orlando. De vez em quando, aproximava-se de Raffaele e sussurrava algo ao seu ouvido, e comentavam algo sobre o que fora dito, pensava Orlando. Todo mundo podia ver que suas palavras mereciam a maior atenção do príncipe, mas nem sequer a intensa Daniela era suficientemente atrevida para atrever-se a falar em voz alta ante o gabinete do Rei.

A reunião transcorria lentamente, discussão após discussão. Dom Arturo estava se pondo verdadeiramente pesado, incapaz, sobretudo depois do último insulto, de fazer a menor concessão a Rafe, que seguia tranquilo embora sem ceder no veto que tinha dado ao novo imposto que se estava discutindo.

Em silêncio, o príncipe acariciava Daniela como se si tratasse de um gatinho vermelho sentado em seus joelhos.

A maneira como movia a mão acima e abaixo, lenta e possessivamente, de seu braço a seu ombro, estava deixando Orlando louco. Sem poder evitá-lo, seguia tendo visões dos dois fazendo amor apaixonadamente. Uma mulher como ela, pensava, se entregaria por completo, embora só a um homem afortunado, e então, em sua imaginação, viu que ela se entregava a ele e não a seu primo. Alguns dos ministros pareciam também um pouco excitados com a exibição.

O casal parecia compartilhar uma comunicação silenciosa e a química entre eles crepitava no aposento. Todo mundo se sentia desconfortável, notando, possivelmente, que Rafe estava simplesmente tolerando-os, porque já não os necessitava realmente.

Tudo o que parecia precisar era Daniela e, possivelmente, uma cama.

Quando os cavalheiros tomaram um breve descanso às dez e meia, alguns se reuniram ao final do corredor, amaldiçoando ao homem por sua arrogante lascívia.

Entretanto, Orlando não estava convencido de que fosse o desejo sexual a única razão que impulsionou seu primo a manter a garota na reunião.

Havia uma razão muito mais profunda.

Daniela e Rafe se reuniram em silêncio depois que os outros deixaram a sala. Às escondidas, Orlando observava-os. Viu como ela dissolvia a irritação do rosto de Raffaele com uma carícia em suas faces e um terno beijo.

Talvez fosse ele o único capaz de ver a mudança que tinha provocado essa mulher em Rafe, quão profunda era a influência da senhorita Daniela, pensou Orlando. Uma coisa estava clara: não gostava do que via. Já era suficientemente mau saber que a opinião pública tivesse começado a mudar em favor de Rafe ao ter libertado o Cavaleiro Mascarado. Agora, a garota parecia preparada para agarrar uma espada e defender seu loiro salvador, enquanto os ardilosos olhos verdes dele pareciam olhar com uma atenção nova, misteriosa e desconcertante.

O príncipe já não se aborrecia. Seu ar de despreocupação boêmia havia desaparecido. Nada do que disse foi tingido da frivolidade e ironia que era costumeira. Havia dito pouco, mas suas palavras foram ditas com serenidade, disciplina e sensatez.

Orlando se sentia aborrecido pelo repentino amor do casal. Afastando-se para unir-se a outros, perguntou-se quão longe poderiam chegar seus próprios planos se Rafe deixasse sua futura esposa grávida.

Porque pelo que se via, isto não demoraria a acontecer, e ele não sabia se poderia solucionar o desaparecimento do príncipe tão rapidamente. Infelizmente, o ignorante Raffaele tinha saído ileso de todas suas armadilhas. Se tivesse um filho com Daniela, o trono seria para esse menino, e não para o irmão pequeno de Rafe, o príncipe Lorenzo. Orlando não poderia permitir que isto acontecesse.

Olhou-os por cima do ombro do corredor, e depois entrecerrou os olhos ao vê-los beijando-se, sem saber que os olhavam. Orlando se voltou com o coração cheio de inveja e ódio. Com seu físico moreno e varonil, seu dinheiro, seu título, e, sua conexão com a família real tinha todas as mulheres formosas a seus pés, mas nenhuma nunca o beijou daquela maneira.

Tampouco era que ele estivesse muito acostumado a dar amor às mulheres. Seu amor costumava deixar fortes hematomas na pele suave de suas amantes. Escolhia cuidadosamente suas amantes e concedia recompensas em troca de arrancar prantos de dor, que eram sua fraqueza.

Mesmo assim, não entendia o misterioso vínculo entre o príncipe e seu novo brinquedo. O estranho poder que havia nisso o assustava. Possivelmente fosse o momento de pôr à pequena

aliada de Rafe contra ele, pensou divertido. O melhor de tudo era que nem sequer teria que mentir para fazê-lo.

O gabinete reabriu a sessão depois do recesso, mas a reunião se cortou de repente quando a senhorita Daniela teve o suficiente com as maneiras condescendentes de dom Arturo para Rafe. Dirigiu-se ao primeiro-ministro e, interrompendo-o em seu discurso, replicou:

—Já está bem, senhor! Levantou-se dos joelhos de Rafe e se inclinou para o homem com fúria, com as mãos na mesa.

Dom Arturo a olhou, mas ao ver que Rafe escondia um sorriso atrás do punho de sua mão, o gênio de sua excelência explodiu.

—Nem sequer deveria estar aqui, senhorita! Quem acredita que é?

—Uma patriota e sua futura rainha, senhor, nem mais nem menos — confrontou-o.

Rafe riu encantado, mas os ministros pareciam desconcertados.

Daniela Chiaramonte não tinha terminado.

—Você é o único que não deveria estar aqui se for assim que se dirige ao soberano de nosso país. Nunca vi tanta insolência em minha vida! Supõe-se que você está aqui para servir a Ascensão, e não para provocar discórdias. Por que está deliberadamente tratando de desprestigiar Sua Majestade?

O apazível ministro da Agricultura tratou de intervir.

—Dom Arturo não trata de desprestigiar sua Alteza, senhorita...

—Ao diabo que não — replicou, com seus olhos água-marinha cheios de fúria.

—Daniela — sussurrou Rafe por detrás.

—Sim, senhor? Respondeu, com os olhos ainda fixos em dom Arturo.

—Poderia nos perdoar um momento?

—Como desejar, senhor — disse obediente. Entretanto, voltou-se para ele antes de sair e perguntou em privado com um tom de agitação. —A seu pai não o teriam feito. Por que a você sim?

—Vá, meu amor — ele murmurou com doçura, beijando sua mão.

O olhar de Orlando percorreu a Câmara do Conselho ao sentir a tensão que crescia a cada segundo. Tinha o pressentimento de que no momento em que a jovem saísse, perderia absolutamente tudo.

Daniela assentiu obediente e saiu da sala, com os ombros erguidos e a cabeça erguida. Rafe a observou até que saiu. Depois, voltou-se para eles com um olhar que parecia arremessar fogo e enxofre do próprio inferno.

—Dom Arturo — disse com tranquilidade — cavalheiros do gabinete. Estão despedidos! Grunhiu, dando um murro na mesa.

Dani escutava atrás da porta. Seus olhos se abriram assombrados ao perceber a ira que provinha do interior. Quando o primeiro-ministro o repreendeu, ele se tornou louco, a julgar pelo som. Todo mundo na sala gritava, mas a voz autoritária e profunda do Raffaele rugiu sobre eles.

"Ah, senhor, o que fiz?", pensou, pálida.

Justo nesse momento, um dos muito dignos e estirados mordomos de palácio chegou caminhando pelo corredor e a viu escutando. Seu rosto enrugado se contraiu.

Desgostosa, Dani se afastou da porta. Supunha que em qualquer momento os desprezados membros do gabinete saíam como uma ventania do aposento e certamente não queria estar no meio quando ocorresse. Por todos os Santos, custava acreditar que tivesse perdido os nervos até o ponto de gritar como uma lavadeira com Dom Arturo di Sansevero, o oficial mais venerado pelo Rei. Mesmo assim, sentia-se muito orgulhosa de Raffaele se negar a tolerar por mais tempo suas insolências.

Sentia-se confusa, porque sabia que se converteria na má de tudo isto quando o Rei e a rainha voltassem. Com estes pensamentos, apressou-se a voltar para seus aposentos com a esperança de que, ao menos ali, estaria a salvo da tormenta.

Ao correr pelo corredor, passou por um dos salões principais, onde pôde ouvir a risada vibrante de uma voz de soprano cultivada. Mordida pela curiosidade, deteve-se para dar uma olhada da entrada aberta do salão, e pôde ver Chloe Sinclair elegantemente vestida com um vestido, cor creme e dourado, e uma palha de chapéu de seda rosa caindo em um de seus braços. O tecido chegava a cobrir seus deliciosos pés. A mulher ria radiante, deixando mostrar suas covinhas, enquanto o sol da tarde iluminava seu cabelo loiro champagne.

A seus pés, em almofadas turcas, sentava-se um grupo de admiradores, elegantes cavalheiros atentos a suas palavras e dispostos a oferecer todo tipo de elogios.

Um grupo de mulheres jovens se sentava ao lado com muito recato, olhando-a com melancolia como se só desejassem ser uma mínima parte de quão encantadora ela era.

Dani sentiu o coração encolher. Se, tinha havido alguma vez uma mulher equivalente à beleza celestial do príncipe, era sem dúvida esta resplandecente e açucarada rainha loira.

"O que está fazendo ela aqui? Deve ter vindo ver Raffaele, mas..."

Dani não sabia como terminar o pensamento sem ficar furiosa pelo que isto significava. Depois de tudo, ela ia casar com Raffaele no dia seguinte.

No meio segundo que esteve ali em pé, os olhos azulados da inglesa se fixaram nela. Reconhecendo-a, voltou-se imediatamente com hostilidade. A risada de Chloe se desvaneceu, mas seus olhos voltaram a cravar-se diretamente em Dani, para retirá-los um momento depois e dedicar sua risada de diamante a um dos jovens que se sentava a seus pés. O movimento foi como se tivesse fechado a Dani a porta em seu nariz.

Apertando o maxilar, Dani se afastou da porta e se obrigou a seguir caminhando até chegar à sua suíte. Zangada, percorreu de um lado a outro o aposento, com os braços cruzados, esperando que Raffaele viesse. Estava claro que a reunião no gabinete tinha terminado, pelo que esperava que uma vez acabada a discussão, seu noivo viesse vê-la.

"A menos que se permita ser distraído por uma arrogante mulher do teatro!", pensou. Não podia negar. Sentia-se absurdamente ciumenta e petrificada de que a famosa diva pudesse dirigir Raffaele. Chloe Sinclair tinha a beleza e a sofisticação de uma princesa e, ao vê-la, Dani se sentiu mais desajeitada e frustrada que nunca.

Algumas das flores do salão começavam a murchar. Impaciente, pegou uma rosa morta de um dos vasos e uivou de dor ao picar-se com um de seus espinhos.

Abandonou o salão e caminhou até o dormitório, chupando o dedo ferido até que deixou de sangrar. Estava nervosa. Saiu ao balcão, deslumbrada pelo sol, e se dedicou a contar os minutos que passavam.

Deve estar a ponto de vir, pensou. Tinha prometido que esse mesmo dia pela tarde a levaria pessoalmente ao cais para dizer adeus aos irmãos Gabbiano, que partiam para seu desterro em Nápoles.

Alguns minutos mais tarde, uma das criadas se aproximou da borda do balcão para dizer que tinha uma visita. Dani correu ao outro aposento, mas na entrada se deteve em seco pela surpresa.

Vestido completamente de negro, Orlando a esperava em pé admirando suas flores.

O duque Orlando di Cambio se parecia com a família Fiore. Com o cabelo negro, de compleição mais morena, e, um pouco mais velho que Raffaele, sua semelhança com ele era assombrosa, salvo pela cor. Levava uma pequena caixa de couro com documentos. Quando ela deu um passo para ele, ofereceu um sorriso que não concordava muito bem com a expressão enigmática de seus olhos azuis.

—Senhorita Daniela. Sua voz era profunda e serena. Inclinou-se para ela. —Sua Alteza estava preocupado por você e me pediu que viesse ver como estava.

—Ah, sim? Sentiu que o sangue não chegava às faces.

Estava preocupado? Um sentimento de ira a invadiu, completamente desproporcional. Fez o que pôde para escondê-lo na frente a seu primo, tratando de não ficar em ridículo com um ataque de ciúmes.

Orlando deu uma olhada a forte criada que esperava ordens na entrada e depois concentrou sua atenção em Dani de novo.

—Seria conveniente se dermos um passeio e falemos um momento?

—Como quiser.

Orlando fez um gesto em direção à porta.

—Depois de você, senhorita.

Dani estava muito zangada para fixar-se no caminho que seguiam. Tudo o que podia ver era Raffaele junto a sua beldade inglesa. "Diga-me o que deseja seu coração, Daniela", pensou zangada, recordando suas galanterias da noite anterior. Como pôde oferecer-se a arrumar o teto de sua casa se seguia paquerando com essa mulher do teatro?

A ira ia crescendo em seu interior enquanto seguia as passadas de Orlando pelo vazio corredor de mármore. Ao final do corredor se via um vaso de barro com um limoeiro ao sol, na entrada do terraço. As portas francesas foram deixadas abertas para permitir que entrasse a brisa. As cortinas ondeavam, leves. Encaminharam-se para ali.

Orlando caminhava em silêncio, com a cabeça erguida. Tinha a fronte grande e um nariz ligeiramente aquilino, mas até mesmo na forma de mover-se parecia muito com Raffaele, pensou Daniela. Antes que ele descobrisse seu aborrecimento e ficasse em evidência ao conhecer a causa, decidiu comportar-se como uma mulher civilizada e iniciar a conversa.

—Não tinha nem ideia de que sua Alteza tivesse algum primo — observou com frieza. — Pensei que todos os Fiore, exceto o pai de Raffaele, morreram naquele inexplicável atentado contra os reis Alfonso e Eugenia.

—Raffaele e eu somos primos distantes — replicou. —A linhagem dos di Cambio deixou Ascensão faz centenas de anos e se estabeleceram na Toscana depois de uma absurda disputa familiar. Tinha curiosidade por conhecer a história da célebre família a que estava a ponto de pertencer, mas ele parecia resistente a falar mais sobre si mesmo, e ela não estava com humor para pressiona-lo. Chegaram ao terraço e ele estendeu sua mão ante ela, cedendo o passo para sair. Não sem certa cautela, Daniela passou diante dele.

O aroma de limão embriagava o ambiente. O terraço dava vista para o grande caminho de cascalho que levava ao portão negro da entrada frontal do palácio. Podia ver os soldados fazendo guarda ali e, mais abaixo, as carruagens que iam e vinham segundo os assuntos do palácio.

Orlando balançou a caixa com os documentos sobre a grade e a olhou.

—Senhorita Daniela, o certo é que vim falar com você sobre seu iminente matrimônio. Você disse antes na Câmara do Conselho que se considerava uma patriota, e acredito que é verdade. Estou convencido de que quer o melhor para Ascensão e para Raffaele.

—Certamente que sim.

Ele hesitou e afastou o olhar para o horizonte, com o cenho franzido.

—Temo que meu primo seja um imprudente. Por favor, entenda que devo a Ascensão e ao Rei Lazar a minha lealdade prioritária. Temo que o que tenho que dizer não será fácil.

Não podia ser pior, a estas alturas, que o fato de seu noivo estar inclusive nesse mesmo momento passando o tempo com sua bonita amante. Tratou de afastar este pensamento amargo e cruzou os braços.

—Do que se trata?

Orlando a olhou de novo, com uma expressão grave.

—Temo que se casando com você, Raffaele está pondo em perigo seu futuro e poderia muito bem provocar outra disputa na família como a que levou meus ancestrais fora de Ascensão faz um século.

Assombrada o olhou.

—Eu aprecio Rafe, não me entenda mal, mas todo mundo sabe que está cometendo um engano. Ele é uma boa pessoa e nem sempre toma os problemas com a seriedade com que deve. Não estou certo de que se dê conta das consequências que terá que passar se ele casar com você. Tentei fazê-lo ver, mas não me escuta. Por isso, pensando no melhor para o príncipe, atrevi-me a me dirigir a você.

Ela sentiu que seu sangue gelava.

—Que consequências?

—Bom, para dizê-lo de uma maneira simples: o mais provável é que o rei Lazar deserde Raffaele e nomeie o príncipe Lorenzo seu sucessor no trono.

—Como? gritou. Pensou imediatamente nas palavras de Raffaele a outra noite no navio quando tinha falado da difícil relação com seu pai.

—Justo antes que a família real partisse a Espanha, o Rei ameaçou Rafe diante de todo o gabinete, dizendo que perderia a Coroa em favor do príncipe Lorenzo.

—Não posso acreditar que Sua Majestade chegasse a cumprir sua ameaça — disse horrorizada — não acha? Seria o fim para Raffaele.

—Bom, ele envergonhou bastante sua família.

Ela piscou.

—Mesmo assim não acredito que o rei Lazar o deserdasse por minha culpa. Pode ser que seja pobre, mas provenho de uma boa família.

—Você foi presa por roubo, senhorita. Isto escurece bastante seu dote. De verdade acredita que Suas Majestades aceitarão uma reconhecida criminosa como mãe do futuro herdeiro dos Fiore? Eles a verão como uma mancha na linha sucessória, não melhor que fosse Chloe Sinclair.

Olhou-o com receio. Orlando sorriu com arrependimento, com uma expressão em seus olhos verdes que indicavam a intencionalidade de suas palavras.

—Podem dissolver o matrimônio, senhorita Daniela, e o farão. Acredite-me, têm poder para fazê-lo.

—Mas você não entende, devo isso a Raffaele. Ele me salvou a vida e libertou meus amigos! Dei minha palavra. Não posso falhar agora.

—Sim deve, há muita mais razão para rejeitá-lo. Se casar com Raffaele, arruinará sua vida. É isso o que quer?

—Certamente que não. Por que todos o tratam como se fosse um menino? Ele é um homem adulto e me escolheu! Gemeu, muito mais lastimosamente do que queria.

Houve um silêncio. O olhar tranquilo e compassivo de Orlando parecia perguntar: *"Então, por que está agora mesmo com Chloe Sinclair?"*.

—Minha querida menina — disse por fim. —Odeio ver como a fere. É você tão jovem. De verdade, ele não tem nenhum escrúpulo.

Sua boca se torceu em uma careta.

—A que se refere?

Sacudiu a cabeça.

—Vi-o fazer isto trinta, possivelmente quarenta vezes. Estas suas histórias duram uma semana, duas quando muito. Vamos, estou certo de que ouviu falar de sua reputação!

—São apenas falatórios — disse tentativamente.

—Não, não são — disse com tristeza. —Sempre começa como se tivesse encontrado ao amor de sua vida. Presentes caros, bonitas adulações, suaves conversas... sedução. E depois, aborrece-se de todas. Chloe Sinclair é a única que manteve seu interesse durante mais de um mês, e acredito que nós dois sabemos por que. Você não é como ela — disse, com um olhar e um tom de condescendência. —Merece algo mais. Não deixe que a enrede ou terminará sendo o bobo de Ascensão. Ele será o príncipe herdeiro, é meu primo, mas como cavalheiro que sou digo, senhorita Daniela, que no que se refere a mulheres, Raffaele Dei Fiore é um canalha. Mas estou seguro de que tudo isto já sabia. Se tiver conseguido que o esquecesse, é porque sabe muito bem como

apaixonar as mulheres. Terá caído em suas redes antes que se dê conta, e então ele estará preparado para procurar um novo brinquedo.

Perplexa o olhou contendo as lágrimas com muita dificuldade. Com cada palavra que saiu de sua boca era como se, palavra por palavra, houvesse lido o diário secreto de seus medos mais profundos. Tinha um nó na garganta quando Orlando continuou:

—Odeio ser eu o que o diga, mas acredito que posso dizer com confiança que você não é mais que um de seus caprichos. Sinto muito.

Dani sacudiu a cabeça ligeiramente e deu as costas a ele, com o coração na mão. Sentia que ia vomitar. Sabia. Ah sabia que era muito bom para ser verdade.

—Temo que ainda haja mais — disse Orlando com delicadeza, abrindo a caixa com os documentos.

Com uma repulsão instintiva, pensou que ia lhe dar dinheiro para que acessasse em deixar Raffaele, o último insulto a seu orgulho. Entretanto, quando indicou que desse uma olhada ao interior, achou em seu lugar cinco pequenas imagens de mulheres jovens.

—Quem são? perguntou.

—São as, cinco, jovens entre as que o príncipe devia escolher para casar-se — respondeu e seguiu explicando brevemente o trato que o rei Lazar tinha feito com seu filho, entregando a regência de Ascensão durante sua ausência, em troca da promessa de Raffaele de assentar-se e escolher a uma das mulheres retratadas. —Esta é a razão principal pela qual acredito que Raffaele seria deserdado se casar com você — disse Orlando com sobriedade. —Não gostou que seu pai ordenasse que se casasse... tirando assim a liberdade de decidir por si mesmo. Tampouco se sentiu muito orgulhoso de que escolhessem estas garotas por ele sem o consultar. Entende? Casa-se com você para desafiar a seu pai.

—Ai, Deus! Sussurrou, horrorizada. Baixou a cabeça e fechou os olhos, odiando-se por ter sido tão inocente e provinciana. Foi uma estúpida. Caiu diretamente na armadilha dourada desse vagabundo. Como pôde pensar que um deus, um príncipe azul como Raffaele poderia querer uma desajeitada e caipirona ruiva como ela — criminosa, além disso — quando tinha quase a meia dúzia de princesas para escolher como esposa e a Chloe Sinclair como amante? Como era possível que não visse desde o começo que sua única intenção era provocar o mundo e zangar Sua Majestade?

A noite anterior foi toda uma mentira, descobriu. Deus, que idiota tinha sido caindo assim em seus braços! Tremeu ao pensar nas liberdades que lhe deu, sempre contra seu bom julgamento. Confiou nele a noite anterior, de corpo e alma, e ele não tinha feito a não ser brincar com ela, da mesma maneira como esteve brincando com ela na noite do baile, quando pediu a seus amigos que a procurassem para seu único divertimento.

Era um hipócrita! Pediu sua honestidade no cárcere enquanto mentira sobre seus verdadeiros motivos. "*Odeio-o*", pensou. De repente, desesperadamente sentiu falta de Mateo, seu único e verdadeiro amigo. Sentiu falta de seu avô. Só queria voltar para casa.

—Não tenho nenhuma dúvida de que aos olhos do Rei, o matrimônio de Rafe com você será a gota que transbordará o copo — seguiu Orlando. —O trono irá para Lorenzo. O que será então de Rafe? Não sei. O importante é salvar a Ascensão, isso é o que de verdade conta.

Dani levantou a cabeça, abrindo de novo os olhos. Cruzando os braços, olhou aborrecida, e, furiosa em direção à cidade.

—Se Raffaele for tão desprezível para fazer isto a seu pai e a mim, por que quer o ver de todas as formas no trono? Talvez não o mereça.

—Passou toda sua vida preparando-se para ser Rei. Não é nenhum incompetente, só precisa amadurecer um pouco. Demos tempo ao tempo. Além disso, a única opção é o príncipe Lorenzo, que só tem dez anos. Um menor no trono desestabilizaria o país.

Ela fechou os olhos, tratando de pensar com a cabeça e não se deixar levar pelo torvelinho de suas emoções.

—Não sei o que vou fazer, excelência. Não posso simplesmente me negar. Meus amigos seguem ainda sob custódia. Se voltar atrás, Raffaele ficará furioso. Certamente que não quero me casar com um cafajeste semelhante nem provocar a ira do Rei. Entretanto, se me negar agora, o príncipe pode ainda enviar os irmãos Gabbiano à força. Inclusive serão vigiados quando chegarem a Nápoles, ao menos durante um tempo.

—Isso é verdade. Está bem — disse, suspirando profundamente — considerando que o casamento terá lugar amanhã, talvez seja muito tarde para cancelá-lo. Possivelmente nossa única esperança seja procurar uma anulação quando o Rei e a rainha retornem.

Olhou-o sem saber muito bem aonde queria chegar.

—Sabe o que é preciso para conseguir uma anulação? Perguntou com um tom delicado.

Dani sacudiu a cabeça.

—Significa que não... não deve entregar-se a ele. Se o príncipe a deixar grávida... bom, não há nada mais triste que um filho não desejado pelo Rei — disse em voz baixa e amarga.

—Entendo. Olhou para outro lado. Ao menos isto a aliviava, pensou enquanto olhava suas mãos colocadas sobre a grade. A dor a fazia tremer, mas ao menos agora não tinha que se preocupar de morrer no parto.

Houve um momento de silêncio. Dani olhou por cima do ombro em direção ao vestíbulo, para ver se Raffaele havia tornado de seu "encontro" com Chloe Sinclair.

Se a visse com Orlando, poderia suspeitar de algo.

—Confesso que não sabia o que esperar de uma mulher bandoleira — indicou o duque florentino. Ela levantou os olhos e achou os de Orlando a observando. —Possivelmente, segundo a lei, deveria ser enforcada — murmurou enquanto levantava o braço e roçava sua face com os dedos. —Entretanto, você é um achado.

Ela se afastou ruborizada, confusa pela insolência da carícia.

—Deixe-o quando for o momento, e eu me encarregarei de protegê-la da ira dos Reis. Sua boa vontade para não romper o trato com Raffaele me ajudará a interceder por você ante Suas Majestades para que a deixem livre. Posso ver isto como uma garantia para conseguir a imunidade por seus crimes. Se, então, ainda continuar pura... bom — sorriu de forma enigmática — possivelmente você e eu possamos nos arrumar sozinhos.

—Não seja indecente — disse, aturdida por sua proposta. —Quando, Raffaele e eu, nos casarmos, você será também meu primo.

Orlando a olhou com um sorriso sombrio de cumplicidade. Depois fechou a caixa com os documentos e se afastou caminhando.

—Como pode pensar em se unir a essa esquelética juvenzinha de campo? Chloe lançava faíscas por seus olhos azuis e frios. Percorria o salão de cima abaixo, revoando com seu vestido de seda. —De verdade acha que ela pode o satisfazer? Bom, pois me deixe dizer, pequeno, que o véu te cairá muito em breve dos olhos. Ela é como as demais. Você se aborrecerá como sempre, e voltará para mim com o rabo entre as pernas... mas, quando o fizer, te darei com a porta no nariz! Acha que o necessito? Posso ter qualquer homem que queira.

Rafe suspirou.

—Claro que posso! Gritou, dando outro passo furioso para ele. —A qualquer! Nic, Orlando, inclusive o Rei se quisesse!

—Pelo amor de Deus, Chloe, tenha um pouco de decência — murmurou, sem se impressionar por suas ameaças. Sua risada vibrou brutal e nervosa.

—Isso o assusta, Rafe? Que passe melhor na cama de seu papai? Estou segura de que seria assim. É ainda tão viril como um garanhão. O senhor é um verdadeiro homem, não como você.

—E em trinta anos de matrimônio, nunca enganou a minha mãe. Por muito bonita que seja, Chloe, não acredito que vá romper este recorde por você. Replicou com desprezo.

—Não é mais que um menino mimado. Deveria seduzi-lo só para esfregar isso em sua cara. Com certeza necessita de um pouco de diversão, porque a rainha deve estar já mais gasta que um trapo.

Também ia insultar a sua mãe? Pensou tratando de controlar seu aborrecimento.

—Vá, lamento que pense assim de Sua Majestade a rainha. Ela a tem em muito alta estima — replicou.

Seu sarcasmo conseguiu sossegar Chloe só um segundo.

—Sei que sua mãe me odeia. Odeia a qualquer mulher que se aproximar de você.

Ele deu de ombros.

—Simplesmente, tem melhor juízo.

—E você segue ainda agarrado a suas saias! Talvez vá com Orlando. O que tem que dizer a isso? Desafiou-o.

—Dorme com o jardineiro se isso agrada sua vaidade, querida. Não ligo o mínimo. Não é como se fosse casta e pura quando a conheci.

—Bastardo! Assobiou. Mas para surpresa de Rafe, ela seguiu sem esfregar seus escarcéus com Adriano.

Sabia que havia algo entre seu velho amigo de infância e sua amante há um tempo, embora não se importasse especialmente. Teria estado cego se não soubesse. Em quase todas as reuniões sociais, podia-se ver Chloe e Adriano rindo baixo, fazendo malvados comentários sobre as pessoas em *petit comité*.

O chamativo casal era inseparável, sempre junto, adorando-se um a outro de uma maneira que parecia simples carinho, mas que Rafe interpretava como algo mais.

—Possivelmente o faça — seguiu. —Seu primo é tão bonito e ouvi que sabe de verdade como satisfazer às mulheres...

—Sinceramente, não importa a quem meta em sua cama, desde que entenda que não será mais bem-vinda a minha. — cortou-a, perdendo a paciência.

Ela estremeceu, e depois guardou silêncio, reprovando-o com o olhar.

—Se cansará dela — prometeu amargamente, depois lhe deu as costas e caminhou até o sofá de listas, onde se sentou. Cruzou as pernas por debaixo de seus suntuosos seios, exibindo os de forma intencional, e olhou de frente com uma careta de aborrecimento em seus formosos lábios, ignorando Rafe, ou ao menos pretendendo ignorá-lo.

Ele se manteve em pé junto à janela, esfregando a fronte. Tantos gritos tinham provocado dor de cabeça, ou talvez tivesse provocado à violência de seus ataques.

"Se cansará dela". Diabos, talvez ela tivesse razão. Meia hora antes, quando Chloe o tinha interceptado no corredor pedindo que falasse com ela, tinha-a acompanhado ao salão disposto a terminar sua relação antes de casar-se com Daniela.

Mas desde o momento no qual entrara na sala, soube exatamente por que e como Chloe Sinclair tinha conseguido mantê-lo em suas redes durante quatro meses.

A razão descobriu era que sabia exatamente o que dizer e como o manipular para conseguir o que queria. Embora suas manobras fossem transparentes, os temores que mostrava eram reais. Desde o momento no qual fechou a porta, ela jogou com suas inseguranças como uma menina malcriada, golpeando a mesma tecla uma e outra vez. "Está utilizando-o. É claro. Nem sequer a conhece. Prometeu tudo para salvar-se da força... e ganhar em troca uma coroa! É um estúpido, Raffaele! Não pode confiar nela. O que o faz pensar que esta garota é diferente das outras? Vai se cansar dela em quinze dias".

Talvez Chloe tivesse razão. Tinha caído nas redes da ruiva. Surpreso, tremeu ao pensar nas coisas que havia revelado a noite anterior, seus medos mais profundos. Podia utilizar tudo contra ele. Possivelmente foi um imprudente ao lançar-se em seus braços tão cedo. Como podia confiar em seu próprio critério quando falhou tanto no passado?

Mas tinha feito pública sua intenção de casar-se com Daniela. Tinha-o declarado ante o Conselho, e se casaria com ela. Voltar atrás agora seria fazer ridículo.

Levantou o olhar, desconcertado por seus próprios pensamentos, e então ouviu um soluço. O coração deu um tombo ao ver que Chloe tinha começado a chorar.

Ela baixou a cabeça e cobriu o nariz com os dedos, enquanto duas lágrimas desciam em uníssono por suas faces, uniformizadas.

—Por que me faz dizer essas coisas tão horríveis? Odeio-o. Amo-o. Só quero fazê-lo feliz.

Ele a olhou fixamente, sabendo que procurava manipulá-lo também com as lágrimas, mas sem poder evitar que o fizesse de qualquer forma. Não podia suportar ver uma mulher chorando... e Chloe sabia. Ela achava inclusive que o amava, mas ele tinha descoberto faz tempo que a única pessoa que importava no mundo de Chloe era a própria Chloe. Mesmo assim, sentiu-se terrivelmente culpado de fazer mal a ela.

Quando voltou a soluçar, aproximou-se dela e se inclinou junto ao sofá onde estava sentada, estendendo em silêncio seu lenço bordado com a insígnia real.

Ela o aceitou e secou com ele as lágrimas.

"Deus, o que estou fazendo?", perguntou-se com angústia, reprimindo um suspiro. Pensou em Dani e teve medo.

Levantou as pestanas e olhou com atenção a sua amante.

Com seus insaciáveis caprichos e suas imprevisíveis mudanças de humor, Chloe Sinclair admitia ser uma interesseira, mas ao menos se acostumaram um ao outro.

Ela sabia que não devia esperar muito dele e Deus sabia que eram mais que compatíveis na cama. Possivelmente era muito cedo para romper todo laço com ela. Depois de tudo, desde que Chloe tivesse o que queria, coisas fáceis como presentes e atenção, não daria nenhum desgosto. Não o envenenaria nem trataria de atacá-lo. Com delicadeza, pôs a mão na coxa e a acariciou para reconfortá-la.

—Não chore, amor — murmurou. —Tudo irá bem. Ela deixou escapar um gemido e o olhou com desconfiança, zangada.

—Não te importo nada, não se preocupa por mim.

—Sabe que isso não é verdade.

—Não se casaria com ela se me quisesse! Disse, com novas lágrimas brilhando no bordo de seus olhos azuis.

—Tenho um dever para com minha família e Ascensão — disse suavemente. —Sabe. É tudo uma questão de linhagem. Disse que meu pai estava me obrigando a escolher uma esposa.

—Mas o que tem ela de especial?

A súplica carregada de insegurança que leu em seus olhos desarmou-o. Sabia que Chloe não se sentira ameaçada por nenhuma das cinco mulheres das fotos.

Mas era diferente com Daniela. Fez um beicinho e baixou a cabeça enquanto um cacho longo e dourado velava suas rosadas faces.

—Está apaixonado por ela, Rafe?

Era uma pergunta que não sabia como responder, mas não desejava tampouco zangá-la mais do que estava.

—Querida, só a conheço há alguns dias — replicou evasivo.

Ela se sentiu aborrecida, mas sem chegar a explodir. Lentamente, Rafe suspirou aliviado.

Com esta resposta sentia como se tivesse traído Daniela, e isso o envergonhava. Entretanto, seus impulsos adolescentes se rebelavam contra o sentimento de culpa.

Depois de tudo, a sociedade reconhecia seu direito como homem sadio a manter amantes se quisesse. Também Daniela saberia certamente isto. Qualquer homem moderno que apreciasse sê-lo devia ter uma amante. Só a Rocha de Ascensão era o marido perfeito, e todo mundo sabia que Rafe o Libertino não era como seu pai.

—Escuta — disse, acariciando sua coxa de novo — não temos que decidir agora a respeito de nós. Possivelmente deveríamos deixar para um pouco mais adiante.

Com a cabeça baixa, voltou seus olhos safira para ele, com receio. Rafe viu como ela calculava o que poderia tirar de proveito desta situação.

E ele seguia acariciando-a.

—Volte para sua casa e relaxe alguns dias. Descanse um pouco e frequente alguns amigos enquanto eu me ocupo das bodas, de acordo? Eu irei vê-la logo.

—Prometido?

Sentindo-se culpado, ele assentiu.

Chloe suspirou e o olhou carinhosa.

—Está bem. Sabe que não posso te negar nada. Mas, primeiro...

Rodeou-o com os braços, beijando a face. —Ai, Rafe! Sussurrou ao ouvido, produzindo um calafrio. —Façamos amor. Agora mesmo. Sinto sua falta, Rafe. Necessito-o. Nunca pude te dar meu presente de aniversário.

Todo seu ser protestou quando ela o beijou, abrindo a boca com sua língua. Tenso, seu cavalheirismo o impedia de rechaçá-la. Entretanto, estava determinado a desfazer-se dela sem provocar nem mais raivas nem mais lágrimas.

Ela suspirou, deixando de beijá-lo. Depois se recostou sobre as almofadas do sofá, brincando com os laços de seu vestido, em um descarado convite dirigido a ele.

—Brinque comigo, Rafe.

Sacudindo a cabeça sem ser visto, forçou um sorriso de desculpa.

—Poderia tentar a um santo, amor. Desgraçadamente, tenho que atender algumas reuniões mais esta tarde. —Olhou o relógio, mas não se dignou a contar sobre a promessa que tinha feito a Daniela de acompanhá-la ao cais para se despedir dos irmãos Gabbiano. De fato estava atrasado.

—Faremos rápido.

—Amor, há alguns prazeres que é melhor não fazer com pressa — sussurrou.

—É um adúlador incorrigível. O que acredito é que me está dando o fora. Olhou-o com adoração. —Sinto ter te feito mal, Rafe.

Ele a olhou, dando-se conta de que não se sentia tão ferido... O que era possivelmente outra prova de que desde o começo soube que não devia preocupar-se muito pela mimada e intransigente Chloe.

Possivelmente a escolheu deliberadamente porque não significava uma ameaça, não como certas ruivas que ele conhecia. Não podia imaginar Dani dizendo nunca de forma deliberada todas as crueldades que ela havia dito há um momento. Este pensamento o reafirmou em sua profunda desilusão e o fez desejar ainda mais terminar de uma vez com a atriz.

Inclinando-se para beijar com suavidade sua mão, dispôs-se a deixar Chloe e sair do salão.

"Chego tarde, maldição", pensou, andando apressadamente pelo corredor de mármore. Isto era a última coisa que necessitava neste momento: uma esposa que o odiasse também.

Não muito depois, Rafe esperava, irritado, em pé um pouco afastado dela e de seus devotos no cais de madeira, golpeando ritmicamente o chão com a bota, e, impaciente com o prolongado abraço que ela estava dando a esse grosseiro gigante a quem chamava Rocco.

A cortesia fria e distante com a qual fora tratado por Dani ao ir procurá-la em sua suíte para acompanhá-la até o porto, indicou, alto e claro, que sabia que esteve falando em privado com Chloe. Não disse nada a respeito, e se limitou a olhá-lo com desprezo.

Nem sequer teve a coragem de tentar agradá-la a caminho do cais, conformando em suportar o tenso silêncio de rancor. Conforme passavam os minutos, ele se zangava mais e mais consigo mesmo por não ter tido a integridade de romper com Chloe. Sua noiva estava muito bonita, com, seu novo vestido azul de passeio, pensou, olhando-a com desejo. Usava um encantador chapéu com um par de rosas presas nele e cobria as mãos com umas delicadas e curtas luvas brancas.

Continuando, abraçou ao irmão dos óculos, o médio deles. Depois se inclinou para abraçar o menino das sardas, Gianni, durante um bom tempo. Depois dele abraçou à mãe, que escolheu acompanhá-los em seu desterro.

Ao ver a tristeza em seus olhos pela despedida, não pôde evitar sentir-se como um ogro, por sentenciar algo assim. Tirou sua pequena caixa de mentolados do bolso e meteu um na boca, saboreando-o com atenção. Era a única coisa que podia fazer para não abrir a boca e começar a gritar *"Está bem, está bem. Podem ficar!"*.

Mas este impulso de generosidade se viu logo freado ao ver, sua futura esposa, soltar o menino e voltar-se para seu maior devoto, o nobre de nome Mateo.

Rafe entrecerrou os olhos para ver melhor o casal, procurando algum sinal que evidenciasse que entre eles havia algo mais que uma fraternal amizade. Daniela pegou Mateo pelo braço e juntos se afastaram caminhando até o final do cais, pareciam absortos em uma importante conversa.

Começaram a palpar as têmporas de Rafe. Deu-se conta de que o pequeno Gianni sorria e o saudava com a mão. Tratou de se retirar um pouco, perto da carruagem, e esperar ali. Pareceu aterrador descobrir que ainda não se casara com Dani e já estava se convertendo em um marido ciumento.

—Necessito que faça isto por mim, Mateo — pediu Dani, olhando para cima e procurando os olhos escuros de seu amigo. —É o único no qual posso confiar.

—Sabe que o farei, mas por que tem que se envolver com este tipo de pessoas? Perguntou zangado, com o vento removendo seus espessos cachos. —Voltarei assim que puder e a tirarei daqui.

—Quantas vezes terei que dizer que sei cuidar de mim mesma? Sussurrou, olhando por cima do ombro a seu noivo. Raffaele estava de costas para ela, caminhando para carruagem, com o sol da tarde iluminando sua longa cabeleira. Voltou-se para Mateo. —Além disso, não voltará. Sabe que se o agarrarem de novo, vai a força! Use a cabeça. Sua mãe e seus irmãos o necessitam.

Ele a olhou com tristeza, e depois deixou a cabeça cair, abatido.

—Falhei com você. Sou culpado por te agarrarem e agora se vê forçada a se submeter a ele! É uma desgraça...

—Estarei bem, Mateo. Posso mantê-lo sob controle até que o Rei e a Rainha retornem. Se de verdade quer me ajudar, faz o que te peço: vá a Florença e averigua o que possa do duque Orlando di Cambio.

—Por que quer saber coisas dele?

—Diz que quer me ajudar, e que se cooperar, meu matrimônio com Raffaele poderia anular-se quando os Reis retornarem. Entretanto, há algo nele que não me inspira confiança. Ele é tão escorregadio como um girino e anda pelo palácio como se fosse dele. Em definitivo, fará isto por mim ou vai seguir teimoso como uma mula?

Ele suspirou, sacudindo a cabeça.

—Sabe que o farei.

—Estupendo. Mas tome cuidado. Não sei até onde chega o poder de Orlando em Florença. Poderia ser perigoso.

—Estarei encantado de espíá-lo por você... se é que os guardas me tiram os olhos de cima.

—Diga que vai procurar trabalho — sugeriu.

Ele assentiu.

Em seu interior, Daniela se encomendou aos Santos, porque embora parte de seu propósito era averiguar coisas sobre o misterioso Orlando, queria também dar a Mateo uma missão para detê-lo em seu intento de voltar a resgatá-la, fazendo uso de sua habitual valentia.

—Os nobres de Florença devem conhecer Orlando. Deveria tratar de falar com seus criados. Disseram-me que dirige uma empresa de navios no cais e que tem armazéns na desembocadura do rio Arno, em Pisa.

Nesse momento soaram as buzinas do navio, anunciando sua saída. Alguns soldados da guarda real se aproximaram para escoltá-lo até a embarcação. Dani e Mateo se olharam com dor.

—Mateo — disse com uma careta de dor — sentirei sua falta. Abatida pela dor da dura despedida, dispôs-se a abraça-lo, mas estendeu a mão, olhando para outro lado.

—Não. Se o abraçar, nunca a poderei deixar ir. Além disso, ele me cortaria a cabeça — murmurou, fazendo um gesto para o lugar no qual Raffaele esperava, intranquilo, com a cabeça baixa.

—Sinto muito — sussurrou, sem saber o que dizer.

—Por quê? Por ter nascido sendo a filha de um Duque? Não é tua culpa. Apertando o gorro que levava na mão, esquadrinhou o horizonte. —Vá com seu príncipe, Dani, mas não esqueça nunca que não a merece muito mais que eu. Duvido muito que vá haver uma anulação.

—Mateo, ele só está me utilizando.

Ele a olhou.

—Não acredito — sentenciou, deu um beijo em sua testa e deu meia volta caminhando lentamente para plataforma de embarque, com os ombros erguidos.

Os marinheiros levantaram a passarela depois que ele entrou, e logo o navio começou a mover-se.

Dani seguia ainda no cais, até depois que a fragata desapareceu de sua vista. Abraçou o xale que cobria seus ombros, apesar do ar da noite estar quente. Não havia se sentido tão só desde que era menina.

Ouiu o som de umas botas que se aproximavam. A madeira do cais crepitava sob os passos de Raffaele.

Não se voltou para o olhar. Ele se aproximou dela e permaneceu a seu lado, oferecendo a calidez de seu corpo e abraçando-a por trás para reconfortá-la.

Não teria desejado outra coisa que se virar e o abraçar para chorar em seus braços. Em vez disso, seu corpo tencionou ao recordar tudo o que Orlando havia dito essa tarde.

Que seria seu marido de forma temporária era um canalha, mas ela não estava disposta a destruir sua vida por ele. Tampouco deixaria que a abrandasse com suas bem aprendidas galanterias.

Nunca necessitou de ninguém. E nunca necessitaria.

Raffaele apertou ainda mais seu abraço e desceu o queixo em cima de seu ombro.

—Como está? Murmurou.

—Estou bem — disse com um fio de voz, desejando que não fosse tão amável com ela.

—Estarão bem — sussurrou com doçura, apertando-a carinhosamente pela cintura. —Nos encarregaremos de que assim seja.

Tentando recuperar a compostura, voltou-se e olhou esses olhos verdes carregados de preocupação que a olhavam com ternura.

—Esse Mateo... disse com um tom de nervosismo, a mandíbula ligeiramente tensa — como se estivesse se esforçando a admitir. —Parece um bom homem.

O olhou surpresa. Rafe limpou a garganta e afastou o olhar, ajustando a gravata como se estivesse envergonhado. Esta afirmação a pegou de surpresa. Era uma generosidade que nunca imaginaria. Chegou diretamente ao coração, e o odiou por ser capaz de abrandá-la dessa maneira.

—Sim. E se esforçou em reprová-lo. —É um autêntico príncipe dos homens. Roçou ao passar junto a ele em direção à carruagem. Sentada no interior da carruagem, Dani viu-o ali em pé, imóvel, como se sua cortante resposta o ferisse de morte.

Com um movimento de cabeça, a olhou cheio de dor e dúvidas. Ela baixou o seu, levantando os ombros como na defensiva. Sentiu-se a mulher mais desprezível do mundo, porque sabia que o ferira de propósito. Ela não era assim, mas ele a fazia sentir-se tão vulnerável, tão perdida e confusa...

Metendo as mãos nos bolsos, Raffaele tratou de esquecer o que tinha passado, como se fosse um homem acostumado a tratar com mulheres de humor variável.

Observou-o às escondidas em seu caminho de volta à carruagem.

Sem dúvida, era o homem mais bonito e arrumado que conheceu, pensou com amargura. Percorreu com o olhar suas musculosas pernas cobertas por calças escuras e chegou até sua cintura e seus largos ombros. Ao inspecionar suas feições clássicas e seus magníficos lábios por debaixo da aba de seu chapéu, recordou o sabor exato de seus beijos de hortelã. Seu corpo se retesou e teve que afastar o olhar. Rafe se sentou em frente a ela na carruagem e fez um gesto ao condutor golpeando a porta da cabine com os dedos. O cocheiro tocou os cavalos afrouxando as rédeas e o veículo se moveu.

Um silêncio tenso se instalou entre eles.

— Há algo que a preocupe? Seu tom era cuidadoso.

Ela olhou pela janela.

— Não.

— Dani — disse, reprimindo-a com doçura.

— Quero ir para minha casa — disse com um tom de voz lastimoso. Podia sentir seu olhar, mas ela se negava a devolvê-lo.

— Sua casa é agora comigo.

— Não, não é! Replicou. — Há pessoas que me necessitam! Tenho a obrigação de cuidar deles. Não fui vê-los há dias, não vi meu avô, nem Maria...

— Dani — murmurou fracamente. Inclinou-se para frente, com os cotovelos nos joelhos. Agarrou suas mãos e as segurou. — Vai ser minha esposa, a princesa herdeira. Sua obrigação agora é estar comigo e com Ascensão. Já enviei o melhor grupo de enfermeiras do reino para que ajudem Maria com seu avô.

— Ah, sim?

— Sim.

— Bom, mas ele me necessita!

— Querida, me escute, tudo vai sair bem. Parece-me que está passando pelo nervosismo comum antes do casamento.

Ela afastou os olhos de seu amável embora preocupado olhar, dando-se conta de que estava sendo uma mal educada. Por alguma razão — orgulho, possivelmente — não podia perguntar sobre Chloe Sinclair. Raffaele nem sequer pensava que estivesse fazendo algo mal; como Orlando havia dito, era como um menino caprichoso e encantador. Não tinha sentido fazer que estes dias fossem ainda mais desagradáveis do que sem dúvida iriam ser.

— Superaremos isto — disse. — Não estará se arrependendo, não é?

— É uma loucura, Raffaele. Sabe, não é? Não deveria se casar comigo. O que vão dizer seus pais?

— "Parabéns"; espero.

Ela entreabriu os olhos ao ver seu sorriso despreocupado. Seu olhar era estranho, misterioso, e seus olhos verdes estavam cheios de uma inteligência que ela jamais tinha visto, e não era precisamente o olhar de um menino inocente.

Como dissera Orlando, este homem ocultava algo, pensou. Decidiu que os dois eram igualmente horríveis.

— Meu pai não controla minha vida, Dani — apontou, enquanto soltava sua mão e voltava a sentar, cruzando as pernas e recostando-se sobre as almofadas de couro marroquino. Apoiou o cotovelo no bordo da janela e observou a paisagem. Seu tom era meditativo. — Bom, pode ser um pouco aborrecido a princípio, asseguro, mas quando souber que o futuro de Ascensão está a salvo, esquecerá todo seu gênio. Não esqueça do que te digo.

— E como pretende fazê-lo ver isso?

— Tendo um filho, certamente.

Ela afogou um gemido e olhou-o fixamente, sem dizer uma palavra. Não se atrevia. Como não se atrevia a pensar em como iria poder resistir na noite de núpcias, para a qual restava pelo menos de vinte e quatro horas, quando este malvado anjo caído viesse a sua cama... e oferecesse a ela tocar o céu com as mãos.

Capítulo 10

—Perdeu a cabeça. Sabe disso, não é?

Horas antes das bodas, Rafe se achava em pé frente ao espelho, olhando-se enquanto fazia o nó da gravata. Depois, revisou o corte de seu colete listado.

—Sem dúvida — concordou.

Sentia-se otimista. Era um dia ensolarado e perfeito, e logo se casaria com a mulher que ele, e não seu pai, tinha escolhido.

Tinha tomado às rédeas de sua vida.

Com os braços cruzados, Adriano o observava de trás, inclinado junto ao espelho.

—Rafe...

Rafe o ignorou e fez um sinal a seu criado de quarto. O homem trouxe uma impecável jaqueta branca e ajudou-o a colocar os braços pelas mangas. Raffaele se encolheu para poder vesti-lo.

—Excelente Alteza — murmurou o mordomo, alisando a roupa.

Rafe assentiu, observou-se no espelho e lançou uma olhada a seus galões.

—Seu sabre de gala, senhor.

Rafe aceitou a longa espada de prata e a introduziu na bainha luxuosamente engalanada que pendia de seu quadril.

Conforme os informes que chegavam a cada meia hora, os progressos de sua noiva foram mais devagar do que o habitual porque a tudo tinha que pôr inconvenientes e obstáculos. Aparentemente, sua transformação final de bandida a noiva estava sendo uma empresa difícil e traumática para todos.

—Rafe! — disse Adriano uma vez mais, tirando-o de seu ensimesmamento. —Diga-me de verdade que não vai seguir adiante com tudo isto.

Rafe lançou um olhar de aborrecimento.

Adriano não se deixou amedrontar.

—E o que acontecerá com Chloe?

Rafe deu uma palmada repentina no braço, descobrindo nesse momento que não ia necessitar de Chloe depois de tudo. Dani era tudo o que queria.

—Me ocorreu uma ideia, di Tadzio. Pode ficar com ela.

Adriano ficou lívido.

—O que?

—Parece ter um desmesurado interesse por ela. Assim é toda sua. Isso sim, não deixe que te vença com suas lágrimas. Essa mulher chora por pouco. Por isso é paga no teatro. E, além disso, acredito que se sente atraída por Orlando, assim tome cuidado.

—Não há nada disso entre Chloe e eu — disse terminante.

Escolhendo uma colônia de sua deliciosa coleção, Rafe repreendeu-o rindo.

—Vamos, vi-o paquerando ela. Não me interprete mal, não me importa o mínimo. Tem minha bênção. Sinceramente, pensava que já se tinha rendido a ela, embora não é sua culpa, certamente. Sei o difícil que pode ser resistir a Chloe — disse, afastando com a mão os protestos de Adriano. De repente, sentiu medo por sua inocente e pequena futura esposa. —Sabe que Chloe está zangada por meu matrimônio.

—Certamente. Acabo de vir de sua casa. Está arrasada.

O olhar de Rafe se endureceu.

—Mantém-na afastada di Tadzio, está bem? Falo sério. Não quero que importune Daniela.

—Rafe. Adriano se levantou e enfrentou-o cara a cara. —Não continue com isto. Deus, o que está passando? Costumava ser divertido. Mas há algumas semanas, está sendo insuportável.

—Diga-me como se sente na realidade, di Tadzio — disse, rindo baixo enquanto se afastava.

—Chloe o quer! Exclamou Adriano, seguindo. —Case com uma das mulheres que seu pai escolheu se tiver que fazê-lo, mas é a ela a quem pertence. Sim, ela e eu passamos muito tempo juntos, mas ela só me fala de você. "Fale-me de Rafe quando era menino", "Gostará Rafe deste vestido?" Se a levar a algum café: "Devemos trazer aqui Rafe!", "Acha que para Rafe importo de verdade?".

Rafe entreabriu os olhos.

—Sinceramente, acredito que está cometendo um grande engano.

—Um engano? Agarrou Adriano pelo braço e empurrou-o para o balcão, abrindo as portas francesas de par em par. —Olhe.

Debaixo deles, à luz do sol, a multidão vociferante chegava até além de onde a vista podia alcançar.

—Um casamento real. Nem mais nem menos que com o Cavaleiro Mascarado! Não entende o principal, di Tadzio. Olhe-os ali embaixo. Estão desfrutando muito com isto!

A vista de Adriano percorreu a multidão pausadamente.

—Vejo que aprendeu algo dos anos que esteve perseguindo atrizes — disse suavemente. — Converteu-se em um exibicionista.

—Não entende nada, estúpido! Zangado Rafe se virou para Adriano para olhá-lo de frente, sacudindo o ombro. —Se Chloe pensou alguma vez que me casaria com ela, então é ela quem está louca. Daniela Chiaramonte nasceu e cresceu para ser rainha, e diga a Chloe que eu o disse.

Adriano olhou-o com prepotência um instante.

—O farei, Alteza.

Havia algo no olhar insolente de Adriano que o enfurecia.

—De verdade, teria que prová-la, di Tadzio. É inclusive melhor entre decorações que no cenário — seguiu caminhando. —O que ocorre? Tem medo que seja muita mulher para você?

Adriano murmurou algum epíteto insultante e deixou o aposento. Rafe ficou com a vista fixa no lugar onde ele esteve, enfurecido, e depois descobriu que Elan movia os olhos da porta fechada até ele.

—O que? Replicou.

Elan, como sempre, utilizou a diplomacia.

—Alteza, Adriano é... como dizê-lo? Enfim, não importa.

—Acha que tem razão? É isso? Perguntou, afastando um vago e incômodo pensamento. Era melhor ignorar algumas coisas. Mesmo assim, sentia-se zangado consigo mesmo por ter gritado com uma criatura tão frágil. Pedia a Deus que a discussão não fosse o detonante de uma de suas ameaças de suicídio.

—Não, nada disso. Elan se aproximou dele com uma taça de vinho que estendeu. —No que diz respeito a mim, direi que fez o melhor.

Um pouco mais tranquilo, Rafe tomou um gole e depois assentiu.

—Demônios que sim. É ela a quem escolho. Ela é o que Ascensão necessita. É forte. É formosa e boa, e, sobretudo, é leal. Estava determinado a acreditar nela. Ao menos, estava tentando. —Ela é o que necessito, e se meu pai não gosta, pode deixar o trono a Lorenzo, a mim deixou de importar.

Elan levantou a taça, olhando ao Rafe divertido.

—Pela noiva.

—Pelo Cavaleiro Mascarado. Rezemos para que sua virgindade seja o único que se perca esta noite — murmurou. Juntaram as taças e beberam.

"Meu Deus — rezava mentalmente Dani, com o rosto branco sob o véu — por favor, não deixe que eu tropece e caia ao sair da carruagem. Não deixe que faça ridículo, é tudo o que peço".

A esplêndida carruagem real, puxada por seis cavalos brancos, parou em frente à catedral. Muito súditos se espalhavam em todas as direções até onde à vista alcançava.

A guarda real, uniformizada para a ocasião, tratava de conter a multidão vociferante para que deixassem, livre, os grandes degraus, que davam à igreja. Dani pegava o braço de seu avô como se nisso estivesse a sua vida. Sua excelência, o Duque do Chiaramonte, tinha recuperado sua nobre aparência de antigamente com um grande bigode branco e um bem reformado uniforme militar. Ia cantarolando baixo de forma desafinada, mas parecia estar suficientemente lúcido.

—Não disse que deveria deixar que o príncipe Raffaele a cortejasse? Disse o ancião com uma careta de cumplicidade.

—Avô!

—Deve me agradecer que eu tenha contado de seus talentos, mas faz caso do que digo — disse com uma piscada. —Quantas jovens há por aí que possam montar a cavalo de costas?

—Ai, avô!

Sua paciência estava no mínimo, depois de passar o dia entre metros, espetadas e reprimendas das modistas reais, cabeleireiras e outros peritos em protocolo.

Enfrentou seus torturadores o quanto pode, mas tinha que admitir o talento deles, porque o resultado não desmerecia o mínimo a seu futuro marido temporário.

Com um diadema de brilhantes, recolheram cuidadosamente, os cachos, e, assegurado o véu de noiva. Era a coisa mais luxuosa que viu em sua vida. Seu vestido era uma obra mestra de elegância e esplendor. Uma longa cauda de lamé acetinado, bordada nos extremos com conchas marinhas e flores, que representavam a Ascensão, caía luxuosamente sobre seus ombros, estavam presas à altura do peito com um broche de pedras preciosas que representava o leão da família real. Suas anáguas de seda branca se ajustavam com laços de Bruxelas creme e um franzido seguro por nós dourado. As luvas e os sapatos eram de seda branca.

O perfume suave do ramo de rosas que levava na mão a embriagava. A combinação de seda que levava sob o vestido era tão deliciosa que se sentia como se estivessem cobrindo o corpo de beijos. Seus ouvidos vibravam com a cadência selvagem dos sinos da catedral, o estrondo dos canhões e as ovações das pessoas.

Com apenas uma olhada, podia ver que Raffaele ganhou muitos postos nos corações dos cidadãos de Ascensão. Dani nunca teria imaginado que o Cavaleiro Mascarado fosse tão querido. Os antigos excessos do herdeiro foram esquecidos no êxtase deste dia. A fé das pessoas em sua natureza nobre se restabeleceu, aparentemente, por esse gesto galante de clemência por ela e seus amigos. Não sabiam que estava jogando com eles. Raffaele era, pensou decidida, mais maquiavélico que encantador, como costumavam ser todos os príncipes.

Justo então, a porta da carruagem se abriu e deixou ver um rosto tranquilizador. O jovem visconde Elan, o padrinho de bodas de Raffaele, esperava-os, em pé, sorridente. Ajudou seu avô a sair da carruagem, e depois se virou e lhe ofereceu a mão.

O momento chegou.

Dani tremeu e conteve a respiração. Armando-se de coragem, abaixou a cabeça para sair da carruagem, detendo-se com um pé no degrau e olhando a seu redor um instante.

Viu uma onda de pessoas que a aclamavam, como um vertiginoso mosaico feito de ladrilhos de cores, e a torre cinza da catedral, ao redor da qual voavam pássaros com as asas iluminadas pelos raios do sol.

A gritaria ficou mais ensurdecadora quando apareceu. Contou até três e olhou para Elan, agradecendo as sinceras boas-vindas que pôde ler em seu olhar.

—Por favor, me diga que está aí dentro sussurrou por cima da gritaria. —Por favor, me diga que veio e que isto não é parte de uma brincadeira macabra.

—Minha senhora, seu noivo a espera — murmurou com um olhar cheio de simpatia. Depois, aproximou-se de seu avô com uma reverência. —Excelência.

O avô assentiu. Enquanto partiam para a entrada da catedral, Dani pôde cheirar o perfume do incenso que emanava do interior, e ouvir as jubilosas polifonias do órgão acompanhado do orgulhoso clamor das trompas.

Segurando com decisão ao firme braço de seu avô, Dani sentiu medo nesses primeiros segundos que seus olhos necessitaram para acomodar-se ao sol radiante do exterior à escuridão piedosa da igreja. Quando por fim pôde ver algo, pensou que embora tivesse rezado ao menos uma dúzia de vezes nesta catedral antes, não recordava que o corredor central fosse tão longo.

Adornado com um estreito tapete branco coberto de pétalas de rosa, parecia estender-se dois quilômetros ante ela, e ao final do longo caminho a esperava um homem.

A silhueta alta e poderosa do príncipe estava banhada de uma luz multicolorida que provinha do vitral em forma de roseta situado em cima do altar.

Dani o olhou através do véu, e depois foi observando pouco a pouco ao seu redor. A catedral estava cheia com o mais alto da nobreza do país, todos embelezados, com as rançosas vestimentas da corte, reminiscências do século XVIII. Estava certa de que deviam estar zangados com ela por não ter tido mais tempo para preparar-se para o grande evento. Ela desejava poder dizer que a culpa era de Raffaele.

Inclusive as galerias do coro estavam cheias. Não queria nem pensar no que todos esses aristocratas, cortesãos, e senhoras emperiquitadas estariam pensando dela.

A melodia do órgão eclodiu em um crescendo e depois se deteve. Fez-se silêncio. Elan olhou a Dani e fez um gesto de confirmação.

Em seu devido tempo, o avô começou a caminhar pelo corredor como um antigo cavaleiro que carrega implacável sobre o inimigo. O órgão voltou a soar, desta vez com um hino tênue e majestoso que parecia de Vivaldi.

Dani manteve o olhar fixo em Raffaele. Imóvel, com os ombros erguidos e as mãos às costas, esperava em pé junto ao altar, onde entre muitas flores esperavam também em pé uma fila de clérigos colocados em semicírculo. No centro e vestido de vermelho, o cardeal que Raffaele tinha mandado chamar de Roma, depois que o bispo principal de Ascensão se negara a casá-los. A luz das velas iluminava suas magníficas togas de rubis e granadas, safiras e ouro.

Como diabos conseguiu reunir tão rápido todos esses clérigos? Perguntou-se Dani enquanto desfilava lentamente pela nave central. Aquele homem só precisava mover uma mão para conseguir tudo o que desejasse.

Foi então que se convenceu que tudo isto era real. Certamente nada do que estava ocorrendo estava acontecendo a ela. Com toda probabilidade, pensou mantendo o queixo erguido e o passo lento; continuava ainda no cárcere, em solitário confinamento, e tudo isto não era mais que uma alucinação.

Quando se achou a só um terço do percurso até o altar, pôde ver com mais clareza seu noivo. "*Divino, e magnífico Raffaele*". Era tão bonito que as pernas tremeram.

Estava esplendidamente vestido com seu uniforme de Cavaleiro Real, de cuja ordem foi sempre o comandante de honra. Levava uma jaqueta branca com faixa negra na cintura e uma fileira de botões dourados que chegavam até a garganta, calça azul marinho e sabre de gala. Recolhera a cabeleira, e sobre sua fronte repousava uma simples coroa de ouro maciço que proclamava seu status como soberano do Estado.

Seus olhos dourados se dirigiram para ela suavemente, embora com um acento de posse, e estendeu uma mão enluvada de branco quando a teve mais perto. Logo que notou o sorriso emocionado de seu avô ao ver que dava a mão e se deixava levar por ele ao altar.

As bodas transcorreram ante seus olhos como em uma imagem imprecisa. O único momento no qual abandonou um pouco seu completo atordoamento foi quando ela e Raffaele se ajoelharam, ombro com ombro, sobre a almofada de veludo do genuflexório para receber a Sagrada Eucaristia. Daniela olhou de esguelha a seu futuro marido enquanto rezava. Com os olhos fechados, a cabeça baixa, e, a espada a um lado, era como um cavaleiro medieval consagrando-se para a batalha.

Imediatamente afastou a vista dele, emocionada por sua nobre beleza.

Então, depois do que pareceu ser uma eternidade de rezas, admoestações sobre os matrimônios piedosos, leituras da Bíblia, cânticos e aleluias, o casamento chegou ao seu fim. Dani estava tão paralisada que mal podia recordar o momento no qual havia dito os votos. O impressionante cardeal sorriu abertamente e deu sua bênção para que Raffaele pudesse beijar a noiva.

Quando ele se virou para ela, o sagrado cavaleiro que tinha vislumbrado antes desapareceu. Em seu rosto havia um pequeno sorriso carregado de lascívia. Deu um passo para ela, olhando-a como se fosse um menino travesso.

—Ah, não, não se atreverá! Respirou ela. Com os olhos bem abertos, a noiva afastou-se, certa de que era capaz de comê-la ali mesmo, ante os milhares de convidados que os observavam. Ao fim e ao cabo, era isso o que todos esperavam de Rafe o Libertino.

Mas então, estranhamente, sua careta perversa se suavizou convertendo-se em um sorriso terno e reconfortante. Com delicadeza, afastou com seus dedos a borda do véu.

—Esta é a última máscara atrás da qual se esconderá de mim, querida esposa — sussurrou. Continuando, colocou o tule sobre sua cabeça e pegou o rosto entre suas mãos.

Dani estava consciente de que todas e cada uma das almas viventes da igreja esperavam que Raffaele baixasse a boca para sua. Mas quando seus lábios acariciaram suavemente os dela com deliciosa calidez, esqueceu tudo e a todos.

Nem sequer escutou o estrepitoso aplauso que seguiu ao beijo, nem a última proclamação do cardeal... teve que se agarrar aos ombros de seu marido para não cair, tão fraca e trêmula como estava.

Sorrindo contra sua boca, ele seguiu beijando-a. E beijando-a...

O esplêndido festim que se seguiu ao enlace teve lugar no salão de banquetes do palácio real, com Rafe presidindo a mesa. Fazia tilintar o cristal de sua taça golpeando-a com a ponta dos dedos, inclinado preguiçosamente sobre a cadeira, e relaxado depois da comida. Sentia-se comunicativo. Encheu a taça com mais vinho, fazendo-a virar levemente.

"Raffaele Dei Fiore, um homem casado", pensou. Ao percorrer com a vista as cabeças de seus convidados que enchiam as grandes mesas redondas — e havia perto de quatrocentas pessoas entre amigos, nobres e esposas — encheu-se de um profundo e prazenteiro sentido de paternidade. Tudo o que faltava agora era uma réstia de adoráveis, obedientes e sadios rafaelzinhos sentados à mesa. Isto não demoraria a chegar.

—Todo mundo deveria casar-se — declarou. —Deveria promulgar uma lei a respeito.

—Nesse caso, mudaria a China — anunciou Niccolo. Elan sorriu. Alguns riram abertamente. A maioria se resignou a aceitar seu matrimônio com a mulher que os tinha roubado de maneira tão implacável, tomando-o com bom humor uma vez que os ânimos se acalmaram.

—O que pode haver melhor que isto? Seguiu Rafe, meditando em voz alta. —Uma boa comida. Uma baforada de ar fresco entrando pelas portas abertas. A risada dos amigos que entregariam suas vidas por mim e, aqui, a minha direita — disse, pegando os dedos de Daniela com doçura — minha adorada e doce esposa.

Ao sentir seu toque, ansiosa Daniela o olhou, baixando imediatamente a vista para seu prato intacto. Parecia que queria sair correndo dali.

Ele sorriu fracamente, observando seu rubor. Sua intrépida esposa se sentia visivelmente morta de calor, mas não se atrevia a retirar a mão. *"Ah, não — pensou com irônica aprovação — seu orgulho a impedia"*.

Girou sua mão para acariciar levemente seus dedos, escutando a elegante e sofisticada melodia que saía do trio formado por uma harpa, uma flauta e um violino.

"Como será na cama?", perguntou-se, sem deixar de olhá-la. Estava seguro de saber, algo que provocou nele um desejo indescritível. *"Inocência trêmula na alma de um gato selvagem"*.

Rodeou a mão dela com os dedos, levando-a a boca. Depositou nela um prolongado beijo enquanto mantinha seu olhar nervoso. Quando ela levantou suas pestanas canela, sorriu para tranquilizá-la.

— Não tocou o prato — murmurou. Daniela esteve nervosa toda noite, saltando cada vez que alguém se dirigia a ela como "Alteza". — Não tem fome?

Ela molhou os lábios com um tímido movimento da língua e sacudiu a cabeça.

— Não... posso.

Ele soltou a taça na mesa e cobriu sua pequena mão com as suas, inclinou-se junto a ela, com os cotovelos sobre a mesa. Aproximando a mão dela de seus lábios, olhou-a de perto.

— Já disse quão bonita está esta noite? Murmurou.

Ela tratou de soltar-se, grunhindo levemente. Ele a colheu com mais força, com um sorriso ainda maior.

— Suplico, não faça uma cena em meio de toda esta gente — sussurrou.

— Que gente? Perguntou ele em voz baixa. — Eu só vejo uma pessoa. Uma... encantadora mulher que brilha como uma lua de prata, princesa de todos os céus. Minha esposa. Beijou outra vez a mão.

Cética o olhou, e depois seus olhos se moveram com nervosismo para os convidados.

— Acostumar-se-á, querida — disse, com um tom de cumplicidade. — Logo aprenderá a ignorá-los.

— E como poderei me acostumar a você?

— Bom, não quereria que se acostumasse muito. Desejaria que não se aborrecesse nunca de mim. Os olhos dançavam quando passou seu dedo pelas costas de sua mão. — Querida, o que precisamos é um pouco de tempo para nos conhecermos melhor. Não tenha medo.

Ela baixou os olhos e ficou em silêncio.

— O que ocorre, Daniela?

Ela deu de ombros.

Rafe a olhou. De repente sentiu uma imperiosa necessidade de protegê-la, uma sensação que não havia sentido desde que era um menino. Seu acanhamento, sua dolorosa vulnerabilidade o enterneciam profundamente.

— Está cansada?

Ela assentiu, ainda ruborizada, se negando a olhá-lo nos olhos.

Acariciou sua face.

— Por que não vai para cama? Sugeriu, sentindo como acelerava o coração.

Lentamente, ela levantou a cabeça para olhá-lo, com um novo desespero em seus olhos água-marinha. Com a mão ainda sobre a dela, inclinou-se e beijou a face, firme e ruborizada, ignorando os vivas que ouviu ao fazê-lo e o tinido de talheres sobre as taças de cristal.

— Não há nada a temer — sussurrou ao ouvido, beliscando sua face suavemente. — Prometo.

Ela se voltou para ele, com seus grandes olhos cheios de confusão e o medo escrito em seu rosto pálido e inocente. Bastou ver esse olhar para desejá-la no mais profundo de sua alma. Foi paciente, comportou-se bem. Esta noite reclamaria sua recompensa.

— Está bem — respondeu ela, de forma quase inaudível. Começou a retirar a cadeira da mesa, olhando para todos os lados menos a ele. Ele se levantou de repente de sua cadeira e se

aproximou dela para ajudá-la a levantar-se, estendendo a mão ao fazê-lo. Dani seguia com o olhar fixo no chão, com as faces da cor de tomate enquanto ele a escoltava para descer os degraus do estrado. Uma vez no corredor, fora do salão, detiveram-se. Ela levantou o queixo e procurou seus olhos com uma expressão de pânico virginal.

—Necessita de um pouco de solidão, entendo. Com a mão nas costas, em elegante pose, Rafe se inclinou para dar um último beijo na mão.

Dani assentiu com a cabeça soltando-se de sua mão. Foi uma boa ideia suprimir esse antigo costume de acompanhar os noivos até o dormitório nupcial, pensou com satisfação enquanto a via afastar-se com sua longa cauda dourada voando atrás dela. Sacudiu a cabeça, sorrindo fracamente ao ver que ela se precipitava pelo escuro corredor. Estava certo de que ia envergonhá-la pela manhã quando tivesse que mostrar a corte os lençóis manchados que provavam sua virgindade; uma tradição, esta sim, que não podia transgredir.

“É a hora, minha pequena bandoleira — pensou. — É a hora”. Tinha a sensação de que esta noite estava em jogo o resto de sua vida.

Dani saiu correndo pelo vestíbulo aturdida e nervosa, contendo as lágrimas. O que estava fazendo? Era um homem cruel e desprezível! Por que tinha que brincar com ela quando sabia que só se casara para cumprir com seus planos secretos? Querida? Por que a chamava querida? Preferia que a chamasse caracolzinho em vez disso. Não queria ver amabilidade em seus olhos verdes e dourados. Por que o estava tornando tão difícil?

Remeteu-se aos fatos. Sabia o que tinha que saber sobre Raffaele Dei Fiore. Era um mulhereço, um canalha de apetites insaciáveis, e seu matrimônio era uma farsa. Ao fim e ao cabo, algumas noites antes sendo uma total estranha, fora conduzida a seu quarto, como se fosse um aperitivo de meia noite!

De acordo, podia fazer o que quisesse que não funcionaria com ela! Pensou como vingança enquanto subia as escadas, obrigando os criados que ficassem de lado para que ela pudesse passar. Não poderia roubar seu coração, por muito carinhoso que fosse com ela, por muito amáveis que fossem suas palavras.

Ao chegar ao opulento aposento que fora destinado a ela, tirou o vestido de noiva com ajuda de uma criada. Tirando o diadema do cabelo e liberando-se do espartilho, por fim pôde sentir-se ela mesma de novo, sem levar outra coisa que uma simples combinação. Fez sair às criadas e respirou aliviada.

Saiu ao balcão e inalou com força o frio ar da noite. Segurou as têmporas com os dedos, a cabeça dando voltas.

A última coisa que queria é que Raffaele Dei Fiore dissesse quão formosa era, pensou com um sorriso cheio de desprezo. Tudo era uma fileira de mentiras! Chloe Sinclair era bonita, não ela.

Forçando um suspiro profundo, relaxou algo da tensão de seus ombros, esquadrinhando a esplêndida vista da cidade, vendo como a elegante coberta em mansarda do palácio se inclinava suavemente se sobressaindo do pequeno balcão.

A celebração na cidade seguia em pleno apogeu, a julgar pelo ruído distante e as luzes, e os fogos que de maneira ocasional se erguiam no céu. Muito mais longe, podia ver o resplendor prateado da lua sobre o mar que rodeava sua ilha natal.

“Grande dia”. Parecia incrível que sobrevivesse a ele, especialmente esses últimos momentos e a agonia de deixar o banquete, sabendo, para sua desgraça, que no instante em que se desculpava para deixar a mesa, todos tinham os olhos fixos nela, espiando-a para saber aonde ia e por que.

Um dia exaustivo... e ainda restava a noite.

Olhou com temor por cima do ombro em direção à cama, e depois lançou um olhar à porta. *“Nunca poderei resistir a ele”.* Era muito bonito e sabia exatamente como seduzir uma mulher. Desejava-o muito... mas caso se entregasse a ele, arruinaria seu futuro.

Por muito descarado que fosse, não podia permitir que arruinasse sua vida. Não, quando tinha vislumbrado seu lado mais vulnerável e sabendo o muito que amava Ascensão.

Não queria ser a razão de que perdesse a única coisa que de verdade importava.

Pensando que certamente ele teria sua própria chave, aproximou-se pesadamente à porta e a fechou por dentro.

Ao voltar-se, percorreu com os olhos o aposento e de repente se fixou em suas botas de montar, que foram colocadas ordenadamente no canto, junto às calças dobradas e a camisa negra colocada no espaldar da cadeira forrada de veludo. Tinha proibido que os criados tirassem suas roupas negras. Entretanto, surpreendia-lhe bastante que tivessem obedecido as suas ordens.

Sem saber muito bem o que fazia, cruzou o aposento e vestiu as calças e a camisa negra. Com mãos trêmulas e sem ter nem ideia do que significava, deixando-se levar simplesmente por seu instinto de sobrevivência, calçou as botas de montar. Nesse momento se sentiu mais forte esperançosa ao descobrir que talvez houvesse uma forma de salvar os dois. O coração pulsava a cem por hora quando se jogou sobre a janela aberta.

Antes de sair ao balcão e subir ao corrimão, engoliu saliva e voltou à vista atrás, possivelmente com um último pensamento de prudência. Depois olhou para baixo e escalou até a beira. O telhado tinha muitos níveis, com lareiras que se erguiam contra o céu azul escuro aqui e lá. Tinha várias possibilidades. Estudou a situação rapidamente e viu que só precisava deslizar para baixo, e saltar possivelmente um metro e meio. Mais abaixo havia uma útil plataforma da qual poderia continuar a descida e escapar. Faria-o?

"Nunca minta para mim".

Mateo e os outros estavam a salvo. Raffaele Dei Fiore só estava usando-a. Tomou uma decisão. Ia embora dali.

Entre o xerez e os charutos que se serviram na sala de bilhar que havia sido a guarida de sua juventude, Rafe resistiu à tentativa de seus amigos de embebedá-lo, consciente da inocência de Daniela. Mas quando quis por fim sair dali, rindo as gargalhadas, tampouco estava exatamente sóbrio.

—Já tive suficiente. São má influência para minha virtude — disse, rindo. —Tenho assuntos que atender esta noite...

Uivos felinos estalaram a seu redor. Por fim permitiram que saísse em meio de uma saudação lasciva no qual utilizaram os paus de bilhar, e com um senso de humor mais próprio de um punhado de adolescentes. Rafe se despediu entre gritos como "O que se casa por tudo passa! Cama de noivo, dura e sem fossa!".

Abandonou o salão rindo para si mesmo, perguntando-se se alguma vez deixariam de fazer ridículo. Fosse como fosse, estes eram os homens a quem tinha confiado as altas posições do Governo depois de ter desbaratado o antigo conselho. Felizmente, sabiam quando deviam ser sérios. Não tinham rido desta forma em muito tempo.

Esta noite marcava um novo começo, pensou ao saudar um criado que se inclinou ante ele. Subiu as escadas com cansaço, assimilando ainda o fato de que estava casado. Não pensou que fosse sentir se diferente, mas assim era.

Fora, na porta do dormitório, parou para pôr a mão sobre a maçaneta. Não sabia o que acharia do outro lado da porta. Ela podia estar dormindo. Podia estar chorando. Inclusive podia estar esperando disposta a cravar uma adaga em seu pescoço.

Com um sorriso e um suspiro, começou a virar o trinco, mas o sorriso se tornou em uma expressão de desagrado... embora não de verdadeira surpresa.

Estava fechada.

Com ar cansado, achou a chave no bolso de seu colete e a abriu, parando antes de entrar, temeroso que o estivesse esperando alguma armadilha estranha. Por sua cabeça passaram com rapidez todas as brincadeiras que tinha feito a outros em menino. Um balde de água em cima da porta? Um arame invisível em seu caminho?

"Não se atreveria".

Empurrou a porta com valentia e olhou dentro. O aposento estava às escuras e as cortinas balançavam suavemente com a brisa que entrava pelas portas abertas do balcão. Entrecerrou os olhos ao olhar para a cama. Havia uma pilha luminosa de seda branca. Enrugou o sobrecenho com outro pensamento perturbador do que sua mulher podia ter reservado. Estaria sua pobre mulher desfalecida sobre a cama sem nem sequer despir-se?

—Daniela? Disse suavemente, fechando a porta atrás dele.

Mas quando se aproximou da cama e tocou o vulto de seda e rendas, seus olhos se abriram surpreendidos. Não havia mulher alguma nele.

Deu a volta, inspecionando a aposento ao seu redor. Ela tinha partido. Assombrado inclusive por não havê-lo previsto, caminhou a grandes passadas até o balcão justo no momento no qual se ouviu um fraco gemido, de algum lugar da escuridão.

—Socorro!

Capítulo 11

Uma gota de suor rodava pela testa de Dani, que se mantinha agarrada com todas suas forças à lareira que estava a menos de cinco metros do balcão.

Sua vista já se adaptara a tênue luz da lua, o que permitiu distinguir o brilho de aborrecimento nos olhos de seu marido. Em seu rosto se desenhava essa enlouquecedora expressão de ironia enquanto descansava as mãos no corrimão do balcão e a olhava com educado interesse.

—O que está fazendo aí, querida?

—Ah, guarde suas ironias — suplicou furiosa, olhando com pavor a distância indecifrável que a afastava do chão, enquanto seguia com os braços abraçados à torre. —Fiquei entupida aqui. Vou morrer.

—Não seja exagerada, Daniela — disse alegremente, tirando o jaquetão e subindo uma de suas pernas por cima do corrimão. —Sou seu marido e terei que salvá-la.

—Tome cuidado! Disse, adivinhando em algum remoto lugar de seu cérebro que tanta simpatia nessas circunstâncias não podiam significar senão que estava zangado com ela.

—Tolices; contarei a nossos filhos tudo isto — continuou deslizando — com total agilidade pela curva do teto. Ao chegar à beira, deteve-se, para calibrar seu próximo movimento. —E aos filhos de nossos filhos. E aos filhos dos filhos de nossos filhos. Então saltou.

Dani abafou um grito.

Aterrisou graciosamente, primeiro com o pé esquerdo e depois com o outro, no mesmo pequeno apoio que ela utilizou. Daniela piscou, boquiaberta e com o coração na mão.

—De fato — disse enquanto saltava em uma pequena depressão — deveria escrever isto nos anais da história de Ascensão. Melhor ainda, vou declarar dia nacional, O Dia da Escalada ao Telhado, o que parece?

Ela abafou de repente um grito de terror ao ver que cambaleava sobre seus pés um momento, rindo.

—Está bêbado!

Agarrando-se à torre para poder aproximar-se dela, olhou-a indignado.

—Não estou. Isso não seria muito galante de minha parte, não acha? Sendo como é uma vestal virgem. Como diabos chegou até aqui?

—É um lunático! Não posso acreditar que esteja bêbado! Vai fazer que nos matem os dois!

—Vamos, querida. Fiz coisas muito mais estúpidas em minha vida e sempre saí ileso. Por que subiste a esta lareira? Pensei que o que queria era ir para baixo.

Ela mordeu a comissura dos lábios.

—Estava voltando.

—Ah, sim? Dirigiu-lhe um afetuoso olhar.

—Por favor, Alteza. Não sei quanto tempo posso continuar me segurando.

Ele fez uma careta divertida com um brilho nos olhos que recordou às estrelas.

Ela fechou os olhos com força.

—É insuportável, senhor. Insuportável. E ouviu-o rir dela, pelo que abriu os olhos. —Não tem graça!

—Está bem. Direi o que vamos fazer. Dê-me um segundo. Como tinha as pernas mais longas que ela, pôde facilmente saltar o espaço que a paralisou.

Aferrou-se com o pé esquerdo ao ângulo do telhado e com o direito se apoiou no estreito bordo que flanqueava a torre. Balançando-se, esticou as mãos para ela.

—Deve estar brincando — grunhiu ela, enquanto Rafe a segurava firmemente pelos quadris.

—Vamos — ordenou, desta vez sem um rastro de humor em sua voz.

—Nada segura você. Cairá! Volte para dentro!

—Não tenha medo, amor — a animou. —Vamos, venha comigo. Lentamente.

—Raffaele.

—Não acontecerá nada. Só se deixe ir. Não deixarei que caia.

Ela fechou os olhos ao ouvir o tom doce de sua voz, mas ainda quando queria com todo seu coração obedecer, seus braços se negavam a soltar-se da bicuda lareira.

—Não posso.

—Calma — disse. —Vamos, não deixarei que te aconteça nada. Tem que confiar em mim, querida.

Ela engoliu em seco.

—Está bem, vou começar a me soltar.

—Bem. Fica quieta em meus braços.

Sabia que o mínimo movimento poderia fazê-lo perder o equilíbrio. Amaldiçoando-se por pôr os dois em uma situação tão perigosa, afrouxou os dedos do telhado ao sentir como seu apertão se fazia mais forte ao redor de seus quadris, baixando-a, pouco a pouco. Não podia fazer outra coisa que rezar.

Podia sentir a força nos braços de Raffaele, em seus ombros e peito, conforme a trazia para ele. Seus movimentos eram lentos, cuidadosos e equilibrados, e punham de manifesto uma agilidade que só podia ser resultado de seus anos de treinamento em esgrima, um esporte que como todo o reino sabia, o príncipe dominava à perfeição. Com a fortaleza de suas longas pernas pôde segurar a ambos, com uma estabilidade milagrosa, sobre o abismo que se abria a seus pés.

Ela não podia fazer outra coisa que esperar, engasgada de medo, enquanto ele tirava um de seus pés do bordo da torre, tentando o vazio, e se afastava com ela nos braços, de volta à relativa segurança da saliência do telhado.

Daniela ficou ali tombada, aliviada depois do medo que passou, e agradecendo a Deus uma e outra vez que os tivesse salvado.

—Pergunto-me se ganharei um beijo — disse, de repente, Rafe.

Olhou-o, com os olhos entrecerrados. Rafe sorria como um menino mau, com algumas mechas de cabelo dourado caindo pelo rosto.

—O que acha?

—Ainda não estamos dentro.

—Ao menos, tinha que tentar — indicou ele. —Devem ser essas suas pequenas calças. De verdade podem atormentar a imaginação de qualquer homem, se me permitir que diga isso. Deitou-se no telhado de costas, com os braços flexionados sob a cabeça. —É uma noite linda. Sabe?

Muitas mulheres arriscaram sua vida tentando entrar em minha cama, não tentando sair dela. Você é a primeira. Na realidade, é primeira e a única — repetiu em voz baixa, com o olhar longínquo e fixo na lua.

Ela contemplou seu perfil, suas incríveis pestanas, seu imperioso nariz e sua limpa fronte. Sentiu uma pontada de culpa por ter sido tão covarde.

—Sinto muito, Raffaele.

—Bom, meu caracolzinho, suponho que está perdoada.

—Estou?

—Disse que só havia uma coisa que poderia me zangar.

—A mentira.

—Sim.

—Raffaele?

—Minha mãe me chama Raffaele, sabia? A luz da lua iluminou a face dele quando virou o rosto para olhá-la. Tinha uma incipiente barba dourada, o que fazia com que suas feições, já por si formosas, adquirissem um ar muito mais masculino. Ele levantou uma mão e acariciou seu rosto.

—Tem uns olhos lindos. Diga-me, amor.

Ela não se afastou, mas ao ouvir o galanteio, esqueceu de repente o que ia dizer. Ele trocou seu intenso olhar por um sorriso.

—Posso sentir como se ruboriza sob a palma de minha mão — murmurou, e depois deu um pequeno beliscão. Tratando de ser judicioso, retirou a mão e voltou a colocá-la debaixo da cabeça.

Dani olhava ao longe, o mar à distância.

—É assim como conquista todas as mulheres?

Ele parou. Dani sentiu que ficava tenso, como se sua inocente pergunta o tivesse cravado. Seu tom foi seco.

—Bom, sempre as resgato de uma morte segura, mas normalmente sim, conquisto-as falando.

—Então esse é seu método.

—Não. Não tenho nenhum método. Seduzir não é nenhuma ciência, entende? É uma arte. E você, querida, está nas mãos de Michelangelo.

—Vai...? Vá, sou uma estúpida, não me faça conta.

—O que?

—Não importa.

—O que é, Dani? Sussurrou, olhando-a com um sorriso de menino mau. —Quer saber se vou seduzi-la?

—Não! Essa não era minha pergunta! Gemeu, mortificada.

—O que está pensando?

Ela baixou os olhos, envergonhada. Entretanto, tinha que saber se suas intenções com ela eram sérias.

—Vai... vai manter a sua amante, a senhorita Sinclair, não é?

Ela sabia que Rafe a estava olhando, mas era incapaz de levantar os olhos. Sua voz soou apagada e forçada, suas palavras caíram com rapidez na escuridão da noite.

—Possivelmente seria mais fácil para mim se entrássemos agora e terminássemos com tudo isto... começou, mas quando tratou de levantar uma mão de ferro rodeou sua cintura e a seguir soube que estava de costas sobre o telhado e uma boca maravilhosa a cobria de beijos. Algumas mechas de cabelo caíam no rosto como se fosse seda, e a mão de seu marido abrangia todo seu rosto, acariciando o pescoço e o cabelo. Era a glória.

Ainda pior. Abraçou seu pescoço como se estivessem de acordo e o segurasse com uma sensação indescritível de dolorosa alegria. Lentamente, compreendeu que queria que abrisse a boca, e agradou-o, entregando-se quando deveria resistir.

Ele suspirou seu nome e depois a beijou lenta e profundamente, enredando sua língua na dela. Não havia nada no mundo além de Raffaele. Sua boca sobre a dela, suas mãos em sua pele e seus fortes músculos sob as palmas de suas mãos.

O beijo foi cada vez mais profundo, e sentia como partia o corpo e penetrava entre suas pernas, quente e esbelto. Com o braço esquerdo fez um travesseiro para sua cabeça e com o direito explorou seu pescoço e o resto de seu corpo. Um momento depois sentiu que tocava o estômago, e se perguntou se poderia sentir os batimentos de seu coração que parecia querer sair do peito.

Estava desabotoando sua camisa. Ela afastou a boca.

—Raffaele — suspirou ao sentir uma mão que deslizava por dentro de sua camisa e abrangia seu peito. Mas não pôde deixar de gemer, arqueando a cabeça para trás, com os olhos fechados.

Nunca teria imaginado que as carícias de um homem pudessem ser tão incrivelmente cálidas e ternas. O beijo de Raffaele chegou até a garganta, seus lábios eram como seda e a barba incipiente a roçava como a areia da praia. Só sua mão se movia dentro de sua camisa, acariciando suavemente o peito.

Não se deu conta de que levava um tempo contendo a respiração enquanto ele passava seu polegar pelo mamilo, provocando-a antes de segurar uma vez mais todo o seio em sua cálida mão. Os minutos passavam, mas ela tinha perdido toda noção do tempo. Gemeu de novo ao notar que ele retirava a mão de seu corpo.

—Logo, amor. Paciência. O tom alegre de Raffaele a recordou que ela devia resistir.

Obediente, abotoou a camisa. Pôs a mão em seu estômago e baixou o olhar. Ofegante, abriu os olhos e olhou-o, ensimesmada. Seu sorriso era franco, e havia uma espécie de estranha sabedoria em seus olhos sob a eternidade de suas pestanas. No céu negro, erguia-se imensa a lua fria e branca, como uma pomba pousada no ombro de Raffaele.

Apoiava agora o cotovelo sobre o telhado e a face sobre seu punho. Daniela, por sua vez, o abraçava, dando-se conta de que não queria deixá-lo partir.

—Vê? Murmurou, fazendo círculos em seu estômago com um dedo. —Não há nada que temer.

Ela não estava certa disso, mas sorriu sonolenta. Era consciente de que seus beijos a distraíram.

—Esquivou-se de minha pergunta com grande mestria.

—Não me esquivei. Queria beijar a minha esposa. Isto é tão mal assim?

—E então? Qual é a resposta? Ou não quer me dizer.

Baixou as pestanas e brincou com um dos botões da camisa de Dani.

—É uma concessão que resisto a fazer.

—Está apaixonado por ela — disse, com um calafrio em seu interior.

—Nem remotamente — declarou. —É uma questão de princípios.

—Que princípios? Perguntou ela hesitando.

—Bom, se te obedecer nisto, então pensará que pode me controlar tudo o que queira, como faz com esses pobres seus moços...

—Eu não controlo ninguém!

—Por outro lado, se a razão pela que me pede isto é porque quer tudo para você... de uma maneira ciumenta, então não vejo como poderia negar isso. Dirigiu um sorriso travesso, mas Dani entreteceu os olhos de novo.

—Alguma vez alguém te disse o quão arrogante é?

—Eu? Exclamou, zombando dela. Sua voz suavizou ao acariciar o cabelo com a ponta de seus dedos. —Já a fiz sair do palácio, Daniela. Não envergonharei minha esposa.

Ela afastou os olhos, desiludida de que ele não se oferecesse para romper com ela definitivamente.

—Está bem, obrigado por ser tão considerado — disse tensa.

—Está certa de que não me quer só para si? Será melhor que o diga agora ou do contrário terá que esquecer o assunto. Falo sério. Terá que me pedir isso se for o que quer. Fez uma careta, provocando-a.

—O que eu ganharia com isso?

—Nunca se sabe.

"Poderia querer também a lua", pensou, mas em vez de responder, limitou-se a passar seus dedos pela dura linha de sua dourada face. Ele sorriu, sedutor, e piscou com lentidão, visivelmente agradado com sua carícia.

—Raffaele?

O murmúrio de sua resposta foi como uma carícia para ela.

—Sim, Dani?

—Surpreendeu-o que tentasse escapar?

—Não.

—Surpreendeu-o que tentasse voltar?

—Não.

—Não? Repetiu ela, surpreendida por sua resposta, porque nem sequer ela sabia que ia agir dessa maneira. Seu bom julgamento disse que não devia seguir fazendo mais perguntas. O homem tinha perdoado a vida dela e de seus amigos. Devia a ele muito mais que fugir sem dar explicações, especialmente quando sabia que já o traíram antes.

—Deu-me sua palavra. Um momento de fraqueza é compreensível, dadas as circunstâncias, mas me fez um juramento e eu sei que não é uma covarde.

Ela afastou os olhos, escondendo sua dor.

—Raffaele? Perguntou ainda mais suavemente.

—Sim, Dani?

—Sinto ter te golpeado — sussurrou. —E dado um pontapé. Dois. Embora merecesse isso.

—Sinto ter atirado em você — respondeu ele, olhando-a com abatimento.

—Bom, tinha uma boa razão — admitiu gravemente. —Tinha roubado você.

Ele se voltou e a olhou fixamente, desconcertado.

—O que? Perguntou.

Ele sacudiu a cabeça, e depois começou a rir, alto e grosseiramente.

—O que acontece? Não entendo o que pode ser tão divertido... outra vez está zombando de mim?

—Cale-se. Inclinou-se e a beijou nos lábios, sem deixar de rir baixo. —Acredito que estou loucamente apaixonado por você, princesa Daniela Dei Fiore.

—Economize seus galanteios comigo, Rafe! — replicou envergonhada, mas seu sorriso indicava que suas palavras a haviam agradado.

Fazendo um esforço, Rafe se levantou e estendeu a mão com uma inclinação.

—Vamos, entremos.

A ideia de entrar no dormitório com ele quase a desconcertava, mas pensou que não podia ficar o resto de sua vida no telhado, assim pegou sua mão.

Os dois escalaram de volta com cuidado até o balcão. Raffaele não a soltou nem um segundo. Ela pensou que, na realidade, foi uma sorte que viesse resgatá-la, porque embora fosse fácil descer pelos curvos telhados da mansarda, voltar era impossível para alguém de seu tamanho. Raffaele, entretanto, tinha quase um metro e noventa, e não tinha nenhuma dificuldade em superar a distância, tanto se a impulsionasse para diante dele ou se passava primeiro ele e a puxava depois pela mão. A ascensão punha a prova sua forma física que era espetacular.

Quando por fim Dani chegou ao corrimão do balcão atrás de seu atlético marido, ele abriu os braços, convidando-a divertidamente que se deixasse cair. Intrigada pelo enigmático sorriso que vislumbrou, na escuridão, em seu rosto, saltou o corrimão e se deixou cair, nervosa pelo risco. Ele a pegou em seus braços sem dificuldade.

Não a depositou no chão. Em vez disso, virou-se e apoiou as costas contra a parede do muro, baixando os lábios para beijá-la. Seu beijo lento e saboroso dizia alto e claro que seria o começo de uma noite memorável. Entretanto, o temor se apoderou dela. O perigo estava cada vez mais perto.

Agarrou-a por detrás com as duas mãos e seu apertão se fez mais forte junto com sua risada, uma risada rouca que a tornava louca. Nesse instante, decidiu que devia tomar medidas drásticas para não sucumbir ao desejo. Estavam muito perto do dormitório, muito perto da cama, mas seus úmidos e quentes beijos eram como caramelo, e ela só queria devorá-los. Era como se não pudesse evitá-lo, não podia deixar de acariciar seu peito. Solto o cabelo e deslizou seus dedos por ele.

Desejava-o com todas suas forças, queria tocar todo seu corpo, como ele fez com o seu a noite anterior na embarcação.

A aprisionara contra a parede, levantando as coxas à altura de seus quadris; primeiro uma e depois a outra, persuadindo-a para que o rodeasse com as pernas.

Desesperou-se, Dani obedeceu, e só quando ele pareceu sentir-se satisfeito com o grau de segurança com que o abraçava com as pernas, foi que se afastou de sua boca para tomar ar depois de um exaustivo beijo.

Respirando com dificuldade, olhou-a.

—Olá — sussurrou.

—Olá — disse ela, ruborizada.

—Tenho uma ideia — murmurou. —Vamos ver o que há lá dentro.

Com ela nos braços, Raffaele se afastou do muro e caminhou lentamente para o dormitório.

Os lábios dela secaram.

—Raffaele...

—Sim, querida? Murmurou seu marido com suavidade, roçando sua face.

O coração pulsava acelerado.

—Eu não... não estou preparada.

—Cale-se — respirou ele, embalando-a levemente em seus braços como se fosse uma menina pequena que necessitasse que a tranquilizassem. —Logo estará.

—Raffaele.

Beijou a ponta de seu nariz.

—Dani, meu anjo. Minha pequena bandida ruiva. Não tenha medo. Eu cuidarei de você, prometo. Recorda o que te dei na outra noite?

—Recordo.

—Pois há muito mais te esperando.

—Ah, sim? Sussurrou, com uma voz que se perdia no desejo.

Ele cruzou o aposento e chegou até a cama, onde a colocou debaixo dele e começou a beijá-la lenta, profundamente.

Levantou as pernas e fez que rodeasse com elas sua cintura, uma vez mais. Ela tremeu ao sentir a dura calidez entre suas pernas.

—Você não gosta? Sussurrou contra sua pele. —A sensação de nossos corpos juntos, Dani? Nem sempre é assim, sabe? Há boas e más combinações.

—Raffaele. Mal podia pronunciar seu nome, com uma súplica no olhar.

Ah estava se rendendo muito rápido.

Ele sorriu com ternura.

—Dani — olhando-a intensamente nos olhos, começou a tirar a camisa negra com uma mão — nós somos uma boa combinação. Pode sentir?

Perguntou-se quantas vezes haveria dito o mesmo a outras mulheres. O pior era que ela queria acreditar que só dizia a ela.

Tragou forte e procurou um tom um pouco mais razoável.

—Agora, Raffaele...

—Dani — repetiu ele com voz rouca. Despiu o ombro e começou a beijá-la enquanto seus dedos desabotoavam o resto da camisa até deixar descoberto os seios e estômago. —É maravilhosa. Tão inocente. Não tenha medo.

—Acredito que deveria parar agora.

—Agora? Baixou a cabeça e beijou a garganta, movendo-se cada vez mais para baixo. —Não, agora não, minha vida. Agora te darei prazer como nunca antes conheceu.

—Mas eu... não quero. Tratou de afastá-lo, agarrando-o pelos ombros.

Ele se limitou a rir sobre seu estômago, e depois a mordeu levemente junto ao umbigo.

—Mordeu-me!

—Fiz? Bom... —sua voz parecia preguiçosa, melosa inclusive. —Poderia te comer como se fosse um pêssego doce querida. De fato, pode ser que o faça.

—De verdade, penso que é suficiente...

—Na realidade, nunca poderei ter suficiente. Sua cálida e úmida boca se moveu brincalhona por sua pele, lentamente, rodeando a curva de seu peito, e depois capturando seu mamilo, beijando-o, chupando-o com uma delicadeza que a fez perder o sentido. —Mmmm — se deleitou ao sugá-lo.

Ela se retorceu, com o coração acelerado.

—Por favor!

—Por favor, o que, Dani? O que quer que faça? Isto, talvez? Deslizou a mão por suas coxas, roçando-a suavemente.

—Pare! Gemeu ela, retorcendo-se de forma frenética como se tentasse escapar de suas agradáveis carícias. —Sabe que não é isso ao que me refiro! Afaste-se de mim! Por favor!

—Cale-se — sussurrou. —Deixe que a acaricie. Só quero fazê-la sentir-se bem. Dani, vou fazê-la sentir-se muito bem.

—Sinto-me bem. Só quero que pare...

Rafe pegou o cordão que segurava as calças negras, desfez o nó, e viu como as calças caíam livremente por seus quadris.

—Linda — sussurrou, puxando-as para ver palmo a palmo a pele que ia mostrando. Não podia deixar de olhá-la. —Ah, Dani — respirou. —Desejo-a com todas minhas forças.

Com movimentos pausados, beijou seu trêmulo ventre, e depois se deteve. Afastando as pernas ajoelhou sobre ela e começou a desabotoar sua camisa, um botão atrás de outro, como se si tratasse de um ritual.

Havia uma breve oportunidade de escapar. Quando Rafe desabotoou os punhos da camisa, Dani se virou de barriga para cima, com a intenção de sair dali. Então o viu tirando a camisa lentamente, deixando primeiro seus ombros descobertos e logo todo seu torso. O fino tecido da camisa caiu sobre as mantas e Dani se esqueceu de mover-se, ensimesmada ao ver a nudez de seu corpo.

Era belo. Profunda e extravagantemente belo.

Ficou sem respiração ao ver a nobreza e majestade de sua pele sedosa e a força de seus braços brilhando a luz da lua como mármore quente e gentil.

Sobressaltada deslizou seu olhar por seu peito banhado pelo sol e seus deliciosos abdominais.

Com um silêncio reverencial, seu coração se deteve. Como poderia resistir a algo assim? Não tinha a mínima oportunidade, nada poderia salvá-la.

Era humana como as demais. Além disso, nunca poderia escapar a sua força. Se a desejava, a teria, e não havia nada mais que fazer.

Mas Raffaele Dei Fiore nunca tomaria uma mulher contra sua vontade. Isto era algo do que ela estava totalmente segura.

Aturdida levantou os olhos lentamente, desde seu monumental torso até seu rosto anguloso. Ele a olhava.

Os dois se perderam nesse olhar.

"Não posso arruinar sua vida — pensou. — É muito maravilhoso para que arrisque tudo por mim". Sentiu o espontâneo impulso de dizer quão atraente era, a perfeição e a masculinidade que irradiava, mas mordeu a língua. Ele sabia, pensou sabendo que estava perdida. Ah, ele sabia.

Sem deixar de olhá-la, Rafe tomou suas mãos entre as suas. Levou-as a boca para beijar docemente suas palmas, primeiro uma e logo a outra. Depois, as pôs sobre seu bem esculpido estômago, convidando-a sem dizer uma palavra que o acariciasse.

Com um pequeno e impossível gemido de desejo, entregou-se à sedução de sua beleza masculina, explorando, maravilhada o calor aveludado de sua pele. Percorreu com suas mãos o ventre até chegar a seu peito, conhecendo-o, tratando-o com atenção. Ele tremia como um garanhão ao contato de suas mãos.

Seu esculpido peito se erguia, o desejo tilintando em seus olhos, e seu cabelo dourado escuro se espalhava como um luxurioso pecado até seus ombros. Tinha um aspecto selvagem e elementar, muito masculino.

Arrebatada Dani introduziu os dedos nas curvas de seus ombros, e arranhou lentamente seus braços com as unhas.

Ele fechou os olhos, com a cabeça baixa enquanto ela seguia acariciando-o. As pontas de seu cabelo se precipitavam sobre as limpas e firmes linhas de sua clavícula. Ela se endireitou um pouco para colocar o cabelo atrás dos ombros, brincando com as mechas que escorriam entre os dedos enquanto se levantava para beijar a curva de seu pescoço. Tinha certo gosto salgado e cheirava a brandy e a colônia cara.

Ela ficou assim, com os olhos fechados e as mãos enredadas no caos glorioso de seu cabelo. Prometeu-se que se deteria um segundo depois, só um segundo depois...

Não estava muito certa de que aquilo estivesse acontecendo. O príncipe Raffaele — em seus braços, em sua cama — seu marido, embora fosse só por um tempo. Deixando-se levar pela sensualidade do momento, pegou os lábios à parte de seu pescoço em que podia sentir o pulso de suas artérias.

Com os olhos fechados, Rafe jogou a cabeça para trás completamente rendido a ela, seu nome nos lábios.

Só teve que seguir seu instinto para entreabrir os lábios e beijar no pescoço como ele o havia feito só um momento antes, mordiscando sua pele tenra e cálida, chupando-o como se fosse devorá-lo.

— Dani. Meu Deus, Dani — suspirou — que estúpido fui.

— Por quê? Perguntou ela, roçando a nuca e procurando outro lugar especial onde mordê-lo.

— Pensava que sabia o que era o prazer. Mas nada... nada me preparou para isto, para você. Você me faz sentir... tudo.

Separando-se um pouco, Dani levantou os olhos para ele e soube que nunca viu nada tão erótico como ele nesse momento. Sentia tanto desespero como desejo. Fechou os olhos como se assim pudesse afastar a necessidade de tê-lo, de abrir-se a ele, em corpo e alma, de ser um com ele e levá-lo a seu interior para não ter que estar sozinha nunca mais.

A solidão, selvagem e escura, crescia nela como uma grande onda do oceano. Vencia-a e ela se entregava, odiando-se por não opor resistência, mas o desejava muito. Voltou a acariciar o peito enquanto se deitava de novo, com o corpo trêmulo.

Raffaele desceu o queixo e levantou suas longas pestanas, deixando ver o fogo que ardia em seus olhos verdes.

— É minha vez — sussurrou. Acariciou a face, e com os dedos percorreu o rosto até debaixo de seu queixo, debaixo da garganta e assim até descer ao peito.

Abriu a camisa já desabotoada e examinou seus seios. Sustentou-os na palma de sua mão por um momento, pressionando depois com o polegar seus mamilos, beliscando-os tão suavemente que o desejo subiu pela garganta até fazê-la gemer.

Então a cobriu com seu corpo. Sem deixar de beijá-la nos lábios uma e outra vez, deixou que as peles se encontrassem, em uma massa de carne nua, cálida e aveludada.

Mas ao sentir a mão dele descer para o interior de suas calças, Dani ficou rígida. Pareceu recuperar a razão ao dar-se conta de que as coisas estavam indo muito longe. Tinha que salvá-lo. Tinha que pará-lo. Embora fosse se zangar muitíssimo.

Sustentou-o pelos ombros.

—Raffaele...

—Beije-me — sussurrou com autoridade.

Ela sentiu algo duro e misterioso que empurrava com força em seu abdômen, e quando se deu conta do que era, afastou a boca dele, apanhada sob seu corpo.

—Não, não — gritou com horror. —Não faça isto, querido. Não podemos.

—Podemos. E mais, devemos — respondeu ele, sorrindo com libertinagem e com um brilho de ardor nos olhos. Reatou seus beijos e com eles o movimento da mão dentro de suas calças.

Ela gemeu.

— Não! Por favor, Raffaele...

—Sim, Dani. Meu Deus, sim. Acariciou sua vagina e tratou de introduzir um dedo nela.

Ela gritou horrorizada, e sem saber como, achou a fortaleza para resistir a suas carícias.

—Dani, acalme-se! Não vou machucá-la, amor... mas não o escutava, revolvendo-se tão violentamente como aquela noite no Caminho Real, quando ele a capturou no bosque. Ele podia com ela com tanta facilidade como então. Com sua mão esquerda segurava os dois pulsos como se fossem algemas, cravando suas mãos por cima da cabeça e sobre a cama. Com rapidez, imobilizou suas pernas pondo suas coxas sobre as dela, adiantando-se assim a um possível golpe na virilha já conhecido.

—Tranquelize-se — ordenou com suavidade. Ofegava levemente. —Dani, querida, nunca te faria mal, não entende? Agora me pertence. Beijou carinhosamente na fronte, e ela desejaria chorar, porque queria que fosse verdade. —É minha para protegê-la, para tomar. Acaso não estou sendo cuidadoso?

—É um bruto e quero que se afaste de mim! Disse com os dentes apertados, para desfazer-se dele. Lutando contra as lágrimas de frustração, começou a lutar de novo, embora sem resultado.

—Dani, pare — disse zangado, segurando-a com mais força. —Sabe que tenho todo direito.

— Mas eu não quero! Gritou. Ele riu suavemente, roçando seu pescoço.

—Prometeu que nunca me mentiria, Ma chère. Dani, amor, é nossa noite de bodas e isto foi parte do trato. Uma parte importante, como sabe muito bem. Entregue-se a mim, querida. Deite-se e deixe que a ame — respirou.

—Não faça isto, Raffaele!

Sua risada era baixa e perversa.

—Eu gosto quando choraminga meu nome dessa maneira — murmurou enquanto começava a beijar o lóbulo da orelha. —Não tente me enganar, Dani. Posso sentir sua umidade sob minha mão e posso fazer uma ideia bastante clara do muito que está desfrutando.

Ela fechou os olhos, enjoadada pela paixão de seus beijos.

—Odeio-o.

Ele riu suavemente, com um som perverso e sedutor.

—Não dirá o mesmo pela manhã. Agora, vou dizer o que vamos fazer. Primeiro; vou terminar de despi-la. E depois vou fazer amor lenta e maravilhosamente, Dani — disse, enquanto começava a tirar sua camisa. —Lenta e maravilhosamente para minha virginal esposa. Só doerá um pouco a primeira vez, meu amor, mas depois, prometo que se abrirá ante ti um mundo cheio de prazeres desconhecidos.

—Por favor, não — disse, com um gemido calado.

—Cale-se — sussurrou. —É normal que esteja nervosa a primeira vez, porque não sabe o que vai acontecer, mas deve confiar em mim, querida. Posso fazer que seus medos desapareçam se te deixa levar...

—Deixe de me tocar!

Uma expressão de aborrecimento apareceu em suas grossas e douradas sobrancelhas.

—Maldita seja, deve a Ascensão e a minha pessoa! Deixe de brincar comigo.

—Não estou brincando, não estou brincando! Replicou, mas ele não prestou atenção, baixando as calças até os tornozelos. Ela deixou a cabeça cair sobre o travesseiro, impotente.

Rafe começou e foi tão cuidadoso como prometeu. Ela não podia pará-lo, ou possivelmente era esse escuro e oculto desejo o que a impedia de lutar contra ele como deveria.

Com os dois pulsos imobilizados por sua mão esquerda, Rafe tirava a calça com a direita, acariciando todo o corpo ao fazê-lo. Suas finas e fortes mãos se moviam calidamente sobre sua pele sensível, com um toque suave e firme. Inclinou-se para beijá-la na boca, mas teve ao menos a força moral de negar-se a aceitá-lo, afastando o rosto. Depois pronunciou um gemido provocado metade pelo desespero metade pelo prazer, ao sentir seus dedos explorando a pequena e densa mecha de cabelo que guardava sua feminilidade.

E se Orlando estivesse equivocado depois de tudo? Pensou desesperada. E se o Rei não se importasse com este matrimônio? Talvez pudesse entregar-se a Raffaele em alegre abandono e mantê-lo sem nenhuma consequência.

Estúpida.

Seu contato era suave e delicado, cheio de experimentada finura. Tratou de afastar-se, mas seus dedos só se introduziram ainda mais profundamente enquanto murmurava.

—Cale-se, pequena, cale-se.

Ela gemeu, zangada, ao ver o prazer que ele proporcionava, louca por deixar-se levar, mas ao mesmo tempo desesperada por não falhar. Sua carícia era lenta, lenta, e rítmica. Seus dedos dançavam pausadamente sobre suas terminações nervosas até conduzi-la ao topo do prazer. O coração ia sair do peito em qualquer momento.

Respirou como o mergulhador que sai a tomar ar à superfície, apanhada pelo desejo, e ele reclamou sua boca com um beijo arrebatador...

Entregue por completo, Rafe a beijou, tremendo dos pés a cabeça de desejo. Moveu-se um pouco para baixo para alcançar seus seios, baixando ainda mais as calças. Podia senti-la delirar sob suas mãos, e parecia que ia tocá-la inteira. Tinha que tê-la. Não podia esperar muito mais. Nunca experimentou uma necessidade de posse tão bárbara por nenhuma mulher, uma necessidade tão total, urgente e desconcertante.

Tocando-a tão profundamente como seus dedos puderam alcançar, queria fazê-la chegar até o final ao menos outras setecentas vezes mais. Queria tomá-la, possuí-la, amá-la até estar vazio, e enquanto a penetrava com os dedos, provando-a, soube com temor que nunca poderia ver-se satisfeito dela. Soube que ela poderia escravizá-lo com o desejo que havia nele de ser desencardido e queimado no fogo eterno de seu amor.

Então ela tremeu ao ser acariciada com outro raivoso gemido de prazer e tratou de morder sua língua como recriminação pelo que estava fazendo-a sentir. Era muito rápido para ela, riu baixo, mas sua resistência não fazia senão acender ainda mais seus desejos mais primários.

—O que acontece, querida? Você gosta mais forte? Perguntou com um tom selvagem na voz. —Posso fazê-lo tão forte como quiser.

—Deixe-me ir! Odeio-o — grunhiu ela, arranhando as costas com uma raiva que deixava bem claro qual era sua opinião com respeito a ele. Seu gato de cabelo vermelho tinha mostrado as garras.

—Já me dei conta — disse com um meio sorriso enquanto roçava o centro de sua vagina com seu dedo médio, como se fosse uma pena, uma e outra vez. —Posso beijá-la aqui?

Ela protestou com um gemido, revolvendo-se, seus esbeltos quadris erguendo-se por suas carícias, inclusive quando o repelia.

—Tem razão. Deveria deixar de perder tempo. Colocou-se em cima dela e se abraçou com as mãos dela, pressionando a pélvis lentamente entre suas coxas. O êxtase.

—Sente o que me faz? Sussurrou, roçando sua ereção, como uma grande coluna de pedra, sobre sua vagina com um rítmico movimento de quadril.

Ela abafou um grito, gemendo ao sentir o contato.

—Por favor.

Possessivo, arqueou-se sobre seu pequeno corpo, sabendo que sua envergadura procuraria finalmente a vitória. O cavalheirismo e a honra não tinham capacidade entre as violentas leis do instinto. Nada importava salvo fazê-la sua da maneira mais física possível, muitas e muitas vezes.

—Desejo-a. Soltou os pulsos, sem preocupar-se se o golpeava, porque nenhum golpe poderia desviá-lo. Baixou as mãos e liberou seu dolorido membro que tremia, imenso, sob suas calças. Até que não estivesse dentro dela, o tempo passaria como uma eternidade de sofrimento.

—Não, não — gemia ela enquanto ele tratava de ficar entre suas pernas e embalá-la em seus braços.

Tratou de acalmá-la, acariciando o cabelo.

—Respire, amor, minha doce esposa. Se lutar comigo, doerá mais — sussurrou, passando a mão pela cabeça. — Não quero que doa, querida. Ah, Deus, deixe que entre.

Seu temor e seu desejo, os dois sentimentos mesclados, fizeram que fechasse os olhos com força, em uma careta de dor.

—Raffaele!

Enquanto guiava seu membro até seu doce destino, percebeu que ela tinha começado a chorar.

Olhou-a, com o pulso acelerado.

Não tinha chorado quando foi presa, encarcerada, interrogada, forçada a se despedir de seus amigos de toda a vida, nem quando o primeiro-ministro tinha gritado. Nem sequer chorou em suas próprias bodas e, entretanto, chorava agora. Sua pequena e brava foragida estava chorando e tremendo debaixo dele.

De medo.

Parou durante dois segundos, olhando-a assombrado. Sem saber muito bem como, recuperou o juízo, como se as próprias Erinias viessem castigá-lo. Meu Deus a havia superestimado e estava alguns segundos de...

O desejo abrasava todo o corpo.

"Não!", repreendeu-se em silêncio, apertando furioso os olhos ao proferir a negação. Com uma maldição nos lábios, afastou-se dela e se retirou da cama, lutando por manter seu desejo sob controle. Era como não se reconhecesse a si mesmo. O que tinha feito? Maldição! O que estava passando?

—Saia — disse ela com voz trêmula, um momento depois.

Com os braços caídos e o peito trêmulo, Rafe dirigiu para ela o olhar. Levantou-se da cama e permanecia agora em pé contra a parede mais afastada, brandindo sua espada de gala, cobrindo seus seios com a camisa negra aberta e as calças caindo abaixo pela cintura, deixando à vista seu ventre plano.

Uma sacudida de desejo o fez querer arriscar-se ao aço, mas em vez disso, limitou-se a olhá-la. Se é que ficava um pouco de orgulho, esperava não refletir em seu rosto a vergonha que sentia nesse momento, embora ainda estivesse muito zangado para arrepender-se.

Não tinha nem ideia do que aconteceu. Nunca forçou uma mulher em sua vida. De fato, matou dois homens em duelo por algo assim no passado. Não obstante, nenhuma palavra de desculpa parecia querer sair por sua boca.

Como podia havê-la interpretado tão mal? Escutou sua recusa, mas sabia que era simples acanhamento, e teria jurado que seu corpo o reclamou a gritos. Sentia-se desconcertado, perdido. Por que não o queria? Era sua esposa.

—Disse fora daqui.

Voltou-se para ela.

—Não vou a nenhum lugar.

Era o último que necessitava: ter toda a corte falando de como sua nova mulher o expulsou da cama na noite de núpcias. Não podia imaginar o que tinha passado. Simplesmente, as mulheres não diziam não a ele. Ela era legalmente sua propriedade, virtualmente sua posse. Tinha-a salvado da força e não tinha direito a negar-se a ele. Ela não escaparia disto esta noite. Não no dormitório. Nunca aqui.

—Falo sério! Saia daqui! Com os olhos lançando fogo, aproximou-se dele, brandindo a espada perigosamente com ambas as mãos. Subiu à cama e caminhou sobre ela lentamente, descendo pelo outro lado, até chegar a uma distância dele onde pôde pôr a espada sob o queixo.

Sorriu primeiro com arrogância para espada e depois para ela.

—O que vai fazer, Dani? Matar-me?

Ela tremia ligeiramente.

—Deveria. Deveria matá-lo agora e fazer um favor a este reino e a todas as mulheres do mundo.

—Não fale pelas mulheres do mundo até que não se converta em uma delas, pequena Dani — disse com um tom suave.

—O que significa isso? Gritou ela, com as faces tintas.

Ele olhou desdenhosamente seu aspecto de menino.

—Significa que só é uma moça assustada que não sabe o que está perdendo. Mas não se preocupe — sussurrou — eu farei de você uma mulher. Como se atreve a me resistir depois de tudo o que tenho feito por você?

—Estou tratando de ajudá-lo! Replicou.

—Ajudar-me? Que demônios significa isso?

—Sei sobre suas cinco princesas! Bradou. —Se resisto, então nosso matrimônio poderá ser anulado quando seu pai retornar. Poderá se casar com alguma dessas princesas e não terá que perder o trono. Perderá o trono só por minha culpa, Raffaele! Não deixarei que isso aconteça! Ascensão o necessita!

Ele a observou com uma ira escura e desconfiada.

—Quem esteve falando com você? Perguntou como se fosse matar o culpado.

—Não importa quem me disse. De verdade não quero ser um problema para você. O que importa é que você salvou minha vida e a de meus amigos e agora é meu dever protegê-lo em troca!

—Seu dever...? Diabos, Daniela, é minha esposa! Obedecer-me, deitar-se comigo, esse é seu dever! Explodiu, dando um passo para ela, com uma expressão severa. —Por uma vez em sua estúpida vida fará o que eu disser! E agora, ordeno como soberano e senhor, que me diga quem esteve falando com você!

—Orlando! Gritou, e se afastou, estremecida por sua fúria.

Ele ficou gelado.

—Orlando?

—Disse que não queria que houvesse outra disputa no seio da família real. Falou-me da ameaça do Rei de ceder o trono de Ascensão ao príncipe Lorenzo se não fizesse o que ele pedia. Raffaele, se não se casar e com uma dessas mulheres, será deserdado. Não quero que perca tudo por salvar a mim e a meus amigos. Não quero ser a responsável pela ruína de sua vida!

—Espera um momento. Visto seu histórico com as mulheres, não estava certo de poder acreditar em suas nobres desculpas. Era ela, depois de tudo, que havia dito que não se casaria nunca. —Quando Orlando te disse tudo isto?

Ela engoliu em seco.

—Ontem.

—Ontem — repetiu ao ver que seus temores se tornavam realidade. —E já sabia o que iria fazer, me repelir? Sabe desde ontem? Preparou este plano com meu primo?

Olhou-o em silêncio.

—Vamos, Dani. Fale a verdade. O coração pulsava com força e tinha um buraco no estômago. —Está me dizendo que se apresentou ante Deus hoje e deu sua palavra na igreja e diante de todo mundo? Está-me dizendo que me fez uma promessa sabendo que era mentira? Foi tudo uma mentira?

— Não entende! Gritou, com lágrimas nos olhos.

—Acredito que entendo. Olhou-a fixamente.

Possivelmente o desejo e o orgulho o cegassem, mas tudo no que podia pensar era em Julia outra vez. Tinha caído na armadilha urdida por uma mulher sem coração.

Mas ela parecia tão inocente, tão jovem.

Tinha sido um estúpido.

—A anulação, né? Estava decidida a me rechaçar inclusive antes de pôr um pé na igreja — disse amargamente. —Possivelmente estive mentindo desde o começo. Certamente que sim. Desde o cárcere. Teria dito qualquer coisa para salvar seu bonito pescoço, não é? E o do Mateo — replicou.

—Isso não é verdade! Falava a sério! Estou tentando protegê-lo, Raffaele!

—Está protegendo a si mesma, pequena ladra mentirosa! Grunhiu. —Me deu sua palavra. Todo mundo me advertiu que não devia confiar em você.

—Importa-me!

—Ah, sim? Levantou o queixo, olhando-a com fúria. Seu tom, entretanto, era educado e tranquilo. —Então volta para essa cama e abra as pernas se quer provar que não é uma mentirosa.

—Não se atreva a me falar desse modo — advertiu. —Eu não sou uma de suas prostitutas do teatro.

—Maldita seja — sussurrou com os ombros caídos. —Me usou.

—Eu o usei? Repetiu ela assombrada. —Você é quem me utiliza! Deixou-me isso bem claro. Disse-me na cara que a única razão pela qual te casava comigo era para se servir de minha popularidade entre as pessoas. Agora averigui que também me utiliza para se rebelar contra seu pai... um homem a quem eu de verdade admiro.

—Não a estou utilizando para enfrentar meu pai. Estou farto e cansado de que me controlem. E você tampouco vai fazê-lo, maldição! Disse angustiado. —Se supunha que você devia estar do meu lado.

Ela abriu a boca para responder, mas não conseguiu emitir nenhum som.

—Vejo que você também me considera um bufão, como todos outros — disse em voz baixa. —Supus que você era a única que acreditava em mim.

—Eu acredito em você, Raffaele. Por isso é que o detive esta noite. As lágrimas encheram seus olhos. —Se consumir nosso matrimônio, nunca será Rei. Sou eu ou Ascensão. Não permitirei que se equivoque na escolha.

—Sério? Disse com cinismo. —Bom tudo o que sei é que fiz um juramento de honra ante meu Deus e meu país, e não penso rompê-lo por você.

—Volta atrás! Gritou ao ver que ele dava um passo para frente.

—Não vou tocá-la, esposa — murmurou com desprezo. —Somente preciso utilizar a ponta da espada.

—Para que?

Ele não respondeu. Olhando-a com precaução, pegou a ponta da folha com os dedos indicadores e polegar. Segurando-a firmemente, levantou a mão esquerda e cravou seu polegar antes que ela pudesse detê-lo.

— Por que fez isso? Perguntou Dani.

Fez uma careta ao ver que o sangue saía da pequena ferida. Apertando ainda mais a folha para que sangrasse mais, caminhou para a cama, levantou as mantas e orvalhou com seu sangue o lençol de baixo.

Lentamente voltou a baixar a espada, enquanto o olhava assombrada.

— Você gostou? Perguntou ironicamente enquanto pegava os lençóis da cama e levava-os para a porta.

Ela se limitou a olhá-lo, com a testa franzida.

Com um olhar vitorioso, Rafe foi ao outro aposento, abriu a porta e entregou o lençol manchado ao mordomo do palácio que esperava discretamente atrás da porta.

Dando-se conta muito tarde do que estava fazendo, Daniela correu para ele para detê-lo.

— Raffaele! Pare!

Fechou rapidamente a porta e a bloqueou com seu corpo, cruzando os braços com um sorriso irônico no rosto.

Aturdida o olhou.

— É um orgulhoso e um néscio! O que fez?

— Agora não haverá anulação, meu amor. Achava que ia deixar que risse de mim ante toda Ascensão? Agora não tem escapatória, querida. Todos saberão que a desvirginei, assim proponho que voltemos para a cama e continuemos com o que tínhamos começado.

Ela abafou um grito de assombro.

— É um descarado arrogante e sem escrúpulos! Seria capaz de machucar a si mesmo para se vingar de seu inimigo!

Ele arqueou uma sobrancelha.

Sem poder acreditar sacudiu a cabeça com desespero.

— É um pirralho.

— É certo que tenho um encanto infantil — replicou, satisfeito ao ver que tinha conseguido exasperá-la tanto quanto ela a ele.

Dani entreabriu os olhos.

— Essa prova tua não significa nada. Qualquer doutor poderia provar que sigo sendo casta e pura quando seus pais retornem, e as bodas poderão ser anuladas. Não penso ceder! Se me quiser, terá que me forçar... e sei muito bem que não o fará.

Não, não o faria.

Chateado pelo rumo que tinha dado a situação embora sem deixar de sorrir, Rafe considerou com cuidado seu próximo movimento. Ao que parecia, só restava uma alternativa.

Lentamente, caminhou para ela, afastando com delicadeza a ponta da espada.

Dani o observava, os olhos grandes na escuridão, e deixou que se aproximasse, muito orgulhosa para retroceder, supôs Rafe. Pegou seu rosto com doçura entre suas mãos e desceu sua boca para a dela, dando um, lento, leve, e, sedutor beijo.

— Não terei que a forçar, Dani — respirou meloso. — Veremos quanto tempo pode resistir.

Ela protestou com um grunhido apenas audível sob seu beijo. Todo seu pequeno e quente corpo se derretia ao tê-lo perto, apesar de sua vontade. Ela ficou tão insatisfeita como ele com este jogo. O desejo a consumia, mas sua mulher deixou bem claro quais eram suas prioridades.

— Já sabe onde me achar, querida. Mas desta vez, não me terá até que me peça amavelmente — sussurrou. Com um sorriso de triunfo, Rafe se afastou de seus braços, virou-se e se afastou dela até o aposento adjacente.

Ela continuou em pé, no mesmo lugar onde a deixou seu marido, perdida, com um olhar sonhador de angustiante desejo. E então escutou o ruído da porta que se fechava interpondo-se entre eles.

Ele não a trancou.

Capítulo 12

Na tarde seguinte foram requeridos para fazer sua primeira aparição em público como marido e mulher. A ocasião era o batismo de uma nova embarcação da Armada Real. Sob um céu azul celeste, o pequeno povoado portuário se enfeitou para lhes dar as boas-vindas, com suas fachadas brancas e seus telhados avermelhados. A zona aberta que rodeava o cais estava cheia de gente que se aproximou para ver os recém-casados. Dani se perguntou se os que vieram a felicitá-los, percebiam que não se falavam.

Atrás do estrado, o porto azul servia de cenário. As pitorescas embarcações de pesca balançavam na água com as velas enroladas. Em pé no pódio, Raffaele fazia um breve discurso. Dani aguardava a seu lado, sorrindo com plácido orgulho e escutando atentamente seu marido, que parecia hipnotizar a multidão com sua voz profunda e melodiosa.

Era muito doloroso estar ali com ele, frente às pessoas, quando em privado tudo entre eles parecia haver-se derrubado. Mas, Deus sabia muito bem, estava determinada a cumprir, ao menos neste aspecto, com sua parte do trato. Faria o que estivesse ao seu alcance para conseguir que seu povo o quisesse bem. Embora começasse a dar-se conta de que na realidade, não a necessitava muito.

Eles queriam acreditar nele. Queriam gostar dele. Tudo o que precisavam era um gesto de sua parte, algo que demonstrasse que se interessava por eles...

E todo mundo podia ver que se havia algo que importava a este rapaz despreocupado Raffaele, era Ascensão.

Falava divinamente. Apesar da simplicidade de sua roupa, havia um esplendor nele que ela não podia deixar de admirar. A brisa do mar aproximava às pessoas, suas eloquentes palavras sobre o futuro. Dani lamentou a maneira como as pessoas pareciam brindar por sua união, enviando palavras de felicitação para aplaudir o discurso.

Dani aplaudiu também, e uma onda de ensurdecedores aplausos envolveu-os, intoxicando inclusive a ela, apesar de seu acanhamento.

Rafe se voltou piscando o olho à multidão por cima do ombro, como se fosse um perfeito maestro do espetáculo, e depois quebrou a garrafa de champanha contra o casco do navio. E então as pessoas se tornaram loucas, aplaudindo e aclamando ao casal:

—Viva o príncipe! Viva a princesa! Viva Ascensão!

Raffaele saudava-os com a mão e respondia com um sorriso que cegava inclusive os raios do sol sobre as ondas. Depois, se voltou para ela e pegou sua mão, olhando-a em silêncio, instruindo-a apesar do brilho de hostilidade que viu na profundidade de seus olhos verdes. Ela compreendeu o que devia fazer e colocou sua mão timidamente sobre a dele. Com um gesto dramático, apresentou-se a vibrante multidão.

Manteve o queixo erguido ao sentir os olhos do mundo inteiro fixos nela.

As pessoas a aplaudiam com entusiasmo, por uma razão que ela não compreendia.

Na realidade não sentia que merecesse um recebimento tão caloroso, sobretudo depois do que aconteceu na noite anterior.

A visita ao povoado costeiro não durou muito. Essa noite havia uma recepção com os embaixadores que Dani temia especialmente. A agenda dos dias seguintes estava cheia de compromissos sociais similares e aparições públicas às quais ela não tinha mais remédio que

comparecer. Como Raffaele, era propriedade pública agora. Quando entraram na carruagem, tiveram que saudar por todas as ruas nas quais as pessoas faziam uma linha para vê-los passar. Por fim, a comitiva pegou o Caminho Real, não longe do lugar onde o havia roubado uma vez. A carruagem se apressava entre as sombras verdes das árvores do caminho direto a Belfort.

Frente a ela, Raffaele se afundou nas macias almofadas, tirou as luvas e esfregou os olhos com uma mão.

Ela queria dizer o comovedor e eloquente que foi seu discurso, mas decidiu não se arriscar a iniciar uma conversa que pudesse terminar em discussão.

O silêncio tenso e pesado se manteve durante todo o caminho de volta ao Palácio Real, Raffaele olhando-a com ansiedade, como se a desafiasse a olhá-lo e deixar entrever seu desejo, mas ela manteve sua vista nervosa na paisagem que passava por sua janela.

Ao chegar ao palácio, Dani saiu da carruagem e se precipitou para seus aposentos sem dizer uma palavra a ninguém. Não podia suportar mais a tensão que agarrava os músculos. Necessitava de atividade.

Correu pelas escadas de mármore e fechou a porta de seu aposento, intranquila pelo olhar que tinha visto nos olhos de Raffaele. Temia, embora não totalmente, que pudesse subir e tentar levá-la a cama outra vez. Tinha que desaparecer logo, assim se moveu com rapidez e substituiu seu vestido de passeio pelas botas de montar.

Um galope rápido e enérgico era o que necessitava. Sentia falta de seu cavalo, que seguia no estábulo de aluguel. Gostaria de montar o garanhão árabe, um dos caros presentes de bodas que ganhara de Raffaele, mas como não ia manter nem Raffaele nem seus presentes, não queria acostumar-se a tais luxos.

Seu baio de caráter retraído seria suficiente.

Embelezada de chapéu e véu, e com o chicote sob o braço, voltou a sair do aposento, dizendo adeus às criadas apressadamente. Ia descendo as escadas de mármore quando Raffaele se interpôs em seu caminho ao final dos degraus. Ficou gelada. A ansiedade percorreu seu corpo imediatamente.

Estavam sós.

Ao olhá-la, um sorriso perigoso curvou sua boca.

—Está linda — disse, enquanto chupava uma de suas balas de hortelã. Começou a subir a escada lentamente em direção a ela, com as mãos nos bolsos.

Não pôde evitar sentir sua poderosa presença, dolorosa pelo muito que lhe evocava. Mas contou até três e convenceu a si mesma de que seguiria seu caminho como se ele não existisse.

Levantou o queixo e se obrigou a continuar descendo as escadas. Ele se interpôs. Ela deu um passo para desviar-se. Ele a seguiu, com uma de suas sobranceiras de ouro arqueada. Então tentou pelo outro lado; e novamente, fechou seu caminho, com um sorriso zombador no rosto.

—Com licença, por favor, Alteza — disse causticamente, com os dentes apertados.

—Ainda não deu a seu marido o beijo de bom dia.

—Não vou beijá-lo, Raffaele.

—Muito bem, então. Eu a beijarei. Inclinou-se para beijá-la na face, mas ela levantou o chicote à altura de seu rosto, para impedi-lo que seguisse, por muito que sua proximidade a fizesse tremer e o aroma de seu mentolado evocasse outros beijos deliciosos.

Ele parecia saber o efeito que provocava nela. Agarrou-a pelos quadris, acariciando-a.

—Parece que vai dar um passeio a cavalo, Daniela.

—Assim é. Tratou de tirá-lo do meio. —Já vou.

—Um beijo só, e logo a deixarei ir — murmurou.

—Já ouvi isso antes — replicou duvidosa.

—Um beijo — se deteve. —Ou prefere que beije outra pessoa?

Ela entreceitou os olhos.

—De verdade acha que pode me deixar ciumenta?

—Tento. Dê-me um beijo e serei bom — suspirou.

—E depois me deixará em paz?

—Se ainda quer que o faça.

—Um beijo — repetiu ela, com a boca trêmula só de pensar.

Ele levantou um dedo, com que tocou seus lábios. Lendo uma espécie de conformidade em seus olhos, colocou suavemente suas mãos ao redor de seu rosto e desceu a cabeça, roçando com sua boca sedosa a dela, com uma doçura tentadora. Perturbada, pegou sua cintura para não cair. Seu beijo culminou com grande intensidade em sua boca. Dani fechou os olhos e abriu os lábios.

Era inútil.

A paixão irrompeu entre os dois como uma chama incandescente. O calor a inundou ao ser violada por sua boca. Deu-lhe seu mentolado quase dissolvido e depois o voltou a agarrar, rasgando o beijo.

Com força, ergueu seus quadris sobre o corrimão de mármore esculpido. Colheu com a mão a parte traseira de suas coxas através da saia até fazê-la se sentar parcialmente. Apoiou as costas sobre a grade plana, e desta forma se inclinou sobre ela e devorou a boca com fúria, a comendo com seus beijos. Agarrando a coxa com a mão, dobrou suavemente sua perna esquerda, e a subiu à altura do corrimão.

Ela pegou ali com uma mão, e com a outra agarrou o ombro. O coração corria acelerado, estremecendo quando ele deixou de beijá-la e ficou de joelhos lentamente um degrau abaixo. Não tinha nem ideia do que estava fazendo, mas ela não possuía a força para protestar quando ele levantou sua saia e abriu a fenda de seus calções de musselina branca.

Pôde ouvir sua risada rouca ao comprovar como reagia a sua libertinagem. Nesse momento, começou a utilizar sua língua para acariciá-la com a bala antes que se dissolvesse por completo, junto com seu juízo. Deslizou seu dedo médio entre suas pernas golpeando com suavidade a pele excitada, emitindo uma onda de sensações frias e quentes que percorreu seu corpo.

Dani se afastou apoiando o cotovelo no amplo corrimão. Com a outra mão seguiu obstinada a seu ombro. Sem querer, o chicote que mantinha entre seus dedos golpeava as costas de Rafe e chegava com a ponta à parte inferior da coluna.

O peito tremia. Com a cabeça baixa, sobreveio uma rajada de desejo ao ver sua cabeça dourada entre suas coxas. Chupava-a fazendo círculos com a língua, com deliciosa finura, enquanto dizia "Mmm" contra sua pele, como se estivesse desfrutando de um grande banquete de chocolate líquido sem nunca ter suficiente. Ela acariciava seu dourado e fino cabelo enquanto ele se aplicava em proporcionar prazer fazendo pequenos movimentos com sua luxuriosa língua. Ao mesmo tempo, tirava e introduzia os dedos pelo passadiço transbordante em que se converteu sua virilha.

Que Deus a ajudasse, mas nem sequer esta indecência parecia suficiente. Nada seria nunca suficiente até que não sentisse Raffaele em seu interior, tomando o que desejava tomar.

Ele pareceu adivinhar o momento no qual ela ficava rígida, como se fosse ser liberada. Brutalmente, afastou-se e a olhou, despenteado e selvagem como um deus do desejo. Ela protestou, zangada. Só em dar uma olhada a seus olhos soube que seu controle pendia de um fio. Com a mão esquerda acariciava a coxa, e ela podia ver o brilho de seu anel dourado.

Limpando a boca com o pulso, manteve o olhar fixo nela.

—Está pronta agora para pedir-me com boas maneiras, amor?

Sua provocação foi como um golpe capaz de trazê-la a realidade.

Olhou-o fixamente, horrorizada.

—Certamente que não — replicou por fim, o desafiando.

—Ah, que pena! Respirou, lamentando ter que baixar a saia.

Desconcertada Dani o olhou, sem acreditar que a faria passar por semelhante tortura.

Sorrindo, uma fúria fria inundou seus olhos verdes. Levantou-se e começou a subir as escadas deixando-a para trás.

—Que se divirta, Dani. Se eu tiver que sofrer, você sofrerá comigo. Se mudar de ideia, deixe-me saber.

Irritada saiu do corrimão e se ergueu incômoda no degrau. Todo seu corpo tremia de emoção e desejo insatisfeitos. Lentamente, sentou-se afundada no chão, sem dar-se conta de que ele se detivera na parte alta da escada, apertando e soltando os punhos, e obrigando-se a virar para olhá-la.

Dani rodeou o corpo com os braços e baixou a cabeça com desespero. Estava cansada de lutar.

Odiava-o... necessitava-o. Necessitava-o muito. Como podia? Sentia-se vazia e sozinha, envergonhada de seu próprio desejo.

Contudo, compreendeu que era isto mesmo o que tinha feito a noite de bodas. Escutou uns passos pesados que se aproximavam lentamente para onde ela estava.

Rafe se agachou junto a ela, beijando sua face.

—Sinto muito, linda, sinto — seu sussurro foi áspero. —Deixe que a leve acima amor. Por favor. Preciso-a tanto. Acovardada pelo desejo, afastou-se dele. Ele voltou a aproximar-se. Acariciou a face com a mão, e o cabelo. Fechou os olhos e descansou a fronte sobre suas têmporas.

—Dani, por favor. Isto está me matando. Não me rejeite. É a única em quem penso. É a única a quem quero...

—Tenho medo — disse com uma voz apenas audível.

—Não. Não tema — ofegou ele, aproximando os lábios na parte baixa de sua face para beijar o lóbulo da orelha. Com a mão cobriu o joelho. —Farei que você goste...

—Medo de ter um filho! Fechou seus olhos chorosos com fúria. —Tenho medo de ter um filho. Tenho medo.

Ele parou.

"Pronto", pensou. Havia dito.

Por fim saía a verdade, a causa de seu medo no centro de toda sua valentia.

—Estou aterrada — disse. —Sou uma covarde — anunciou e sentiu como a olhava.

—Não entendo.

Ela respirou fundo, mas seguiu sem olhá-lo.

—Embora por algum estranho milagre seu pai não o deserdasse, a anulação terá que acontecer porque não posso te dar um filho. Deve achar outra, Raffaele. Não posso fazê-lo. Não posso.

Ele guardou silêncio durante um momento.

—É... sua saúde?

—Minha saúde está bem.

—Sinto muito, mas ainda não tenho certeza de entender. Por fim, olhou nos olhos.

—Viu alguma vez uma mulher morrer no parto?

—Não.

—Eu sim. Nesse dia, no cárcere, quando me pediu que me casasse com você, sabia que teria que ter descendência e pensei que poderia enfrentar isso quando chegasse o momento. Mas se não puder nem sequer mantê-lo como marido, não quero me arriscar a morrer por você... não dessa forma! Falava a verdade quando disse que preferia morrer com uma corda no pescoço que de outra maneira, entre sangue, terror e gritos. São os piores gritos que ouvi em toda minha vida...

—Calma, amor. Calma — disse, pondo uma mão no ombro para reconfortá-la. —Dani, nem todas as mulheres morrem no parto. Você é jovem e forte.

—Minha mãe morreu quando me teve, Raffaele. Meu avô diz que era estreita de quadris, como eu. Ao ouvir o timbre de terror em sua voz, tratou de sobrepor-se.

—Mas Dani... sua voz se quebrou ao olhá-la. O sempre seguro Raffaele parecia confuso e perplexo por essa confissão horrível, tão imprópria das mulheres.

Era muito estranho. Mas uma vez mais, o príncipe prevaleceu, colocando-se à altura das circunstâncias. Rodeou seus ombros com o braço e a atraiu para ele, protegendo-a, beijando seu cabelo.

—Querida, nunca deixaria que isso acontecesse — sussurrou. —Sei que tem medo. Eu tampouco quereria passar por algo assim, mas todos temos que enfrentar nossos medos. Prometo que terá os melhores médicos...

—Nenhum médico pode controlar a natureza, Raffaele!

Beijou suavemente a testa.

—Não, meu amor, só Deus pode fazer isso. Mas não posso acreditar que Deus a separasse de meu lado agora que a encontrei.

—Encontrou-me? Disse amargamente. —Só se casou comigo por conveniência, Raffaele.

Ele a olhou intensamente nos olhos durante um momento, como se houvesse algo profundo que tivesse que confiar também. Mas sua boca se manteve tensa e pálida, incapaz de dizer algo.

Ficando em pé, passou a mão pelo cabelo e se afastou caminhando.

Durante três dias, Rafe interpôs o trabalho entre ele e o resto do mundo. Exceto naquelas ocasiões nas quais era preciso aparecer juntos, comer juntos e representar o papel de felizes recém-casados, foi fácil evitar sua esposa, porque passava a maior parte do tempo na ala administrativa do palácio enquanto ela permanecia confinada, seguindo suas ordens, na suíte rosa do terceiro piso.

Consumia-se por um desejo e um amor que o aterrorizavam. Entretanto, negou-se a se desfazer dela. Fazê-lo seria o testemunho de que Dom Arturo, o bispo, Adriano e todos outros que o advertiram contra esse matrimônio tinham razão, e não estava disposto a admitir isso. Fizera seus votos ante Deus e seu país. Tinha que manter as aparências e o certo era que, apesar de tudo, queria conservá-la.

O porquê desconhecia.

As lembranças dela se entregando a ele no veleiro, seu inocente rosto corado de paixão e os olhos azuis esverdeados cheios de felicidade e sensualidade o atormentavam conforme os dias foram passando.

Com a grande confiança em si mesmo que tinha, soubera desde o começo que poderia seduzi-la, mas não tinha previsto que pudesse terminar sendo ele o seduzido.

E odiava.

Uma quinta-feira, tarde da noite, seu estômago rugiu dizendo que esqueceu de almoçar uma vez mais.

Ao recordar o informe que acabava de ler, a ideia de comer engasgava como o pior dos bocados, apesar da fome. Em qualquer caso, não tinham encontrado veneno na comida da cozinha real analisada pelos cientistas universitários e os médicos com os que contatou. Seus métodos tinham parecido meticulosos e os gatos seguiam gozando de boa saúde. Entretanto, pensar nisso o fazia perder seu escasso apetite.

Em vez de comer, continuou examinando papéis. Ao cabo de um momento, chamou seu secretário para que indicasse qual era a seguinte entrevista acordada.

O gorducho conde Bulbati entrou no pequeno e carregado salão, com seu nariz arrebitado, levantado, demonstrando descaradamente que não levava Raffaele Dei Fiore a sério.

Rafe era capaz de reconhecer o tecido de que era feito a vários metros de distância.

Depois de transcorridos dez minutos de entrevista, entretanto, a arrogância de Bulbati veio abaixo. Logo começou a suar. Abundantemente.

Rafe seguiu interrogando-o com total naturalidade, mas sem piedade, sabendo que o homem tinha incomodado Daniela. Antes ou depois, sabia que teria que voltar a fazer as pazes com ela, e queria ter alguma espécie de presente para oferecer quando chegasse o momento.

Os livros com pastas de pele da jurisdição de Bulbati dentro do Ministério de Economia permaneciam abertos sobre a escrivaninha.

—Uma maneira muito singular de cortejá-la, senhor — grunhiu Rafe com os olhos por cima da coluna de números escrita sobre um dos livros. —De verdade achava que podia fazer com que se casasse com você matando de fome a ela e sua família?

Bulbati limpou o suor da testa com um lenço. Todo o aposento parecia prestar a suar.

—Não consigo compreender por que a senhora Daniela me está acusando...

—Olhe, asqueroso pedaço de carne, não vou suportar que evite mais minhas perguntas. Nós dois sabemos que é culpado. Estas contas foram falsificadas e você é o único em posição de fazê-lo e beneficiar-se com isso! Enfrentará quinze anos ou mais de prisão, meu senhor!

—Alteza, não entende! Bulbati se delatou. —Me permitem ficar com um pouco do bolo. É o convencional, entende? Ele sabe... o conde se deteve de repente com um olhar de horror.

Olhando-o fixamente, Rafe voltou a sentar-se lentamente na cadeira e acariciou o queixo com os dedos.

—Continue, isto fica interessante. Quem esteve dando permissão para mal utilizar os recursos das arcas de Ascensão, senhor?

Rafe não demonstrou, mas se sentia perplexo. Tinha o pressentimento de que acabava de abrir a verdadeira caixa de Pandora do problema. "Abre esses livros e achará o verdadeiro criminoso", havia dito Daniela essa noite em sua casa de campo, indo diretamente ao ponto como um autêntico Robin Hood.

Bulbati fechou os olhos, enquanto sua pele se tornava de uma cor verde viscosa.

—Meu Deus, o que fiz? Dizia para si mesmo. —Estou perdido. Ah, pobre de mim, pobre de mim.

—Estou esperando.

A expressão de Bulbati foi de repente de desespero.

—Alteza, não entende. Ele me matará!

—Pense em sua vida na prisão, senhor. Porque a isso é o que enfrenta. Mal utilizou recursos do Rei, abusou de seu cargo, e não só para encher os bolsos, mas também para tratar de pôr suas mãos em uma moça inocente. Suas ações são de uma baixeza vergonhosa e suas palavras provam que é um covarde. Se, espera piedade, não achará nenhuma aqui, ao menos não até que comece a cooperar.

—Se o digo, ficarei em perigo de morte! Sussurrou, esfregando a sobrancelha com seu úmido lenço. —Necessitarei de amparo dia e noite!

—Contra quem? Não penso brincar de adivinhações com você, Bulbati. Diga-me o nome desse misterioso homem e estará acabado.

O suor caía pelo rosto de Bulbati, umedecendo sua gravata de babados. Afrouxou o nó como se não pudesse respirar.

—Por favor, não o contrarie, Alteza. É melhor que não traga nada disto à luz. Devolverei todo o dinheiro...

—Seu nome.

—Não sou o único que trabalha para ele, sabe? E não só está comprometido o Ministério de Economia! Esse homem é mais poderoso do que imagina. Tem influências em todos os setores do Governo.

—Diga-me seu nome, maldição! Gritou Rafe, dando um murro em cima da mesa.

O homem parecia um assustadiço cuidador de porcos. Pegou com os dedos o colete como se quisesse tranquilizar seu coração e depois fechou os olhos, tentando recuperar a compostura.

—Orlando.

Rafe guardou silêncio durante um bom tempo.

Era difícil saber naquele momento o que acontecia em sua mente. Intumescimento. Consternação. Sua mente ficou em branco. Depois, a ira o inundou.

—Mente.

—Não... não, Alteza! É a verdade!

—Espera que acredite em você, um inseto sem honra, em vez de um duque de sangue real? Rafe se levantou lentamente da cadeira, lançando faíscas. —Como se atreve a acusar meu primo? Retire o que disse! Onde estão as provas?

—Não... não tenho provas. Digo a verdade, Alteza. É a verdade!

—É mentira! Rugiu, golpeando a mesa, mas seu reflexo de acreditar em alguém a quem queria não funcionou neste caso. O terror rodou como o veneno por suas veias, não o terror da surpresa, mas pior, o da confirmação de seus piores pressentimentos. Mesmo assim se negava a acreditar. —Guardas! Gritou.

Bulbati estava já se levantando da cadeira e correndo como um pato para a porta quando os homens da guarda real lhe fecharam o caminho.

—Mantenham este homem sob custódia durante a noite, e agora tirem-no da minha vista. Veremos se muda seu testemunho amanhã — disse com um grunhido.

—Sim, senhor — responderam, levando o conde. A porta se fechou atrás deles e Rafe fechou os olhos, com as têmporas tremendo. Depois caminhou para a janela, de onde pôde ver as sombras noturnas que se alongavam através da grama do jardim. A raiva e a confusão o cegavam. Não sabia o que pensar.

Desde que Orlando se mudara de Florença há dois anos e se estabelecera em Ascensão, havia sentido frequentemente que o homem não era exatamente o que parecia.

Mas Rafe havia sentido sempre um pouco de pena por seu estranho, pensativo e solitário primo, que não tinha família direta nem amigos verdadeiros, ao menos que Rafe soubesse. Tinha suposto que Orlando estava simplesmente um pouco ciumento dele, como a maioria de outros homens estava, por desgracia. Mas se o rancor de Orlando era mais profundo que uma superficial inveja, Rafe não estava seguro de querer descobrir.

Desde que descobriu que Orlando foi falar com Daniela às suas costas, havia-se sentido indevidamente perspicaz. Mesmo que pudesse parecer que seu primo só tinha querido proteger a ele e a sua família, o bate-papo privado de Orlando com Dani era um abuso de confiança. Isto havia sido um assunto pessoal, mas as acusações do conde Bulbati tinham implicações mais profundas e de maior alcance.

O que mais estranhava era o comentário de Bulbati a respeito de que Orlando tinha amplos poderes e capacidade para matá-lo se revelasse seu nome. Rafe enrugou o sobrecenho. Estava certo de que esse inseto mentia.

Além disso, viu Orlando nessa mesma manhã e não observou nele nada estranho. O Duque esteve presente nas reuniões do novo e inexperiente gabinete de Rafe. Havia-se sentido agradado pela presença de seu primo, já que Orlando era mais velho e tinha mais experiência que os homens que tinha nomeado.

Orlando se comportou de uma forma natural e Rafe esqueceu suas desconfianças. Ao fim e ao cabo, se não podia confiar em sua própria família, em quem então? Refletindo sobre isso agora, esta lhe parecia uma filosofia bastante ingênua e inútil.

Julia teria rido dele por isso.

Com os braços cruzados, Rafe levou à boca uma mão fechada, pensativo e imóvel junto à janela.

Não gostava da direção que estavam tomando seus pensamentos. Se propôs a não se converter em um homem malicioso e desconfiado, o que suporia que Julia ganhara, com sua traição, depois de tudo. Mas desta vez, esforçou-se em imaginar o mais diabólico dos cenários. Ao menos não o pegaria de surpresa.

Seu pai estava morrendo. Câncer de estômago, diziam. Como príncipe herdeiro, era o sucessor ao trono e até o momento não tinha filhos. Orlando tinha convencido Daniela de que não se deitasse com ele.

Se os dois, seu pai e ele morressem, a sucessão do trono iria parar em Lorenzo, com o rimbombante bispo Justiniano como regente.

O bispo desaprovava de todo coração Rafe, mas era um ciumento devoto do Rei e de Lorenzo, também. Não, pensou, o clérigo não era um traidor. Entretanto...

Se Lorenzo estivesse no poder, hipoteticamente, e o bispo Justiniano morresse antes que o menino alcançasse a maioridade, quem seria então seu regente? A pergunta aterrorizou Rafe.

Queria pensar que seria Darius Santiago, seu valente cunhado. Mas Darius estava já há quatro anos vivendo na Espanha, estava desligado do que acontecia em Ascensão e era, no final de contas, um soldado mais que um homem de Estado.

O primeiro-ministro Arturo di Sansevero poderia ser eleito... mas então, Rafe sabia muito bem quem era o favorito de dom Arturo. Orlando.

"E se Orlando controlasse Lorenzo, quem poderia assegurar que o menino chegasse à idade dos dezoito anos, momento no qual o poder lhe seria concedido?"

O rumo de seus pensamentos estava pondo-o doente. Com toda segurança, não podia ser de outro modo, estava distorcendo tudo e desfigurando de suas proporções razoáveis. Depois de tudo, não tinha evidências ainda de que a enfermidade de seu pai fosse algo diferente ao câncer de estômago que fora diagnosticado, e quanto a ele, ninguém atentou contra sua vida. Nem uma vez.

Sentiu-se de repente incapaz de ficar quieto, pelo que se virou e deixou o aposento, e se dirigiu com grandes passadas até o vestíbulo e com a firme resolução de ter um bate-papo com o superior de Orlando, o velho e venerado dom Francisco, responsável pelo Ministério de Economia durante os últimos vinte anos.

Rafe tinha um pressentimento, embora tratasse de mover-se com precaução, não querendo tampouco imaginar como poderia mudar a equação se Dani ficasse grávida.

Se tivessem um filho, Lorenzo não seria o sucessor do trono, mas o filho de Rafe.

Tratou de conter a raiva que fluía por suas veias ao ver o perigo no qual tinha posto Dani ao casar-se com ela. Acaso Orlando já não a viu em privado uma vez?

A caminho dos estúbulos reais, ordenou que pusessem mais guardas para vigiá-la, especificando que não a deixassem afastar-se de sua vista nem um minuto.

Não disse nada sobre seu primo, decidido a não seguir ainda a pista de Orlando, pela simples razão de que se seu ardiloso primo era na realidade culpado de algo, não queria dar a Orlando nenhum aviso de que o estúpido do Rafe, o Libertino, havia por fim descoberto.

Como não queria que sua visita a dom Francisco fosse conhecida por todos, subiu em uma carruagem sem insígnias reais para deslocar-se ao palácio do velho e elegante ministro.

Rafe enviou seu mordomo à porta enquanto ele esperava no veículo, mas o criado retornou dizendo que o homem não estava em casa. Ao que parecia, aproveitando que Rafe em seu ataque de raiva despedira a todos os velhos membros do Conselho, o homem tirara um descanso e foi pescar uns dias.

Reprimiu um suspiro e coçou a testa.

Então teve uma ideia. Ordenou ao cocheiro que o levasse a grande loja de carruagens onde reparara sua carruagem.

Estavam a ponto de fechar, mas quando chegaram, o carreteiro e seus aprendizes ajoelharam perante ele tratando todos de servir a seu soberano. O mestre conduziu-o até sua carruagem, que estava sendo submetida a uma limpeza final antes de ser entregue, já completamente reparada.

Quando Rafe pediu para ver o eixo quebrado que tinham trocado, o rosto alegre do homem pareceu confundido.

—Certamente, Alteza — disse, olhando-o de modo estranho. Ordenou a um par de aprendizes que o tirassem de uma pilha de rodas quebrada e outros componentes que havia em um canto do armazém atrás da oficina.

Rafe esperou impaciente, revisando seu luxuoso veículo. Era só uma espécie de intuição, mas queria examinar o eixo, só para assegurar-se de que ninguém o tinha forçado.

Foi um milagre que saísse ileso do acidente, mas caso fosse só um condutor menos destro e não saltasse da carruagem no último minuto, sem dúvida teria sido atirado do veículo ou partido em dois sob as rodas enquanto os cavalos seguiam correndo.

Na hora, limitou-se a recolher os cinquenta mil da aposta, rindo do contratempo, e se tranquilizara com um gole de uísque. Agora, entretanto, saber o que podia ter acontecido o punha de cabelos em pé.

Os rapazes voltaram uns minutos mais tarde dizendo que as peças quebradas do eixo desapareceram. Ele se virou, pálido. Evaporaram-se. Desvaneceram-se.

O construtor de carruagens pareceu surpreso de ouvir a notícia, envergonhado ante seu senhor soberano, e o descontou nos aprendizes.

—Acaso estão cegos? Perdoe-me, Alteza. Eu mesmo as acharei.

Mas o entardecer refrescava já a sufocante oficina quando o mestre das carruagens voltou sem ter podido achar o eixo.

Rafe saiu da loja entre uma profusão de desculpas. O entardecer avançava com uma luz rosada, mas ele ficou em pé na calçada, com um nó no estômago. Olhava primeiro a um lado da rua e depois ao outro, aturdido, mantendo a compostura. Com as mãos no quadril, tentava ordenar seus pensamentos. Estava claro que escolheu o pior momento para sair de seu longo sono.

Começou a caminhar sem rumo fixo. Despediu-se do cocheiro com a mão, sem prestar atenção aos olhares das pessoas da rua. Não podia, embora fosse só por uma vez, caminhar tranquilamente pela rua como qualquer outro até decidir aonde demônios ir?

Mal prestou atenção aos viajantes que o chamavam, inclinando-se para ele e o reverenciavam por todos os lados. Todas essas pessoas confiavam em seu amparo. E ele nem sequer estava seguro de poder proteger a sua esposa!

Não podia pensar. Estava muito furioso. Com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos das calças, caminhou até que o crepúsculo banhou a cidade de uma cor cinza pérola, sem nem sequer dar-se conta do caminho que seguia.

Quando por fim conseguiu aplacar um pouco sua ira, o que ficou foi uma espécie de desespero. Tinha fracassado. Tão cedo, e tinha fracassado.

Compreendeu que teria que enviar alguém para pedir a seu pai que voltasse, porque ele não sabia o que fazer. Deus não deixaria que fizesse as coisas mal. Não tinha medo de Orlando, mas paralisava-o voltar a cometer falhas como daquela vez. A conspiração era muito complicada para ser deixada em suas mãos; um estúpido adolescente grande.

Rafe o Libertino, pensou, odiando-se. Não era mais que uma chamativa peça de exibição.

Mas maldição, mesmo seu pai teria dúvidas do que fazer neste momento, disso estava certo. Mesmo assim, o que faria seu pai? Perguntou-se.

"Enfrentá-lo diretamente — pensou de repente — Esmagá-lo como um aríete".

Mas isso não funcionaria. Se, Orlando esteve sentado ali sorrindo durante os últimos dois anos, não valeria de nada enfrentá-lo cara a cara.

Era claro que o homem era um consumado mentiroso. Assim, do que valeria?

Diabos, mesmo Darius saberia melhor que ele o que fazer. Darius teria jogado tão sujo como Orlando até obter provas de sua culpa, e depois faria... o que? Rafe hesitou, espremendo o cérebro. Conhecendo Santiago, teria tomado a justiça por sua mão, teria cortado o pescoço de Orlando e teria assim acabado com o problema pela raiz. Mas Rafe não foi criado para ser um mercenário, como seu cunhado.

Além disso, sua mãe o ensinou a utilizar a violência só como último recurso. Por sua condição de príncipe herdeiro, sua mãe o ensinou a utilizar a força com cuidado, para que não se convertesse em um Rei tirano e machucasse aqueles a quem por mandato divino devia proteger.

Com a escada sob o braço, o faroleiro passou perto dele sem o reconhecer, algo que o alegrou sobremaneira. O homem uniformizado de negro seguiu concentrado em seu trabalho, acendendo as velas do acomodado bairro no qual tinha terminado sem perceber algo, Rafe

perambulava pela calçada desfrutando da tranquilidade e do ar fresco da noite. Tirou um mentolado de sua caixinha e o meteu na boca. Depois baixou a cabeça e seguiu caminhando com as mãos nos bolsos.

Ao passar pelo círculo de luz que o lampião desenhava na calçada, ouviu de repente o freio de uma carruagem detendo-se junto a ele. Uma risada, melodiosa, provinha do interior, e, outra voz familiar masculina, ordenou ao cocheiro que esperasse.

—Olá!

—Rafe? Querido, é você?

Com um suspiro de tristeza, voltou-se e levantou os olhos lentamente. Chloe e Adriano iam sentados juntos em uma espantosa carruagem. O veículo levava a capota de couro negro levantada.

—Vá, acaso não é este o homem casado? Riu Chloe.

—Rafe? O que está fazendo aí fora? Perguntou Adriano surpreso.

—Que estranho! Parece perdido.

—Está bem?

Rafe se limitou a levantar o olhar para seu amigo e depois olhou para Chloe.

Sob sua sombrinha com babados e o elaborado chapéu, o delicado rosto de sua antiga amante reluzia à luz de lampião, mas seu sorriso artificial se desvaneceu ao ver a expressão do Rafe.

—Meu Deus, querido, o que ocorre?

Adriano olhou-o preocupado, também.

—Ocorreu algo?

—Sobe à carruagem agora mesmo — ordenou Chloe, movendo-se no assento para dar um lugar a ele enquanto a expressão de brincadeira sumia de seu rosto.

Ele não se moveu.

Não visitou Chloe desde que conheceu Daniela, mas sabia que poderia tê-la de novo com apenas estalar os dedos. Certamente não estava de humor para suportar mais reprovações depois de tudo o que aconteceu. A sociedade reconhecia seu direito de homem sadio de manter as amantes que quisesse, e se as sensibilidades, inseguranças e temores de sua esposa não permitiam a ele satisfazer suas necessidades, por que não poderia procurar prazer em outro lugar?

Mas ao olhar a espantosa loira de olhos azuis, soube que não devia subir à carruagem. Sabia exatamente aonde o conduziria.

Mesmo assim, sentiu a nostalgia dos tempos nos quais se permitia esse tipo de evasões, que achava na escuridão da noite.

Sem dizer uma palavra, subiu à carruagem com eles.

Capítulo 13

As mãos roçaram de forma acidental e os olhos de Chloe deram as boas-vindas com sensual reconhecimento. Tratou-o com atenção com seu olhar quando ele se sentou junto a ela. Não havia muito lugar.

Espremida entre os dois, Chloe se colocou um pouco no regaço de Rafe e rodeou aos dois com os braços, Adriano e a ele.

—Não é estupendo? Ronronou. —Minhas duas crianças favoritas. Beijou Adriano na face e depois Raffaele, sussurrando. —Seja o que for o que te preocupa, sabe que Chloe sempre estará aqui para fazê-lo sorrir.

Ele a olhou, com um olhar faminto em que se adivinhava o desejo insatisfeito. Chloe sorriu, com um brilho de triunfo nos olhos, mas ele afastou o olhar. Ela se inclinou para ele e roçou com os lábios o lóbulo da orelha.

—Sentiu minha falta? Sussurrou.

Ele se afastou, odiando-se e desprezando Daniela por obriga-lo a isto. Ela devia ter se rendido a ele, era sua esposa.

Os longos dedos de Chloe começaram a brincar com seu cabelo, acariciando a nuca, enquanto Adriano dava rédea aos cavalos para que se movessem.

Cavalgaram alguns minutos em silêncio. Então, viu que Chloe sorria para si como um gato ante uma terrina de leite. Seu olhar ansioso o fez dar-se conta de que devia ter sabido por Adriano que não passava as noites na cama de sua mulher, mas em seus aposentos de infância, na ala oeste. Entretanto, era muito orgulhosa para mencioná-lo.

Limitou-se a continuar brincando com seu cabelo, fazendo cócegas na nuca até que o fez esquecer todas suas necessidades. Seguiu sem olhá-la, com a vista fixa na fila de casas que passavam de forma impecável.

A calesa passou pelas portas de madeira sólida e seguiu rodando pelo escuro beco privado da casa de Chloe que conduzia às pitorescas garagens da parte de trás.

Assim que o veículo parou, Chloe tirou o chapéu e, pondo-o a um lado, tornou-se para trás no assento, puxando Rafe com ela.

Com um gemido baixo e faminto, Rafe se deixou levar de boa vontade, reclamando sua boca em um ansioso e violento beijo. O desespero corria por suas veias, por seu coração, mas ele tratou de ignorá-lo. Alcançou com sua mão os grandes e redondos seios, sua pele pálida na escuridão. Ela suspirou, o acariciando entre as pernas com uma de suas mãos enluvadas. Com a outra, fez o mesmo com Adriano.

Rafe pegou-a, endurecendo de maneira instantânea ao sentir sua mão. Adriano pôs o freio, atou as rédeas e depois se virou para eles, tocando o cabelo de Chloe um momento enquanto Rafe a beijava. Ela se soltou de sua boca, sem respiração, com um sorriso de desejo em seus lábios arroxeados enquanto acariciava Raffaele e aproximava-se de Adriano.

—Meus meninos favoritos — sussurrou.

Rafe levantou os olhos, ofegante de desejo, e viu que Adriano se sentava frente a eles, no pequeno compartimento. Inclinando-se para acariciar o rosto, Adriano começou a beijar Chloe e a tirar uma de suas forquilhas.

Rafe parecia hipnotizado pelo arco que desenhava seu sinuoso corpo.

Puxou o decote de seu vestido e o desceu ainda mais, liberando seus gloriosos seios.

Baixando do assento, ajoelhou-se no chão entre suas pernas abertas.

Não havia muito lugar, mas já não importava. Tampouco importava que ela estivesse desabotoando as calças negras de di Tadzio e lambendo a boca com a ideia.

Não seria a primeira vez que compartilhavam uma mulher, mas tinha passado muito tempo, e, Rafe se perguntava se não estaria muito sóbrio para algo assim nesta noite.

—Possivelmente interrompo — murmurou na escuridão, ofegando. Depois de tudo, a cedeu a Adriano no dia de suas bodas.

Chloe desceu a cabeça, o olhando enquanto acariciava o quadril de Adriano.

—Não diga tolices, querido. Esticou a mão e lhe acariciou o cabelo. —Por que não vamos todos para dentro e tomamos algo?

—Não, vão vocês dois — disse Rafe, olhando inseguro a seu amigo. —Eu tomarei emprestada sua carruagem para voltar para casa, se não se importar.

—Você não vai a nenhum lugar — repreendeu Chloe, levantando um de seus deliciosos pés e roçando com ele a virilha de Raffaele.

—Vá com ele, Chloe. Necessita-a. Não se preocupe — ouviu que dizia Adriano em um sussurro. Rafe abriu os olhos e viu que a beijava na fronte. —Deveria partir de qualquer forma.

—Mas por quê? Querido, fica — fez um beicinho. —Rafe não se importa.

Rafe olhou para outro lado, coçando o sobrecenho. "*De verdade, deveria ir*", pensou.

—Não, coração. Trata-o bem. Adriano sussurrou com delicadeza, acariciando a curva do rosto com a ponta do dedo.

Rafe não sabia o que havia entre eles. Se Adriano estava apaixonado por ela, só tinha que dizer, e, Rafe desapareceria. Mas quando Chloe se levantou e pôs seus grandes seios no rosto, a boca salivou e soube muito bem o que queria. Se não tinha sexo muito, muito em breve, sabia que ia enlouquecer.

Chloe saiu da carruagem como uma gata no cio, coquete como era, roçando sua ereção com o quadril. Rafe a seguiu sem pestanejar, descendo do veículo e dedicando a seu amigo um sinal de agradecimento sobre o ombro.

—Obrigado, di Tadzio. Devo-lhe uma.

—Não mereço — disse com uma risada breve embora carregada de melancolia.

Colocando a jaqueta, Rafe subiu os degraus da porta traseira, vislumbrando só a saia de Chloe que já tinha girado a esquina diante dele no iluminado vestibulo de sua elegante casa. Ignorou o mordomo para não perdê-la, mas ela saiu correndo com um risinho. Por fim a alcançou a metade da escada, abraçando-a por trás à altura dos quadris.

Acalorada e sem fôlego, virou-se para cair em seus braços, o olhando com adoração. Rafe dobrou a cabeça e observou como liberava os broches de seu vestido com os dedos.

Do jardim ouviram o chiado das rodas sobre o pavimento. Era Adriano que virava os cavalos para partir. Rafe moveu a cabeça em direção ao som.

—Foi muito cruel espantando-o desse modo — sussurrou Chloe.

—Sobreviverá.

—Ele o adora, e é maravilhoso.

—É muito avara, Chloe — disse com um sorriso sinistro. —Mas não se apresse, eu me encarregarei de você esta noite sem ajuda de ninguém.

—Está bem — sussurrou, sorrindo brincalhona. —Tenta-o. Vamos. Capturou suas mãos e começou a subir as escadas. Entretanto, quando Rafe contemplou o percurso que restava, compreendeu de repente que não podia fazê-lo.

Dani enchia sua mente. Dani, a quem necessitava tanto que quase o fazia chorar de desejo insatisfeito. Dani, sua esposa, a quem amava com tanta paixão que o aterrorizava. O medo era a única razão de que estivesse aqui. Adultério. Não haveria mais jogos frívolos.

"*Isto é ruim*". Mesmo que estivesse em seu direito, isto era ruim. Supunha-se que devia dar exemplo a seu povo, e não descer até um nível em que qualquer um podia chegar. Não queria ouvir o murmúrio de sua consciência, mas a ouvia, alto e claro.

"*Vá para casa, Rafe. Não pode fazer isto por mais tempo*". Se alguma vez houve um dia para traçar os limites da lealdade, este era esse dia. E se quisesse crescer e ser um homem algum dia, este era o momento.

—Apreste-se, querido. Não fique aí parado! Chloe pressionou com um sussurro de desejo.

Em pé na escada, fechou os olhos e deixou a cabeça cair, odiando a si mesmo. Nesse momento, era incapaz de afastar-se de Chloe do mesmo modo que era incapaz de dar outro passo para seu dormitório.

Ela voltou para seu lado, desconcertada. Acariciou-lhe o peito. —Está bem? Suba comigo, Rafe. Hoje à noite te darei um trato especial, reservado.

Tratando de pôr em ordem sua cabeça, desfez-se de seu abraço de más maneiras.

—O que ocorre, amor? Pressionava-o sem piedade, acariciando o membro através da roupa. —Farei com que se sinta melhor.

Segurou com força o pulso dela, embora mal tinha coragem para contê-la.

—Para — disse, com os dentes apertados. —Vamos parar os dois. Sabe que não deveria estar aqui, nem sequer quero estar aqui.

—Mas precisa — sussurrou. —Ninguém pode satisfazê-lo como eu.

"Equivoca-se — pensou — você me deixa vazio". Para seu desespero, sabia que nenhuma outra mulher poderia satisfazê-lo de novo, exceto Dani. A necessidade por ela o atormentava com um desejo que transpassava o físico. Ela era a única mulher que enchia seus sonhos... a única mulher que não teria.

"Certamente que sim", pensou de repente, decidindo nesse momento.

Não faria isto. Não se rebaixaria a esta desonra. Apresentou-se ante Deus e tinha prometido fidelidade. Ia cumprir o juramento. Deu um passo atrás para afastar-se de Chloe, com o coração a cem por hora.

—Sinto muito, Chloe. Não vai acontecer. Sabe tão bem como eu que isto está mau. Não voltarei, boa noite.

A mulher olhou-o com raiva. Sem dizer uma palavra, Rafe lhe deu as costas.

—Rafe, é um cretino! Volta aqui! Gritou furiosa atrás dele. —Não se atreva a me dar às costas! Onde diabos pensa que vai?

Caminhou com determinação e então parou, embora sem virar-se.

—Para casa — disse — com minha esposa.

Porque seria sua esposa antes do amanhecer, sua esposa de pleno direito.

Estava farto de esperar, farto de ter paciência com suas absurdas negativas. Farto de bancar o cavalheiro.

Deixando Chloe com uma fileira de insolências na boca, Rafe passou uma mão trêmula pelo cabelo e saiu à fria escuridão da noite. Ao empreender o caminho que o levava ao Palácio Real, sentiu um forte alívio em suas veias por ter sido capaz de escapar dali.

"Onde está meu marido?".

Era onze e meia e ninguém parecia o ter visto há horas. Uma espécie de pressentimento do que podia ter ocorrido não deixava Dani conciliar o sono. Para distrair suas iradas suspeitas, começou a explorar o palácio.

Nesse momento caminhava sozinha pela galeria real da família, um aposento longo e retangular com paredes atapetadas de seda vermelha. Os mordomos deviam pensar que se tornara louca quando ordenou que acendessem todas as velas para que ela pudesse estudar os quadros, mas não se importava absolutamente. A cauda de seu novo vestido azul de passeio se arrastava ao caminhar pelo chão de parqué polido, com as mãos nas costas, enquanto estudava os ancestrais de seu marido e perguntando-se se poderia memorizá-los todos em ordem cronológica.

Parecia uma perda de tempo, já que no fim das contas tinha que anular seu matrimônio. Mas não havia muito mais que fazer para encher suas horas de confinamento no palácio, agora que cada um de seus movimentos era seguido por uma unidade de seis guardas reais armados. Não sabia o motivo, mas a princípio só tinham sido dois.

A galeria de retratos tinha entradas nos lados. Seus pouco sorridentes amigos vigiavam com seus uniformes desde cada uma delas. Perguntava-se se o resto de sua vida transcorreria desta maneira, tão vigiada de perto em sua própria casa... se, é que esta ia ser sua casa.

Ao final da galeria havia um espaço sem janelas. Ali se deteve para admirar uma grande pintura que havia em cima da lareira com um resplandecente marco dourado.

Era o retrato da família real, encomendado pela ocasião das bodas da princesa Serafina e o conde Darius Santiago, fazia dez anos. A noiva, irmã de Raffaele, era a mulher mais impressionante e formosa que Dani já tinha visto, uma verdadeira Helena de Tróia.

"Ela sim — pensou com tristeza — é uma princesa".

No quadro apreciava o branco rosáceo da pele de Serafina, em contraste com o negro jade de seus cachos e o violeta de seus alegres olhos. Junto a ela, seu uniformizado marido era quase tão bonito como ela, mas seu intenso olhar felino e o rosto de falcão não deixavam escapar nem por indício um sorriso. Mesmo assim, a maneira carinhosa como pegava a mão de sua esposa denotava que o feroz espanhol tinha sucumbido irremediavelmente aos encantos dessa deusa.

À direita da noiva estava o moreno e bonito, embora severo, pai de Raffaele: o rei Lazar, com seu cabelo negro já prateado na parte das têmporas. Vestia-se de forma modesta, algo surpreendente para um homem que era uma grande lenda e que todos os habitantes de Ascensão pensavam que podia caminhar sobre as águas.

Do outro lado dos recém-casados se sentava sobre um trono de veludo vermelho a rainha Allegra, com o cabelo claro e seu ar maternal, e o então recém-nascido príncipe Lorenzo nos braços. A rainha era conhecida por seus esforços humanitários e parecia a encarnação da mãe sábia e abnegada.

Dani pensou nela mesma e se perguntou como seria sua vida se sua mãe tivesse sobrevivido.

Seu pai não se extraviria, não teria delapidado a fortuna da família, nem bebido até acabar no cemitério, pensou. Ela teria sido criada como uma verdadeira dama, e não como um menino selvagem. Possivelmente, se tivesse tido uma mãe, sua própria feminilidade não seria tão estranha e ameaçadora. Mas as coisas foram muito diferentes para ela. Então, como poderia ser uma boa mãe para os filhos de Raffaele se ela mesma não conheceu o calor de uma mãe?

Seu olhar percorreu pensativa a pintura. Embalado pelos braços da Rainha, o pequeno príncipe Lorenzo olhava mais à frente do quadro. Tinha faces rosadas de querubim e um redemoinho de cachos negros se sobressaindo, comicamente, de sua cabeça.

Raffaele estava em pé, junto a sua mãe no quadro, com uma mão protetora, enluvada de branco, em cima de seu ombro. Embora o artista captasse o brilho de rebeldia em seus olhos e os traços de uma careta presunçosa, seu orgulhoso, e, duro rosto mostrava o mesmo ar de autoridade inata do Rei, mas com a cor de sua mãe e algo de seu caráter reflexivo.

Dani dedicou um bom momento a examinar o quadro. Quanto mais o olhava, mais se desesperava ao saber que uma extravagante como ela nunca poderia encaixar em uma família tão amorosa e cálida como a que a imagem refletia.

Nesse momento ouviu vozes na entrada da esquerda. Deu a volta e viu que seus guardas permitiam a entrada do Duque Orlando.

Aproximava-se dela com um sorriso sedutor e sombrio no rosto. Reprimiu um suspiro de cansaço para não parecer mal educada.

—Ah, Daniela, por fim a encontro! Disse com um tom muito amigável. Não contente com a familiaridade que supunha dirigir-se a ela por seu nome de batismo, pegou suas mãos e a saudou como se fossem grandes amigos. Baixou sua mandíbula quadrada e sorriu.

Supôs que devia estar agradecida. Era a primeira pessoa que se dirigia a ela com amabilidade há dias.

—Estive procurando-a por todos os lados — disse.

—Sério?

—Sim. Estava preocupado por você.

Ela moveu a cabeça sem saber o que dizer. Sem deixar de sorrir, pegou-lhe a mão direita e a pôs no braço esquerdo para obrigá-la a andar junto a ele.

—Queria me assegurar de que tudo ia bem — murmurou, baixando a voz.

—Estou bastante bem — admitiu. —Obrigado por preocupar-se.

Olhou-a com desaprovação.

—Refletiu em todas as coisas das quais falamos?

—Não posso pensar em outra coisa.

—Mmm — pareceu duvidar.

O olhou confusa. Orlando não afastava os olhos dela.

—O que acontece? — perguntou. Mordeu sua atraente boca, como refletindo.

—Perdoe-me por dizê-lo com tão pouca delicadeza, minha senhora, mas... enfim, eu mesmo acabo de inspecionar os lençóis de sua noite de bodas. Entretanto, sei que é uma mulher ardilosa, e que não têm por que ser autêntica. Tinha que me assegurar de que nos tínhamos entendido nesse aspecto.

—Vá, assim está me vigiando. Retirou a mão de seu braço e se afastou dele. Então, seu olhar recaiu em um quadro próximo do rei Lazar quando era jovem.

De repente pensou que a semelhança entre o Rei e o duque florentino era surpreendente. *"Na realidade, Orlando se parecia mais com o Rei do que o próprio Raffaele"* pensou.

Era estranho que a semelhança entre familiares fosse tão grande sendo um primo longínquo.

Ele a alcançou então e ficou a sua altura, interrogando-a com um olhar de preocupação.

—O que ocorre, Daniela?

Olhou-o sem saber o que dizer durante um segundo e recordou repentinamente algo que havia dito em seu anterior encontro: *"Não há nada mais triste que um bastardo real não desejado"*.

Abriu os olhos pela revelação.

"Não!" pensou emocionada. Com toda rapidez tratou de esconder seus pensamentos. O coração pulsava acelerado. *Podia ser verdade? Podia Orlando ser o filho bastardo do rei Lazar?"*

Possivelmente fosse um segredo de família que se supunha ninguém devia saber, pensou, acelerada.

"É mais velho que Raffaele... o verdadeiro primogênito do Rei". Tinha desconfiado do duque por instinto, o suficiente para enviar Mateo para que o investigasse.

E isso que todas as recomendações de Orlando foram até a data bastante lógicas e sensatas... devia ser duro para qualquer homem ver que o legado real que deveria pertencer a ele fosse parar pelo contrário a seu adorado e popular irmão. Foi então que começou a duvidar de que a preocupação de Orlando pelo futuro de Raffaele fosse autêntica. Ele era o único, depois de tudo, que tinha querido que seu matrimônio se anulasse. Possivelmente tinha algo que ganhar com sua separação.

—Estou te perguntando o que ocorre, Daniela? Repetiu com os dentes apertados.

Assombrada, novamente, pela semelhança ela roubou outro olhar ao retrato do Rei e depois a ele.

—O que acredita que acontece, Excelência?

Seus olhos verde gelo se entrecerraram sob suas longas pestanas negras. Tomou o queixo com seus dedos anelares, e mindinho e levantou seu rosto com um movimento duro. —Não pense que pode jogar comigo, garota.

—Senhor! Um dos guardas interceptou-o. Um par de homens uniformizados se aproximava deles depressa.

Orlando a soltou.

—Alteza? Perguntou um deles.

—Está bem, cavalheiros. Posso cuidar de mim mesma — disse Dani, movendo seu olhar do guarda a Orlando, que estava ali em pé a ponto de explodir.

—Quero uma resposta.

—Não é assunto seu! Replicou ela enquanto os guardas faziam uma reverência e se retiravam. —E não volte a me tocar outra vez.

—Certamente que é meu assunto! — disse ele. —Entregou-se a ele?

Ela não disse nada, corada de constrangimento pelo assunto, tremendo de raiva por sua insolência.

O Duque manteve seu olhar penetrante e depois sorriu com crueldade.

—Não — sussurrou. —Segue sendo pura. Posso cheirá-lo. Deus, como eu gosto.

Ela abafou um grito, envergonhada, e deu meia volta para afastar-se dele o mais rápido possível.

Ele a seguiu com uma risada suave e cruel.

—Aonde vai, Daniela? Não quer ficar e falar um momento com seu primo por afinidade?

—Afasto-me de mim! A cada passo que dava, convencia-se mais de que era o irmão de seu marido e de que a desejava só porque pertencia a Raffaele.

Chegou ao saguão principal de mármore branco com Orlando pisando seus calcanhares. Os guardas a seguiram com rapidez, partindo em formação a uma respeitosa distância.

Justo então, Adriano di Tazio dobrou a esquina ante ela e veio caminhando pelo corredor com seu habitual olhar de arrogância. Embora soubesse que esse homem a desprezava, correu para ele.

—Senhor, me perdoe! Chamou bastante desesperada. —Viu meu marido?

Ele se deteve, alto e magnífico, e desceu seu bem esculpido nariz para ela.

—Certamente — disse com prepotência. —Certamente que o vi.

—Onde está, por favor?

—Olá, Adriano — murmurou Orlando com um grunhido zombador, pavoneando-se lentamente ao aproximar-se de Dani.

Adriano olhou-o com aversão.

—Excelência.

—Viu Raffaele? Repetiu Dani. Embora Raffaele estivesse evitando-a durante dias, sabia que Orlando se manteria afastado se o príncipe estivesse perto. Adriano afastou seu olhar hostil de Orlando e se dirigiu a Dani.

—Sim, na realidade, vi-o.

—Onde está?

—Não acredito que queira sabê-lo, Alteza. Utilizou seu título com desdém.

—Não seja grosseiro comigo, di Tazio. Simplesmente me diga onde está! — suplicou.

—Está bem, se insistir. Olhou Orlando de soslaio e depois a ela. —Raffaele está na cama de sua amante. Sorriu friamente. —Sinto muito.

Dani não podia acreditar. Abriu a boca, como se tivessem dado um golpe no estômago.

Adriano a estudou com um leve sorriso, e Orlando começou a rir outra vez.

—Tem certeza? Perguntou em voz baixa, com um nó na garganta pela dor.

—Totalmente. Se me desculpar...

Ela deu meia volta, doída, morta de calor, distinguindo apenas as palavras que se intercambiavam em voz baixa os dois homens.

—Aonde vai? Murmurou Orlando.

Ela deu de ombros.

—A nenhum lugar. A meus aposentos.

—Irei com você.

Os dois homens, sinistros e igualmente atraentes, inclinaram-se em uma reverência para ela com elegância, e ela seguiu caminhando melancolicamente pelo corredor, aflita e ferida.

Encaminhando-se um pouco às cegas a sua suíte, viu como suas emoções flutuavam do desespero ao medo, iam e vinham, mas ao entrar em seu quarto, fechou com cuidado a porta e avançou até o balcão para deixar que o ar fresco da noite a acariciasse. Estava furiosa... mas, com ela mesma.

Foi ela que preferiu acreditar em Orlando em vez de Raffaele.

Só ela tinha empurrado seu marido aos braços de Chloe Sinclair.

E ela sozinha iria perdê-lo se não enfrentasse seus medos e admitisse uma verdade muito simples, pensou abraçando-se sobre o corrimão e deixando a cabeça cair.

Estava completamente apaixonada por seu marido.

Afastou com brutalidade uma lágrima que caía pela face e conteve um soluço. Nunca necessitou ninguém antes, mas a ideia de perder Raffaele, ou de deixar que esse maravilhoso homem escorresse entre suas mãos, fazia que quisesse morrer. Olhou a parte do telhado de onde ele a salvou.

"Terá que me pedir se me quiser", zombou então, embora agora soubesse que havia falado muito a sério.

"Não — pensou, levantando o queixo com resolução e orgulho. Não o perderei para essa mulher do teatro. É meu homem e lutarei por ele!"

Se ele perdesse seu reino por casar-se com ela, bom, seria só responsabilidade sua. Ela tinha tentado. E, além disso, nunca pareceu muito preocupado por essa possibilidade.

Orlando podia ter inventado tudo. Entre Raffaele e o príncipe Lorenzo e os seis filhos da princesa Serafina, não havia nenhuma possibilidade de que Orlando esperasse obter o trono, decidiu, mas alguns simplesmente não podiam suportar que outros fossem felizes. Possivelmente Orlando fosse um deles. E pensar que quase o deixou arruinar seu matrimônio com o homem de seus sonhos! Não importava, Orlando e Chloe Sinclair podiam fazer tudo o que quisessem, mas ela não estava disposta a perder seu príncipe por nada do mundo.

Levantando os ombros, deu meia volta e entrou no quarto, olhando a cama onde dormiu sozinha desde a noite de bodas. Sabia que o dormitório onde Raffaele passava as noites agora se achava na ala oeste do palácio, mas compreendeu, com uma pontada no peito, que não tinha sentido ir ali esta noite.

Amanhã, prometeu-se, seduziria seu marido. Mas estaria ainda disposto a aceitar a alguém tão estranha e pouco feminina como ela quando teve comendo de sua mão à maravilhosa Chloe Sinclair?

Aproximou-se do espelho por vaidade e se olhou nele um momento, o suficiente para descobrir que... era bonita... a sua maneira, estranha, mas simples. Tocou o rosto, olhando o reflexo de seus olhos no espelho, os mesmos olhos que ele tinha achado formosos. Depois, deixou o espelho e se meteu na cama.

Deitou-se de barriga para baixo, com a cabeça em direção ao balcão. As cortinas se balançavam com a suave brisa da noite. Fechou os olhos, determinada a dormir para que a manhã chegasse o antes possível.

"Perdoe-me, Raffaele — pensou. Cometi um engano. Devia acreditar mais em você. E talvez devesse acreditar também um pouco mais em mim mesma".

—Deveria aprender a não se ruborizar como um escolar cada vez que me vê — observou Orlando enquanto caminhava junto a Adriano pelo corredor.

O jovem olhou-o por debaixo de sua franja negra, e depois afastou com rapidez os olhos.

—Acredito que o odeio — murmurou.

Orlando sorriu.

—Com certeza que sim. Tem que se recuperar, menino. Você é o único que sofre esses paroxismos de culpa. Chloe o achou divertido, e eu certamente não penso perder minhas energias com recriminações. Pensei que Chloe havia dito que esteve com um homem e uma mulher antes — acrescentou friamente.

—Não dessa forma.

Orlando olhou-o, compreendendo.

—Acaso não foi estupendo fazê-lo finalmente da forma que necessitava?

—Poderia fechar a boca antes que alguém nos ouça?

Orlando parou, levantando uma sobrancelha ao ouvir o rancor em seu tom. Adriano o olhou uma vez mais e depois seguiu caminhando.

O duque sacudiu a cabeça, divertido: o moço parecia pó.

Ocorreu na noite de núpcias de Raffaele. Orlando foi consolar Chloe e tirar assim proveito da situação. Ao chegar à casa da atriz, encontrou Adriano já ali, os dois igualmente angustiados. Assim tinha reconfortado os dois. Todo aquele que estivesse perto do príncipe, podia converter-se em uma arma contra ele, depois de tudo.

Orlando se pôs em movimento, alcançando rapidamente Adriano. Ao chegar junto a ele, Adriano olhou com ansiedade o escuro e vazio corredor. Depois, olhou para ele.

—Está louco brincando com uma coisa assim. O que aconteceria se alguém se inteirasse?

—Quer dizer Raffaele.

—Qualquer um!

Orlando sorriu com arrogância.

—Sinto informar, Adriano, que Rafe sabe. Confia em mim.

Adriano se voltou para olhá-lo, bastante emocionado.

—O que quer dizer?

—Chama-se fazer vista grossa. Poderia tê-lo jogado aos cães faz muito tempo quisesse. Em vez disso, o que fez foi pô-lo sob seu amparo. Estudou a reação de Adriano um momento, quase tendo piedade de sua tortura. — Acredito que é acertado dizer que desde que não o incomodar muito, está a salvo.

—Equivoca-se. Ele não sabe. Não poderia suportar se soubesse — sussurrou.

Orlando supôs que era verdade. Adriano di Tadzio era tão frágil por dentro como formoso por fora.

Tinha ouvido histórias no palácio sobre três episódios diferentes de seu passado, nos quais Adriano foi resgatado de cometer suicídio por nada menos que o radiante e poderoso, glorioso Rafe, quem era, além disso, a causa de seu sofrimento.

—Eu não me preocuparia se fosse você — disse Orlando quase com amabilidade. —Todo mundo aqui tem algo que esconder. Vai me convidar a entrar ou não?

Tinham chegado aos aposentos de Adriano. Adriano meteu as mãos nos bolsos e ruborizou, olhando o chão. Orlando esperou com frieza, observando com interesse a batalha interna que travava o jovem.

—Não acredito que seja apropriado — disse finalmente, embora seus olhos fossem mais os de um homem faminto. —Não aqui. Orlando deu de ombros com um meio sorriso.

—Como quiser. Estou certo de que voltaremos a nos encontrar — começou a afastar-se.

—Você... não vai dizer a ninguém, não é?

—Vá dormir, di Tadzio. Preocupa-se muito. Por outro lado, estava Rafe de verdade com Chloe esta noite, ou só disse para atormentar Daniela? Perguntou

Orlando, passeando tranquilamente pelo corredor. Adriano soltou uma gargalhada.

—Está com ela.

—Não todo dia, não é? Ninguém o vê há horas.

Adriano retirou o cabelo de seu rosto.

—A última coisa que ouvi é que tinha desaparecido na cidade depois de ter uma entrevista com alguém de seu departamento. Orlando parou. Deu a volta.

—No Ministério de Economia?

—Sim.

—Sabe com quem?

—Um gordo corrupto. Não sei seu nome, mas parece que está metido em uma confusão. Acusa-o de mau comportamento, acredito.

—Foi detido?

—Rafe interrogou-o, mas o tipo não cooperou. Elan me disse que o puseram em uma das celas preventivas do palácio para passar a noite. Suponho que amanhã tentarão outra vez fazê-lo falar.

O coração de Orlando começou a pulsar com força.

—Rafe interrogou-o pessoalmente?

Adriano assentiu.

—Que estranho — observou Orlando com um cuidadoso tom casual. —Bom, boa noite, di Tadzio.

—Ciao — murmurou Adriano, enquanto entrava no quarto.

Orlando ficou ali em pé, sem reagir durante uns segundos, tratando de absorver tudo.

"Meu tempo acaba".

Era o momento de agir. Agora.

"Esta noite".

O coração deu um salto, o sangue começou a correr por suas veias. Se o príncipe estava atrás da pista, não havia tempo a perder. Começou a caminhar com rapidez para as escadas.

Tinha que averiguar de uma vez, o que Bulbati contou a Rafe. Estava certo que Bulbati temia-o muito para dizer algo, mas tinha que estar seguro. Gostava sempre de estar preparado para o pior.

Sem perder um minuto, Orlando foi aos porões do palácio onde encerraram Bulbati.

Passou a barreira incondicional que formavam os guardas reais explicando que, como superior direto de Bulbati no Ministério de Economia, tinha todo o direito a perguntar ao homem a respeito de suas atividades, portanto, que importava se o fazia a meia noite? Os guardas duvidaram. Mas ele empregou sua habitual mescla de encanto, manipulação e arrogância.

Possivelmente vissem um pouco de seu pai nele, pensou com amarga diversão, quando por fim concordaram em dar um passo atrás e deixá-lo passar.

O ar estava rarefeito embora mais frio no interior do palácio. As luzes das tochas piscavam nos grossos muros de pedra debaixo da escada.

Orlando desatou a fita de couro que levava no cabelo e deixou que este caísse solto pelos ombros enquanto descia à cela em que Bulbati foi encerrado.

—Há alguém aí? Chamou o conde. —Não podem deixar que morra de fome aqui! Exijo que me ofereçam algumas viandas!

A grande sombra de Orlando abriu passagem pelo corredor, lenta e silenciosa. Todas as celas estavam vazias, exceto uma.

—Príncipe Raffaele? Se... senhor, é você? Bulbati mal balbuciava, ao notar como a sombra se aproximava.

Orlando viu as mãos rechonchudas e pálidas do conde agarradas aos barrotes de ferro da entrada da cela.

—Ai, Deus! Sussurrou o conde ao ver a figura do homem.

Orlando sorriu com tranquilidade.

Bulbati começou a retroceder.

—Não lhes disse nada, senhor! Nenhuma palavra, senhor!

—Deu a eles meu nome? Perguntou amavelmente enquanto tirava a chave do bolso de seu peito e a balançava com os dedos em uma silenciosa ameaça.

Não era a chave da cela de Bulbati, certamente, mas Bulbati não sabia.

—Não! O homem estava a ponto de afogar-se de horror, apertado no canto mais longínquo da cela. —Não disse nada a eles!

—Não sei por que, mas não posso acreditar em você, Bulbati. Tirou a faca de sua bainha.

—Não o fiz, não o fiz, ah, por favor, por favor, senhor — suplicava Bulbati ao ver que Orlando levantava a chave para fechadura, olhando-o fixamente.

Com uma expressão desencaixada pelo pânico, a mandíbula de Bulbati trabalhava sem poder articular nenhum som. O suor caía pelo rosto, segurou o peito, ofegando como se não pudesse respirar.

—Deu a eles meu nome, velho inseto? Voltou a perguntar Orlando. —Diga-me agora antes que perca a paciência.

—Socorro! Gritou Bulbati. De repente caiu ao chão, com o rosto vermelho.

Orlando levantou uma sobrancelha e olhou-o com curiosidade, depois moveu a cabeça para si mesmo.

—Disse, Bulbati? Perguntou uma vez mais, incomodado com a farsa.

Mas Bulbati não respondeu. Limitou-se a balbuciar e ofegar, com o corpo retorcendo-se violentamente sobre o chão.

—Bulbati!

Com o cenho franzido Orlando se agachou e esquadrinhou através das barras.

O movimento tinha cessado. O corpo de Bulbati ficou rígido e duro. Um estranho som de sufoco saiu de sua garganta, e seus olhos ficaram em branco. Orlando esperou, mas Bulbati não voltou a mover-se. Orlando se aproximou dos barrotes e lhe deu um chute, mas não obteve resposta. Nem uma piscada.

De repente, o corpo de Bulbati se esparramou em todo seu volume pelo chão. Com um olhar de desgosto, Orlando ficou em pé. Enfim, o conde não contaria seus segredos a ninguém. Olhou fixamente para Bulbati e então começou a rir. Nunca tinha assustado tanto ninguém para provocar a morte.

De volta pelo corredor iluminado com tochas, reprimiu sua risada e assumiu uma expressão mais adequada para ocasião.

—Guardas! Rugiu, assinalando para o corredor onde estava a cela de Bulbati quando eles chegaram. —Que diabos está acontecendo aqui? Bulbati está morto!

—Senhor? Perguntou o primeiro deles, estranhando.

—Podem ir ver com seus próprios olhos! O homem está morto no chão da cela. Exijo uma explicação!

Viu-os apurados tentando salvar a situação, sem saber como encaixar o golpe. Possivelmente sua farsa pudesse continuar ainda um pouco mais. O êxito da operação tinha levantado o ânimo. Era hora de fechar a rede ao redor do sorridente, e soberano Raffaele, que era, sem nem sequer sabê-lo, o sol e o centro do cosmos do rei Lazar.

Era hora de dar um novo uso a seu jovem cozinheiro Cristoforo.

Orlando deixou os guardas em um completo caos, subindo as escadas de caracol com um olhar malicioso, os degraus de dois em dois.

Capítulo 14

Orlando localizou o jovem cozinheiro Cristoforo no mesmo bordel onde o encontrou na vez anterior. Uma vez mais, tirou o esquelético moço da cama da formosa Carmen e levou-o a sua carruagem, com as mãos atadas para evitar qualquer imprevisto. Desta vez se encaminhou como alma que leva o diabo para o elegante palácio do primeiro-ministro, situada no lado mais ocidental de Belfort.

A casa não estava longe, mas Orlando estava impaciente. Por fim, a carruagem negra se deteve frente à casa de Dom Arturo, a quem visitou muitas vezes para ganhar seu afeto. Depois de perder seu querido sobrinho Giorgio em um duelo anos atrás, o ancião se afeiçoou a Orlando como se fosse o filho que nunca teve.

"Nem sequer seu verdadeiro pai suspeitava quem era seu verdadeiro filho", pensou com uma amarga repulsa. De um salto desceu do assento do condutor e se dispôs a abrir a porta do compartimento de passageiros. Fechou a saída para Cristoforo, e inspecionou o ser humano que ia utilizar como isca com um olhar preocupado.

—Sabe o que tem que dizer, não é?

—Sim, excelência. Cristoforo engoliu saliva e depois acrescentou: —Não é muito tarde para nos apresentar, senhor? Passa já da meia noite.

Orlando sorriu com suavidade.

—Dom Arturo não queria que o fizessem esperar para conhecer uma notícia tão terrível e impactante como a que você vai lhe dar, moço.

O alto, e, desajeitado moço encolheu os ombros e olhou para outro lado, fora da janela, com ar abatido.

—Não faça nenhuma estupidez, Cristoforo. Voltarei para você. Com isto, Orlando revisou a corda com a qual atava seus pulsos uma vez mais, e depois fechou com chave a porta da carruagem.

Ao caminhar para a elegante entrada, meditou sobre o que ia fazer e adotou seu rosto mais apropriado para a ocasião, como faziam os camaleões. Ao tocar na porta do primeiro-ministro, sua expressão era de raiva e temor. Caminhou de um lado a outro do alpendre com nervosismo até que o velho mordomo saiu para abrir a porta com um gorro de dormir na cabeça e uma vela na mão.

—Pelo amor de Deus, excelência! Deve ser algo importante.

—Acorde o primeiro-ministro — ordenou Orlando.

—Senhor?

—Pelo bem de Ascensão, traga-o, homem! Isto é uma emergência!

Olhando-o com assombro ao ver que Orlando abria com um tapa a porta e entrava no vestíbulo, o mordomo empalideceu.

—Agora mesmo, senhor.

Quando o homem desapareceu em busca de dom Arturo, Orlando voltou a sair e ordenou a Cristoforo que saísse da carruagem. Agarrando-o com força pelo braço, introduziu-o no palácio e lançou-o à sala de recepções de Dom Arturo.

—Espere aqui até que venha buscá-lo. Não me falte — murmurou ameaçador. Depois, deixou-o ali encerrado.

Voltou para o vestíbulo com o tempo justo para olhar-se no espelho e recuperar sua cara de arejada descompostura antes que o venerável Dom Arturo entrasse arrastando os pés no saguão de roupão.

—Orlando, o que está fazendo aqui há esta hora? O que aconteceu?

—Dom Arturo! Deu um passo para ele. —Devemos falar em privado, senhor, agora mesmo.

O ancião franziu o cenho, com sua única sobrancelha movendo-se acima e abaixo como se lhe tivesse nascido um bigode na testa.

—De acordo, tranquilize-se moço. Entre em meu escritório.

—Tenho notícias relativas à enfermidade do Rei. Senhor, tenho notícias muito horríveis — disse com tom de angústia, depois que a porta se fechou atrás deles.

—Do que se trata? Perguntou o primeiro-ministro, em pé, atrás da mesa do escritório. Sobre o suporte da lareira havia um porta-retrato com a imagem do sobrinho que morreu no duelo.

Orlando esfregou a fronte, movendo a cabeça.

—Senhor, nem sequer sei como dizê-lo. Baixou a mão e se encontrou com o olhar ansioso de Dom Arturo. —Tenho provas de que o Rei não tem câncer de estômago.

Sua enfermidade pode... pode ter sido provocada por envenenamento.

—Como? Com os olhos arregalados, Dom Arturo se afundou lentamente na cadeira.

—Encontrei um jovem cozinheiro do palácio que assegura que alguém de nossa confiança o obrigou a envenenar a comida de Sua Majestade. Diz que há oito meses vem lhe administrando veneno!

—Quem o mandou?

—Ele mesmo pode dizer isso senhor, porque está aqui.

—Em minha casa? Exclamou.

—Sim, eu mesmo o trouxe até aqui. Assim poderá julgar você mesmo se acredita nele ou não, porque eu não sei o que pensar. Ele nos espera na sala de recepções.

—Orlando, espere! Preciso de um momento para assimilar isto. Meu Deus, meu pobre e querido Rei. Envenenado? Dom Arturo o olhou sem confiança. —Como achou essa criatura tão ruim e como diabos convenceu-o para que confessasse?

—Cristoforo veio até mim por sua própria vontade e me contou isso tudo, confessando sua participação no crime porque queria meu amparo. Agora que Sua Majestade deixou Ascensão, o moço já não é necessário. A pessoa que contratou Cristoforo está tentando matá-lo para que não revele o segredo.

Dom Arturo se inclinou, com a voz reduzida a um sussurro.

—De quem se trata, Orlando?

Orlando olhou-o angustiado.

—Quem pode ganhar mais com a morte do Rei, senhor? Dói-me dizê-lo, senhor. Acredito que sabe de quem estou falando.

—Raffaele — respondeu, como se apenas se atrevesse a respirar seu nome.

Orlando fechou os olhos e assentiu.

Dom Arturo cobriu a boca com a mão e voltou a sentar-se, sem poder articular palavra.

Orlando olhou-o, alegrando-se em seu interior pela credulidade do homem.

—Voltarei com o cozinheiro.

Dom Arturo seguia sem reagir, com a vista perdida e uma expressão de abatimento no rosto.

Orlando deixou o escritório sem dizer uma palavra e caminhou pelo corredor em direção a Cristoforo, satisfeito como estavam saindo as coisas.

Abriu com a chave a porta do salão e apareceu.

—Chegou o momento — grunhiu. Entretanto, ao esquadrihar o aposento não viu o Cristoforo nele: a janela estava aberta.

Com uma maldição, cruzou correndo o aposento até chegar à janela. Ao longe viu Cristoforo que escapava a toda velocidade... depois o moço desapareceu de sua vista ao virar em uma esquina de edifícios. A putinha do bordel ia com ele! Corriam a toda pressa, agarrados pela mão. Carmen devia tê-los seguido do bordel e ajudado Cristoforo a escapar.

Grunhindo, Orlando deslizou pelo batente da janela caiu sem esforço à grama que havia debaixo. Tirando a faca do bolso, dispôs-se a persegui-los com grandes passadas.

O moço esquivara-se dos guardas noturnos em vez de procurar seu amparo. Devia dar-se conta de que se pedia ajuda, eles se limitariam a entregá-lo a Orlando.

Os jovens amantes se afastaram assim do caminho principal e entraram pelos escuros e estreitos becos dos lados. Orlando seguiu-os.

O único som perceptível era o de seus passos retumbando sobre os altos e fechados muros e o rugido do pulsar nos ouvidos, um rápido e quente desejo de sangue.

Necessitava do moço mais ou menos vivo, mas sabia com detalhe o que queria fazer com a garota.

Mais adiante, eles se separaram aproveitando a bifurcação do beco: Cris correu para a direita e Carmen para a esquerda. Sedento de sangue, Orlando tomou o caminho da direita, atrás de Cris.

Já quase sem respiração pela corrida, Orlando riu satisfeito ao se dar conta que sua presa escolheu um beco sem saída. O moço olhava de frente ao muro de tijolos que bloqueava o passo e depois deu a volta colocando-se em frente a Orlando.

Orlando se inclinou levemente, com as mãos apoiadas nas coxas para descansar, e depois se ergueu. O peito palpitava pelo esforço. Caminhou lentamente para o cozinheiro. Cristoforo se afastou. Lançou uma olhada aterrorizada à pilha de lixo que havia nos lados do beco, sem dúvida procurando algo que pudesse lhe servir como arma.

—É hora de voltar, Cris — ofegou Orlando.

—Não! Não o farei! — encolheu-se. —Não quero fazer isto!

—Mas deve fazê-lo. Contará tudo a Dom Arturo, tal e como combinamos.

—Tenho que dizer que você é o único que quer que o Rei morra, maldito bastardo? Gritou, e começou a chorar.

—Pobre menino — disse Orlando, rindo baixo.

—Nunca quis fazer mal a ninguém. Você me forçou!

—Fizemos um trato, Cris. Uma simples transação. Vendeu-me sua alma, recorda?

—Lembro, acabou-se. Não o farei. Já é suficientemente mau o que me fez fazer ao Rei. Não enviarei a seu filho à força!

—Raffaele é um estúpido. Merece morrer.

—Bom, ao menos não é um malvado nem um louco! Não como você! Gritou Cristoforo. — por que faz isto? —Chorando estrepitosamente, retirou-se para um montão de lixo.

Orlando lhe dedicou um olhar sinistro. Cada vez estava mais zangado porque se dava conta de que, com a tentativa de fuga do moço e suas histerias, não podia na realidade confiar mais nele. Tinha forçado o moço para um ponto sem volta, além de sua própria capacidade para dirigi-lo. Se o levasse de volta nesse estado para que contasse sua história a dom Arturo, poderia muito bem encorajar-se e soltar toda a verdade.

"Sabe muito".

Orlando se sentiu de repente furioso por um esforço tão mal aproveitado. Tudo tinha sido para nada. Deu outro passo lento para o moço, apertando com mais força a faca. Cris olhou a arma, hipnotizado. Seus gritos cessaram de repente.

— Decepciona-me, Cris. Decepciona-me muito.

— Não, por favor. Estou desarmado — sussurrou.

Orlando se aproximou mais ainda. De repente, algo golpeou em um lado do rosto, deixando-o atordoado durante um momento. O pedaço de tijolo quebrado caiu ao chão e rodou. Ele se sacudiu do duro golpe. Sabia sem olhar que foi a moça quem o golpeou, e então Cris saiu correndo.

Orlando ignorou a dor e foi atrás dele, com o sangue caindo pelo olho esquerdo da cabeça. Esticou o braço e pegou a parte de trás da jaqueta de Cris. Depois esticou o pé e lhe deu uma rasteira. Cris caiu com um gemido.

Orlando se inclinou sobre ele e cortou seu pescoço, depois se afastou do convulso corpo para ir atrás da moça.

Como esteve preocupado como Cris, ela contava com vantagem e por sua conta, Carmen se moveu com maior rapidez, secretamente. Orlando a perseguiu por uma série de becos cegos até que se deu conta de que deixou de ouvir seus passos à frente dele.

A putinha de ruas estava com toda segurança acostumada a cuidar de si mesma, pensou. Mas não poderia escapar dele. Não tinha salvação.

Um movimento o fez olhar para cima. Ali estava, escalando por um velho peristilo, de onde saltou a um balcão e dali ao telhado. Orlando começou a subir também pela coluna, mas a madeira cedeu pelo peso e o duque caiu ao chão com uma maldição na boca ao ver que Carmen se afastava cada vez mais.

Ficou em pé com um grande machucado no punho e olhou para o lado do edifício no qual ela desapareceu.

Justo antes de perdê-la, Orlando jogou a faca nela com um poderoso movimento de pulso.

Falhou. A faca alcançou a parede de argila da casa e se cravou ali, vibrando pelo impacto.

—Pequena rameira! Grunhiu. —Não pode escapar de mim! Encontrá-la-ei! Beberei seu sangue! Seu grito profundo ressoou por todo o beco como se fosse o próprio diabo quem estivesse amaldiçoando.

Lançando faíscas, com os olhos vermelhos de raiva, levantou a vista para a faca enfiada no alto da casa. Não tinha intenção de ir recuperá-la.

Era uma arma assassina, depois de tudo.

Passou a mão pelo cabelo; o corpo tremia pelo esforço e raiva. Deu meia volta e começou a caminhar lentamente por onde tinha vindo. Odiava essa pequena rameira, assegurar-se-ia de que não tivesse uma morte fácil quando a encontrasse.

Para tranquilizar-se, tratou de convencer-se de que Carmen teria tanto medo que não se atreveria a ir às autoridades. O que podia valer a palavra de uma puta frente à de um Duque de sangue real? Mas em todo caso, decidiu informar ao guarda real e à polícia local de sua existência e das mentiras que podiam esperar de uma mulher de sua índole se tratasse de contatá-los. De sua parte, sabia que tinha que voltar para a casa do primeiro-ministro e dizer algo. Deixou o homem ali, acordado e com roupão, enquanto ele desaparecia atrás de Cristoforo.

Procurou em sua mente algo para dizer enquanto caminhava pela parte ocidental da cidade, que estava já a ponto de despertar. Tinha que proceder com cautela, porque acima de tudo, precisava ter dom Arturo de seu lado para ganhar poder. Como podia explicar que sua testemunha desvaneceu?

"Ele acreditará em você porque está dando o que mais quer neste mundo — refletiu: a cabeça do Príncipe Azul em uma bandeja de prata". Sim, o primeiro-ministro estaria disposto a acreditar nele.

Dani estava tendo o mais maravilhoso e escandaloso dos sonhos. Era como se a porta abrisse e entrasse um pequeno raio de luz. Outro pequeno som, e, a porta se fechou, assim ela voltou a mergulhar no sonho, só para sentir que as mantas se moviam sob um novo e agradável peso, como se alguém grande e forte se colocasse na cama com ela. Então o sonho mudou. Sua respiração se fez mais forte. Sentiu mãos grandes, cálidas e suaves deslizando por debaixo de sua camisola e percorrendo lentamente seu corpo. Ela jazia de barriga para baixo, com um braço debaixo do travesseiro. Raffaele.

Seu corpo se abrandou, o prazer a inundou como em uma onda cálida. Sentiu beijos ao longo de sua espinha dorsal, um rosto bem barbeado roçando a curva de suas costas. E então uma boca fina e deliciosa percorreu a parte de trás de suas pernas que pareciam partidas de desejo com a doçura do jogo.

Dani só despertou por completo quando ele pegou delicadamente as nádegas com suas cegas mãos e passou sua língua por elas, acariciando-as com seus beijos.

Seu corpo começou a tremer. Conteve o fôlego e se arqueou de quatro. Sem deter-se, ele colocou a mão na parte dianteira da coxa. Com a ponta dos dedos acariciou a joia ultrasensível de sua vagina, enquanto explorava com a língua o interior de seu sexo.

Ela se aproximou dele e acariciou seu cabelo dourado. Podia sentir nas costas a nudez de seu torso e seus braços. As suas carícias, ele levantou os olhos e lhe dedicou o mais ardente dos olhares, com a boca ainda junto a sua pálida pele. Depois, suas longas pestanas desceram de novo, inclinando a cabeça para seguir lhe dando prazer.

Muito em breve ela superou seu recato, incapaz quase de formular um pensamento coerente. Só se deu conta de que com essas carícias ele conseguiria tudo o que quisesse. A razão já não tinha capacidade. As sensações ocupavam tudo.

Ele continuou seduzindo-a.

Quando seu gemido de desejo se fez audível, ele começou a beijar suas costas de novo, sustentando-a firmemente pelos quadris. Tirou a camisola pela cabeça e depois cobriu seu corpo com o seu, pressionando-a contra os lençóis sob seu peso. O peito dele era duro e quente contra suas costas nuas.

Seu corpo musculoso era tão grande que parecia rodeá-la por completo, dominá-la. Era um mestre beijando o lóbulo da orelha. Podia ouvir sua respiração pesada, sentir o toque do tecido das calças contra a nudez de sua pele e a maciça evidência de seu desejo no impulso contundente de seu membro.

Ela arqueou o pescoço para trás quando seus dedos acariciaram suavemente a garganta, movendo-se para baixo para chegar a seus mamilos. Gemia de desejo, seu corpo ondulava debaixo do dele. Então ele deu uma ordem contundente:

— Peça.

Ela gemeu seu nome, sabendo que se a deixasse uma vez nesta tortura inacabada, morreria. Seu anel real brilhava a luz da lua quando passou a mão pela pele.

Deu-lhe um beijo em um ombro.

— Peça-me isso.

Por fim fechou os olhos e se rendeu a ele.

— Raffaele, Raffaele — gemeu — possua-me.

— Vire-se — ele ordenou com um sussurro tosco. Puxando-a para cima, deixou que se virasse enquanto ele terminava de despir-se, sem afastar nunca os olhos do corpo dela.

Nus já os dois, ele pegou seus seios com as mãos e se inclinou para beijá-los. Ela se aninhou sobre seu peito, com os olhos fechados.

— Quero-o, Raffaele — disse em voz muito baixa. — Não quero perdê-lo.

Lentamente, levantou-se sobre ela e a olhou lenta e solenemente nos olhos, procurando o interior de sua alma.

— Nunca me perderá.

— Raffaele. Acariciou o peito com as duas mãos e depois rodeou seu pescoço com os braços.

— Faça isto para que nunca possam nos separar.

Rafe fechou os olhos, inclinou a cabeça e abriu os lábios com os seus. Sem deixar de beijá-la, abriu suavemente as pernas e se colocou entre elas.

Murmurava palavras de carinho conforme o momento se aproximava. Dani estava cada vez mais nervosa ante a pura magnitude de seu corpo. Observava-lhe o rosto, procurando qualquer mudança em sua expressão enquanto se abandonava em seus braços, confiando nele como nunca antes tinha confiado em ninguém. Entregou tudo a ele.

Deixou-o avivar o fogo aceso em seu interior até que sentiu que queimaria, e quando o momento chegou, abriu-se por completo, entregando-se, rendendo-se a ele para que entrasse nela. Rafe sussurrava palavras inaudíveis, como se quisesse domar um cavalo selvagem.

Disse, suavemente, o momento no qual doeria, e ela gritou ao sentir seu impulso, profundo, direto ao centro de sua alma. Mas no meio da dor achou o êxtase, porque sabia que a partir de agora ele seria dela, para sempre. E então a dor começou a desaparecer.

—Meu amor — ele sussurrou, beijando com ardor as sobrancelhas. —Meu amor. Necessitava-a tanto, senti tanto sua falta. O quente, e viril aroma de sua pele se mesclava com o de seu perfume caro e com o aroma de sexo que invadia o ar. Ele acariciou os braços e os ombros. E depois acariciou os seios, até que seus mamilos ficaram rígidos sob a palma de sua mão.

Timidamente, sem saber se devia atrever-se, ela procurou sua boca na escuridão, agora que a dor começava a desaparecer. Abriu a boca e os dois se consumiram com lentos e luxuosos beijos. Ele a alimentou com os seus, afundando a língua em sua boca. Depois a acariciou com a sua, chupando-a ansiosamente. Rafe percorreu com as mãos as curvas de seu corpo até chegar aos quadris.

—Tão doce tão firme — sussurrou. Acariciando-a, abrangeu com a palma da mão o final de suas costas, massageando sua carne. Depois desceu as mãos e afastou suas pernas ainda mais.

—O que vai fazer agora? Sussurrou, alarmada, um pouco incomodada pela invasão de seu corpo.

—Agora vou terminar o que comecei, querida — murmurou, ofegando. Raffaele tremia tentando conter a paixão. Beijava seu ombro enquanto a abraçava, sem saber muito bem o que aconteceria agora.

Voltou de novo com suavidade para entrar em sua vagina, e investiu uma e outra vez. Grunhiu de prazer ao penetrá-la. Seus movimentos eram cada vez mais rápidos, como se fosse incapaz parar. Era como se o surpreendesse uma tormenta de verão. Ele estava duro e sua imagem era muito erótica: a imensidão de seu corpo coberta de suor.

Estava certa de que a partiria em duas, pensou, mas fechou os olhos com uma careta, segura por seus maciços e esculpidos braços, mordendo o lábio, e suportando sua investida de soldado, perdida em sua expressão raivosa de amor.

Então ocorreu algo estranho. Não estava segura exatamente de quando a dor começou a converter-se em prazer, mas de repente um estalo de felicidade a atravessou como uma estrela radiante no lugar onde ele a beijou uma vez com o mentolado.

Assustada, abriu os olhos e olhou-o fixamente. Tinha os olhos fechados e agora adquiriu um ritmo mais lento e lânguido, saboreando cada momento enquanto a tomava com investidas lentas e longas. Uma gota de suor se precipitou como um diamante por um lado de seu rosto, onde se gravava o êxtase.

—Ah, Deus, sim! Gemeu, deixando a cabeça cair. Seu cabelo dourado se precipitou como uma cortina de seda, rodeando-a.

Ela começou a gemer também, e depois seu corpo rígido começou a relaxar debaixo do dele. A sensação de tê-lo em seu interior deixou de ser incômoda. Fascinada e desconfiada, mais relaxada fechou os olhos, e deixou que a paixão corresse por suas veias como vinho. Com um calafrio abraçou-o, ofegando com um prazer que nunca teria sonhado. Não tinha consciência de nada exceto das sensações que percorriam seu corpo, e então se estrelaram sobre o corpo dela e ela deixou escapar um grito contra a pele dele, segurando-se como se sua vida dependesse disso.

Rafe sussurrava como um selvagem, em um estado de êxtase. Dani estava rígida, convulsa, sentia-se como se tivesse nascido para este momento, perdendo a última fresta de controle que ficava sobre seu corpo. Tomou com empurrões ansiosos e vibrantes, e depois se entregou à onda escura da liberação que emergia de suas entranhas. Um rugido bárbaro saiu de seus lábios: todo seu corpo ficou rígido, agarrando-se a ela em um abraço selvagem. Imobilizando-a, arremeteu uma vez mais contra ela, seu pênis tremendo ao expulsar sua masculinidade e enchendo o ventre dela.

Por cima desses largos ombros, Dani ficou olhando o dossel da parte de cima da cama, com os olhos bem abertos. Ele deixou-se cair pesadamente sobre ela, emitindo um suspiro esmigalhado. Rodeou-a com um quente e reconfortante abraço.

Depois de um momento, Raffaele tirou o ainda algo rígido pênis do corpo de Dani. Ela fez uma careta de dor, descobrindo, entretanto, que a dor que esperou não tinha comparação com o que sentiu pela ferida de bala.

Raffaele a olhou, com o cabelo despenteado e os olhos meio velados. Continuava respirando com dificuldade, mas o homem parecia bastante satisfeito. Dani sorriu suavemente, cheia de doçura ao saber que, agora, pertenciam um ao outro. Com uma leve bruma de lágrimas nos olhos, esticou o braço e cobriu seu adorado rosto.

Mesmo se terminasse morrendo no parto, teria valido a pena.

Beijou a palma de sua mão.

— Há algo que devo confessar, Dani — murmurou.

Ela não disse nada. Já sabia de sua visita a Chloe Sinclair e não estava segura de querer falar disso agora.

— A verdade é que não me casei com você porque era o Cavaleiro Mascarado. Olhou-a fixamente. — Não necessitava realmente utilizar sua influência com as pessoas. Isso foi só uma desculpa que dei para poder propor matrimônio. Havia muito mais que isso, mas não sabia como... Não me atrevia a dizer isso.

— O que, Raffaele? Perguntou, sobressaltada.

— Soube desde o momento em que a vi que era a pessoa que estive esperando toda minha vida — sussurrou. — Teria procurado qualquer desculpa para fazê-la minha, Daniela Dei Fiore.

Beijou-a e ela comovida por suas palavras fechou os olhos. Ele terminou o beijo e os dois ficaram em silêncio. Quando acariciou seu rosto na escuridão, olhou-o de novo, com medo de perguntar, mas desejosa de saber.

— Foi ver a senhorita Sinclair esta noite?

— Estive lá — admitiu em voz baixa, com um tom de culpa nos olhos — mas não ocorreu nada. Juro por minha honra, Dani. Terminei com ela e a deixei. Depois, vim diretamente a casa, para você. Você é minha esposa.

— Deixou-a? Perguntou em voz muito baixa, desejando acreditar nele.

— Sim, meu amor. Um homem necessita algo mais que os prazeres da carne. Brincou com os dedos pela linha de seu queixo e desceu até a garganta, sussurrando. — Só você satisfaz minha alma. Perdoar-me-á?

— Sim, Raffaele, mas... — deteve-se um momento, atormentada pela dúvida. — Sei que não posso prender um homem como você, mas se alguma vez me enganar, perderá minha confiança.

— Sei — disse sobriamente. Pôs a mão em seu pescoço e se aproximou para beijar sua testa. — Por favor, não tema. Não há nada mais valioso para mim que esta confiança que depositou em mim. Perderia antes meu reinado, minha vida. Aprendi a lição esta noite, Dani. Você é a única.

Deitada de costas, virou o rosto para ele na escuridão.

— Acredito em você, Raffaele. Olhou-o... — Entrego-te meu coração.

— E eu cuidarei dele com tanto amor como se fosse um pequeno pardal em minha mão, como um tesouro. Inclinou-se e a beijou, depois bocejou de repente e se estirou como um leão preguiçoso, todo orgulhoso, régio e aveludado.

Atraiu-a entre seus braços com um grunhido brincalhão. Embalando-a, acariciou o cabelo e se deixou perder em seus luminosos olhos, sussurrando:

— Dorme princesa.

Com um suspiro, ela apoiou a face na calidez sedosa de seu peito e, por uma vez em sua vida, obedeceu.

Capítulo 15

—Deixe que te diga Majestade, que poderia me acostumar a isto. Dani suspirou, desfrutando de um luxo ao qual não estava habituada. Depois se afundou nas borbulhas que enchiam a banheira de mármore, suficientemente grande para caber duas pessoas.

Sentado frente a ela, Raffaele desfrutava igualmente com a cabeça para trás, os olhos fechados e os braços apoiados na borda da banheira. Ao ouvir suas palavras, abriu os olhos dedicando um sorriso preguiçoso e terno.

—A realeza tem seus privilégios.

O príncipe esticou o braço para pegar um pedaço de pão da bandeja de prata sobre a qual se achava o café da manhã. Dani observou o desenho escultural que formavam, com este simples movimento, os músculos de seu braço e de seu peito. As gotas de água salpicavam sua bronzeada pele, em um bonito reflexo da luz da manhã penetrando pela janela do quarto de banho privado do príncipe.

Um banho assim era sem dúvida um excesso diante das atuais circunstâncias de seca no país, mas Dani pensou que a experiência da noite anterior bem o merecia.

Raffaele molhava o pão em uma xícara de café escuro quando se deu conta de seu olhar apaixonado, o que o fez sorriar. Inclinando-se para ela na água, deu-lhe um beijo na face, com uma doçura quase infantil. Depois seguiu comendo. Ela levantou seus tornozelos cruzados e os pôs em cima de suas coxas.

—Estive pensando a respeito desse assunto de seu pai... isso de que possivelmente vá deserdá-lo por se casar comigo, e acredito que tenho a solução — anunciou.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Agora é quando fala minha heroína. Sem dúvida, uma opinião que terá que ter em conta. Qualquer ajuda é bem-vinda.

—Acredito que se trabalharmos juntos da maneira em que sugeriu aquele louco dia no cárcere... aquilo que disse a respeito de nos fazer com o carinho da gente de Ascensão... acredito que se percorrêssemos o país, nos encontrando com eles cara a cara... tudo seria diferente.

—A que se refere?

—Eles querem amá-lo Raffaele, o que ocorre é que só o conhecem por sua reputação de mulherengo. Precisam saber a classe de homem que na realidade é. Você poderia ver os lugares nos quais vivem as pessoas comuns. Eu o levarei lá. Dessa forma poderá conhecê-los, falar com eles. Averiguar quais são seus temores e seus sonhos, tanto os deles como os de seus filhos. Entre os dois, poderíamos achar algumas fórmulas para ajudá-los em sua vida diária, e se o fizermos, sei que se apaixonarão por você, como eu fiz. Como que Ascensão é a primeira prioridade de seu pai, veria que podemos conseguir o melhor para a ilha, e desta forma, acabaria nos dando a bênção por nossa união.

Boquiaberto ele a olhava.

—O que pensa?

Saindo de seu ensimesmamento, sacudiu a cabeça.

—É minha estrela do norte, brilhante e maravilhosa mulher. Inclinou-se para ela e a beijou estrepitosamente. —Façamo-lo.

Dani sorriu sob sua boca. Ele alongou o beijo, esfregando seu nariz com o dela.

—Daniela?

Roubou-lhe um beijo rápido e murmurou.

—Sim, amor?

Respondeu a sua carinhosa disposição com um sorriso e acariciou a linha do queixo com os dedos.

—Pressuponho que se reconciliou com a ideia do parto.

Ela baixou as pestanas e assentiu com acanhamento.

Ele a obrigou a olhá-lo com um suave toque no queixo.

—Sabe que não deixarei que te ocorra nada. Além disso, poderiam passar semanas, inclusive meses, antes que fique grávida. Mas, prometo que quando chegar o momento terá os melhores doutores, parteiras, peritos...

—Estará você comigo? Sussurrou suplicante. Seus olhos se abriram. Considerou um segundo, olhando-a.

—Se for o que quer, sim, estarei.

—Se você estiver ali, sei que o orgulho me impedirá de chorar. Pegou-lhe a mão sob a água e a levantou, beijando-a.

—Então estarei com você, Daniela. Sempre. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e o abraçou com força depois de uma série de abraços, beijos e bajulações, começaram a banhar um ao outro como em um jogo, cheios de amor, quando de repente suas carícias foram interrompidas por um inoportuno golpe na porta.

—Rafe!

Olhou à porta com o cenho franzido.

—Elan? Que demônios quer? Estou ocupado! A privacidade é o único luxo que a vida da realeza não pode permitir — comentou em voz baixa a sua esposa.

—Sinto muito, Rafe, mas pensei que devia te informar do ocorrido... tenho algumas notícias inquietantes para dar.

—O que acontece? Disse impaciente.

—Ah, sua Alteza poderia querê-las ouvir em privado.

—Minha esposa é absolutamente de confiança, senhor. Desembucha, ordenou. Elan, olhando para Dani com uma careta de desgosto.

—Como desejar — disse Elan do outro lado da porta. —O conde Bulbati foi encontrado morto ontem à noite em sua cela.

Dani abafou um grito ao ouvir a notícia sobre seu desagradável vizinho. Com uma pergunta nos lábios, passou os olhos da porta a Raffaele. De repente, viu que seu sorriso havia desaparecido. Seu rosto se tornara duro e sombrio.

—Vou agora mesmo — disse em um tom calmo. Para tratar de tranquilizá-la, deu-lhe um toque na face com os dedos, mas seu olhar estava longe dali, seus olhos verde dourado denotavam uma ira difícil de esconder.

Saiu da banheira e pegou uma toalha. Seu corpo reluzia magnífico com a água e a luz da manhã.

—O que acontece, Raffaele?

—É uma longa história.

Compreendendo a gravidade da situação, não fez nenhum movimento para sair da banheira, limitando-se a observar seu marido enquanto se secava com a toalha.

Viu-o vestir depois uma túnica escura de seda, que atou à cintura. O volumoso tecido flutuava a seu redor quando se aproximou com duas passadas dela e se inclinou, pegando-lhe o rosto com as mãos. Deu-lhe um último e prolongado beijo. A paixão entre eles reacendeu-se. Dani tremeu sob seus lábios. Abriu a boca e permitiu que sua língua acariciasse luxuriosamente a dela.

Pôs fim ao beijo e a olhou com ternura.

—A verei o mais cedo possível. Sorriu languidamente. Raffaele a beijou uma vez mais na testa e se ergueu, voltando-se em direção à porta. O revoo de seda dava uma imagem de guerreiro grego, com a cabeleira dourada caindo por seus imensos ombros.

Uma hora mais tarde, vestida com um de seus novos e bonitos vestidos de musselina, penteada e com o corpo muito mais restabelecido depois do banho, Dani estudava o manual de

protocolo quando uma de suas criadas se apresentou na porta do salão com uma brilhante bandeja de prata.

Dani levantou a vista de seu aborrecido livro.

—Sim?

—Chegou uma carta para você, Alteza.

—Obrigado, traga-me ela.

A criada obedeceu. Dani pegou o papel dobrado da poda bandeja e lhe fez um gesto para que se retirasse. Então desdobrou o fino papel branco e esquadrinhou a autoritária e fluída missiva com interesse.

*A Sua Alteza Real a princesa Daniela Dei Fiore, anteriormente senhorita Chiaramonte.
De Bernadetta Rienzi, mãe superiora das irmãs de Santa Luzia.*

Leu o início, um pouco confundida. "A irmã Bernadetta?" Recordava a uma mulher terrível vestida de negro que a expulsou do segundo colégio ao qual foi. Não viu essa mulher desde os oito anos.

Por que diabos escreveria agora a irmã Bernadetta? Sem dúvida para obrigá-la a algo, pensou com sarcasmo. Depois seguiu lendo.

Querida princesa Daniela,

Como minha antiga aluna, sempre foi você uma brilhante moça. É uma pena que não pudesse terminar seus estudos conosco.

—Ahá — soprou — uma pena para quem?

Entendo que como Cavaleiro Mascarado terá frequentemente ajudado a aqueles que estavam em apuros. Desculpe que tome a confiança de me dirigir a você depois de todos estes anos, mas se ainda conserva o hábito de ajudar aqueles que estão em perigo, saiba que agora há alguém que a necessita desesperadamente, assim como qualquer amparo que sua influência pudesse lhe dar.

Fascinada Dani entrecerrou os olhos.

A jovem desafortunada em questão é uma moça perdida que vem de maneira ocasional solicitar nossa caridade. Seu nome é Carmen. A outra noite apareceu na porta de nosso convento aterrorizada, assegurando que foi testemunha de um assassinato terrível e que agora sua própria vida corria perigo. A vítima, segundo a garota, era o cozinheiro chefe das cozinhas do palácio real. Nós lhe proporcionamos proteção esta noite no convento, mas bendito seja Deus, não sei como protegê-la se sua história é verdadeira.

Dado seu presente e pouco recomendável modo de vida e dado também a identidade do assassino que ela viu com seus próprios olhos, não se atreve a ir à polícia.

Por causa de seus antecedentes como Cavaleiro Mascarado você é a única pessoa com a qual ela está disposta a falar. Se aceitar escutar a moça, por favor, venha tão rápido como for possível ao convento de Santa Luzia. Que o Espírito Santo a abençoe.

Sua irmã em Cristo,

Mãe superiora Bernadetta

Sem pensar duas vezes, Dani pegou luvas e chapéu e saiu de seus aposentos para procurar Raffaele e dizer aonde ia. No momento em que deixou o aposento, seus seis fornidos guardiães se apressaram a segui-la. O mordomo do palácio informou que seu marido estava na câmara do Conselho reunido com seu jovem gabinete.

Entrou no momento em que se discutia acaloradamente sobre a morte do gorducho conde. Raffaele estava sentado à cabeceira da mesa. Elan, o sarcástico, Niccolo e o altivo Adriano também estavam ali, com outros mais.

Adriano a atravessou com o olhar detrás de sua franja arrumada. Ignorou-o e mostrou a carta a Raffaele. Quando se aproximou dele para murmurar algo ao ouvido, e oferecer a carta, ele pegou sua mão, e a levou aos lábios com galanteria enquanto estudava o conteúdo da missiva.

Observou-o, tensa, ao ver que ele esfregava a fronte, com o cenho franzido.

—Vou com você — murmurou, e depois olhou a seus homens. —Nic, Elan, Adriano, venham comigo. O resto pode ir embora. Voltaremos a nos reunir esta tarde.

—Raffaele, é evidente que esta garota está aterrorizada. Não vai dizer nada diante de vocês — protestou Dani em voz baixa.

Ele se levantou da cadeira, pondo a mão ao final das costas e a conduziu até a porta.

—Sei. Mas tenho o pressentimento de que sei o nome da pessoa que ela vai indicar como culpado.

—Sabe? Perguntou, levantando, os olhos para ele, perplexa. —De quem suspeita?

Ele sacudiu a cabeça.

—Esperemos para ver o que diz.

Para seu desconsolo, pediu as armas que havia no vestíbulo. Olhou-o como se tivesse uma premonição enquanto ele embainhava a espada e as pistolas.

Surpreendeu-se ao ver a mestria com que as dirigia. Depois, seguiu-o até o exterior. Raffaele esquadrinhou os arredores do jardim e depois lhe deu a mão para ajudá-la para subir à carruagem.

Seus três amigos seguiram-nos em um segundo veículo. Os guardas de Dani pegaram seus cavalos e cavalgaram em formação ao redor da calesa oficial.

Falaram pouco durante o caminho. Dani estava confusa. Queria perguntar a respeito da morte do conde Bulbati, mas uma ira contida havia começado a contrair seu grande e esbelto corpo. A aura de meditação e perigo que o rodeava não animava à conversa. Essa sensação de que algo mal aconteceria crescia em seu interior.

Com a cabeça para um lado e uma expressão de desassossego no rosto, Raffaele olhava pela janela.

Ao chegar ao convento, a mãe Bernadetta saudou Dani, mas não perderam muito tempo em formalidades. A monja, alta, enérgica e firme, caminhava com as mãos metidas nas dobras de seu hábito negro. Tinha ombros largos, para uma mulher, e se movia como uma chefe guerreira anciã. Dani compreendeu o porquê de suas desavenças com ela quando estudava.

A mãe Bernadetta conduziu Dani junto à garota, enquanto Raffaele e os outros esperavam gravemente na recepção, perto da entrada.

Carmen era uma bonita moça de cabelo negro. Tinha a pele da cor da azeitona e olhos escuros e receosos. Era muito jovem para se prostituir possivelmente tivesse dezesseis ou dezessete anos, mas sua expressão era de uma pessoa de mais idade. Dani ficou próxima à moça, a consolou com algumas palavras, depois pediu que contasse sua história ante o príncipe. Carmen assentiu com um movimento de cabeça dúbio.

Dani apertou a mão da jovem para infundir coragem e depois se levantou e se aproximou da porta em silêncio, fazendo entrar Raffaele.

Com tudo o que parecia ter visto a moça, Dani se surpreendeu da reação da moça ao ver aparecer seu dourado e alto príncipe, que parecia saído de um conto de fadas. Ele não pareceu perceber, nem tentou utilizar esta influência que exercia sobre as mulheres, absorto como estava em seus próprios pensamentos.

Sentou-se junto a Dani, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos entrelaçadas, e dedicou a jovem um olhar intenso e sério.

Dava a impressão de poder ocupar-se de tudo. Dani se sentiu orgulhosa dele. Quase imediatamente, Carmen começou a contar como o jovem cozinheiro Cristoforo aceitou subornos

para poder permitir-se visitá-la. O homem a quem ela descreveu como contato mais ou menos frequente de Cristoforo tinha cabelo longo negro, olhos verdes frios e usava boas roupas, sempre negras. Ela não se preocupou de perguntar por que o estrangeiro pagava Cristoforo. Só sabia que seu amante estava aterrorizado por esse homem.

Dani sentiu a tensão em Rafe quando Carmen explicou que o homem vestido de negro os visitou a noite anterior e levou Cristoforo em uma carruagem.

—Antes que Cristoforo deixasse meu quarto, rogou-me que o seguisse, porque tinha medo de que algo horrível pudesse acontecer. Disse-me que me pagaria, assim o fiz — disse, com uma expressão de tristeza em seus olhos negros. —Corri todo o caminho, porque a carruagem ia muito depressa. Fixava-me nos lugares onde virava a carruagem e eu tomava algum atalho. Conheço a cidade como a palma de minha mão. Por isso pude reconhecer o palácio no qual se detiveram. Olhou primeiro para Dani e depois para Raffaele. —Era o do primeiro-ministro.

Os olhos de Raffaele piscaram, mas seu rosto seguia impassível.

—Continue.

Carmen abraçou a si mesma com força, encolhendo-se na cadeira enquanto seguia contando como o moço escapou da casa de dom Arturo e a terrível perseguição que veio depois.

—Soube que o homem ia matá-lo nesse momento, assim peguei um pedaço de tijolo quebrado e o atirei o mais forte que pude.

—Bateu nele?

—Sim, Alteza. Bati bem aqui. Com voz sombria, indicou sua têmpora esquerda. A mão dela tremia. —O sangue corria por um lado do rosto. Era horrível. Mas o golpe não o deteve por muito tempo. Então... fez aquilo...

—Matou seu amigo? Perguntou Dani com ternura.

Ela assentiu, com a cabeça baixa. A velha monja se aproximou de Carmen e a apertou contra seu corpo grande e maternal.

—Vamos, vamos, menina.

Raffaele se levantou do sofá, despediu-se da garota e saiu do aposento.

Dani murmurou umas palavras de ânimo a Carmen e depois saiu atrás de seu marido, que falava com seus três amigos em voz baixa. Quando ela se aproximou, eles se afastaram com prontidão. Alto, e, régio na penumbra do meio-dia, Raffaele a viu aproximar-se pelo corredor estucado.

—Acredito que sabemos a quem acusou — disse Dani. —Acredita nela? Confesso que não tenho a menor ideia do que podemos fazer.

—Eu sim — replicou ele com tom grave. Com uma mão no punho da espada, seus olhos denotavam uma ira calma. Mais que nunca, parecia um arcanjo em pé de guerra. —Encarregue-se da garota; certo? As duas irão a um lugar seguro que conheço até que tenha prendido Orlando.

—Vai prendê-lo pelo assassinato do moço?

—Entre outras coisas. Tenho alguns de nossos agentes procurando-o desde ontem à noite. Acredito que poderia ter algo que ver também com a morte de Bulbati.

Ela começou a virar-se para voltar ao aposento onde deixaram Carmen, quando de repente se deteve.

—Raffaele, pensou alguma vez que Orlando poderia não ser quem diz ser?

Ele se voltou para olhá-la com ar distraído.

—Como?

—Sou a única que se deu conta que Orlando é idêntico ao Rei?

—O que? — exclamou, olhando-a fixamente com uma expressão desconcertada.

—Odeio semear dúvidas sobre seu pai, mas não pensou alguma vez que Orlando poderia ser algo mais próximo a você e não só um primo distante? Acaso não parece factível que possa ser seu irmão? Meio-irmão, digo.

—Um bastardo? Mas meu pai nunca teria... — sua voz se apagou e seu olhar se perdeu, como hipnotizado.

—Pôde ter acontecido antes que Sua Majestade se casasse com sua mãe, Raffaele. Sabemos a idade que tem Orlando? Dani se envergonhou um pouco ao ver que Raffaele sacudia a cabeça, sem dizer nada. —Está bem, irei procurar à garota. Deu a volta e começou a afastar-se pelo corredor. Mas então, uma vez mais se deteve, como se hesitasse. Não tinha sentido seguir ocultando o resto. Embora não estivesse segura, voltou para ele. —Provavelmente, deveria ter dito isso antes, mas não queria zangá-lo.

Ele a olhou com curiosidade.

Dani se preparou para sua reação.

—Raffaele, Orlando esteve se insinuando e me fazendo propostas desonestas.

Se conseguiu conter sua ira antes, não pôde continuar fazendo-o por mais tempo. Seus olhos se tornaram da cor de uma tormenta marinha.

—Como?

—Começou na tarde que veio falar comigo em privado. Disse que depois de que nosso matrimônio se anulasse, ele se encarregaria de mim, me protegendo se assim o desejasse. Eu me neguei, certamente — se apressou a dizer. —Mas depois voltou a ocorrer na noite em que você estava... fora.

Um olhar de temor e culpa inundou seu rosto.

— Bom — disse Dani, desconfortável. Não estava reprovando nada, agora que dissera que sentia muito. —Irei procurar à garota.

Pouco depois foram os três na carruagem, escoltados a cavalo pela guarda real. Seus três amigos seguiam-nos em uma carruagem próxima.

As ruas de Belfort apareciam cheias de pessoas conforme foram atravessando a cidade.

Além das breves ordens que deu a seus guardas pouco antes de deixar o convento, Raffaele não havia dito nenhuma palavra em todo o trajeto. De vez em quando, Dani observava sua tensa meditação. Carmen parecia desconfortável, assim dedicou a jovem um ligeiro sorriso para reconfortá-la. Nesse momento, ouviram-se uns tiros no exterior e o condutor fez parar à comitiva.

Dani tentou ver o que acontecia por trás das escuras cortinas da carruagem. Ante eles se erguia uma imponente figura, em cima de um garanhão negro.

—É a escolta da princesa, não é certo, cavalheiros? Sua Alteza, a princesa, viaja com vocês?

Era a voz de Orlando, galante e displicente. Rapidamente se deu conta de que como Raffaele e ela ficaram separados muito tempo, o Duque assumiu que ao sair, seria sozinha.

—Deixe para mim, querido marido — murmurou, olhando-o com cumplicidade.

Raffaele sorriu e fez um gesto a Carmen para que se escondesse.

Então Dani abriu a cortina de seu lado e saudou com a mão.

—Bom dia, excelência.

—Daniela — Seus olhos brilharam sob a sombra da aba de seu chapéu.

Os guardas os olharam com interesse, sabendo imediatamente que só se atreveria a saudar o Duque com o consentimento de Raffaele. Foram suficientemente preparados para guardar silêncio e deixar acontecer.

Orlando sorriu e açulou o cavalo para que se aproximasse da carruagem.

—Vá, vejo que por fim decidiu sair de sua jaula. Felicidades. Está radiante, como sempre — murmurou, tocando levemente o chapéu como saudação.

O gesto foi breve, mas Dani sabia exatamente onde tinha que procurar. Um ligeiro movimento do chapéu foi suficiente para descobrir a evidência de seu crime.

—Ah, querido primo — respondeu com uma careta de compaixão — o que aconteceu a sua pobre cabeça?

Era o sinal que Raffaele necessitava para agir.

Sem avisar, abriu de um golpe a porta da carruagem e saltou sobre Orlando, abatendo-o com um rugido cheio de raiva.

Capítulo 16

O ataque de Raffaele fez com que o cavalo de Orlando recuasse e ficasse de quatro patas. Os dois homens lutavam com força enquanto os seis guardas se uniam à refrega com um grande grito.

Então reinou a confusão.

Dani tentou ver algo, mas o cocheiro afastou o veículo do alvoroço e o levou até um lugar seguro. Quase com a cabeça fora da janela, Dani pôde ver Orlando que conseguiu milagrosamente manter-se no cavalo. Viu-o golpear Raffaele no peito. O príncipe caiu para trás e então Orlando incitou seu cavalo e pôs-se a correr, levando para frente o grupo de guardas. Conduziu seu cavalo até um estreito beco e atravessou os suportes que comunicavam com a seguinte rua.

—Atrás dele! Gritou Raffaele. Afastando a um dos guardas para pegar seu cavalo.

Dani conteve a respiração, ao ver a agilidade como montava.

Ele se dirigiu a seus homens e fez um gesto em direção à carruagem.

—Protejam-na. Levem-na para minha casa. A metade de vocês virá comigo. Quero-o vivo!

—Raffaele! Começou a sair da carruagem com a intenção de dizer que a deixasse ir com ele, mas ele a olhou com autoridade, como se soubesse o que ia dizer.

—Não, Dani, fique! Ordenou. —Ajude à garota. Ela é nossa única testemunha.

Com isto, pegou as rédeas, esporeando o cavalo, e se afastou cavalgando com três de seus soldados. A multidão que se congregou ao ver a revolta impedia-os de cavalgar com rapidez.

—Está bem? Apressou-se a perguntar Dani.

A garota assentiu. Depois ouviu vozes que discutiam ao lado da carruagem.

—Já tem a carruagem, homem, me dê seu cavalo!

—Rafe nos necessitará!

Dani lançou um olhar rápido e viu Elan, Adriano e Niccolo agarrando os cavalos que ficavam. Pareciam ansiosos, cheios de entusiasmo, como se fossem à caça da raposa em vez de perseguir um assassino.

—Maldição, não trouxe minhas armas! Disse Adriano de repente, tocando os quadris.

—Tome — Niccolo lançou uma de suas pistolas e ele a pegou ao voo.

—Tenham cuidado! Gritou Dani. Mas eles não se viraram.

Viu-os desaparecer pela mesma rua que tomou Raffaele, com o coração encolhido.

O estrondo e o pó envolviam Raffaele e aos seus três guardas ao cavalgar pelo Caminho Real, apenas um quilômetro de distância de Orlando.

Rafe cavalgava junto ao pescoço do cavalo, mantendo um passo vigoroso, embora tentasse não forçar muito o animal por não saber quanto poderia durar a corrida.

Todos seus músculos estavam tensos e a fúria o mantinha com os sentidos alerta.

O suor caía pelos olhos e fazia que o pó do caminho pegasse à pele. Embora o sol batesse em seu rosto, conseguiu vislumbrar ao longe a figura negra de um homem montado a cavalo.

Orlando tinha tentado desfazer-se deles na cidade, e quando os guardas se separaram para rodeá-lo, o Duque conseguiu escapar. Rafe não podia imaginar para onde se dirigia seu primo, mas não importava se tivesse que segui-lo até a outra ponta da ilha, desde que Orlando continuasse nesta direção, longe de Dani.

Não teria ido se houvesse a menor dúvida de que sua mulher pudesse estar em perigo.

Estava tão concentrado na perseguição que mal ouviu os gritos que chegavam atrás dele pelo caminho. Quando as vozes superaram o estrondo dos cavalos, permitiu-se olhar para trás um momento e viu seus amigos que galopavam atrás dele a certa distância.

Saudou-os com a mão, para que soubessem que os viu, mas não diminuiu a marcha por eles, porque não queria perder de vista o escorregadio Orlando.

Depois continuou sua exaustiva perseguição. Orlando os conduziu pelo Caminho Real durante uns quatro quilômetros mais e depois de passar a saída que conduzia ao porto, pegou o caminho que levava ao montanhoso e frondoso bosque. Ao vê-lo, Rafe se deu conta de que Orlando não tinha intenção de deixar Ascensão, embora pudesse muito bem ter se salvado se o fizesse.

Talvez pretendesse esconder-se no bosque. O sol se ocultava, embora com lentidão, entre as cristas que se erguiam ante eles. Seguiram cavalgando para o oeste.

Rafe descobriu por fim o destino de Orlando ao vislumbrar as árvores que cobriam a antiga fortaleza medieval que pertenceu muitos anos antes aos Duques de di Cambio. Enrugou o sobrecenho. *"Mas este lugar está em ruínas há anos"*. Os cavalos conseguiram manter com muito esforço o meio galope ao ver que Orlando girava bruscamente e entrava no bosque, desaparecendo de sua vista.

Pouco depois, chegaram ao que parecia o início de um antigo caminho que agora foi reclamado pela natureza. Estava coberto de ervas altas e heras que se enredavam nas árvores.

Rafe inspecionou o terreno com os olhos e decidiu utilizar uma vez mais a tática de cercar o inimigo. Para isso, necessitaria alguns homens mais. Felizmente, seus amigos não estavam longe. Tinha que esperá-los se não quisesse que perdessem o caminho.

—Sigam-no! Gritou a seus homens.

—Aonde diabos vai, senhor? Perguntou um dos guardas.

—À antiga fortaleza dos di Cambio! Não o percam de vista! Recordem: quero-o vivo! Fez um sinal aos três homens para que seguissem cavalgando enquanto ele se situava na parte alta do caminho para esperar seus amigos.

Sua chegada suporia uma boa vantagem, pensou Rafe. Orlando devia ter contado só com os três soldados e ele para lhe fazer frente.

A visão de seus amigos reconfortou-o. Viu-os esporear seus cavalos enquanto ele os esperava com impaciência.

—Como quer que façamos isto, Rafe? Perguntou Elan, secando o suor da fronte, já junto a ele.

—Vamos cerca-lo. Você e Nic irão pelo sul da cidadela...

De repente, escutaram os mais horríveis e sangrentos gritos que jamais ouviram antes, os gritos de um homem ao ser devorado por uma besta. Soava como se estivesse produzindo-se um açougue. Rafe perjuro e virou seu cavalo na direção de onde pareciam provir os horríveis sons.

—Com cuidado! Disparou Elan enquanto outros incitavam seus cansados cavalos que cavalgassem atrás dos gritos.

O bosque não era muito profundo e o caminho quase perdido só seguia através de alguns metros. Ao final dele, abria-se uma clareira que rodeava as ruínas do castelo.

—Rápido!

—Não acredito que haja nada que possamos fazer por eles, a julgar pelo som — disse Niccolo quase sem fôlego.

Os terríveis gritos começavam a desvanecer-se.

Chegaram ao final do arvoredo. Ante eles, o caminho de terra se fundia com o verde da erva, uns metros mais à frente, em um montículo.

—Não vejo ninguém! Disse Adriano, examinando com aborrecimento o campo aberto.

Os sons, gemidos infernais já, vinham do outro lado do montículo.

—Meu Deus — sussurrou Rafe, olhando adiante, onde havia uma suave ondulação do terreno. Seu cavalo parecia assustado pelos terríveis lamentos, mas obrigou-o a continuar.

Cavalgaram com cautela, forçando os cavalos para que mantivessem o trote.

Quando alcançaram a crista, o horror da visão paralisou-os durante um segundo. Depois, saltaram de seus cavalos e correram para o bordo de uma fossa cheia de estacas. Os três cavalos e dois dos homens tinham morrido, atravessados pelas pontas agudas de metal que se erguiam do chão. Tratava-se de uma bárbara estrutura defensiva recuperada por Orlando da idade das trevas.

Rafe se deitou no chão para estender a mão ao último dos guardas que ainda se mantinha com vida, mas o balbuciente homem morreu no momento em que chegava a seu lado.

Depois, só se ouviu o silêncio.

Um silêncio horripilante e frio. A velha torre do castelo em ruínas parecia vigiá-los.

—Meu Deus! Conseguiu dizer Rafe ao ver os corpos.

Os outros guardaram silêncio.

Olhou-os com consternação, dando-se conta da quantidade de artefatos infernais que podiam estar esperando-os em qualquer canto desse lugar. Eles eram seus melhores amigos e não poderia suportar perdê-los. Queria voltar atrás porque sabia que podiam muito bem deixar a vida nisto. Embora soubesse que se o fizesse, não voltaria a ter Orlando tão perto em muito tempo.

Era toda Ascensão que perigava. Não podia pensar como um amigo. Tinha que pensar como um Rei.

Elan havia tirado os óculos e se afastou lhes dando as costas, como se tivesse vontade de vomitar. Adriano estava branco, incapaz de acreditar no que via. Quanto ao Niccolo, havia já ultrapassado o buraco e tinha uma expressão de raiva contida, com a vista fixa na cidadela.

—Ali! Gritou Niccolo de repente. —A terra!

Uma bala alcançou o chão, muito perto de onde estava Rafe.

Deitaram-se no chão, onde desta vez puderam salvar-se da morte. Deitado de barriga para baixo sobre o bordo da fossa, Nic apontou com a pistola.

—O que está fazendo? Perguntou Rafe a seu amigo, sem alterar-se.

—Não gaste balas inutilmente. Nunca o atingirá daqui — disse Adriano, mantendo a calma.

—Tem razão, di Tazio — murmurou Nic. —Boa observação.

Rafe observou a seu jovem amigo de pele morena, Nic, quem se introduzia na fossa com um frio olhar de raiva nos olhos. Nic se aproximou do capitão dos guardas morto e tirou de sua capa o rifle que levava às costas.

Rafe disse:

—Repito, quero-o vivo.

Zangado Elan se voltou para o Rafe com um olhar rasgado.

—Inclusive agora quer mantê-lo com vida?

—Especialmente agora — disse Rafe com um grunhido baixo e zangado.

Nic subiu ao bordo da fossa, com a barriga contra o chão e o rifle em uma mão.

—Prenda-me então, Rafe, porque eu digo que deve morrer. Fazendo pontaria com o rifle, apertou o gatilho.

Houve um chiado agonizante e demoníaco proveniente das sombras da base do forte.

—Atingiu-o! Ofegou Elan.

Um garanhão negro saiu correndo do lugar onde Orlando se refugiara no bosque, com o Duque pendurado na sela.

—Ainda continua cavalgando! Feriu-o ou não? Impacientou-se Elan.

Niccolo não respondeu, limitando-se a voltar a carregar a arma.

—Não, feriu o cavalo — murmurou Rafe, vendo como o excelente cavalo de seu primo terminava por cair de lado, enquanto Orlando se jogava no chão, caindo. Depois ficou em pé e entrou correndo entre as árvores.

—Vamos, agora vai a pé.

Todos voltaram com rapidez para seus cavalos.

Rafe seguiu-o com o olhar até que seu primo estivesse completamente coberto no arvoredo.

—Elan, Nic, vocês irão por este caminho — disse, assinalando à esquerda. —di Tadzio e eu iremos pela direita. Vamos cercá-lo. Evitem as armas de fogo e utilizem a espada. Deixe o rifle, Nic! Tentemos evitar que possamos disparar uns aos outros por acidente. Todo mundo está bem? Acrescentou, olhando rapidamente de um rosto a outro, depois do açougue que acabavam de ver.

Seus amigos murmuraram afirmativamente. —Bem. Vamos agarrá-lo. Fez um gesto para Adriano e viraram os cavalos para um lado enquanto Elan e Niccolo se dirigiam na outra direção.

Passaram cavalgando por onde estava o cavalo negro que jazia morto com uma ferida de bala no pescoço, e depois entraram na escuridão do bosque.

A pulsação de Rafe golpeava nos ouvidos conforme foram aproximando-se de Orlando, que avançava às escondidas entre as árvores. Adriano se mantinha a uns dois metros de distância a sua direita. O bosque revivia com os sons do crepúsculo: a brisa, o rangido das folhas, o canto dos pássaros. De repente, um pequeno som de folhagem fez com que Rafe ficasse alerta e levantasse as armas. Não era mais que um grupo de três cervos que caminhavam um atrás do outro entre os arbustos.

Procurou com o olhar Adriano, com o suor caindo pela face. O outro homem moveu a cabeça, o fazendo entender que ele tampouco viu algo mais.

Rafe se deu conta de que as roupas negras de Orlando o ajudariam a camuflar-se na escuridão crescente da noite. Tentaram ir mais depressa.

Perdeu toda noção do tempo com a tensão do momento, assim era incapaz de saber quanto tempo estavam perseguindo Orlando. De repente, ouviram dois disparos ao longe e depois um grito. Sem perder um segundo, Rafe e Adriano esporearam seus cavalos e conduziram a todo galope por entre os arbustos.

Ouviram-se um terceiro disparo, e, seu eco retumbou até o outro lado da colina.

Rafe rezou para que fosse Niccolo quem tivesse dado o tiro. Mas quando ele e Adriano alcançaram um pequeno arvoredo próximo a um riacho, viram Nic deitado de costas. Tratava de sentar-se quando eles desceram dos cavalos e correram para ele. Rafe tragou forte, vendo a mancha escura que se estendia na parte dianteira do colete de seu amigo.

—Saiu de entre as árvores — ofegou, com os olhos redondos e o rosto branco. —Saiu correndo! Poderia estar em qualquer lugar.

—Não tente falar. Rafe tirou com rapidez a jaqueta e cobriu Nic com ela, tirou a gravata que levava no pescoço e a utilizou para tratar de parar a hemorragia. —Onde está Elan?

Tremendo violentamente, Nic sussurrou.

—Não sei. Seu cavalo puxou-o. Começava a asfixiar-se.

Rafe endireitou-o para que se sentasse. Nic se inclinou fracamente para Adriano.

—Fique com ele — ordenou Rafe.

Adriano assentiu enquanto Raffaele ficava em pé e inspecionava o arvoredo. Tirou sua espada e abriu caminho pela vegetação com fúria. Viu um lugar no qual os ramos estavam esmagados e partidos. O assustado cavalo de Elan teria passado certamente por ali.

—Elan! Cortou com raiva um arbusto de espinheiros, tentando ver algo por cima dos ramos que ultrapassavam sua cabeça. —Esse selvagem — disse sem fôlego. —Elan!

Tinha medo do que poderia achar. Já era uma desgraça ter encontrado o sarcástico Nic ferido gravemente. Rafe se negava a admitir que seu amigo estivesse morrendo. Mas sem a cabeça e a serenidade do Elan, essa capacidade de seu amigo para frear sua própria imprudência, não estava seguro de poder seguir adiante.

—Elan! Responde, maldição — acrescentou, apenas em um sussurro.

—Rafe! O fino grito do visconde surgiu da esquerda, de algum lugar não muito longe dali.

—Elan! Onde está? Gritou Rafe, com o coração na mão enquanto olhava a seu redor fora de si. —Está ferido?

—Estou aqui!

Rafe virou sobre si mesmo e viu que Elan saía de entre os espinheiros.

—Nic caiu, Rafe.

—Sei. Viu que seu amigo estava coberto de arranhões e tinha os óculos torcidos. Entretanto, não parecia ter nada de grave.

—Meu cavalo saiu correndo. Orlando saiu da direita, de entre as árvores, e atirou contra nós. Atingiu Nic. Acredito que comigo falhou só porque estava a sua esquerda.

—Pôde ver o caminho que seguiu?

—Para a cidadela, acredito. Olhou a seu redor, como perdido. —Meu cavalo fugiu.

—Esqueça-se do cavalo. E fez um gesto ao mesmo tempo em que Rafe levou o olhar do visconde para o arvoredo.

Adriano levantou o olhar ao encontrar-se com eles. Suspirou aliviado ao ver que Elan estava bem, e depois fez um gesto para trás, em referência a Nic.

—Está inconsciente.

Rafe desceu a cabeça com amargura ao ver a tristeza no rosto de seu amigo. Depois, com os olhos entrecerrados e o coração encolhido pela dor, tratou de concentrar-se na linha de árvores.

—Fiquem os dois com Nic — disse. —Eu terminarei isto.

—Está louco se acredita que vou deixá-lo ir sozinho para buscá-lo — disse Adriano com tranquilidade. Levantou os olhos e olhou intensamente para Raffaele por baixo de sua franja.

—É entre ele e eu.

—Rafe — disse — nem sequer sabe quem é Orlando.

—E você sim?

Adriano não respondeu, com uma sombra de culpa nos olhos que se apressou a esconder.

—Tenho minhas suspeitas — murmurou.

—O que quer dizer? Perguntou Elan. Adriano se limitou a olhar para o visconde, depois para Rafe.

—Fica com o Nic — repetiu. —Essas são minhas ordens. Com isto, Rafe se afastou com a espada pronta para ser usada. A mão queimava pela necessidade de sangue.

—Orlando! O rugido transpassou a penumbra. Com a espada ia abrindo caminho entre a vegetação, estava muito zangado para sentir o mínimo temor. O bosque era cada vez mais espesso e fechado. Os minutos passavam.

A frustração de Rafe ia convertendo-se em raiva.

—Vamos, saia daí! Grunhiu.

—O que acontece? Por fim o menino de ouro está disposto a lutar comigo cara a cara? Homem a homem? Ouviu que dizia uma voz próxima.

Rafe se virou.

—Onde está seu exército, Príncipe Azul? Está escuro e está só. Orlando estava apoiado sobre o grosso tronco de um carvalho, com os braços cruzados e um sorriso animalesco. —Que inocente é!

—Quem é? Perguntou Rafe, levantando a espada ao aproximar-se dele com cautela.

Orlando se limitou a sorrir.

—Esteve ou não envenenando meu pai? Explodiu.

—Seu pai? Ah refere-se ao santarrão do Rei Lazar... esse pastor eleito por Deus, que nunca cometeu pecado nem enganou sua esposa. Gosta muito de sua mãe, não é verdade, Rafe?

—Responde a minha pergunta — disse com os dentes apertados. —Esteve envenenando ou não o Rei?

—É claro que não, Rafe. Foi você. Da mesma forma que cometeu esse vergonhoso assassinato ontem à noite. Matou o jovem cozinheiro antes que pudesse delatá-lo. Não recorda?

Orlando sorriu, os dentes brilhavam na escuridão. —O que acontece? Parece confuso. Bom, só tem que perguntar a dom Arturo. Ele conhece toda história.

—Quero respostas simples! Terá que me pedir clemência — disse, levantando a espada por debaixo do queixo de Orlando.

O homem dedicou um olhar de desdém ao gume da espada e depois olhou para Rafe.

—Não quero sua clemência, Rafe. Não entende? Sua clemência só faz que o odeie ainda mais. Tão cavalheiro. Tão príncipe. Mas sua clemência não poderá apagar a origem de meu ódio.

Emocionado por seu veneno, Rafe sacudiu a cabeça, mantendo com força a espada.

—O que te fiz eu?

—Para começar, nascer.

—O que te fez meu pai, para que o envenenasse? Perguntou zangado.

Orlando riu amargamente, com a sombra das folhas desenhada em seu arroxeadado rosto, tão parecido com o de Raffaele.

—Que nascesse eu, suponho.

Rafe olhou-o fixamente, contendo a respiração.

—É meu irmão, Orlando?

—Digamos que seu assassino — respondeu, levantando uma pistola em frente ao rosto de Rafe.

Rafe se inclinou para frente, bem a tempo de afastar o braço de Orlando que apertava o gatilho. A bala não acertou o alvo e Rafe se jogou sobre Orlando. Os dois caíram em um montículo da base da árvore, e tropeçaram com uma de suas grossas raízes. Retrocedendo, Rafe levantou o punho com a espada ainda na mão, e golpeou com o punho o rosto de Orlando.

Não o deixou inconsciente, como esperava, mas ao menos o fez perder o equilíbrio.

Com o peito agitando-se a toda velocidade, Rafe deu um passo atrás, e segurando a espada com ambas as mãos.

—Levante-se — rugiu.

Orlando mostrou suas mãos vazias.

—Vai me matar, Alteza? Já vê que vou desarmado.

—Desembainhe sua espada.

—O que é isto? Acaso o galante príncipe quer duelar?

—Saque a espada, covarde! Orlando olhou-o.

—Será melhor que pense melhor, Rafie, porque se eu estivesse em sua situação, não hesitaria nem um instante.

—Já sei que não joga limpo. Agora, ponha-se em pé — grunhiu.

—Muito bem, muito bem. Orlando ficou em pé, limpando o pó da roupa e rindo entre dentes. —Mas deixe que diga antes de matá-lo que tomarei como recompensa a virgindade de Daniela.

Como resposta, Rafe arremeteu contra ele justo no momento no qual Orlando tirava seu sabre da capa, com um sinistro som metálico. O combate foi selvagem. Encetados Rafe fê-lo retroceder.

—Como é possível que ainda não tenha conseguido se deitar com sua mulher, Rafe? Um homem tão mulherengo como você — zombou Orlando.

—Deveria ver-se a si mesmo — respondeu a Orlando com um sorriso de desgosto — é patético.

—Acaso não se sente atraída por você?

—Ah, eu acredito que sim. E bastante, na realidade — disse Rafe, brandindo a arma com um sorriso de triunfo no rosto.

Orlando sorriu com sarcasmo.

—Desde quando?

—Desde ontem à noite — replicou com ares de suficiência, aproximando-se cada vez mais.

Orlando se deteve um momento.

—Quer dizer que por fim essa putinha deixou que a montasse?

A raiva voltou a invadir Rafe, não podia suportar que insultassem a sua mulher. Felizmente, pôde controlá-la. Perder o controle suporia dar ao adversário uma boa vantagem.

—Excelência — respondia friamente — um cavalheiro nunca fala dessas coisas.

Orlando fez uma careta raivosa e se jogou sobre ele com renovada força.

Metal contra metal, as armas lançaram faíscas.

O som metálico das espadas ressoava por todo o bosque, golpe após golpe. Os dois homens procuravam sangue. Quando mediram suas habilidades, começaram a deslocar-se em círculo. As pontas das duas espadas dançavam em letal posição, desenhando pequenos anéis no ar um ao redor do outro, como se cada homem tratasse de enganar o adversário deixando-o com a guarda aberta.

A espada de Orlando se aproximou repentinamente do peito de Rafe, um ataque que este pôde rebater com uma parada firme.

Graças a reflexos aperfeiçoados em seus inumeráveis anos de prática, Rafe viu a retirada da espada de seu inimigo e sentiu que tinha chegado o momento de atacar. Lançou-se sobre ele. Seu rápido contra-ataque transpassou a parada defensiva de Orlando, chegando com força ao ombro direito e daí ao ombro. Orlando rugiu como uma besta ferida, e caiu de joelhos pela dor.

—Renda-se — gritou Rafe, vendo que tinha Orlando encurralado. Desejava devolver o que fez a Nic, mas conteve sua vingança. Orlando tinha que responder a muitas coisas.

Revisando sua ferida, Orlando desceu lentamente a cabeça, com os olhos vermelhos de raiva.

—Nunca me renderei a você. Segurou o braço direito ferido com a mão esquerda e falou com uma voz que parecia provir do inferno. —Estou acostumado à dor. Não como você — tratou de ficar em pé. —Mas logo estará.

Orlando atacou de novo, com uma força que na opinião do Rafe, só podia vir do ódio que tinha. Mesmo assim, Rafe era um espadachim suficientemente perito para parar cada uma de suas ferozes investidas e livrar-se de sua afiada espada. A má sorte fez que seu calcanhar chocasse com as grossas raízes do carvalho no pior momento.

Foi suficiente para que perdesse o equilíbrio. Orlando não perdeu a ocasião e se jogou instintivamente sobre ele. Rafe se deixou cair para esquivar-se do ataque, mas horrorizado, perdeu o punho de seu sabre ao tentar segurar-se à árvore para não cair.

Recuperou a espada com desespero, mas sentiu a sombra da espada de Orlando sobre ele, preparado para rematá-lo com um golpe mortal.

—Boa noite, príncipezinho — disse Orlando com um sorriso perverso. Tudo tinha acabado.

—Não se mova.

Então se produziu um clique. O som de uma pistola rompeu o silêncio.

Já recuperada a espada, Rafe levantou o olhar e viu Adriano que parecia ter saído do nada. Com uma pistola, apontava para Orlando na têmpora.

Rafe ficou em pé e tirou a espada das mãos de Orlando, atirando-o mais longe possível.

—Bem a tempo, di Tadzio.

—Nem o diga, Rafe. Adriano mantinha-se sem alterar sua posição.

Com a arma do Adriano na cabeça, Orlando começou a rir de forma depreciativa.

—Vá, vá, mas se não é o bonito putinho do príncipe.

Adriano pôs a pistola na face.

—Deixe que o mate, Rafe. Não necessita dele. Deixe que o faça por Nic e por todos esses homens da fossa.

—Parece-me que alguém está ficando nervoso — zombou Orlando com uma voz aveludada, enquanto olhava alternativamente Adriano e Rafe. —O que ocorre, amor? Acha que seu amigo achará a verdade sobre você muito difícil de digamos, aceitar?

—Rafe — balbuciou Adriano. Havia desespero e raiva em seus olhos negros. —Não o escute.
—Saíamos daqui — resmungou Rafe com aspereza, levantando a espada para Orlando. — Vire-se e caminhe com as mãos atrás da cabeça.

—Mas espere, porque — disse Orlando — acredito que há algo que deveria saber sobre seu querido amigo di Tadzio. Sabe? Há um pequeno compartimento no aposento de Chloe com um buraco na parede...

—É um mentiroso! — gritou Adriano com desespero. —Não o escute! Não escute suas mesquinhas!

—... e dali, seu bonito moço observava-o quando fazia amor com Chloe. Ela deixava-o olhar. Todas as atrizes gostam de ter público, sabe?...

Rafe ficou gelado, imóvel pela comoção.

— Não, não é verdade! Nunca faria isso! Adriano não deixava de gritar.

Houve um doloroso momento no qual Rafe não pôde olhar para seu amigo, ficou com o olhar perdido, e depois negou com brutalidade a acusação de Orlando. Mas já era tarde.

—Cale-se, Orlando! Disse. —Pode ser que seja uma víbora, mas seu veneno não poderá salvá-lo. Não o escute, di Tadzio.

—Deixe que aperte o gatilho e acabe com este filho da puta, Rafe. Ele merece. Sabe que merece — disse Adriano com os dentes apertados.

—Acalme-se — ordenou Rafe com voz cortante. Orlando continuava rindo.

Sem atrever-se a olhar para Rafe, Adriano se concentrou em Orlando, como se pudesse matá-lo com o olhar.

—É mentira.

—Sei — disse Rafe, procurando seu tom mais convincente. —Agora, saíamos de uma vez por todas daqui...

—Meu querido Adriano, como pode me tratar assim depois de tudo o que compartilhamos? Interrompeu Orlando, com um tom sinistramente carinhoso.

—Odeio-o — sussurrou Adriano. —Tudo o que tenho que fazer é apertar o gatilho.

—É uma lástima que ele me queira vivo, né? Rafe se dirigiu aos dois.

—Orlando, pela última vez, fecha o bico! Vamos daqui. Di Tadzio, ignore-o! Diz isso para pô-lo nervoso e nos dividir. Não siga o jogo dele!

—Ah, você é o único com quem ele quer brincar, Rafe — murmurou Orlando com um sorriso.

—É um filho da puta! Matarei-o! Gritou Adriano, golpeando com mais força a boca da pistola sobre o rosto de Orlando, que ria como um louco, como se as balas não pudessem fazer nada.

—Vamos, Adriano — apressou o duque com voz melosa — conte a Rafe o que quer fazer. Talvez ele deixe, nunca se sabe.

—Pelo amor de Deus — murmurou Rafe.

—Pode ser que eu me pareça com você, Rafe, mas é a você a quem quer.

—Orlando, me deixe em paz. Rafe ainda não podia olhar para Adriano, mas olhava nos olhos de seu primo com frieza. —Não sei o que tenta fazer —adverteu com tranquilidade — mas deixe-o já. Isto é entre você e eu...

—É entre o mundo e eu, Raffaele — disse grunhindo Orlando. —Você não é nada, é um bufão. É entre nosso pai, o divino, e eu.

Adriano estava a ponto de chorar. Tremia-lhe o corpo, fora de si.

—Não o escute, Rafe. Por favor, não é verdade. Juro. Eu não sou assim. É uma cruel e asquerosa mentira...

—Cale-se, di Tadzio! — bradou Rafe, voltando-se para ele. —Já sei que está mentindo. Esquece-o. Não me importa! Por que disse "nosso" pai? Perguntou a Orlando.

—Rafe? Perguntou Adriano, olhando-o lentamente, quebrado por dentro.

Sem querer ser o primeiro que afastasse a vista de Orlando, Rafe aceitou por fim encontrar-se com os olhos de Adriano. O que viu foi uma alma atormentada.

Queria morrer, e tratou de procurar algo reconfortante para dizer, temendo que seu amigo pudesse utilizar a arma contra ele mesmo.

—Sabe? A verdade é que deveria prová-lo, Rafe. Orlando aproveitou o momento de silêncio. Olhando furtivamente para Adriano, acrescentou. —Eu o fiz. E é maravilhoso.

Rafe pensou então que Adriano ia apertar o gatilho. Mas não o fez. Em vez disso, toda sua tensão diminuiu. Seu rosto finamente esculpido ficou branco e desceu a arma da têmpora de Orlando sem dizer uma palavra.

—Está bem — disse a Orlando. —Ganhou.

Deu a volta e começou a afastar-se deles, deixando Orlando sob a ameaça da espada de Rafe.

—Adriano! Aonde vai? Meu Deus — murmurou sem fôlego, envergonhado. —Sei, Adriano. Sei há anos, mas não me importa. Não me importa absolutamente, certo? Não me importa!

Adriano seguia caminhando, com os ombros afundados.

—Di Tadzio! Rafe seguia olhando-os primeiro a ele e depois a Orlando. —Volte aqui! Aonde vai?

Orlando olhava agora fixamente para Rafe, fascinado.

—Só vou ver se Nic e Elan estão bem — disse Adriano com tristeza, sem olhar para trás. Desapareceu entre as sombras das árvores.

—Está bem, vou para lá. Rafe foi severo. Sentiu que o pelo da nuca arrepiava ao olhar a Orlando. —Vamos, maldito filho da puta — murmurou. —Vire-se e caminhe com as mãos no alto.

Orlando sorriu com sarcasmo, mas não teve mais remédio que obedecer. Justo no momento em que começavam a andar na mesma direção em que Adriano havia desaparecido, ouviu-se um único disparo no bosque.

"Não". Rafe ficou sem ar nos pulmões, alagado por um repentino vazio. Não podia respirar.

"Não".

Começou a correr, jogando a um lado Orlando, avançando na escuridão com o coração na mão.

—Nãoooo!

Encontrou Adriano de lado, sobre o musgo próximo ao arroio. Caiu de joelhos, agarrando seu amigo entre seus braços, e chorou, com o rosto levantado para o escuro céu. Finalmente, Elan trouxe os cavalos.

Orlando tinha escapado.

Capítulo 17

Dani adormeceu esperando-o, mas sua criada acordou-a perto das três dizendo que sua Alteza tinha voltado para casa. Despertando imediatamente, correu para ver como tinha ido a perseguição. No caminho cruzou com Elan. Soube que algo terrível acontecera ao ver seus ombros caídos e seus olhos vermelhos. Para economizar Rafe o trabalho de fazê-lo, Elan tratou de reunir forças e contar para Dani o que aconteceu.

Dani cobriu a boca com a mão, comovida ao ouvir que Nic e Adriano tinham perdido a vida. Correu para procurar Raffaele, profundamente penalizada.

Perguntou aos criados sobre seu paradeiro, sabendo de antemão o lamentável estado no qual ia achá-lo, e temendo por isso. Por fim, um dos mordomos disse que viu o príncipe sair ao jardim.

Dani correu pelo vestíbulo de mármore e atravessou a porta traseira que dava ao jardim. Ainda restavam algumas horas para que começasse amanhecer, e fazia frio.

O príncipe estava sentado nos degraus da escada que descia ao jardim. Podia ver suas largas costas. Não se movia, e parecia não ter escutado o som da porta que se fechava atrás dela.

Deteve-se. Um calafrio percorreu seu corpo, mas se obrigou a seguir adiante.

—Raffaele? Perguntou com voz débil, alguns passos por trás dele.

Não obteve resposta.

Podia sentir sua dor. Avançou até o primeiro degrau, onde ele estava sentado com os joelhos abraçados e o rosto afundado entre os braços.

"Ah, meu pobre príncipe", pensou ao sentar-se junto a ele.

Levantou a mão com cautela para tocar o ombro. Ao ver que não protestava, passou sua mão pela curva de suas costas e começou a acariciá-lo, oferecendo seu silêncio como único e melhor consolo. Depois de um momento, ele levantou o rosto e segurou a cabeça com as mãos. Suspirou profundamente, e ficou assim, imóvel.

Dani tinha medo de respirar.

—Querido, sinto muitíssimo — sussurrou.

—Minha vida é um desastre — disse com voz profunda depois de um momento.

—Não, querido.

—Fracasei. Não posso fazer isto. Tudo isto me supera. Eu só... não sei.

Ela se aproximou dele e o abraçou meigamente.

—Não faça isto a si mesmo.

—Matou meus amigos.

—Sei, amor.

Ele se afastou de seu abraço.

—Atirou em Nic à queima-roupa. E Adriano... — estremeceu e esfregou a testa com os dedos, os olhos fechados. Parecia profundamente abatido. —Também matou ele. E da forma mais cruel. Não tinha por que fazer o que fez. Sua voz se reduziu a apenas um sussurro, seu corpo estava tenso e imóvel. —Vou pegá-lo, Dani. Que Deus me ajude. Vou achá-lo e devolvê-lo-ei aos infernos.

Com cuidado, sem saber muito bem como reagiria, pôs-lhe a mão no ombro.

Ele deixou escapar um som de angústia e de repente a buscou, para sua surpresa. Pôde vislumbrar a dor e a amargura de seu rosto só um momento antes que se abraçasse a ela quase com violência, esmagando-a contra ele. Abraçou-o com força, sabendo que em momentos como este, as palavras não eram necessárias.

Podia sentir o tremor de seu corpo grande e poderoso, no meio do frio da noite.

Bruscamente, sem dizer uma palavra, desceu até poder colocar a cabeça em seu colo, abraçando-a pela cintura.

Abraçou-o, sempre em silêncio, compartilhando sua dor, acariciando o cabelo. Abraçou-o com força, dando seu amor e amparo. Nesse momento, toda sua existência se devia a Raffaele. Com lágrimas nos olhos, entregou toda a fortaleza e a ternura de que era capaz. Sabia que estava abatido. Podia sentir seus esforços por conter sua dor ao ver que pegava com força sua saia, tremendo. Abraçou-o ainda mais forte, acariciando carinhosamente seu cabelo e sussurrando com amor.

Não sabia quanto tempo ficaram assim, mas então a dor que o manteve paralisado começou a retroceder e seu abraço se fez menos tenso sob suas longas e suaves carícias.

Ainda ficavam algumas horas para o amanhecer, mas se sentaram para escutar o arrulho do mar ao longe.

Beijou-lhe o ombro por fim, e depois deixou descansar sua face sobre ele e fechou os olhos.

Recordou as horas que passou esperando ter notícias suas, atemorizada com que pudessem tê-lo ferido. Inclinou-se sobre ele e beijou a sua face.

—Venha para cama, marido meu. Deve estar exausto. Ele suspirou.

—Sim.

Obediente, levantou a contragosto a cabeça de seu colo e ficou em pé, oferecendo a mão para ajudá-la a levantar. Ela permaneceu junto a ele, abraçada a sua cintura enquanto caminhavam de volta às escuras até a porta. Ele passou o braço pelos ombros, apoiando-se parcialmente nela, quase sem forças para andar.

Atravessaram o escuro e vazio salão de baile, passando por debaixo da grande cúpula. Subiram as escadas de mármore cansados, sincronizando os passos.

—Quer comer algo? Murmurou Dani, olhando preocupada.

Ele sacudiu a cabeça.

—Um copo de leite quente? Chá?

—Nada — sussurrou, beijando-lhe o cabelo. Levou-a ao aposento onde Adriano e Tomas a haviam levado na noite do baile de seu aniversário. Sem cerimônias, entraram e cruzaram a pequena sala de estar até o dormitório onde estava a cama com o espelho.

Muito cansados para despir-se, acomodaram-se na cama e se aninharam um nos braços do outro. Raffaele soltou o rabo de cavalo, e deixou cair a cabeça sobre a cama de novo e fechou os olhos.

—Faz muito calor para dormir — disse asperamente, depois de uns minutos.

—Tente, querido. Está cansado.

Ele suspirou.

Durante um bom tempo, Dani olhou-o, acariciando sua cabeça.

—Continuo vendo-os — murmurou com os olhos fechados.

—Então, olhe para mim.

Ele abriu os olhos, cheios de sofrimento e cansaço. Cravou o olhar nela. Ela se aproximou dele para beijar na fronte, e depois pensou que talvez se sentisse mais cômodo se tirasse um pouco de roupa.

Tímida ao princípio, desfez o nó da gravata e a tirou do pescoço. Depois desabotoou o colete. Sentou-se na cama para desabotoar os punhos da camisa, olhando-o em silêncio. Ruborizada, abriu os botões de sua camisa e sem hesitar, disse que se sentasse para poder tirá-la junto com o colete.

Ele não protestou enquanto o despia. Fez uma careta ao ver o sangue em sua roupa, agradecendo a Deus que não fosse o dele. Tinha o corpo coberto do pó da estrada e cheirava a cavalo, terra e suor.

Rafe sorriu levemente ao ver que ela enrugava o nariz e levava as roupas dali. Voltou com uma jarra de água, uma bacia e um pano, e se sentou na beira da cama junto a ele. Deixou que se apoiasse na cabeceira da cama, e começou a passar o pano empapado de água fria pelo corpo, limpando lentamente o pó e o suor que tinha encravado no rosto, pescoço e peito. Ele observava

todos seus movimentos, iluminado por uma única luz que ela acendeu e segurava sobre seu abatido rosto.

Com cuidado, lavou seu bem esculpido estômago e seus quadris esbeltos, admirando-o com amorosa melancolia. À luz da vela, sua pele mostrava uma cor bronzeada puxando para o corado. Mesmo em um momento como este, sua nobre beleza conseguia excitá-la.

—Vire-se para que possa lavar as costas — murmurou.

De boa vontade, Rafe obedeceu, tombando-se sobre seu estômago. Dobrou os braços sob o travesseiro, com a face apoiada nos músculos do braço. Suas longas e douradas pestanas se fecharam ao sentir o contato do pano molhado sobre sua pele.

Ela continuou banhando-o desta forma, passando o pano com carícias longas e suaves pelas linhas flexíveis e fluídas de suas costas. Depois de um momento, a expressão de seu rosto anguloso começou a relaxar.

Ao olhá-lo, não podia deixar de pensar no perigo que tinha passado. Inclinou-se e beijou sua face com alívio. A pele de seu maxilar estava dourada e arenosa pedindo, a gritos, um bom barbeado.

Ele suspirou docemente ao sentir-se beijado.

—É uma boa esposa — ele disse em um murmúrio, sonolento.

—Ah, Raffaele — roçou a face dele com o nariz, sentindo como seu coração se acelerava.

Ele se deitou de lado e a atraiu para si para que o beijasse. Faltou tempo para que a pusesse em cima dele, ansioso de seus beijos, acariciando o cabelo e as costas enquanto abria a boca para beijá-la. Ela continuou acariciando o peito dele, ombros e os braços, agradecendo a Deus que o houvesse devolvido com vida.

—Daniela — gemeu suavemente, com os olhos fechados. —Necessito de você esta noite. Necessito que me cure.

—Venha, aproxime-se — sussurrou ela.

Rafe a rodeou com os braços e a pôs lentamente de costas na cama. Ela acariciou sua face enquanto levantava os olhos para ele com profunda admiração. Despiu-a com rapidez na escuridão, utilizando mãos trêmulas que queimavam a pele. Ajudou-o a retirar a pouca roupa que restava. Depois se colocou em cima dela, beijando-a com ansiedade. Rodeou seus grandes ombros com seus braços, e os quadris dela o rodearam com suas longas pernas. Deu tudo para que encontrasse em seu amor a paz e a tranquilidade que lhe arrebataram.

Rafe despertou abraçado a Daniela, suas pequenas costas aconchegada na curva protetora de seu peito. Pensou que era maravilhoso despertar com a sensação que produzia seu cabelo canela sobre seu nariz.

Depois, o sentimento de perda voltou a filtrar-se pela luz esbranquiçada do amanhecer e soube que não o abandonaria por algum tempo. Fechou os olhos, dolorido pelo enorme vazio que o dia sangrento de ontem havia trazido para suas vidas.

Foram-se. Desvanecido como uma baforada de ar. A fragilidade da vida pareceu insuportável... tantas vidas sobre seus ombros. Um calafrio de terror percorreu seu corpo pensando em seu destino como Rei. Apertando Daniela contra ele, jurou que acontecesse o que acontecesse, não permitiria que nada ocorresse a ela.

A noite passada com seu amor havia devolvido um pouco da serenidade e a fortaleza que necessitava, sentia-se com a energia suficiente para encarar a desilusão que tinha sentido por seu pai.

Já não cabia nenhuma dúvida de que Orlando era seu meio-irmão. Seu pai mencionou algumas vezes suas múltiplas conquistas de juventude. O estomago de Rafe deu um nó ao perguntar-se se a chamada Rocha de Ascensão tinha enganado sua mãe.

Só de pensá-lo, lhe revolia o estômago, dava vontade de bater em seu pai. Por sua própria saúde mental, decidiu adiar qualquer julgamento até não ter mais detalhes sobre o assunto. Custava imaginar o muito que doeria a sua mãe descobrir que Orlando era o filho bastardo do Rei,

porque amava a seu marido com abnegada devoção. Possivelmente seu pai não sabia que Orlando era seu filho ou possivelmente o temor de ferir Allegra o impediu de enfrentar o assunto com a valentia que o caracterizava.

Todo esse assunto o fazia sentir-se mais seguro e contente em sua decisão de terminar com as relações "extramatrimoniais". Levantou-se um pouco sobre o cotovelo para poder olhar para Dani e acariciar com ternura seu cabelo, dando-se conta de que ela era a única em que podia de verdade confiar, além de Elan. Se Orlando se aliara a Adriano, podia ter feito isto com qualquer outro.

Inclusive com o ultraleal primeiro-ministro Sansevero. Rafe compreendeu que teria que achar uma maneira de deter dom Arturo sem provocar uma revolta entre a nobreza. Senhor, era como se tudo se precipitasse.

Justo nesse momento, Daniela despertou, arqueando suas suaves costas contra a virilha dele enquanto se estirava para despertar. Seu corpo respondeu imediatamente, excitado.

—Bom dia, gatinha — murmurou com um sorriso arrebatador, soprando na orelha.

—Mmmm, o que gosto! Replicou.

Ela levantou as pestanas e olhou-o com seus formosos olhos. Afundar-se na calidez profunda de seu olhar fazia-o perder o fôlego.

—Cascatas de um paraíso tropical — sussurrou, acariciando-a com suavidade, embora também intensamente. Ela enrugou o nariz.

—Como?

—Seus olhos. É linda. Estou louco por você.

—É um sedutor contumaz — brincou, voltando-se e tratando de reprimir um risinho tolo.

—Recomendo que não tente escapar de mim — murmurou, sorrindo. Deteve-a com a mão nas costas, deslizando os dedos até a curva impertinente do final de suas costas e chegando até a parte de trás de suas coxas. Com verdadeira mestria, não retrocedeu de fazer cócegas nas pernas até conseguir que as abrisse. —Vê? Um pecador como eu sempre encontra a maneira de entrar no céu.

—Pagão. Voltou a rir como uma colegial, tremendo ligeiramente ao sentir seu contato. Depois se voltou para olhá-lo, e acariciou o rosto com a mão.

—Ahá! Sussurrou, sorrindo provocadora ao sentir a força de seu membro sob os lençóis. Sonolenta, ainda, riu quando ele a beijou na face e depois no ombro. Brincando, desceu docemente a linha de suas costas, e beijou cada uma de suas curvas até chegar ao final da espinha dorsal.

—É mau — brincou ela sem respiração, sentindo a delícia de seus lábios em sua pele ainda meio desperta.

—Pode me reformar — ele sugeriu enquanto se colocava sobre ela, cobrindo-a com seu grande corpo.

—Não me ocorreria — ronronou ela.

Rafe deixou escapar uma gargalhada rouca sobre a seda castanha de seu cabelo e se esmerou em cumprir com seus deveres como marido, curado por sua bendita rendição, e agradecido pelo amor que ela havia trazido para sua vida, justo no momento que mais o necessitava.

O funeral oficial pelos três guardas reais aconteceu no dia seguinte, e seguiram-nos os grandes ofícios por Nic e Adriano. A tarde era quente e abafada, e a ameaça de tormenta se abatia sobre eles como um olhar inquisidor. Enquanto o cortejo funerário atravessava a grande massa de cidadãos silenciosos pelas ruas de Belfort, Dani viu que as pessoas não deixavam de levantar os olhos para as nuvens. Entretanto, a chuva não chegou.

O funeral teve lugar na mesma catedral onde celebraram suas bodas, desta vez estava cheia de nobres emocionados vestidos de luto.

Dani e Raffaele se detiveram frente à entrada da igreja, agarrados pela mão.

Ascensão estava vendo um príncipe diferente esse dia, pensou conforme avançava o difícil rito. Tinha o rosto sério e abatido, ligeiramente pálido, como se tivesse sido cinzelado em mármore. Seu aspecto era calmo, severo e controlado. A dor era guardada com dignidade e queixo erguido. Vestia-se de rigoroso luto, com um traje negro de linhas simples e harmoniosas.

As milhares de pessoas que o olhavam não sabiam o muito que custava a ele estar assim em pé, guardando a compostura, pensou Dani. Inclusive ela estava surpreendida de vê-lo tão inteiro, conhecendo a magnitude de suas preocupações. Supôs que era neste tipo de momentos que se demonstrava a validade de toda a educação recebida.

A busca de Orlando continuava, embora Raffaele seguisse mantendo o assunto em privado, na medida do possível, para evitar envergonhar a família real. Queria agarrar Orlando vivo, se fosse possível, para que o rei Lazar pudesse enfrentá-lo quando voltasse. Ordenou a detenção domiciliar do primeiro-ministro até que sua participação no suposto complô fosse esclarecida.

A detenção de dom Arturo complicou as coisas mais ainda se fosse possível com o poderoso bispo Justiniano, porque o primeiro-ministro e o bispo eram grandes amigos há anos. Uma vez mais, o bispo se havia oposto a Raffaele, desta vez tratando de proibir que concedesse a Adriano sepultura católica. A ferida de morte proclamava o bispo, a infligiu claramente ele mesmo.

Raffaele jurou em nome de seus e dos antepassados que Adriano não se havia suicidado, mas sim foi assassinado. Dani perguntou com delicadeza sobre isso e admitiu que isto era, é claro, uma mentira piedosa, mas que estava disposto a carregar ele mesmo com a culpa se fosse necessário. Adriano não desfrutou de paz nesta vida e Raffaele estava determinado a procurar ao menos uma morte digna para que a alma de seu amigo pudesse descansar em paz.

Os comentários sobre a disputa entre o reverenciado bispo e o libertino príncipe se estenderam. Ao final, Raffaele conseguiu passar por cima do bispo uma vez mais, e havia trazido para a ocasião o mesmo cardeal amigo que os casou. Dani suspeitava que a boa predisposição do irmão se devesse a um oportuno interesse por ter um futuro Rei agradecido de seu lado. Dani sabia que a negativa de Raffaele a ceder ante a ira do bispo preocuparia seus ardentes devotos, mas fosse qual fosse o custo, o príncipe conseguiu que seu amigo fosse enterrado em terra Santa.

Sentia-se triste por Adriano e Nic, apesar de não ter conseguido estabelecer com eles uma boa relação. Em pé junto à tumba, enquanto se diziam às últimas preces, sua verdadeira preocupação tinha mais que ver com seu marido e com Elan.

Dani pegava pelo braço Raffaele enquanto uma grande multidão que se aproximava para mostrar suas condolências saía em ordenada fila do silencioso cemitério.

Não pôde evitar ficar tensa ao ver que Chloe Sinclair se aproximava deles, com seu formoso rosto, avermelhada de dor, e lágrimas atrás do véu negro.

Chloe ficou ao lado de Raffaele e começou a ameaçá-lo com os punhos.

—Como pôde deixar que isto acontecesse? Ele o amava inclusive mais que eu, maldito bastardo, e deixou-o morrer! É sua culpa! — gritou.

Os guardas reais se apressaram a lhe fechar o passo para que a cena que estava protagonizando não se alongasse.

Uma vez dentro da carruagem, Dani se aproximou de Raffaele para tocar o joelho com suavidade. Ele afastou o olhar, deprimido e cansado.

—Não faça conta, amor. Não foi culpa tua — disse com ternura.

Ele assentiu, mas não parecia convencido. Rodeou a mão dela com as suas e ficou a olhar pela janela, meditativo e longínquo.

As sombras abraçavam o corpo de Orlando que deslizava furtivamente em meio da escuridão da noite. Aproveitava que os guardas que colocaram para vigiar o palácio do primeiro-ministro corriam a investigar a inocente distração que criou para enganá-los. Este breve momento foi suficiente para saltar a grade de ferro que delimitava a propriedade. Dali escalou, como uma aranha, pelas pérgulas rosadas que davam ao segundo piso, onde se introduziu por uma janela aberta.

Um descuido o fez cair sobre o ombro que Raffaele tinha ferido. Teve que reprimir um grito de dor, mas se alegrou de estar dentro, por fim. Ficando em pé às escondidas, olhou a seu redor. A casa estava às escuras. Depois de um momento, compreendeu que se achava no estúdio de dom Arturo, que tinha um retrato de seu sobrinho pendurado sobre a lareira como se tratasse de um santuário. Deslizou em silêncio pela escada curva que chegava ao dormitório. Dom Arturo roncava placidamente em sua cama, com o gorro de dormir torcido.

O sorriso cínico de Orlando se diluiu na escuridão. Desgostava saber que ainda necessitava do fraco embora influente político para alcançar seus objetivos.

Agora que foi acusado pelos crimes de Nic, Adriano e os outros três guardas reais, sabia que seu "mentor", esse estúpido afetado, estaria sem dúvida tendo dúvidas sobre seu protegido. Orlando estava ainda no sutil processo de lançar a última e definitiva armadilha sobre seu áureo irmão, mas quando as garras do destino tivessem alcançado Rafe, então, mais que nunca, necessitaria de Dom Arturo para escorar sua credibilidade. Com grande risco para sua pessoa, havia ido com o fim de assegurar-se de que o primeiro-ministro continuava sendo seu aliado e, por conseguinte, inimigo do príncipe.

Tinha que jogar esta mão com supremo cuidado, porque só dom Arturo tinha o poder para decantar a sucessão do trono em seu favor quando a linha direta masculina se quebrasse. De outra forma, a Coroa iria parar a um dos netos espanhóis do Rei.

Com este pensamento, pôs a máscara de lealdade.

—Dom Arturo! Senhor! Desperte! Sussurrou.

Quando tocou o homem pelo ombro, este despertou assustado.

—Quem anda aí?

—Cale-se! Sou eu. Não tenho muito tempo temos que falar.

O honorável homem esfregou os olhos.

—Orlando! Como diabos chegou até aqui? Ah, não importa... dê-me um momento. O suficiente para ir ao banheiro — grunhiu.

Orlando se afastou um pouco, esfregando o ombro ferido enquanto dom Arturo pisoteava a cama para levantar-se e ir atrás do biombo que havia em um canto, onde tinha o pinico para se aliviar. Quando o diminuto homem voltou a aparecer, levava uma túnica sobre o pijama, embora tivesse tirado seu gorro de dormir.

—Sinto tê-lo despertado, senhor.

—Não importa — murmurou. —Não tenho muito mais que fazer, encerrado como estou em minha própria casa.

—É vergonhoso ver o que meu primo fez... como se você tivesse feito algo mau! Como se encontra?

—Estou bem. É você que me preocupa. Sei que estão buscando-o. Imagino que anda escondendo-se. Comeu? Quer algo de beber?

—Não, senhor.

—Necessita de dinheiro?

Orlando olhou-o com suspicácia, assombrado por sua solícita ajuda. Depois, olhou para outro lado.

—Não, senhor. É... muito amável. Só vim explicar e dizer que o tirei deste vergonhoso confinamento no qual se encontra quando chegar o momento.

Dom Arturo torceu sua ardilosa boca e levou as mãos à cintura.

—Orlando, procuram-no por assassinato. Primeiro, por esse cozinheiro que morreu e agora dizem que matou a dois dos amigos do príncipe e a três guardas reais...

—O único que matei foi Nic e foi em defesa própria! Interrompeu-o com impaciência. —di Tadzio deu um tiro na própria cabeça e os guardas acharam a morte em uma armadilha medieval que podiam ter evitado facilmente se tivessem olhado por onde andavam. Entretanto, estavam ansiosos por sangue e não tiveram cuidado. Não foi minha culpa.

—Suas mortes foram acidentais?

—Sim — disse firmemente. — Senhor Rafe me estendeu uma armadilha, não vê? Está tentando que eu pareça o mau para livrar-se de tudo! Acredito que inclusive vai tentar me culpar do envenenamento do Rei!

—Tranquelize-se, moço...

—Você sabe que não podemos confiar nele! Tudo se pôs em seu favor. Você e eu somos os únicos que podemos detê-lo! Se você também ficar contra mim, então asseguro, senhor — disse com um tom de angústia em sua voz que teria convencido inclusive Chloe — que sou homem morto.

—De acordo, tranquilize-se, moço. Ninguém está me pondo contra você.

De repente, Orlando deu um passo para ele e apertou o ancião em um contundente e filial abraço, depois o soltou, deixou a cabeça cair e esfregou o nariz.

—Perdoe-me, senhor. Peço me desculpe por esta amostra de carinho — murmurou. —Estou ferido, sinto-me só, estão me buscando como cães e eu... tenho que me esconder durante um tempo para poder sobreviver. Respirou profundamente e procurou o olhar do primeiro-ministro. — Mas tenho um plano para vos resgatar deste horrível confinamento quando chegar o momento.

—Tem? Como?

—Fiz chamar homens que trabalham para mim em minhas propriedades de Pisa. Tipos bastante duros; admito. Quando chegar o momento, ordenarei um ataque de surpresa aos soldados que vigiam sua casa. Meus homens poderão desfazer-se deles sem fazer muito ruído, usando seus uniformes. Desta forma, quando o conduzirem longe daqui, parecerá muito normal.

—Desfazer-se deles? Tremeu dom Arturo. —Suponho os matará.

—Não pode fazer-se de outro modo, suponho.

—Esses homens enfrentarão um grave processo se seus planos falharem. É um crime fazer-se passar pela guarda real. Mesmo assim... — deteve-se. —Se me reunisse com o resto do gabinete, poderíamos com toda segurança nos colocar no poder tirando Raffaele até que o Rei volte da Espanha.

—Exato — disse Orlando, embora é claro, sob seus intuitos, o rei Lazar nunca retornaria vivo.

—De acordo. O homem aplaudiu com entusiasmo. —Bom trabalho, Orlando.

Ele assentiu asperamente.

—Devo ir. Quando começava a caminhar em direção à porta, enquanto planejava mentalmente a melhor maneira de sair dali, dom Arturo disse de repente:

—Você... recorda a meu sobrinho, se tivesse vivo teria a idade que você tem.

Orlando se deteve e olhou-o por cima do ombro. As linhas do rosto do venerável estavam carregadas de melancolia e sua expressão se perdia em alguma época longínqua.

Era o mais próximo a uma amostra de afeto que Orlando jamais escutou. Olhou com ar ausente o velho, sentindo uma estranha dor que vinha de seu ventre.

Recuperando-se, voltou a sentir a camada de gelo que havia formado em torno dele desde sua mais tenra idade. Sem dizer uma palavra, deu meia volta e saiu.

Durante as duas semanas seguintes, cumpriram com o plano que Dani havia sugerido. Rafe sabia que seu propósito de percorrer Ascensão faria que Suas Majestades aceitassem sua esposa apesar de seu famoso passado como Cavaleiro Mascarado, mas para ele, que estivessem em contínuo movimento era uma tática deliberada para mantê-la a salvo.

Sabia que era o último objetivo de Orlando, mas não estava disposto a permitir que seu meio-irmão atacasse também Dani, especialmente agora que sabia que ela tinha rejeitado suas propostas. Mantinha-a continuamente junto a ele, rodeando-se sempre de uma vintena de homens, os mais ferozes da guarda real. Com alguns poucos criados e sua pequena, mas bem armada escolta, viajavam com pouca bagagem. Reuniam-se com o povo, para conhecer de primeira

mão a situação da população em todas as regiões que integravam Ascensão, do montanhoso interior até as férteis planícies agrícolas e os pitorescos vilarejos pesqueiros que salpicavam a costa.

Quando se encontravam com grupos de leais súditos que vinham saudá-los e ouvir seus alegres embora breves discursos, os soldados mantinham uma distância de segurança em torno deles.

Lá onde fossem, os guardas se mantinham alerta se por acaso viam Orlando. Rafe sabia que estavam desejosos de vingança por ter matado a seus companheiros de uma maneira tão horrível.

Também ele queria vingança: por Nic e Adriano, e pelo sofrimento que tinha causado a seu pai.

A ira esperava escondida em seu interior como um leão faminto.

O pensamento de Orlando o corroía por dentro. A caçada continuava, mas o apelidado "duque" tinha evitado todos os esforços de ser capturado.

Algumas vezes Rafe tremia, um calafrio repentino e estranho que percorria seu corpo, temendo que, de algum modo, Orlando conseguisse burlar suas medidas de segurança e acabasse com a vida de Dani tão facilmente como acabou com a de Nic e Adriano. Esse terror o afligia, mas tratava de que ela não percebesse. Sentia-se envergonhado de que, por havê-la obrigado, chantageado a casar-se com ele, tivesse-a posto em tão grave perigo.

As semanas passavam e o siroco soprava na ilha, uma tirania de umidade e mormaço. As nuvens carregadas aumentavam com a umidade contida dos ventos que vinham do Mediterrâneo, mas mesmo assim os céus se negavam a descarregar e proporcionar chuvas.

O calor e o aumento da pressão atmosférica afetavam tanto aos homens como aos animais. Os ânimos se crispavam de forma gradual entre os disciplinados homens da guarda real. Seus nervosos cavalos se incomodavam e mordiam, uns aos outros, envenenados pelas, bem alimentadas, moscas; as únicas criaturas que podiam prosperar com o opressivo calor. Enquanto a comitiva real viajava de povoado a povoado, a terra sob os cascos dos cavalos adoecia poeirenta.

Rafe sabia que se encerrava cada vez mais em si mesmo: o temor pela segurança de Dani não era sua única preocupação. Se pensasse racionalmente, sabia que Dani era leal. Sabia que estava apaixonada por ele e, entretanto, a pequena, mas inquietante semente de desconfiança que Julia havia semeado nele anos atrás seguia afiançada em seu peito, e não conseguia acabar com ela. Até agora não se dera conta de quão profundamente essa mulher o feriu.

Quanto mais amava Dani, maior era sua sensação de perigo. Era sensato deixar que uma mulher importasse tanto? Como podia confiar em seu próprio julgamento?

Mas, guardava todos estes temores para si, envergonhado e confuso por senti-los assim que ela punha os olhos nele. Sabia que era ridículo temer uma traição de uma aliada tão fiel.

Estava determinado a sobrepor-se a esta debilidade. Além disso, seu sorriso claro e honesto tinha o poder de afastar todos seus temores, embora, sem saber por que, sempre acabavam por voltar, rondando sob a fachada de felicidade que compartilhava com ela.

Esse temor, entretanto, estava bastante longe de sua mente nessa tarde poeirenta em que as cigarras cantavam alegres com o calor e os vaga-lumes vagavam à deriva.

Um trovão retumbou muito ao longe, no horizonte oriental, e uma suave brisa balançou as folhas do carvalho sob o qual se achavam.

Havia um aroma de tormenta de verão no ar. Pensou que havia sentido uma gota de chuva vinte minutos atrás, mas nada.

Foi outro longo dia de viagem, no qual visitaram uma pequena aldeia das pequenas áridas, dirigindo-se às pessoas do lugar e compartilhando o almoço com a pequena burguesia local e o prefeito. A comitiva real decidiu passar a noite em uma confortável estalagem. Os guardas cercavam discretamente a propriedade.

Rafe estava sentado sob uma grande árvore das imediações da hospedaria, dormitando depois de ler as notícias do palácio que Elan tinha enviado. Elan sugeria uma vez mais que cortassem as rações de água.

"Por favor, Deus, tem que dar água a minha gente", pensou enquanto se esforçava em manter os olhos abertos e observava Dani exercitar-se com a égua branca que lhe deu por suas bodas.

Ao vê-la fazer figuras em oito em meio galope sobre o formoso animal árabe, Rafe sorriu ao pensar que cavalgar era sua segunda forma preferida de relaxar tensões.

Olhou-a ao passar. Rafe devolveu o sorriso fracamente e, depois, a cauda cremosa da égua flutuou atrás do par.

Não pôde evitar franzir o cenho ao ver que Dani começava a trocar de posições no lombo do cavalo. Conteve a respiração quando ela ficou em pé sobre a sela, com os braços em cruz, sem que o galope suave da égua pudesse fazê-la vacilar. Rafe a olhou fixamente, sem saber muito bem se ficava encantado pela audácia de sua mulher ou apavorado de que pudesse cair e quebrar o pescoço.

Cavalo e cavaleiro passaram em frente a ele e a incorrigível ruiva lhe dedicou um gesto muito presunçoso.

Nesse momento sentiu que o amor ia fechar sua garganta, uma emoção quase frenética que encolheu seu coração. Ela era absurda e incorrigivelmente livre, e tão formosa e ágil como um cisne.

Uma volta mais ao campo e, para seu alívio, a amazona voltou a sentar-se com cuidado na sela, conduzindo o animal a um leve trote até que o deteve definitivamente ante ele.

Dani se inclinou para acariciar o pescoço de sua égua com a mão enluvada e depois sorriu para Rafe. Tinha as faces acaloradas e seus olhos água-marinha brilhavam mais que nunca.

Rafe pôs a um lado o informe que esteve lendo e saltou para ficar em pé, aproximando-se dela. Arrancou-a da sela e a levou nos braços para a árvore.

A égua começou a caminhar e ficou a comer erva tranquilamente não muito longe dali.

—Uma atuação muito impressionante — disse enquanto ela ria e tirava o chapéu, atirando-o ao chão de forma despreocupada.

—Foi, não é? Suas botas chutavam alegremente o ar. —O que pensa agora de sua esposa?

—Penso que eu também deveria demonstrar meu talento, para não ser menos — murmurou, uma vez mais assombrado do desejo irrefreável que sempre despertava nele.

—Eu já conheço seu talento, Raffaele — sussurrou com um sorriso lascivo.

—Talvez o tenha esquecido.

—Desde esta manhã? Tenho boa memória.

—Deixa que te dê mais... boas lembranças. Deitou-a sobre a erva macia, sob a árvore, e a cobriu com seu corpo, livrando as mechas do cabelo bem penteado e preso e beijando-a sem cessar.

Seus dedos cobertos pelo tecido das luvas coçavam as costas masculinas enquanto ele tratava de livrar-se de seu traje de gola alta.

—Mmm, alguém esteve comendo mentolados. Meus favoritos. Dani chupou seus lábios.

—Talvez possamos combinar nossos talentos. Monte-me — sussurrou, levantando uma sobancelha com picardia. Sentou-se e apoiou as costas contra a árvore, atraindo-a para ele. Desejava-a com todas suas forças e estava preparado para tê-la.

Com um calor vivido em seus olhos azuis, ela se sentou escarranchada sobre ele. Sob sua saia de cor granada, ele se sentiu livre de atuar, abrindo os calções e introduzindo-se nela com urgência. Ela já estava umedecida de desejo.

Fechando os olhos, Dani emitiu um som de excitação e montou-o com agilidade. Ele a segurou pela cintura e se moveu com ela. O coração pulsava com rapidez.

Levantando o quadril ritmicamente, pegou-a sobre seu colo. Seu doce e poético líquido o envolvia: uma deusa de luxúria e exuberante sexualidade.

Dani manteve os olhos abertos e se moveu um pouco para cima para poder agarrar a gravata de seu pescoço e a deixar desatada sobre seus ombros. Depois arrancou os botões do colete e tirou a camisa. O peito brotou descoberto.

Acariciou-o com suas mãos enluvadas e depois pegou as bordas abertas de sua camisa, com os punhos apertados e a mandíbula contraída, afundando-se contra seu membro, levando-o até o centro de suas entranhas. Os dois ofegaram de prazer, saboreando sua união em um ardente silêncio.

Dani deslizou as mãos por debaixo da camisa e se abraçou a ele.

—Quero-o tanto, Raffaele. Possua-me por completo, tudo o que há em meu interior, tudo o que tenho.

Segurou-lhe a nuca com a mão e a atraiu para beijá-la. Fechou os olhos com força, disposto a controlar seus temores por fim. Terminou o beijo, mas não afastou a boca da dela, apertando suas palavras contra ela.

—Amo-a.

Ela gemeu suavemente, abraçando-o ainda mais forte.

—Amo-a — sussurrou ele outra vez.

—Raffaele.

De repente, as folhas que havia sobre eles rangeram com uma rajada de vento e gotas gordas cheias de água começaram a salpicar tudo.

Dani olhou para Rafe boquiaberta.

Ele olhou para o céu e riu, agradecendo a Deus com lágrimas nos olhos. Abraçaram-se de alegria. Rafe inalou o aroma de chuva com pura e autêntica satisfação.

Provou-o sobre sua pele.

Rodeou-a com os braços deitando-a de costas sobre a suave e molhada erva, e fizeram amor enquanto eram molhados pela cálida e forte chuva, caindo em gloriosas fervuras por seus ombros e cabelo e orvalhando seu rosto de porcelana. Até muitos quilômetros ao redor, a bendita água penetrou nos campos poeirentos, dando de beber aos sedentos cultivos. A tormenta rugia ao longe. Rafe mergulhou na inundação de seu amor, esvaziando-se como os carregados céus o faziam no secreto pântano da criação, sem saber que estava plantando uma nova vida em seu ventre.

Capítulo dezoito

Dani conteve a respiração olhou com os olhos abertos ao velho doutor da família real que apalpava discretamente seu tenso e quase imperceptivelmente transformado abdômen. Pouco depois, retirou as mãos e voltou a cobri-la com o lençol.

—Sim, é o que você suspeitava, Alteza — disse em tom alegre, voltando-se para ela. —Deus abençoou Ascensão e seu matrimônio. Está grávida.

De repente recordou que devia respirar, mas sentiu que o coração ia sair do peito e o rosto ficou da cor da cera.

—O que vou fazer agora?

O ancião riu ao ver seu temor.

—Em primeiro lugar, deixe de imaginar coisas horríveis. Muitas mulheres que foram minhas pacientes durante anos me confessaram que a dor do parto se esquece no momento no qual uma mulher pega seu filho nos braços.

Não pôde evitar sorrir.

—É muito fácil dizê-lo, quando se é homem.

—Tudo sairá bem. Ainda faltam alguns meses até que tenha que restringir suas atividades habituais. Só peço que utilize a cabeça, que coma bem e que tome todo descanso que necessitar. Mas não tenha medo, minha filha. De verdade acredita que esse magnífico marido que você tem vai deixar que te ocorra algo?

O velho doutor sabia como tratar a uma paciente difícil pensou deixando escapar um sorriso de seu rosto. Dedicou-lhe uma piscada de avô e a deixou aos cuidados das criadas.

Lentamente, pôs as mãos sobre o abdômen, abraçando-se enquanto pensava em tudo o que acontecia, e no difícil que era acreditar nele. Não podia acreditar que a impossível e bruta moça que havia sido fosse agora se tornar mãe. Seus pensamentos voltaram para algumas semanas atrás, no dia no qual por fim tinha chovido, pondo fim à seca e trazendo a esperança a Ascensão. Embora Raffaele e ela se comportassem mais como uns escandalosos amantes que como os representantes visíveis da família real que se supunha que eram, de alguma forma sabia que apesar das muitas vezes que tinham feito amor, foi aquele dia quando se produziu a concepção.

Foi no fim de sua viagem, ao chegar ao palácio, que suas náuseas matinais começaram. Só havia dito a seu marido que estava um pouco enjoada e que precisava descansar um momento.

Seu primeiro pensamento ao vestir-se foi tirá-lo de sua reunião e comunicar a notícia quanto antes. Sabia que Raffaele ficaria eufórico, mas decidiu esperar que a reunião terminasse para contar. Necessitava de um pouco de tempo para tranquilizar a si mesma e pôr em ordem seus sentimentos. Estava feliz que seu amor tivesse dado fruto, mas ainda continuava temendo a experiência traumática dos oito meses que a esperavam e tremia ao pensar que com a chegada do bebê, sua vida podia mudar irrevogavelmente.

Foi dar um passeio pelos jardins reais para ordenar seus pensamentos antes de falar com ele. Estava inspecionando algumas rosas do canto do jardim das estátuas, quando um mordomo se aproximou dela com rapidez e ofereceu uma carta dobrada em uma bandeja de prata.

—Alteza — disse o homem com uma reverência.

Sentindo curiosidade, pegou a carta e se despediu do homem com um gesto. Seria outro pedido de ajuda para o Cavaleiro Mascarado? Perguntou-se. Agora tinha uma razão muito importante para declinar qualquer possibilidade de aventura. O doutor se mostrara bastante permissivo com o que devia ou não devia fazer, mas ela não queria arriscar o mínimo a pôr em perigo sua saúde ou a de seu filho. Algumas vezes custava acreditar quão temerária foi, assaltando carruagens no meio da noite. Agora tinha muitas coisas pelas quais viver.

Desdobrou o papel, e conteve a respiração ao lê-lo.

—Ah, incorrigível! — respirou, relendo as duas linhas.

Não atendendo ao fato de que podia ser pendurado por voltar para Ascensão, Mateo a esperava na vila dos Chiaramonte e pedia para falar com ela imediatamente.

As audiências dessa manhã terminaram antes do previsto. Como contava com três horas livres, Rafe correu para procurar Dani, enquanto assobiava uma de suas canções favoritas, *Là ci darem la mano*. Olhou nos lugares onde sabia que podia encontrá-la há essa hora, mas ao não vê-la por nenhum lado, mandou chamar uma de suas criadas para que lhe dissesse onde podia encontrá-la.

—Mas minha senhora saiu, Alteza.

—Saiu? Disse, franzindo o cenho.

—Sim, senhor. Saiu faz vinte minutos.

—Onde foi? Levou a escolta?

—Sim, senhor. Eles acompanharam a sua Alteza. Mencionou que tinha que sair imediatamente para ver seu avô.

—Ai, não! Disse Rafe, com expressão preocupada. —Espero que o velho coronel esteja bem.

—Minha senhora não disse nada, Alteza, mas se me permite dizê-lo, parecia preocupada.

—Talvez possa alcançá-la — murmurou, dando meia volta e caminhando com determinação para os estúbulos. Seu avô era um ancião frágil que podia a qualquer momento sofrer algum percalço. Se lhe ocorreu algo grave, Rafe queria estar ao lado de Dani.

Num momento estava já montado em seu cavalo branco, galopando pelo Caminho Real junto aos seis homens que dia e noite o escoltavam, e mais tendo em conta que Orlando não foi ainda capturado.

O caminho até a propriedade dos Chiaramonte não era longo, e ele o conhecia com os olhos fechados. A casa se achava rodeada de andaimes devido à restauração que Rafe ordenou levar a cabo. Equipes de pedreiros e marceneiros trabalhavam ruidosamente. Suas carroças, carregadas de material, estavam estacionadas por todo o caminho de entrada. Viu com alívio que os guardas que escoltavam Dani esperavam fora da casa.

—O que ocorre? Perguntou ao chefe de seus homens enquanto detinha com firmeza seu cavalo.

—Sua Alteza queria visitar sua excelência, senhor — replicou o homem, deslumbrado pelo sol ao olhar Rafe para saudá-lo.

—Sua excelência está bem?

—Sim, Alteza, pelo que eu sei.

Rafe desceu da sela e caminhou até a porta dianteira. Uma vez dentro olhou a seu redor, sem ver ninguém. Recordando o puído salão onde se sentara com o velho homem naquela primeira noite, entrou pelo corredor até ele.

—Dani! Começou a chamar, mas ao abrir a porta da sala, descobriu a sua mulher nos braços de outro homem.

Sem dar crédito ao que via, Rafe se deteve na entrada olhando-os.

Os três ficaram petrificados, como figuras de cera. O relógio da lareira ressoou com um toque no meio do silêncio. Depois, foi como se os pulmões do Rafe se comprimissem.

Dani se afastou de Mateo e deu um passo para Rafe.

—Meu amor...

Ele levantou uma mão para que o deixasse em paz, com uma só sílaba em seus lábios.

—Não.

Dani empalideceu, era como se tivesse visto o rosto de um estranho.

—Raffaele...

A primeira palavra que veio à mente foi a de *"traição"*.

O primeiro pensamento que teve sentido foi o de que ela tinha tudo planejado desde o começo.

E teve frio.

Deu um passo atrás, saiu ao corredor, e fechou a porta atrás de si. Encolhido, deu meia volta e se afastou dali, com Dani correndo atrás dele. Erguido e tenso, embora a ponto de cambalear, fez ouvidos surdos às súplicas de sua mulher e caminhou com determinação para seus homens.

Nem uma vez olhou atrás.

—Não vá. Não me faça isto, Raffaele. Posso explicar.

—Há um fugitivo nesta casa — disse tranquilamente aos guardas. —Prendam-no.

—Raffaele! Gritou, agarrando-o pelo braço. —Não é o que pensa! Amo-o! Olhe para mim!

Ele se desfez dela, a raiva fazendo um nó na garganta, e se afastou caminhando. Queria perguntar por que, mas não pôde. As mãos tremiam, seus movimentos eram inseguros ao agarrar as rédeas e montar no garanhão branco.

Mal podia ver, muito menos pensar, porque a ira nublava seus olhos.

—Raffaele! Gritou ela atrás dele. Mas ele açulou o cavalo e se afastou cavalgando pelo caminho alagado de ervas daninhas.

Podia sentir como os batimentos de seu coração se amontoavam na garganta.

Ao sair ao caminho principal, viu três cavaleiros galopando para ele. Só se deteve ao ver que erguiam suas mãos para dizer algo. Eram três mensageiros reais.

—Alteza! O visconde Berelli nos envia para buscá-lo, Alteza.

—O que acontece? Grunhiu. Ao que parecia, Elan era a única alma deste mundo em quem podia confiar.

—Suplica-lhe que vá agora mesmo ao palácio do bispo! O príncipe Lorenzo voltou da Espanha. O bispo trouxe o menino, exercendo seu direito como guardião legal do príncipe. Sua excelência diz, me perdoe, sua Alteza — diz que não confia em você e que não pode deixar o menino a seu cuidado.

—Como diabos é possível que meu irmão tenha voltado sozinho a Ascensão? Perguntou zangado, incitando seu cavalo para que se movesse. —Tem dez anos, pelo amor de Deus! Meus pais não o teriam deixado retornar só.

Os mensageiros moveram seus cavalos para seguir o passo, ladeando-o.

—Ao que parece o príncipe Lorenzo discutia muito com as outras crianças da Espanha e decidiram que era suficiente. Enviaram-no de volta no navio. O capitão disse que foi uma aventura para ele.

—Será vagabundo... com certeza que sim — murmurou Rafe. —Irei agora mesmo.

—Sim, senhor. O bispo se negou a deixá-lo com o visconde ou com qualquer outro.

—Esse ancião é uma cruz nas costas — murmurou.

Com Orlando ainda solto, sabia que o bispo não estava preparado para proteger Lorenzo.

Com apenas seu contingente de guarda-costas cavalgando junto a ele, Rafe galopou de volta a Belfort, tratando de concentrar-se em como recolheria a seu irmão. Entretanto, seu coração seguia ainda sangrando pela traição de Dani.

Afastou de sua mente a horrível visão dela nos braços de outro homem e esporeou seu cavalo para que fosse mais rápido.

A multidão da rua atrasou-os, era dia de mercado e todo mundo tinha algo que vender a aqueles que tivessem dinheiro para pagar, pensou Rafe com amargura.

O palácio do bispo estava situado a poucos metros da catedral. Os guardas reais gritaram às pessoas para que se afastassem, enquanto a comitiva abria caminho como podia entre as ruas quentes.

Rafe sentia uma dor no estômago cada vez que pensava em Dani. Uma e outra vez seguia sentindo o mesmo bofetão na cara que a própria visão tinha provocado.

Baniu Mateo Gabbiano. Não importava as desculpas que ela pudesse dar, não permitiria passasse isto também, como não evitaria o fato de que encontrou os dois abraçados ao entrar de improviso no aposento. Que mais podia ter acontecido se ele não tivesse chegado?

Pela enésima vez, tratou de afastar estes pensamentos e deteve seu cavalo diante da grande e ornamentada casa do bispo, a qual rodeava um cuidado jardim.

Ele e seus homens desmontaram. Rafe subiu de dois em dois os degraus do alpendre. Golpeou a porta com os dedos, e desconfiou ao ver que a porta estava aberta.

Avisou seus homens com um olhar de estranheza. Enquanto empurrava a porta com a mão, levou a outra à cintura para desembainhar a espada. Nenhum criado veio recebê-lo. Tampouco não ouviu risadas de nenhum menino.

Entrou com cuidado no reluzente saguão de mármore. Olhou a direita e esquerda, e lançou uma olhada à polida escada em curva, sem ver ninguém. Seguiu caminhando.

—Excelência? Chamou. Fez um sinal a seus homens para que entrassem e revistassem os cômodos. —Lorenzo? Sou eu, Rafe! Está aí?

—Alteza! Um dos homens gritou de repente em um aposento longínquo. —Aqui!

Rafe seguiu o grito. Atravessou as esplêndidas salas.

—Aqui, senhor! Disse outro de seus homens, indicando o aposento à esquerda do corredor principal.

Quando entrou na sala de jantar, Rafe viu seus homens congregados no centro do aposento.

—Senhor! Trata-se de sua excelência!

Rafe se amaldiçoou, com um calafrio nas costas. Afastando-os, ajoelhou-se junto ao bispo que jazia no chão em meio de um atoleiro de sangue.

—Não fiquem aí parados, vão procurar Lorenzo! Gritou. —Você! Ordenou a um. —Vá ao palácio real trazer reforços. Agora mesmo!

—Sim, senhor!

Rafe fechou os olhos do ancião e fez uma careta ao ver a ferida que tinha no peito. Tinham transpassado a roupa e Rafe manchou os dedos de sangue ao tratar de verificar o pulso na garganta. Como não o achou, voltou a pôr a cabeça do bispo suavemente no chão. Um olhar rápido permitiu ver que o bispo tinha cortes nas mãos e nos antebraços, o que revelava que tinha tratado de defender-se.

Orlando fez isto. Rafe sentiu com todo seu corpo. O duque tinha forçado a porta, atacado o bispo e depois levado Lorenzo.

Baixou os olhos para olhar o bispo assassinado, e então Rafe se levantou no momento que uma voz profunda falava com um acento que não era familiar.

—Alteza, não se mova.

Levantou os olhos em régia ofensa para ver quem se atrevia a dirigir-se a ele com tanta confiança. Tratava-se de um grupo desconhecido de homens vestidos com os uniformes da guarda real. Entraram cautelosamente na sala e o rodearam pouco a pouco, ameaçando-o todos com as armas erguidas.

—Alteza, baixe sua arma.

—O que está dizendo? O que significa tudo isto? Perguntou. —Voltem para seus postos. Olhou-os, sem reconhecer nenhum de seus rostos.

Um que parecia ser o chefe deu dois passos para ele, apontando uma pistola nele.

—Que diabos acha que está fazendo? Perguntou Rafe zangado, mas sem baixar sua espada.

—Exatamente o que eu pedi que faça. Desta vez a voz sim era familiar. Orlando irrompeu pela porta da sala. —As aparências podem ser enganosas, não acha?

Rafe arremeteu contra ele.

—O que fez a meu irmão?

—Pare! Rugiu o homem, enquanto outros fechavam o círculo sobre ele.

Orlando cruzou os braços e sorriu com desdém para Rafe. Rafe amaldiçoou-o e tratou de chegar a ele, mas as bestas uniformizadas como falsos guardas reais fecharam seu caminho. Ele fez balançar, a espada, gritando a seus homens, que chegaram correndo para unir-se à refrega. Entretanto, superavam-nos amplamente em número. Alguns foram reduzidos. Lutavam com ferocidade, e se precipitaram sobre ele como cães sobre um touro ferido, e quando o desarmaram e obrigaram a cair de joelhos, puseram-lhe os braços às costas e lhe algemaram com grilhões.

Orlando se aproximou dele, recitando com voz calma:

—Em nome do Rei e da autoridade que o escritório do primeiro-ministro me concede... príncipe Raffaele Dei Fiore, fica detido pelo assassinato do bispo Justiniano Vasari e por outros crimes de alta traição.

—Onde está meu irmão?

Mas Orlando se limitou a sorrir, com seus olhos verdes de gelo brilhando de pura maldade. Fez um breve sinal a seus homens, e estes agarraram Raffaele e o tiraram dali passando ao lado de seu chefe. Arrastaram-no a uma carruagem que esperava à porta, transportando-o ante o conselho de seus inimigos.

Dani não pôde fazer nada para evitar que o guarda real capturasse Mateo, segundo as ordens de Raffaele. Antes que o levassem preso, Mateo entregou ao Dani as evidências do perigo que representava Orlando, prova pelas quais tinha arriscado sua vida.

Tinha que achar Raffaele e explicar.

Enquanto sua carruagem partia rapidamente para a cidade, nem sequer se atrevia a pensar nas conclusões que teria tirado seu marido ao entrar e vê-la abraçada a Mateo. Não tinha querido ficar para ouvi-la, portanto, como ia saber que a razão pela qual Mateo a tinha abraçado era porque acabava de dizer que ia ser mãe? Mateo só estava dando parabéns com um abraço.

A julgar pela fria reação de Raffaele, compreendeu que os ver assim foi para ele a gota que encheu o copo de todos seus temores. Havia se sentido traído. Sentia-se mal por tê-lo ferido, embora tivesse sido sem saber, e se sentia ferida pela maneira tão fria como a tratou.

Sua barreira defensiva era suficiente para afundá-la quase no desespero.

Alguma vez confiaria nela? Não sabia que estava loucamente apaixonada por ele?

Quando terminaria por acreditar nela?

Tinha passado quase meia hora, tempo suficiente para que ele estivesse mais calmo e razoável. Se nada mais o fizesse, esperava que ao menos sua grande notícia conseguisse abrandá-lo.

Finalmente, chegou ao palácio real. Acabava de entrar e estava tirando as luvas quando Elan veio correndo para ela.

— Princesa!

— Aonde vai com essa pressa?

Elan deixou cair seus ombros. Seu rosto estava pálido.

— O que ocorre?

— Fique com seus guardas, Alteza. Orlando atacou.

— Onde está meu marido?

— Dom Arturo seguiu o jogo de Orlando. Os dois... ai, Senhor! Prenderam Rafe pelo assassinato do bispo Justiniano e o príncipe Lorenzo desapareceu... Ah! Não tenho tempo de explicar. Tenho que ir!

— Como? O bispo está morto? Raffaele... detido? O olhou horrorizada. — Como é possível? Ele é o príncipe herdeiro!

— Tudo faz parte do maquiavélico plano de Orlando e do velho inseto do primeiro-ministro!

— Vou com você! Vamos!

— Não, Alteza, você deve ficar aqui e manter-se a salvo.

— Raffaele necessita de mim. Além disso, tenho isto! disse, mostrando os documentos.

— O que é isso?

— Explicarei na carruagem...

— Diga-me agora ou Rafe me cortará a cabeça por colocá-la nisto!

— Orlando não é o descendente do ramo real dos di Cambio, Elan — disse rapidamente, baixando a voz. — Simplesmente assumiu essa identidade para explicar sua semelhança com o Rei. Seu verdadeiro pai é o rei Lazar! É o produto de uma breve, muito breve, relação que o Rei teve com uma baronesa florentina.

— Ai, Meu Deus! — disse, com os olhos abertos.

— Esta baronesa, a baronesa Raimondi, tentou passar Orlando como filho de seu marido, mas o barão nunca pôde acreditar. Orlando não se parecia em nada a ele. Este é o testemunho jurado da antiga criada da baronesa Raimondi, chamada Nunzia, que foi também quem cuidou de Orlando.

— Mas o testemunho de uma criada, Alteza? Que peso pode ter?

— Junto a isto, será mais que suficiente para provar que Orlando é um mentiroso. Mostrou o segundo documento. — Este é a certidão de nascimento de Orlando, registrada com o nome de Raimondi. Se dermos a dom Arturo razão para que ao menos duvide de Orlando e o questione, poderemos achar uma brecha para entrar na demoníaca armadura que criou.

— Está bem, mas continuou acreditando que Rafe me mandará açoitiar — murmurou, não querendo perder mais tempo para tratar de convencê-la.

Dani se deteve só para sussurrar algo ao ouvido a uma das corpulentas criadas.

—Agora mesmo, Alteza! Disse a criada, mas Dani já ia atrás de Elan.

Durante o rápido trajeto que demorou a carruagem para chegar até o Terminante, o edifício do Parlamento, Elan contou a Dani a chegada do príncipe Lorenzo e seu quase imediato desaparecimento enquanto estava sob a custódia do bispo. Ficou pensativa ao compreender que Orlando tinha a mesma inteligência privilegiada, a fortaleza e o magnetismo dos Fiore, mas nada de sua bondade.

Ao chegar à Terminante, o cocheiro teve que abrir caminho entre uma multidão que se amontoava nas cercanias do edifício depois de conhecer o escândalo do assassinato do bispo e a detenção do príncipe. Todos estavam à corrente do antagonismo que havia entre eles.

Desceram da carruagem e enquanto os criados e os soldados os rodeavam, Dani e Elan subiram os degraus da entrada à carreira. O interior do edifício estava quase tão abarrotado como a praça de fora, mas como princesa real, Dani pôde transpassar a multidão de homens e Elan a seguiu de perto.

Do Senado de estilo românico chegava uma gritaria de vozes zangadas.

—Isto é ridículo! Como se atreve a algemar o príncipe herdeiro? Perguntava o almirante naval, que sempre tinha sido partidário de Rafe.

—Foi pego no mesmo cenário do crime!

Dani chegou à parte superior das escadas que conduziam ao lugar onde tinha lugar a discussão e ficou horrorizada com o que viu.

Abaixo dela, o senado se convertera em um violento espetáculo.

Dom Arturo presidia, em pé, da tribuna, e acusava Raffaele em um estado de extremada agitação. Os outros ministros do gabinete se alinhavam nas mesas laterais, todos gritando, falando ao mesmo tempo e agitando as mãos. Alguns haviam inclusive levantado das cadeiras. Orlando estava ali, de negro como sempre, passeando arrogante de um lado a outro da sala com um passo lento, os braços cruzados e olhando de vez em quando a seu meio-irmão com um sorriso de brincadeira.

Raffaele, o príncipe herdeiro, o futuro rei de Ascensão, foi obrigado a permanecer em pé como um criminoso comum no estrado esculpido em madeira adjacente à tribuna.

Dani não podia acreditar no que via. Seu amor, seu príncipe... acorrentado como se estivessem na França vinte anos atrás, vermelho de raiva, e não na plácida e próspera Ascensão. Suas sempre impecáveis roupas estavam agora rotas, sua boca, torcida em uma careta, seus olhos cheios de ódio, e seu cabelo dourado caía despenteado e selvagem. Parecia um bárbaro, um Sansão capturado.

Dani carregou contra eles, sem saber sequer o que estava fazendo.

—Todo o gabinete esteve presente na noite em que o rei Lazar advertiu de que se não se casasse com uma das cinco princesas selecionadas, perderia o direito ao trono e seria seu irmão, o príncipe Lorenzo, que sucederia no trono a seu pai! Gritava dom Arturo no momento no qual Dani entrava em cena. —Agora que desobedeceu a seu pai no que respeita ao matrimônio, não é verdade, Alteza, que queria evitar a toda custa que o Rei o deserdasse fazendo desaparecer seu próprio irmão? Onde escondeu o corpo do menino? Rugiu o homem.

Como resposta, Raffaele olhou-o com profundo desdém, sem dizer uma palavra, muito orgulhoso, muito altivo e arrogante, pensou Dani, para dizer uma palavra em sua própria defesa. Seu silêncio denunciava, mais que qualquer outra coisa, o vergonhoso processo que estava tendo lugar.

Ao aproximar-se, Dani pensou que mostraria ao menos um brilho de alívio ao vê-la, embora tivessem discutido sobre Mateo. Mas em vez disso, olhou-a ficando pálido, ao mesmo tempo em que Orlando se voltava e se detinha com um sorriso lento e demoníaco ao vê-la.

Elan tratou de detê-la ao ver que Orlando ficava sinistro e caminhava diretamente à tribuna com uma raiva que a fazia tremer. Muito furiosa para dizer algo, levantou a certidão de nascimento que levava e o testemunho da babá para que dom Arturo o visse.

O primeiro-ministro se pegou a borda do suporte de livro de madeira da tribuna e levantou seu nariz para ela com enérgica desaprovação.

—Não se permitem mulheres neste edifício, Alteza. Levantou os olhos ao senado. — Possivelmente agora que a era da decadência e vício terminou, deveríamos voltar para os costumes que nos fizeram grandes como país um dia!

—Pegue estes papéis e leia-os, se for você inteligente — ordenou com os dentes apertados.

Algo em seu olhar feroz e decidido o fez hesitar. Sem muita convicção, pegou os papéis e abriu um deles, e deu uma olhada a seu conteúdo.

—Daniela.

Ela olhou para Raffaele, que tinha pronunciado seu nome com tanta suavidade. Ouviu-o apesar do estrépito. Aproximou-se um pouco dele enquanto, uns metros mais à frente, Elan discutia veementemente com os guardas para que o tirassem as algemas dele.

Quando ela levantou os olhos e se encontrou com os seus, escuros e verdes viu neles ira, humilhação e condenação.

—Está em perigo — disse. —Quero que saia deste edifício e deixe Ascensão imediatamente. Tente se pôr em contato com meu pai antes que Orlando o faça. Conte tudo.

—Não, não vou deixá-lo aqui só com eles. Amo-o! As lágrimas rolaram por seus olhos ao aproximar-se dele e acariciar a face com a mão. —Não o traí, Raffaele, nunca o faria...

Ele pressionou a face contra a palma de sua mão, entregando a ela toda a tormenta verde e dourada de seus olhos.

—Dani, se de verdade me ama, vá embora. Dom Arturo quer meu sangue e Orlando o serviu em uma bandeja de prata. Nada poderá detê-los para que, depois, vão atrás de você. Diga a Elan que volte para a antiga cidadela dos di Cambio. Acredito que Orlando levou Lorenzo ali. Tenho o pressentimento de que meu irmão está vivo. Acredito que Orlando está reservando Lorenzo como sua última carta. Diga a Elan, que aconteça o que acontecer salve o menino.

—Ajudarei Elan a achá-lo...

—Não! Não quero que ponha os pés nesse lugar. Toda a fortaleza está semeada de armadilhas mortais.

—Esquece que está falando com o Cavaleiro Mascarado.

—Dani... ocorreu justo como meu pai disse que ocorreria — sussurrou.

—Não, não perca agora as esperanças querido — ordenou com suavidade. —Agora temos muito mais razões para lutar pelo futuro que nunca.

Ele a olhou sem compreender.

Seu olhar se inundou de lágrimas de amor, mas tratou de guardar a compostura e não se deixar levar pelo pranto.

—Agora, pelo amor de Deus, deixe a um lado esse estúpido orgulho seu e utiliza seus dotes de orador para defender sua causa.

—Dani, quer dizer que... — começou.

—O que está cochichando a mulherzinha? Interrompeu Orlando, dirigindo-se a eles com uma expressão de brincadeira nos olhos.

Eles se olharam, ignorando-o.

Os olhos de Dani lhe disseram o muito que lhe queria. Sabia que Orlando estava tentando ouvir a conversa.

—Não o traí, e vou provar sussurrou, mas suas seguintes palavras foram dirigidas a Orlando tanto como a ele. —Lembra, Raffaele? Aquele dia no cais faz semanas, quando me despedi dos irmãos Gabbiano... pedi a Mateo que investigasse o passado de Orlando por mim. A razão pela qual Mateo veio para ver-me hoje foi me entregar a prova de que seu primo não é quem diz ser.

Os olhos de Orlando se entreabriram.

—Que prova?

Começou a briga, pensou enquanto o olhava de frente.

—Descobrirá quando chegar o momento, sua graça. Acabo de dá-la a dom Arturo.

—Daniela — disse Raffaele com toda a autoridade que foi possível — saia daqui. Agora.

Ao notar a urgência de sua voz, olhou-o sem saber muito bem a que se referia.

"*Procura Lorenzo*", parecia dizer Raffaele com seu intenso olhar. Ao ler o desespero em seus olhos, não teve outra opção que obedecer. Afastou-se dali antes de perder a força de deixá-lo naquela situação, e pegou pelo pulso Elan e o tirou dali com ela. Raffaele enviou a seu amigo um olhar de dureza, fazendo um gesto em direção à saída.

—Explicar-lhe-ei isso quando estivermos fora — murmurou ao visconde.

Elan não discutiu. Os dois saíram dali correndo, saltando os degraus do corredor, sem que Dani voltasse a lembrar do cuidado que necessitava sua condição.

Tudo o que importava era salvar Raffaele deste problema. Ela e seu filho estavam nas mãos de Deus, pensou enquanto saíam do edifício e voltavam para carruagem.

Ao dirigir-se ao veículo, Dani respirou aliviada ao ver que sua criada tinha seguido suas instruções e não demorara a trazer todas as coisas que necessitava.

Junto à carruagem no qual Elan e ela vieram, estava a égua branca, selada e pronta para ser montada. A criada entregou um pequeno volume dobrado com as roupas negras e ela entrou sozinha na carruagem, trocando-se com rapidez de roupa enquanto Elan esperava fora.

Pouco depois, saiu do compartimento, vestida com calças e uma camisa negra, botas de montar e luvas de couro negras. Nenhuma máscara cobria seu rosto, e tinha prendido o cabelo em um simples coque. Quando a multidão a viu começou a bradar enlouquecida. Surpreso Elan a olhou, ao vê-la subir ao cavalo armada com seu espadim.

—Mostre-me o caminho até a fortaleza di Cambio! Gritou, fazendo um gesto do cavalo.

—Sim, Alteza! Respondeu ele, pedindo um cavalo ao guarda mais próximo.

—Saíam do meio! Gritou Dani à multidão.

As pessoas começaram a afastar-se enquanto, um punhado, de guardas reais tomava obedientes seus cavalos e a seguiam, surpreendidos igualmente por sua transformação.

Ao final da praça, a congestão era ainda maior.

—Por aqui! Disse Elan, assinalando uma rota alternativa.

Dani esporeou a seu cavalo e correu ao galope para o Caminho Real.

O senado se via envolvido em um caos ainda maior depois que dom Arturo e outros membros do gabinete rodearam Orlando para falar com ele em voz baixa embora furiosa, em uma improvisada reunião criada atrás da tribuna. Rafe observava-os, com o coração encolhido, enquanto dom Arturo interrogava Orlando.

Embora não pudesse ouvir o que diziam com clareza pelo estrondo que havia na sala, viu que o primeiro-ministro agitava no nariz de Orlando o papel que Dani havia trazido, e depois dom Arturo o entregava ao ministro da Economia, que estava em pé junto a ele.

Rafe rezou para que a revelação os fizesse duvidar o suficiente de Orlando para tirar as algemas e dar todo este falso, embora perigoso, caso por concluído.

O ministro da Economia inspecionou os papéis. Depois olhou fixamente a Orlando com surpresa e o entregou a outro dos conselheiros do Rei. Dom Arturo fez uma pergunta que Raffaele não pôde escutar.

—É culpa minha quem seja meu pai? Replicou Orlando, suficientemente alto para que todos o ouvissem.

—Mas por que nos ocultou sua verdadeira procedência?

—Queriam acaso que o mundo soubesse que são filhos não desejados? Replicou com malícia.

—Sabe o Rei que é seu filho?

—Terão que perguntar a Sua Majestade — respondeu com uma careta. —Por que me interrogam? Esse homem daí é o único que está manchado de sangue! Gritou, apontando para

Rafe. —Ao diabo com todos vocês! Não fiz senão cumprir com meu dever e não vou ficar aqui para ser insultado! Girando sobre seus próprios calcanhares com muita dignidade, Orlando começou a caminhar para a porta.

—Detenham-no! Gritou Raffaele, se retorcendo e tratando desesperadamente de tirar as algemas. Os poucos guardas que estavam ali correram para Raffaele, para tratar de detê-lo. — Detenham a ele, maldição! Está escapando, estúpido! Detenham-no, se querem salvar a vida de Lorenzo!

Orlando olhou-o por cima do ombro, sorrindo com uma expressão de triunfo enquanto saltava os degraus do corredor. Rafe sentiu um calafrio nas costas, porque estava certo de que Dani não tinha obedecido. Sua mulher não foi preparar a saída de Ascensão. Quando a viu fugir de uma refrega quando as pessoas que amavam estavam em perigo? Não, estava certo de que Dani foi com Elan procurar Lorenzo. Sabia, podia senti-lo. E sabia a razão pela que ela atuava com tão temerária coragem: o amor e a total lealdade que professava.

A sua mente veio uma vez mais àquela imagem de quando a achou na vila com Mateo e agora o viu de uma maneira completamente diferente. Ele tinha acreditado ver uma relação entre os dois, em vez de um abraço fraternal. Meu Deus, como podia ter duvidado assim dela? A culpa que sentiu vinha unir-se ao pânico. Em vez de deixar Ascensão, como pediu, ficaria e tentaria salvá-lo. A morte, vestida de negro na forma de seu meio-irmão, pisava-lhe nos calcanhares.

Orlando tinha muitas razões para destruir Dani. Ela o rejeitou, contribuiu com as provas que fizeram que dom Arturo ficasse contra ele e se Rafe tivesse entendido bem, agora inclusive levava em seu ventre o filho de Rafe, o futuro Rei, o que a convertia em um obstáculo para os planos de sucessão de Orlando.

Tinha que sair daqui. Tinha que protegê-la. Mas estava irremediavelmente apanhado.

—Dom Arturo! Suplicou com voz cada vez mais alta.

O primeiro-ministro olhou-o de sua apressada reunião com os outros.

—Venha aqui — ordenou Rafe com os dentes apertados, lançando faíscas pelos olhos.

A contragosto, dom Arturo se aproximou.

—O que quer? Grunhiu Rafe. —Me diga o preço.

O homem esquadrinhou Rafe zangado.

—O que?

—Quer minha vida em vez da de seu sobrinho? É isso o que conseguirá finalmente satisfazê-lo? Pois a terá. Leve-me a força por traição, assassinato, invente o que quiser...

—Inventar? Ninguém está inventando nada aqui, Alteza. Você foi encontrado no lugar do crime, em pé junto ao corpo de sua excelência...

—Ele vai matar a minha esposa; maldição! Deixe que vá salvá-la. É tudo o que peço...

—Quem?

—Orlando!

—Por que tenta me enganar? Ele não vai matar ninguém. Sacudiu a cabeça amargamente.

—Desta vez penso agarrá-lo, príncipe Raffaele. Você matou o bispo Justiniano e envenenou o Rei!

—Não seja absurdo! Olhe para mim! Não sou nenhum assassino!

—Não vai livrar se desta vez. Orlando me trouxe uma testemunha, sabe? Seu aliado das cozinhas do palácio. Lástima que conseguiu assassinar o pobre menino antes que pudesse revelar seus planos!

—Assim é isso? Foi Orlando quem disse que eu tinha envenenado meu pai?

—Assim é. Foi ele quem descobriu e veio me contar a verdade.

—Mas dom Arturo — disse Rafe — você e eu éramos os únicos que sabíamos que o Rei estava doente. Não recorda? Ele nem sequer o disse a minha mãe, não queria que se preocupasse. Então, como podia Orlando saber? Ele sabia que meu pai estava doente porque foi ele que administrou o veneno.

Dom Arturo olhou-o, fixamente, com uma expressão entre horrorizada e desconfiada. Quando falou, sua voz foi débil.

—Orlando já me advertiu que tentaria culpá-lo pelos crimes que você tinha cometido.

—Maldito seja, homem. Sou inocente! Ele é o único que matou o bispo, e ele será o único que governará em Ascensão se não me deixa sair daqui agora mesmo. Quanto vai custar-me?

—Está tentando me subornar? Assobiou, afastando suas dúvidas. —Não há dinheiro suficiente para vida de meu sobrinho!

—Entendo. Isto continua tendo a ver com Giorgio. Muito bem. Então terá minha vida em troca da dele, mas pelo amor de Deus, não agarre a vida de Lorenzo ou a de Dani e o filho que leva em seu ventre. Já sabe que, apesar de todos meus defeitos, sou um homem de palavra. Deixe que vá com minha mulher e prometo que voltarei e serei julgado por todos os crimes que queira me imputar.

Rafe se retorceu como um cão furioso ao ver que dom Arturo sacudia com desaprovação a cabeça. Sabia que cada minuto que ele passava acorrentado aqui supunha um minuto menos de distância para Orlando em relação à Dani. Rafe ergueu os olhos ao céu e depois respirou fundo, olhando ao primeiro-ministro.

—Assinarei uma confissão. Só deixe que vá.

Um olhar de triunfo vingativo iluminou o rosto de dom Arturo.

—Assinará uma confissão?

—Sim. Dê-me isso e abra estas cadeias.

—E uma ordem de abdicação? Assinará o direito sobre Ascensão em meu favor até que o Rei volte?

Rafe olhou-o, pálido.

—Não sei se você esteve planejando isto com Orlando desde o começo.

—E eu não sei se você tenta tomar o trono envenenando seu pai.

—Nunca faria isso! Ele é meu pai! Exclamou.

—E ele é meu amigo — respondeu dom Arturo, sem deixar de olhá-lo.

—Só deixe que vá e salve a minha esposa — suplicou Rafe. —Voltarei e poderá fazer comigo o que quiser. Ela morrerá se não deixar que vá! Suplico, dom Arturo.

Rafe olhou-o, tremendo, cheio de angústia.

—Está-me suplicando — murmurou. —Possivelmente tenhamos que confiar um no outro neste caso. Então, levantou o queixo e esticou a mão para seu ajudante, pedindo com impaciência. —Dê-me tinta e papel. Dom Arturo se dirigiu para a mesa e passou uns minutos escrevendo em uma página. Depois a levantou e a arejou um pouco para que secasse, passando assim a Rafe.

Com um nó no estômago, Rafe examinou a confissão, sem poder quase assimilar que com ela estava despojando-se da Coroa e do que foi toda sua vida. Mas não importava. Agarrou a pena, introduziu-a no tinteiro e assinou com seu nome completo sem hesitar sequer.

Depois, dom Arturo levantou a mão, ansioso, com prepotência.

— Seu anel real.

Rafe apertou a mandíbula e o olhou com dureza e consternação enquanto aceitava esta última humilhação. Tirou o anel, o símbolo de sua posição, e o colocou na mão estendida do primeiro-ministro.

Dom Arturo fez um gesto rápido aos guardas.

—Soltem-no.

—Deem minha espada.

Eles a tinham tirado quando puseram as algemas. Dom Arturo o olhou com receio ao ver que um dos homens a dava.

A mão direita de Rafe se fechou rodeando o punho luxuosamente adornado da espada. Com ela na mão e os olhos acesos de majestosa cólera, caminhou com aprumo pelo chão do senado, sem sentir um ápice de dor depois dos golpes recebidos, sem sentir tampouco nenhuma fadiga.

Tudo o que podia sentir era raiva ao saber que seu amor se achava em perigo. Os oficiais e dignitários abriram caminho até a saída.

Capítulo 19

Dani esporeou a sua égua branca pelo caminho que rodeava a parede musgosa da cidadela.

O animal estava nervoso, como num reflexo do estado de Dani depois da horripilante morte que acabava de presenciar. Um dos guardas tinha caído em uma oxidada armadilha de urso que Orlando escondeu sob um leito de folhagem. Fechando-se como se fosse a boca de um tubarão, partiu o homem pela metade. Era impossível saber quantos outros dispositivos semelhantes proporcionavam o lugar, ou o que outras surpresas teriam Orlando reservadas para todo aquele que se atrevesse a transpassar sua guarida.

Dani examinou a parede do forte e chamava o pequeno por seu nome tão alto como pareceu prudente e reconsiderou se foi uma boa ideia ir ali em seu estado. Não se sentia fraca, mas tampouco podia dizer-se que estivesse em plena forma, sobretudo depois de ver morrer esse soldado.

Depois de uma dura cavalgada de mais de trinta quilômetros, Elan a conduziu e a um punhado de homens da guarda real pelo sombrio atalho que levava até a antiga fortaleza dos di Cambio. Mantiveram-se afastados do fosso mortal, escondido por uma suave ondulação da verde campina, assegurando-se de não tropeçar com ele. Escoltando-a, os homens cavalgavam em silêncio, tensos e vigilantes. Depois, se aventuraram pelo frondoso bosque, desdobrando-se conforme se aproximavam da fortaleza onde Raffaele havia dito que possivelmente poderiam ter escondido seu irmão.

De repente, Dani acreditou ouvir uma voz aguda que gritava ao longe.

—Estou aqui! Socorro!

—Príncipe Lorenzo! Alteza! Ela chamou de novo, mais alto desta vez.

Escutou com todas suas forças.

O vento tinha amainado. Não se ouvia nem um pássaro nas árvores.

—Socorro!

A voz parecia vir de debaixo da terra. Cavalgou de um lado a outro da zona de onde pareciam vir os gritos.

—Continue gritando, Alteza! Encontrá-lo-ei!

—Aqui! Estou aqui!

Saltou do cavalo e seguiu o som dos gritos do menino até uma parte da muralha onde as pedras estavam caídas no chão, a alguns metros de distância. Gritou para Elan enquanto ela se ajoelhava e começava a retirar as pedras menores.

Elan veio correndo.

—O que acontece?

—Acredito que está em alguma sala subterrânea perto daqui! Talvez em um anexo das antigas masmorras!

—Socorro!

—Lorenzo! Sou Elan! Vamos tirá-lo daí! Gritou pela greta do muro que Dani tinha começado a limpar.

—Elan! Tire-me daqui! Gritou o pequeno príncipe das profundidades da terra.

—Está ferido, Alteza? Gritou Dani.

—Não!

Depois de tirar algumas pedras mais puderam vê-lo através de um buraco de uns vinte centímetros de diâmetro. O príncipe estava ali debaixo, olhando-os da escuridão.

Dani se voltou para Elan com uma careta.

—Não podemos tirá-lo por aqui. Temos que entrar e achar a saída de dentro.

Elan assentiu.

—Está bem. Entrarei com você, mas deixe que os homens tentem retirar estas pedras, só se por acaso não pudermos achar outra forma de tirá-lo.

—Está bem. Elan explicou ao menino o que iriam fazer enquanto Dani chamava os guardas que ficavam e pedia que tirassem as pedras caídas da parede do castelo.

—Alteza, não fique debaixo de onde estão trabalhando! Uma destas pedras poderia cair em cima! Advertiu Dani.

—Sim, senhora. Lorenzo se afastou, obediente.

Elan a olhou pela extremidade do olho, sorrindo, enquanto caminhavam para a entrada das ruínas do castelo.

—Vai ser uma mãe formidável, se me permitir que o diga, Alteza.

Dani abriu a boca.

—Como sabe?

Ele riu.

—Está escrito na cara. Felicidades pela boa notícia.

Agradecida, embora um pouco envergonhada, olhou-o com o cenho franzido, mas sem recriminações. Depois apertaram o passo, sabendo que o destino de Raffaele dependia de quão rápido pudessem resgatar o príncipe e levá-lo a Belfort para provar a verdade sobre o assassinato do bispo.

O lugar estava muito escuro, exceto por uns raios esbranquiçados que penetravam pelas gretas do muro. O interior da cidadela aparecia esboçado pelo jogo de sombras e luzes. Tudo em planos e ângulos, as colunas partidas repousavam no chão outrora luxuoso da grande sala. Agora, seu único adorno consistia em umas grosas teias de aranha que cobriam os cantos como se fossem de seda. Uma escada parecia conduzir a um nada, terminando no meio do ar.

Elan e ela se aproximaram sigilosamente do grande aposento, procurando a forma de acessar às entranhas da fortaleza, onde Lorenzo foi encerrado. A nebulosa escuridão que cobria tudo pareceu fazer-se mais espessa conforme avançavam pelo velho castelo.

—O que provocou a cisão da família real, e, a, conseguinte, expulsão dos di Cambio de Ascensão? Sussurrou Dani, rompendo o silêncio conventual que dominava o lugar.

—Segundo a lenda, dois irmãos se apaixonaram pela mesma mulher — respondeu o visconde, que abria o caminho com valentia.

Dani se encolheu de medo.

De repente, escutou um golpe como de algo que se rompia e o chão cedeu sob seus pés. Com os reflexos adquiridos em sua etapa de bandoleira, Dani conseguiu afastar-se bem a tempo, mas Elan perdeu o equilíbrio, cambaleando perigosamente. Achou um lugar onde agarrar, mas fracassou e caiu nas profundidades do subsolo.

Dani gritou ao ver que Elan suplicava auxílio.

Deitou-se na borda do buraco esticando os braços.

—Elan! Elan! Responde!

Alguns segundos mais tarde ela ouviu sua voz aturdida.

—Estou bem! Gritou embaixo. —Acho que quebrei o tornozelo. Ouviu como amaldiçoava para si. —Ao menos, não caí em uma superfície de lanças metálicas, pelo que devo me considerar afortunado — acrescentou com pesar. —Acredito que é melhor voltar e pedir ajuda a algum dos guardas, Alteza.

—Não, não posso deixar esse menino aqui. Além disso, não acredito que sua cela esteja já longe. Dani hesitou, quase incapaz de vê-lo na escuridão. Parecia ter caído em uma cela de contenção a uns quatro metros de profundidade. —Voltarei por você assim que tenha resgatado Lorenzo.

—Não se preocupe, não vou a nenhum lugar de momento — respondeu, tratando de parecer corajoso. —Por favor, tome cuidado. Rafe me cortará o pescoço se ficar ferida.

—Não se preocupe. Voltarei assim que puder.

Dani se armou de coragem e seguiu avançando sozinha. Cruzou com cuidado a câmara seguinte que encontrou. Ao final dela, um grande tabuleiro parecia cobrir o que podia ser uma pequena porta. Aproximou-se dela e retirou o tabuleiro para poder dar uma olhada ao interior. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, viu uma escada. Não ficava mais remédio que descer por ela.

Para sua surpresa, a escada não se moveu nem um ápice, e, ela pôde chegar à terra firme sem contratempos. Ao virar sobre si mesma, viu que se achava em uma espécie de masmorra. Havia quatro portas rodeando o aposento central. Com a garganta seca pelo medo, foi inspecionando uma a uma todas as estadias. Abraçou o ventre com um instinto maternal, como se quisesse proteger à criatura que levava em seu interior. O ar parecia trazer um aroma demoníaco.

—Lorenzo! Onde está?

Seguiu o som da resposta do menino o melhor que pôde e depois de alguns passos em falso, por fim chegou onde ele estava. Surpreendentemente, a chave da cela pendia de um oxidado prego da parede. Por fim, pensou enquanto a pegava, havia algo que ficava a seu favor.

Abriu rapidamente a cela e se aproximou do moço. Disse quem era e o abraçou. Lorenzo era um menino robusto de dez anos com grandes olhos castanhos, faces rosadas e cachos escuros. Dani estava impaciente por tirá-lo dali. Puxou-o pela mão e o conduziu com toda pressa longe da cela, desfazendo o caminho realizado fazia só uns minutos. Correram pela estrutura labiríntica que conduzia à câmara de tortura. Ali esperava a escada, sua única possibilidade de sair desse lugar macabro.

Mas justo no momento que Dani pensou que estavam a salvo, sentiu uma espécie de brisa ao chegar à sala dos horrores. Levantou os olhos e viu que o tabuleiro tinha sido retirado.

Mal teve tempo de ver Orlando cair junto a ela do teto, com a agilidade e o sigilo de uma pantera negra. Seus olhares se encontraram. Dani tinha os olhos abertos, fora de si. Impulsivamente se colocou diante do príncipe, protegendo-o com seu corpo.

Os brilhantes olhos verdes de Orlando pareciam emitir um brilho vivido e felino na escuridão reinante.

Deu um passo para ela. Dani procurou seu espadim, mas ele a pegou pela garganta, obrigando-a a ficar nas pontas dos pés.

—Não, senhora — disse com suavidade. —As mãos para cima.

Quase sem poder respirar, obedeceu. Ele tirou sua arma e voltou a pô-la no chão.

—Sabe o que vou fazer com você, não é? Sussurrou.

Ela apertou o maxilar e sustentou o olhar, desafiante.

Ele sorriu levemente, o brilho de seus olhos renovado.

—Voltem para a cela, os dois.

Dani ficou onde estava, ocultando o medo que tinha.

—Deixe que o menino se vá. É só um menino. Pelo amor de Deus, Orlando, ele é seu irmão.

—É muito tarde... graças a você, dona Daniela. Tudo acabou agora. Esse estúpido dom Arturo começou a compreender. Você arruinou meu futuro. Vê-nos os três aqui? Pois assim é como podia ter sido. Lorenzo no trono. Eu governando Ascensão através dele. E você em minha cama.

Ela fez uma careta de desgosto e afastou o rosto.

—Mas teve que vir para arruinar tudo. E agora vou fazê-la pagar por isso. Empurrou-a, mandando-a justo na direção pela que acabavam de vir.

—Não! Gritou o príncipe, dando um passo para o homem que fechava o caminho.

Orlando levantou a mão para golpeá-lo, mas Dani pegou rapidamente o menino com ela, o liberando de sua arejada resposta.

Olhando-a com ódio, Orlando baixou lentamente a mão.

—Vamos, Lorenzo — murmurou Dani, abraçando o menino enquanto o fazia voltar para cela. O coração pulsava com rapidez. Orlando caminhou atrás deles, assim não viu Dani olhar para o teto, onde tinha deixado os guardas trabalhando com as pedras.

—Sente-se — ordenou Orlando ao menino enquanto fixava a vista em Dani e tirava lentamente as luvas negras. —É possível que queira se virar enquanto eu castigo a sua tia, Lorenzo. Isto não vai ser muito agradável.

Lorenzo olhou-os aterrorizado.

Dani tiritava de medo. Não havia escapatória. Só podia rezar para que os guardas estivessem ainda perto e pudessem ouvi-los.

Com este pensamento como esperança, levantou seu rosto pálido para o único raio de luz que tinha transpassado a rocha. Suspirou profundamente e deixou escapar um guincho, o grito mais forte que jamais tinha dado:

—Socooooorro!!!

Seu grito se viu apagado pelo som borbulhante da risada de Orlando.

Tremendo de medo, Dani desceu o queixo para olhá-lo. Quando ele deu um passo para ela, retrocedeu.

—Não faça isto, Orlando. Eu... eu sei coisas sobre você — disse, tratando de entretê-lo.

—Você não sabe nada sobre mim — grunhiu, com os olhos iluminados.

—Sei que sofreu o inexprimível — fingiu, olhando-o com condescendência. —O homem que enviei para que o investigasse me disse muitas coisas sobre seu passado. Encontrou sua antiga babá, Nunzia. Recorda-a? Perguntou enquanto engolia saliva e continuava retrocedendo. Ele a conduzia lentamente para parte da cela construída em rocha viva.

—Nunzia contou a meu amigo como o rei Lazar conheceu sua mãe dois anos antes que subisse ao trono. Era só um jovem que viajava pelo mundo quando conheceu sua mãe uma noite na ópera. Sua relação durou três dias antes que voltasse a embarcar. Sei que sua mãe se casou então com um bruto sem piedade, e que quando soube que estava grávida, tratou de fazê-lo passar por seu filho, mas o barão, o homem que achava que era seu pai, nunca acreditou no engano. E sei que o fez pagar por isso, castigando-o todos os dias de sua vida pelo crime de ter nascido.

—Cale-se, puta — grunhiu ele, com uma voz demoníaca. —Nunca devia se interpor em meu caminho.

—Sei que te batia de uma maneira horrível, e sei que sua mãe contava em segredo historia de seu verdadeiro pai... um Rei bom, justo e bonito. Obcecou-o com ele. Mas odiou-o porquê nunca veio salvá-lo.

—Vai ter uma morte muito dolorosa, Daniela. Jogou-se sobre ela.

Ela conseguiu se esquivar.

Nesse momento, ouviram-se vozes masculinas provenientes da câmara onde estava a escada. Dani guardou silêncio, ao se dar conta de que eram os guardas.

Deviam ter encontrado a entrada, aproximando-se em resposta ao grito que tinha dado.

Orlando se voltou ao ouvi-los e depois a olhou ameaçador.

—Quando voltar — disse — os dois morrerão.

Com isto, saiu dando grandes passadas da cela, detendo-se só para passar o cadeado.

Sobre eles, uma das grandes rochas tinha girado para trás, assim a luz entrava agora desafiante.

—Alteza! — sussurrou uma voz masculina.

Deslumbrada pela luz, Dani olhou para cima e viu o último de seus homens. O grande guarda tinha continuado trabalhando, retirando com determinação as pedras até que a abertura fosse suficientemente grande para permitir que o menino saísse por ela.

Dani não perdeu tempo.

—Lorenzo! Pôs uma mão no ombro, dirigindo-se a ele com gravidade. —Vou levá-lo. Agarra a mão do guarda e ele o puxará para cima. Depois deve cavalgar com ele até a cidade e contar a dom Arturo o que ocorreu exatamente com o bispo. Pode fazê-lo?

O menino de cabelo encaracolado olhou cheio de medo para porta.

—Orlando me disse que me cortaria em pedaços se dissesse alguma vez a alguém o que aconteceu. E acredito que falava a sério.

—Não o fará, Lorenzo. Nós o protegeremos. Rafe o protegerá de Orlando, mas primeiro tem que ajudar Rafe. Conte tudo a dom Arturo, de acordo?

Ele assentiu com valentia.

—Sim, senhora.

—Está bem, agora vou levá-lo.

Abrindo as pernas para não perder o equilíbrio, apertou os dentes e pôs o menino sobre seus ombros. Com cuidado, ficou em pé sobre seus ombros até que pôde alcançar as mãos do guarda, que rodeou com força as mãos do pequeno. Puxando-o com força, conseguiu tirá-lo dali sem muito esforço.

Pouco depois, o guarda olhou brevemente para baixo e jogou uma corda para Dani. Ela perambulou pela cela, enquanto o homem tentava afastar outra grande pedra para fazer maior o buraco. Embora pusesse toda a força de seu corpo nisso, a pedra bruta não se moveu nem um ápice. O buraco era muito pequeno para Dani, por mais magra que estivesse.

—Daniela, meu amor!

Olhou aterrada para a porta do ralo, enquanto a voz de Orlando chegava até ela como em um eco.

—Vou para você agora!

Levantou o queixo, olhou para cima, pálida, e se dirigiu ao assustado guarda.

—Não pode deixar que agarre Lorenzo. O testemunho do menino é a única coisa que pode salvar Raffaele. Leve-o de volta a Belfort... agora. Não há tempo. Leve-o já. Não quero que... ouça-o.

—Mas...

—Depressa! — ordenou angustiada. —Agarra a corda, para que Orlando não a veja. E... diga a meu marido que o amo.

O rosto do guarda ficou lívido.

—Tome minha arma. Atirou a pistola pelo buraco. Ela a pegou ao voo, sua última esperança estava agora entre suas mãos. Depois, o homem jogou a saca de pólvora e as balas e se despediu dela com seriedade. —Adeus, princesa — disse. Levantou-se e levou Lorenzo com ele.

Dani rezou para que conseguissem salvar-se das armadilhas que Orlando tinha escondido nos arredores. As mãos tremiam ao carregar a pistola. Só tinha um tiro. Não achava ter tempo para voltar a carregar e disparar uma segunda vez contra Orlando. E se não conseguisse feri-lo em uma parte vital? Pensou.

Orlando estaria ferido, mas com a força suficiente para destruí-la. Se ao menos tivesse a maldade para incapacitá-lo de forma instintiva...

O coração pulsava com força, a cabeça dava voltas, mas, ao agarrar a pistola, uma ideia diabólica sobreveio de repente.

Olhou primeiro a bolsa de munições e depois, a porta de ferro.

Converter-se-ia em uma armadilha mortal para Orlando. Era muito arriscado, mas Orlando tinha uma força quase sobrenatural. Uma simples bala não o deteria.

Tinha que proteger seu filho... o filho de Raffaele... o futuro rei de Ascensão. Tinha que sobreviver a isto, embora soubesse que as possibilidades eram quase inexistentes.

"É minha única esperança".

Caminhando para porta de ferro, pôs um joelho no chão e estendeu a pólvora fazendo um círculo do tamanho aproximado do de um homem. Quando Orlando abrisse a porta e entrasse na

cela, caminharia diretamente ao círculo de pólvora negra antes de chegar a ela, e quando o fizesse, dispararia sua única bala não contra ele, mas sobre a pólvora derramada no chão. Com o estalo da bala, a pólvora prenderia e faria um grande círculo de fogo, ele se queimaria, pego de surpresa, e estaria cego o tempo suficiente para que ela pudesse correr e sair da cela, encerrando-o depois nela. Depois Raffaele ou mesmo o rei Lazar poderiam decidir o que fazer com ele.

"E se a bala não provocasse uma faísca suficientemente grande para fazer arder o círculo?"

"Tinha que fazê-lo".

O suor caía pela face ao pensar que sua vida dependia de uma só bala.

Podia ouvir seus passos aproximando-se agora. Colocou-se no canto mais longínquo da cela, junto a um pequeno montículo de pedras. Pôs a boca da pistola sobre a pedra e esperou, com o coração na mão, rezando mentalmente todas as orações que recordava.

Ele apareceu na porta, os olhos acesos de triunfo pelos dois pobres guardas abatidos e, por um momento, seu sorriso foi tão otimista e encantador, tão parecido com o de Raffaele, que hesitou se devia apertar o gatilho, sabendo que podia morrer abrasado.

Morta de medo, viu agarrar a chave e abrir o cadeado através dos barrotes.

Ele empurrou a porta. Ela conteve a respiração. E quando ele pôs um pé na cela, ela disparou ao círculo de pólvora negra.

"Muito tarde!"

Orlando havia já passado o círculo de pólvora quando as chamas começaram a arder. Deixou escapar um rugido de medo e surpresa caindo para diante, momento que Dani aproveitou para correr para porta. Mas com um som gutural de fúria, Orlando, no chão, estirou os braços para agarrar suas pernas e derrubá-la. Ela gritou ao cair, lutando desesperada, com a fumaça acre secando a garganta.

Ele se levantou em meio da fumaça provocada pelo fogo. Seu rosto esculpido em granito apresentava cortes e sangrava por um lado. Seu cabelo negro, e, suas roupas estavam chamuscadas, mas em geral não parecia ter nada grave.

Apenas a raiva.

Amaldiçoou-a com os piores nomes que pôde.

A fumaça pesada do sulfureto, reminiscência das chamas, expandia-se pela cela, mas em cima dela, através da nuvem negra, uns olhos verdes e horripilantes a observavam. Dani levantou os olhos para ele, dando-se conta de que nunca ouviria o primeiro pranto de seu filho nem voltaria a desfrutar dos beijos de Raffaele.

Orlando levantou a mão e a golpeou com todas suas forças.

Caiu ao chão feito um novelo.

Ele a levantou para voltar a golpeá-la de novo.

Era como se algo estivesse explodindo dentro de sua cabeça. Houve três, quatro, possivelmente cinco golpes mais contra seu corpo e sua cabeça. Sentia-se muito fraca para reagir, lutar, nem sequer podia gritar, sacudida como uma boneca de trapo nas mãos deste desalmado.

"Vai matar meu pequeno", pensou, tentando recuperar as forças para defender-se, enquanto seu punho voltava a golpear de novo no estômago. Mas via duplo em sua cabeça e não podia pensar com clareza. Só queria que tudo terminasse de uma vez, o rugido, o ruído de sereias em seus ouvidos e as explosões fazendo retumbar sua cabeça. Podia saborear o sangue que caía do lábio e sabia que tinha perdido um dente. Estava semi-inconsciente quando ele se deitou sobre ela escarranchado sobre o chão de pedra e a pegou pela gola da camisa, rasgando-a para deixar descoberto seus seios. Orlando murmurava furioso contra ela, dizia coisas horríveis e cruéis.

Então, ao longe, na única coluna de luz que os guardas reais tinham aberto, viu a aparição de um anjo.

Dourado e imenso, se aproximou dela, deslizando em silêncio, erguendo-se poderoso por trás de Orlando. Seu espírito respirou aliviado. Estava tão contente de vê-lo! Sabia que tinha vindo para pegar nos braços sua alma para levá-la ao céu.

Mas quando a luz branca banhou seu cabelo de ouro, conseguiu vislumbrar um duro e anguloso rosto. Não viu nele a tolerância de um anjo terno cheio de graça.

Era formoso como um sonho e, entretanto, seus olhos verdes estavam cheios da ira celestial. Sabia que era o anjo da morte. O punho de pedras preciosas de sua espada brilhava como banhada pela luz do sol. "*Raffaele*." O pensamento se materializou em sua cabeça debilitada e a enviou flutuando aos abismos da inconsciência.

Com um rugido, Raffaele fez retroceder Orlando contra a parede de pedra. Os fios de suas espadas se chocaram sem piedade.

—Sou seu irmão, Rafe. Não pode me matar — resfolegou Orlando, atirando alguns golpes implacáveis.

Já não havia remorsos. Rafe atacou-o ainda com mais força como única resposta.

O grito de Dani tinha servido a Rafe para achá-los. Tinha encontrado Elan impedido no buraco e o visconde o enviara na direção correta.

A briga se fez mais violenta. Cada vez que Orlando tentava correr para o corpo prostrado de Dani para utilizá-la como escudo, Rafe o fazia retroceder. Cada segundo que passava, o desespero de Orlando crescia, e sua cara se fazia cada vez mais diabólica, retorcida pela dor. Sangrava e se retorcia, imbuído da força que dá saber que se luta pela própria vida, mas Raffaele era implacável, com os dentes apertados e o cabelo ondeando sobre seus ombros. Virou-se, atacou e de uma estocada mestra atravessou Orlando pelo peito. O golpe foi tão certo, que a ponta da espada alcançou a pedra que havia atrás de seu meio-irmão. Nem sequer pestanejou ao ver Orlando morrer.

Para Rafe, o verdadeiro terror jazia na forma imóvel de sua formosa e jovem esposa. Tirou a espada do corpo de Orlando com um último rugido, e a deixou cair junto ao corpo sem vida de seu meio-irmão.

Rafe cruzou com rapidez o aposento frio cavado na rocha até chegar perto de Dani. Ajoelhou-se junto a ela, com um nó frio no estômago. Pensou que seu coração romperia ali mesmo.

Com delicadeza, tocou seu rosto. Mal podia falar.

—Meu amor.

Ela não se moveu.

Armando-se de coragem, engoliu a saliva e tocou sua garganta, depois escutou. As lágrimas rodaram por seus olhos ao sentir seu fraco embora ainda existente pulsar.

Inclinou-se um pouco mais junto a ela e a pegou cuidadosamente nos braços. Deu-lhe um beijo desesperado e lânguido na frente. "*Vamos, minha valente, tem que lutar por mim agora. Não me deixe, Dani. Não me deixe*". Levantou seu delicado e golpeado corpo, com devoção, fazendo repousar a cabeça contra seu peito. Tirou-a do lugar como se fosse o tesouro mais valioso do mundo que era exatamente o que significava para ele. Beijou sua testa fria e firme e sussurrou seu nome, pedindo que voltasse com ele, dizendo que não poderia viver sem ela.

E mesmo assim, ela não se moveu.

Capítulo 20

—Mamãe! Despertou.

Dani escutou uma voz feminina, ligeiramente aguda, que vinha de algum lugar próximo, e depois um som de saias que revoavam.

—Não a incomode, Serafina. Deixe que se recupere pouco a pouco — parecia brigar uma segunda voz feminina.

A primeira voz tinha uma qualidade borbulhante, como um arroio alegre, mas a segunda era de um timbre mais doce, como o brilho do sol outonal na superfície de uma jarra de mel.

—Ah, mamãe, não parece adorável? Agora entendo por que Rafe está tão louco por ela. É como uma bonequinha de porcelana. É tão pequena! Suspirou com melancolia. —Sempre quis ter uma irmã.

—Acredito que é muito jovem — disse a mulher mais velha, com um tom de voz muito mais maternal. Dani sentiu que a mão cálida que havia sobre sua fronte era colocada em cima da elegante cabeça.

—Eu gostaria que despertasse.

A mão acariciou o braço com carinho.

—Bom esta moça valente passou por uma experiência horrível, a pobre.

Havia tanta doçura em suas palavras que Dani achou força para abrir os olhos. O mundo parecia impreciso e distorcido, mas pôde descobrir duas formas ovais sobre ela que começavam a converter-se em rostos.

Os primeiros traços que distinguiu foram os de um par de olhos incrivelmente violetas que a olhavam com impaciência. Nunca tinha visto olhos dessa cor antes. Fechou os seus com força, ordenando que trabalhassem melhor da próxima vez. Então piscou para abri-los outra vez e se encontrou com a deusa sorridente do retrato.

Com uma expressão de expectativa, faces ruborizadas e uma cascata de cachos negros, a princesa Serafina era ainda mais esplêndida na vida real. Seu sorriso grande, e, assustador, ao ver que Dani despertava foi como uma baforada de ar primaveril.

Aturdida Dani virou ligeiramente a cabeça e viu que a mulher mais velha a olhava mais tranquila, com uns olhos sábios e da cor do âmbar, sob pestanas longas e douradas na ponta, e umas covinhas enérgicas de ambos os lados do rosto. Não parecia ter nem cinquenta anos, com seu cabelo castanho claro penteado em um ligeiro recolhido.

"Rainha Allegra!"

Ao reconhecê-las, Dani se sentiu horrorizada de estar ali, deitada como uma preguiçosa enquanto a rainha e a princesa Serafina a olhavam.

—Majestade — conseguiu dizer, tentando se sentar na cama. Não podia recordar por que estava na cama nem quanto tempo estava ali. Só sabia que a rainha estava em sua presença e que havia um protocolo para observar. Os peritos de Raffaele a teriam repreendido por isso.

—Não se mova — ordenou Sua Majestade, pondo uma mão no ombro.

Dani a olhou suplicante para que perdoasse sua horrível falta de etiqueta. Nunca foi muito boa nessas coisas, mas obedeceu, porque a cabeça doía de uma maneira horrível.

—Serafina, traga um pouco de água.

Dani voltou a afundar-se no travesseiro, fechando os olhos uma vez mais para encontrar a bendita escuridão. Então recordou tudo. A fortaleza em ruínas...

Orlando... Raffaele salvando-a... e a pequena quantidade de sangue que havia sentido correr entre suas pernas depois que Orlando a golpeara.

—Meu filho! Gritou, tentando se levantar.

—Não o perdeu — disse a rainha Allegra com uma voz carinhosa, embora firme.

Dani a olhou fixamente, ofegando de medo.

—Está bem. O doutor disse que teve uma pequena hemorragia, mas com uma semana ou duas de descanso, diz que os dois ficarão bem.

Todo seu corpo tremia ao recordar o que viveu.

A princesa Serafina cruzou o aposento para unir-se a elas, com um copo de água na mão para Dani. Sentou-se na beira da cama e o ofereceu.

—Obrigada, Alteza — disse fracamente ao aceitá-lo, assombrada de tanta amabilidade.

Para uma conhecida criminosa que se casou com seu querido filho, tinha esperado uma recepção muito mais fria e distante da família real. De fato, temeu bastante sua volta, certa de que iriam rechaçá-la. A cabeça pulsou ao pensar nas cinco princesas que selecionaram para Raffaele e a ameaça de suas majestades obrigando-o a escolher entre uma delas ou a Coroa. Sentia-se como se devesse pedir perdão e explicar que foi muito duro resistir.

Mãe e filha a olhavam intensamente.

Dani bebeu um pouco de água e depois olhou de uma a outra, tentando ordenar seus pensamentos.

—Perdoem-me, ainda não sou eu mesma. Não posso acreditar estar conhecendo-as nestas condições. Passou a mão por seus despenteados cabelos.

Serafina deixou escapar uma risada musical.

—É a melhor condição que teve nos últimos dois dias. Tinha-nos em claro. Estou tão contente que tenha despertado... por fim vou ter uma irmã. Bom, será melhor que vá falar com Rafe. Esteve ao lado de sua cama quase todas as horas. Mamãe conseguiu por fim tirá-lo daqui e fazê-lo dar um passeio com papai antes que se ficasse louco.

—Está bem? Perguntou Dani com ansiedade.

—Estará melhor quando souber que despertou.

—Vamos, Serafina — disse a Rainha, dirigindo-se à porta. —Não devemos sobrecarregá-la muito. Haverá tempo de sobra para estar juntas quando se sentir melhor.

—Com uma mão no trinco da porta, a rainha Allegra parou e olhou voltando-se um pouco para Dani. —E você, juvenzinha, tem que dormir um pouco.

—Sim, Majestade — respondeu Dani, voltando a pôr a cabeça sobre o travesseiro.

A rainha parou. Seu sorriso era cálido e generoso.

—Não tem que ter medo de mim, Daniela. Admito que me zanguei a primeira vez que soube que meu Raffaele ignorou nossos desejos, mas no momento em que ouvi como salvou Lorenzo... e quando falei com Raffaele e vi o muito que a ama e como o converteu no homem que sempre soube que seria... percebi que você era tudo o que podia desejar para meu filho... e para meu povo.

Comovida, sem poder articular palavra, Dani ruborizou, baixando a cabeça.

—Obrigada, Majestade.

—Não tem que me chamar Majestade, Daniela.

Ela levantou os olhos com um olhar rápido e nervoso.

—Co... como deveria chamar então, senhora?

Do outro lado do aposento, Allegra a olhava com carinho.

—Pode me chamar mãe, se desejar.

Atônita, as lágrimas rodaram por seus olhos.

—Mas o que ocorre, Daniela? Perguntou Serafina docemente, agarrando uma mecha de Dani e colocando-a atrás da orelha.

Por um momento, Dani se sentiu muito aflita para falar, os olhos úmidos.

—Nunca tive uma mãe.

—Ah, pobre criatura — exclamou Serafina com um sussurro, abraçando-a.

Então a rainha retrocedeu e se aproximou dela pelo outro lado da cama, abraçando a ambas.

—Agora a tem, querida — sussurrou enquanto colocava a cabeça de Dani sobre seu confortável e macio ombro. Dani fechou os olhos e chorou com uma mescla de alegria e alívio entre seus braços. —Agora a tem.

Nos jardins do palácio, o príncipe Lorenzo corria rodeado de seus sobrinhos espanhóis, que eram um pouco menores que ele. Suas risadas enchiam o parque real e as enfermeiras e babás pareciam irritadas, porque os netos do Rei não se atreviam a comportar-se mal quando seu severo pai cuidava deles.

O conde Darius Santiago estava a poucos passos dali, vigiando sempre sua prole, com os braços cruzados. De vez em quando, olhava com igual preocupação ao Rei e ao príncipe herdeiro que se sentavam em um banco de pedra mais afastado, sob uma grande árvore.

O pobre Rafe parecia desanimado. Darius nunca tinha visto seu despreocupado e vivaz cunhado tão sério e mudado. Lazar não tinha muito melhor aspecto, tampouco.

Embora a saúde do Rei tivesse melhorado bastante, recuperando parte de sua fortaleza e constituição sadia de antigamente, foi um duro golpe para ele chegar a Ascensão e descobrir que Orlando fora seu filho. Ele não sabia.

Deslumbrado pelo sol da tarde que queimava o rosto, Darius olhou para seus seis filhos outra vez. Alheios a tudo derrubavam um ou outro em grande gritaria sobre a grama, para alegria do velho duque de Chiaramonte que caminhava em meio da alegre comitiva.

A habitual expressão dura, e, feroz de Darius, seu aquilino nariz e cinzelado rosto pareceu se suavizar quando sua filha pequena de dois anos, Anita, veio esconder-se detrás dele para proteger-se de sua irmã maior Elisabeta, de quatro. Não pôde deixar de rir.

Com grandes lamentos, Anita se jogou em seus braços como se ele fosse uma coluna de pedra. Depois, as duas pequenas, adornadas de anáguas e cobertas de uma grenha de cachos negros se enroscaram nas pernas de seu pai até que Darius teve que pegá-las nos braços e tranquilizá-las com um olhar de desaprovação para cada uma.

Era difícil manter a autoridade quando podiam lê-lo tão bem, pensou com um suspiro de impotência. A resposta que obteve a tão calculado olhar foi a mesma que aprenderam de sua mãe: risadas e beijos.

Sentia-se em inferioridade de condições. Suas filhas o cobriram de beijos que tinham sabor de caramelo, rindo enquanto manchavam sua camisa branca engomada de chocolate.

Tratou de brigar com elas.

—Onde conseguiram os doces?

—O tio Rafe nos deu! Disse Anita alegremente. A menina de dois anos seguiu Rafe como se fosse uma sombra desde sua chegada no dia anterior.

Darius sabia que era a última coisa que Rafe necessitava, mas ele não parecia se importar muito.

—Bom. Nenhuma mais até depois de comer. E não incomode seu tio Rafe, entendido? Murmurou. —Está muito preocupado pela princesa Daniela. Tenta se comportar bem quando estiver a seu lado.

—Sim, papai — disse a menina de quatro anos, com uma disposição que Darius sabia terminaria assim que ele virasse as costas, outro truque que aprendeu de sua adorável mãe.

—São umas marotas — murmurou, dando a cada uma um beijo na testa. Elas se retorceram e espernearam, rindo bobamente até que ele as pôs no chão outra vez.

Depois saíram correndo atrás de seus irmãos.

Rafe esteve observando Darius com suas filhas, perguntando-se lastimosamente se alguma vez conheceria a sorte que seu cunhado parecia ter encontrado como pai de família.

O médico disse a Rafe que Daniela se recuperaria e que seu bebê tinha sobrevivido ao ataque, mas era difícil acreditar quando ela continuava prostrada na cama, inconsciente e imóvel.

Não comeu em dois dias, e ela já era por si uma mulher magra, pensou angustiado. Tampouco ele havia adormecido ou comido. Estava exausto, crispado, asfixiado pela preocupação e quase no limite de suas forças.

Mesmo assim, tinha algumas coisas pelas quais sentir-se agradecido. As acusações de assassinato foram retiradas apesar de sua confissão assinada. Lorenzo atestou que foi Orlando, e não Rafe, que matou o bispo Justiniano. O Rei tinha enviado um aviso devastador ao Senado por seu comportamento com Rafe.

Todo o Senado se desculpou com ele e ficou claro que ninguém voltaria nunca a rir dele, mas até que Dani estivesse fora de perigo, não queria ouvir nada de nenhum deles. Se não o tivessem detido, podia ter chegado antes para salvar sua mulher, liberando-a das horríveis mãos de Orlando. Não estava disposto a perdoá-los tão cedo com tudo o que ela sofreu.

Quanto ao primeiro-ministro, dom Arturo estava tão envergonhado de ter permitido que seu rancor cegasse seu julgamento que apresentou sua demissão.

O Rei havia certamente recuperado sua antiga saúde, depois de passar algum tempo sem ingerir as dose do fatal e lento veneno chamado cantar. Rafe se alegrava no mais profundo de sua alma que seu pai se restabelecesse, porque havia superado seu interlúdio como supremo senhor de Ascensão. Já não tinha nenhuma pressa em ser Rei. Compreendeu que ainda tinha muito que aprender de seu pai sobre como governar um país. Ao fim, encontrou a humildade necessária para obter toda a sabedoria que seu pai pudesse repartir.

Ao ouvir a história do quanto Dani sofreu para salvar Lorenzo, e o duro que trabalharam Rafe e Dani para chegar às pessoas, nem o Rei nem a rainha achavam nenhuma razão para desautorizar seu matrimônio.

Rafe estava também contente de que seu irmão pequeno, Lorenzo, escapasse são e salvo e de que Elan tivesse saído disso sem nada mais sério que uma simples torção de tornozelo. Por último, Rafe se alegrava de que Darius e Serafina tivessem decidido instalar-se definitivamente em Ascensão, e Deus sabia o muito que significava para seus pais ter seus netos por perto para poder malcriá-los.

O futuro parecia cheio de alegria para todo mundo. Mas se Dani não se recuperasse, Rafe sabia que seu próprio futuro não seria nada mais que uma maldição para ele.

Não podia imaginar achar outra mulher tão formosa como Dani. Ela era tudo para ele. Cada segundo que ela passava deitada nessa cama, ele se sentia mais abatido e perdido. Todos sabiam o muito que sofria, por mais que tentasse dissimular. Seus adoráveis sobrinhos o alegravam de algum jeito, inclusive quando rompiam seu coração pelo temor de que seu próprio filho pudesse sofrer algum mal.

—Filho — murmurou seu pai, olhando para ele no banco de pedra no qual estavam.

Rafe perguntou com o olhar, a garganta seca e os olhos vermelhos e doloridos.

—Tenho que te dizer algo.

—Sim, senhor.

—Estive pensando. Com todo o rancor e ódio de Orlando, acredito que é importante que diga isso, para que saiba. Sua voz se quebrou. Uma linha de preocupação se desenhava em suas sobrancelhas ao olhá-lo, depois fez um segundo esforço. —Quero dizer que provavelmente fui muito duro com você todos estes anos. Você foi um bom moço e é agora um bom homem. Quero dizer que eu... sinto-me orgulhoso de você. Eu... a verdade é que... amo-o, filho. Isso é tudo — resmungou.

Rafe olhou ao chão com uma ardência nos olhos. Seu pai pôs uma mão firme no ombro. Ele engoliu forte e enrugou o sobrecenho.

—Obrigado, senhor.

Quando o Rei enrugou também o sobrecenho e desceu a cabeça com a mesma pose que Rafe, surpreendeu-se de ver quanto eram parecidos.

—Ela ficará bem, Rafe. Pensou que ia partir em dois naquele momento.

—Sim, senhor. Levantou o queixo, com a boca contraída. Justo então, sua irmã saiu pela varanda saudando-os com a mão enquanto cruzava a grama.

—Rafe! Venha, rápido!

Ficou em pé de um salto e começou a correr sobressaltado, com o coração acelerado de repente.

—O que acontece?

Serafina lhe dedicou um sorriso cativante.

—Ela despertou! Seus olhos se abriram.

Toda a fadiga pareceu desaparecer como se tirassem uma pesada carga dos ombros. Saiu disparado em direção a casa. Entrou e subiu a toda pressa as escadas, saltando os degraus de dois em dois.

Dani estava sentada na cama quando a porta se abriu de um golpe. Raffaele ficou paralisado ao vê-la, com o rosto corado e a cabeleira dourada despenteada.

Olhou-a como se tivesse à vida nisso.

O amor inundou os olhos de Dani ao vê-lo.

Movendo-se de repente, ele cruzou o aposento com duas passadas e ficou um momento em pé junto a sua cama, olhando-a, com os olhos verde ouro. Logo se inclinou e tomou a mão entre as suas.

Lentamente, ajoelhou-se junto a sua cama, levando com ardor a mão dela aos seus lábios. Suas longas pestanas se fecharam.

—Raffaele — sussurrou ela.

Ele pressionou sua face sobre a mão dela e abriu os olhos, cheios de lágrimas.

—Deus! Senti tanto sua falta! Disse com voz trêmula.

Ofereceu-lhe os braços. Rafe a abraçou com cuidado, pondo a cabeça sobre seu peito. Ela por sua vez, abraçou-o deixando cair sua face sobre o alto da cabeça dele. Ficaram assim um momento, em trêmulo silêncio, inundados de gratidão, e dor, e alegria por seu encontro.

—Pensei que a tinha perdido, Dani — disse abruptamente.

—Não — sussurrou ela, pondo todo o amor que possuía em cada uma de suas carícias. — Não nos perdeu.

Seu corpo grande e duro tremia. Baixou a cabeça e beijou sua barriga através da musselina branca da camisola. Depois fechou os olhos e deixou repousar a cabeça sobre seu regaço.

Acariciou seu cabelo e rosto, amando cada uma das linhas de seu anguloso e bronzeado rosto. Depois de uns segundos, Rafe levantou a cabeça e a olhou, com toda a alma contida nos olhos.

Para um sedutor contumaz, parecia ter ficado mudo de emoção. Entretanto, tudo diziam seus tempestuosos olhos.

—Sei, amor. Eu também o amo — sussurrou ela.

Ele fechou os olhos uma vez mais, com pânico, e baixou o queixo, movendo a cabeça em busca de suas carícias.

—Não me deixe nunca, Daniela — disse uma voz tensa e encolhida. — Não posso viver sem você.

—Nunca o deixarei. Venha comigo, minha vida — murmurou, atraindo-o para ela.

Ele se levantou do chão e se deitou na cama a seu lado, protegendo-a entre seus braços.

Ficaram assim deitados, olhando um a outro e acariciando-se. Ele a beijava de vez em quando na fronte, nos olhos e no cabelo.

Ela se aninhou contra seu peito com um suspiro, sentindo-se maravilhosamente protegida e querida, sabendo que por fim estava no lugar a que pertencia. Rafe procurou sua mão e entrelaçou seus dedos entre os dela, enquanto ela escutava o lento e poderoso som de seu coração, como o ritmo contínuo das marés de Ascensão.

A luz vibrante da tarde se refletia em seu anel real e o fazia brilhar como se si tratasse de uma labareda de milhares de sóis.

Epílogo

Abril, 1815

Os sinos da igreja repicavam gloriosamente por toda Ascensão no dia em que o novo príncipe foi batizado. Na cidade e nos recém-plantados campos, por toda a terra, ninguém trabalhou nesse dia, porque o rei Lazar declarou dia oficial de festas e celebrações.

Os irmãos Gabbiano permaneciam juntos em meio da animada multidão, olhando para o enfeitado balcão do palácio onde a família real estava colocada atrás de Dani e do príncipe Raffaele. Suas caras eram de silencioso assombro. Os orgulhosos pais sorriam um ao lado do outro, deixando que o mundo visse o pequeno futuro rei de Ascensão.

Sua Alteza real o príncipe Amador Dei Fiore, tinha apenas dois meses de idade. Era impossível distinguir seu pequeno rosto a essa distância, mas Alvi tinha lido nos jornais que o menino tinha os olhos água marinha de sua mãe e um suave cabelo loiro igual ao de seu pai.

O antigo bando de galhardos bandoleiros suspirou a coro. Foram perdoados pela Rainha e bem-vindos à terra que os viu nascer.

"*Brava, bela*", pensou Mateo, olhando a sua amiga da infância com um sorriso em seu bronzeado rosto. Dani parecia preparada, majestosa e bela com seu filho nos braços, e era claro que o homem grande e elegante que estava junto a ela a adorava.

— Olhem, ali está Gianni! — disse Rocco de repente, apontando para o balcão onde seu irmão pequeno podia ser visto com o príncipe Lorenzo, os dois rindo e com os braços um no ombro do outro.

Dani dispôs que o pequeno grangeiro fosse educado junto ao príncipe Lorenzo e o levou ao palácio como companhia do moço. Príncipe e mendigo se tornaram inseparáveis.

Mateo riu ao ver as palhaçadas de seu irmão e depois sentiu um suave puxão no braço. Olhou a seu lado para ver sua nova noiva. Seu coração se encolheu de amor, como sempre, ao descobrir seu tímido sorriso e uma confiança pouco a pouco conseguida refletida em seus olhos escuros.

— Acha que de verdade são tão felizes como parecem? Perguntou Carmen cética, cruzando os braços.

Mateo a abraçou com seu habitual sentido protetor e a atraiu para si com força, embora de uma maneira muito carinhosa. Era tão forte e ao mesmo tempo, tão frágil, e tão jovem para vida de sofrimento que tinha levado! Sabia que o destino a colocou em seu caminho para que pudesse salvá-la. Sempre quis ser um valente cavalheiro e salvar as damas.

— Sim, meu amor — murmurou. Carmen começou a ruborizar-se ao ver seu sorriso. — Mas nem a metade do que somos nós.

Ela zombou, mas a alegria iluminou seus olhos escuros. Tomou a mão e começou a puxá-lo para a praça, onde se tinham disposto um grande número de barracas de comida. Os aromas da primavera chegavam até ali e se mesclavam com os dos deliciosos pratos.

— Vamos, tenho fome.

— Eu também — disse o maior de seus irmãos, Rocco. Mateo jogou um último olhar ao balcão no qual se reuniam as três gerações de Reis: a Rocha de Ascensão, o recém-nascido, e o príncipe herdeiro que começava sua época de maturidade. Raffaele parecia que iria arrebentar de orgulho. Dani olhava-o com um sorriso calmo e decidido, cheia de amor com o menino

comodamente aconchegado em seus braços. Então se voltou e a família real desapareceu de volta ao palácio.

Supôs que era preciso um demônio para domar um cafajeste... e um cafajeste para seduzir um demônio.

"*Adeus, Dani*", pensou, com os olhos cheios de orgulho pela ruiva de maneiras masculinas a que uma vez conheceu.

Depois Carmen puxou-o com impaciência para a praça e ele se afastou dali, com um amplo sorriso na boca pela felicidade que via neles.

Nota histórica

Sendo como sou, há muito tempo, uma grande admiradora das novelas românticas ambientadas no período da Regência, a inspiração para esta história surgiu de meu interesse pela vida frívola e dissipada do Jorge IV da Inglaterra, conhecido também como Prinny.

Pergunto-me frequentemente quão diferente seria sua vida se o príncipe regente tivesse conseguido achar uma mulher capaz de aproveitar seu potencial em vez do que lhe reservou o destino: um sombrio, escandaloso e forçado matrimônio com a igualmente desafortunada princesa Carolina de Brunswick. O desprezo que sentiam pelo matrimônio era mútuo.

Se estiverem interessados em saber mais sobre "o primeiro cavalheiro da Europa", recomendo a leitura do *The Prince of Pleasure and His Regency 1811-1820*, do J.B. Priestly (Editorial Hei-nemann, 1962).

O personagem de Dani provém de uma fonte bastante diferente. Podem acreditar que a ladra de carruagens existiu na realidade?

Para este aspecto de minha história, recomendo a leitura do excelente livro de Autumn Stephens, *Wild Women* (Conari Press, 1992).

Neste fantástico e destruidor pequeno volume, sub-intitulado *Damas Guerreiras*, irreverentes e sem espartilhos da mesma assim virtuosa era vitoriana, Stephens conta a história verdadeira de Pearl Hart. Nascida em 1871, Hart usava calças, rifle, e assaltava diligências para pagar os cuidados médicos de sua debilitada mãe. Quando a famosa bandoleira foi presa, condenou-a a passar cinco anos em uma prisão para homens, onde, segundo Stephens, a mulher do alcaide teve medo de que Pearl pudesse corromper a moral dos outros prisioneiros.

Com isto, nossa trilogia chegou ao fim. Obrigado por havê-la lido e espero que tenham desfrutado com a história de Rafe e Ascensão tanto como eu o tenho feito escrevendo-a.

Até logo,
Galen

PRINCIPES DO MAR

Príncipes do Mar 01 - O Príncipe Pirata – Distribuído.

Príncipes do Mar 02 - A Princesa – Distribuído.

Príncipes do Mar 03 - O Príncipe Azul - Distribuído.